

ONDE OBSERVAR AVES NA REGIÃO DE LISBOA

Helder Costa | Domingos Leitão



ONDE OBSERVAR AVES NA REGIÃO DE LISBOA | Helder Costa | Domingos Leitão

EDIÇÕES LISBOA CAPITAL VERDE EUROPEIA 2020
COLEÇÃO LISBOA



ONDE
OBSERVAR
AVES
NA REGIÃO
DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

Citação recomendada:

Costa H. & Leitão D. 2021.
Onde Observar Aves na Região de Lisboa.
Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

Primeira edição:

Maio de 2021

Edição:

Câmara Municipal de Lisboa (Direção Municipal
de Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia
Equipa Lisboa Capital Verde Europeia 2020)

Produção:

Sociedade Portuguesa
para o Estudo das Aves (SPEA)

Coordenação:

Alexandra Lopes (SPEA),
Joana Domingues (SPEA)

©Textos:

Helder Costa & Domingos Leitão

©Fotos:

Ana Mendes do Carmo, Ana Almeida, Cristina
Menezes, Diogo Oliveira, Domingos Leitão,
Elisabete Silva, Helder Costa, José Luis Barros,
Jonic, Laura Abella, Paula Lopes, SPEA

Mapas:

Rita Mendes

Revisão de textos:

Alexandra Lopes, Joana
Domingues, Sónia Neves

Design e maquetização:

Rita Mendes

Foto da capa:

Perdiz-do-mar *Glareola pratincola*
(Helder Costa)

Depósito legal: 483084/21

ISBN: 978-972-8543-61-7

Impressão: Rainho & Neves, Lda.

Tiragem: 500 exemplares

Todos os direitos reservados. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só poderá ser realizada com a autorização dos seus titulares, com a exceção prevista na lei. Caso necessite de fotocopiar ou digitalizar algum fragmento desta obra contacte o editor.



Mocho-galego *Athene noctua*

AGRADECIMENTOS

Na produção deste livro foi possível contar com o apoio e ajuda de diversas pessoas e entidades. A todos estamos extremamente agradecidos.

As referências mencionadas a seguir não seguem nenhuma ordem de importância específica.

Alguns fotógrafos de aves cederam generosamente imagens dos seus portfólios para ilustrar esta publicação, nomeadamente, Ana Mendes do Carmo e José Luis Barros.

O fotógrafo Diogo Oliveira não só permitiu a utilização de algumas das suas imagens como esteve sempre disponível para colaborar ativamente na busca de soluções para colmatar as falhas em termos de fotografias que foram surgindo.

A Direção Geral do Património Cultural e o Dr. José Carlos Alvarez, Diretor do Museu Nacional do Traje, colaboraram na cedência de fotografias do Parque Botânico do Monteiro-mor.

A Dr^a. Paula Côrte-Real da Fundação Calouste Gulbenkian facilitou o acesso a fotografias do jardim da instituição.

Os textos foram revistos pela equipa da SPEA composta pela Alexandra Lopes, pela Joana

Domingues e pela Sónia Neves que, com os seus comentários, contribuíram bastante para a melhoria do produto final.

Ao longo de todo o processo, contámos sempre com o empenho, criatividade e disponibilidade da Rita Mendes no que diz respeito à produção dos mapas e conceção do aspeto gráfico do livro.

Um agradecimento é devido à Câmara Municipal de Lisboa, na pessoa do seu vereador Dr. José Sá Fernandes pelo convite e confiança depositada na execução deste projeto.

São igualmente devidos agradecimentos à Presidente da SPEA, Dr^a. Graça Lima, pelo apoio a esta iniciativa desde a primeira hora e pelo contributo especial em alguns textos.

Por último, um agradecimento especial às nossas famílias, por aceitarem uma redução significativa do tempo do companheiro ou do progenitor durante a criação e revisão desta obra.

Resta dizer que, independentemente de todas as colaborações acima mencionadas, quaisquer erros ou omissões que possam vir a ser detetados nas páginas deste livro são da inteira responsabilidade dos autores.

OS AUTORES



Começou a observar aves em meados dos anos 1980. Desde então, percorreu Portugal de norte a sul recolhendo informação sobre as aves do país. Para além disso, as suas viagens ornitológicas levaram-no mundo fora e visitou diversos países nos cinco continentes.

É autor ou coautor de vários livros e de mais de 80 artigos sobre diversos aspetos da temática ornitológica. Foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), da qual foi presidente entre 1999 e 2006.

Foi também membro fundador do Comité Português de Raridades, tendo exercido as funções de coordenador entre 1995 e 2002. Colabora ativamente em diversos projetos de campo.

Helder Costa

OS AUTORES



Começou a observar aves em 1987, com um grupo de alunos de biologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Licenciou-se em Biologia e doutorou-se em Ecologia pela mesma universidade, com trabalhos desenvolvidos em aves de zonas agrícolas.

Trabalhou no Instituto da Conservação da Natureza, na Liga para a Proteção da Natureza e no Ministério da Educação. É sócio fundador da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA) e atual Diretor Executivo desta organização, depois de 14 anos na coordenação de

projetos de conservação e de monitorização de aves terrestres. Esteve também envolvido nos programas de atividades para sócios e no desenvolvimento do turismo ornitológico, tendo liderado dezenas de visitas ornitológicas para grupos da SPEA e empresas estrangeiras.

Domingos Leitão

NOTAS DE ABERTURA



Observar aves é muito mais do que admirar o seu voo, identificar as espécies ou distinguir os seus sons. É, também, conhecer os sítios onde vivem, nidificam ou onde simplesmente poisam nas suas migrações.

A região de Lisboa é rica em avifauna, pela diversidade de ecossistemas que tem e que a envolvem, desde os estuarinos, à lezíria, ao montado, à floresta e aos Parques Naturais de Montejunto, Arriba Fóssil da Costa da Caparica, Sintra-Cascais e Arrábida.

Sabemos que em janeiro milhares de patos chegam ao estuário do Tejo, que em julho as cegonhas-brancas começam a juntar-se algumas delas preparando o seu regresso a África, que em setembro a migração pós-nupcial atinge o auge, que em novembro o número de gansos-bravos aumenta, enfim, sabemos sempre em que estação do ano nos encontramos e qual o mês

que se aproxima, seguindo apenas o calendário ornitológico.

Por este ou aquele piar, chilrear ou grashar das aves podemos pressentir o amanhecer e o entardecer, pelo seu voo rasante ou picado qual a caça que procuram, pelo debicar na lama que a maré está vazia e pela formação acrobática dos estorninhos e outros calculamos para onde o vento corre e qual a rota de cada bando.

Um olhar mais atento distingue a ave que guarda o ninho, daquela que procura acasalamento ou simplesmente da que tem um ponto de vista perscrutante à procura de alimento ou da que treme pela aproximação da rapina que sobrevoa no seu horizonte.

Conhecer estas aves, os seus hábitos e os seus sítios é a lição ambiental e ecológica que este livro nos ensina, seja especificamente num ou noutro

parque da cidade, em Monsanto ou num outro lugar perto de Lisboa.

Durante séculos a observação do voo das aves, o modo como se agrupavam ou apareciam eram sinais para a adivinhação, para presságios e sortilégios que muitas vezes até influenciavam decisões políticas, quase sempre, obviamente, sem sentido.

Hoje, representam verdadeiras aulas de biodiversidade e de ciências naturais que nos permitem conhecer o que nos rodeia, mas também fazer previsões, quer de recuperações ou destruições de paisagem, quer de conservação ou extinção de espécies, quer ainda da influência das mudanças do clima em cada sítio. Hoje, a sorte e o azar foram substituídos pela ciência, por mais conhecimento e certeza.

Este guia permite identificar a riqueza da nossa região, ouvir melhor o território, passear com outros olhos e outro saber, ter outra visão dos espaços e das suas vidas e das interligações de uns e de outros. Este livro, mais do que água no bico, traz sabedoria.

As aves sempre foram vistas como as mensageiras entre o céu e a terra. Esta obra também tem em si mesma vários recados, como a necessidade de salvaguardarmos os ecossistemas que nos cercam e de protegermos os seus diversos habitats, e avisos para o que se está a ferir, para o que pode desaparecer. Cada paisagem tem a sua unidade, os seus elementos e respectiva conectividade, que não devemos quebrar. Lembremos, a propósito, o fado da gaivota que anda perdida *Sem encontrar companhia*.

Este livro, elaborado, no âmbito da Lisboa Capital Verde Europeia 2020, vem assim dar um contributo fascinante para a descoberta do mundo que

abriga a nossa “casa”. Obrigado à SPEA e aos autores por este dedicado, sábio e belo trabalho.

Lisboa tem no seu brasão, a acompanhar uma barca, dois corvos, espécie que, curiosamente, à parte desse episódio que envolve as relíquias de São Vicente, e que durante muito tempo mantiveram como seus guardiões, junto da Sé, dois exemplares engaiolados, nunca residiu na cidade.

Ora, que isso não sirva de desculpa para não aprendermos com milhares de outras aves que existem, vivem e passam por aqui, por Lisboa.

Este livro ajudar-nos-á, certamente, a perceber melhor a nossa terra e a ter mais argumentos na luta pela defesa do ambiente, da biodiversidade e na adaptação às alterações climáticas, com a força, esperamos nós, da gaivota lisboeta, cantada pelo poeta, que *derrota todo o mau tempo no mar alto*.

José Sá Fernandes
Vereador do Ambiente,
Estrutura Verde, Clima e Energia

NOTAS DE ABERTURA



Seria um exercício interessante imaginar quais seriam as espécies de aves e o seu número relativo, que um simples observador, em tempos mais remotos, pudesse ver nos céus e nas várias zonas que fazem hoje parte desta Grande Lisboa.

Perante a própria cidade emoldurada pelas águas do Tejo, um luminescente espelho de água que se estendia infundável, registavam-se tamanhas abundâncias aos olhos do observador que as aves não mais pareciam que a natural correlação com tudo o que a natureza tão liberalmente oferecia. É esta uma rara imagem que um cruzado inglês nos deixou sobre «...aves de várias espécies.» na descrição epistolar que fez durante a conquista de Lisboa aos mouros em 1147.

Para além do extenso estuário, salpicado de ilhotas e ladeado de tezrias e salinas, e do caudal das águas do rio como fonte alimentar que providenciava a esse volume de espécies do estuário, Lisboa e os seus arredores foram durante séculos

sítios privilegiados relativamente à avifauna com colinas escassamente habitadas que permitiam largas manchas de arvoredo, vários cultivos e extensas searas. A água que escorria para os vales escavados alimentava pomares e olivais e na aridez da charneca proliferavam vinhedos por entre o tojo e a urze.

Uma das imagens mais marcantes dessa paisagem suavemente humanizada de Lisboa e os seus arredores refletia-se também nesses espaços severamente murados das quintas e quintais que, à maneira da tradição oriental dos jardins paradisíacos, albergavam as mais diferentes espécies de flora de cunho exótico a par do cultivo dos pomares e plantas para o consumo da casa.

Ainda hoje, escondidos mas espalhados pela cidade e os seus arredores, encontramos alguns desses espaços, que embora desvirtuados pela incúria ou envolvimento exterior, não deixam de nos revelar o encanto da sombra em dias de

canícula, das mais variadas fragrâncias e dos sons de pássaros, tudo o que ainda hoje perdura. Aliás o som da ave anónima repercutiu-se amiúde em trechos de prosa e poesia e não nos faltam aproximações a espécies que poderão sugerir cucos, cotovias, piscos, pardais, pintassilgos, verdilhões e outros.

No entanto, a observação das espécies de aves, manteve-se predominantemente ligada ao ato da caça nas matas e terrenos do termo da capital. Da maior importância regista-se o conhecimento dos tratados de montaria ligados às artes da volataria que tinham lugar nas coutadas reais e que descreviam as particularidades de aves de maior porte, fossem elas autóctones ou importadas para fins venatórios.

Mas, no geral, para os habitantes da urbe, as aves que voavam nos céus não seriam mais do que uma representação estética, ecos alados das velas dos barcos, símbolos ligados à hagiografia, ou ainda premonições de bom ou mau agouro e das mudanças de tempo.

Havia ainda o interesse generalizado pelo exótico, as aves que desembarcavam em Lisboa oriundas das várias terras que os portugueses iam conhecendo a partir do século XVI, sendo que foi só no século XVIII que as maiores remessas, totalizando as centenas de espécimes, aportavam à capital para fornecer as elites e os jardins do Real Paço de Belém. A observação lúdica das aves parte desse interesse desmesurado pelo colecionismo.

Não obstante se valorizarem mais aquelas que exibiam traços fora do comum, em contraste com as que eram familiares, a necessidade de as catalogar todas e de reconhecer traços comuns ou irremediavelmente divergentes, entre umas e outras, abriu caminhos para o que hoje reconhecemos como a história natural das aves e o seu estudo científico.

Em boa hora, a SPEA e a Câmara Municipal de Lisboa, através de um protocolo de colaboração, realizaram este projeto de um guia de sítios para a observação de aves na área metropolitana de Lisboa e alguns concelhos limítrofes. Paralelamente à mais completa enumeração de aves, tanto de ocorrência regular como esporádica, dentro do seu calendário ornitológico, os autores informam-nos de forma clara das características físicas de cada habitat.

Dos 76 sítios exemplificados, se excetuarmos um dedicado exclusivamente à observação das aves marítimas, todos têm uma história e um equilíbrio mútuo de espécies relativos a uma constante intervenção humana, através dos séculos. Em vários, a preservação imprescindível do seu antigo património edificado vai de par com a necessária conservação do habitat envolvente.

Naturalmente, sendo as aves as reais protagonistas deste guia, é através da sua passagem por este variado mosaico de sítios, que a paisagem se concretiza, ainda hoje, com extraordinários lampejos de vida e ecoa do mais longínquo dos tempos.

Graça Lima

*Presidente da Direção Nacional
da Sociedade Portuguesa para
o Estudo das Aves (SPEA)*



Garça-vermelha *Ardea purpurea*

ÍNDICE

- 6.** Notas de abertura
 - 11.** Introdução
 - 12.** A cidade de Lisboa
 - 13.** A região de Lisboa
 - 17.** Observar aves na região de Lisboa
 - 20.** O que fazer com as observações
 - 21.** Sobre o comportamento do observador de aves
 - 22.** Como usar este livro
 - 26.** Cidade de Lisboa
 - 74.** Norte do rio Tejo
 - 156.** Sul do rio Tejo
 - 258.** O mar
 - 262.** Anexos
 - > Lista de espécies de aves da região de Lisboa
 - > Endereços e contactos úteis
 - 282.** Bibliografia
-

INTRODUÇÃO

AS AVES SÃO SERES FASCINANTES E GRAÇAS À SUA EXTRAORDINÁRIA CAPACIDADE DE VOAR, À VARIEDADE DAS SUAS FORMAS, PLUMAGENS, CANTOS E CHAMAMENTOS

TÊM CONSTITUÍDO, DESDE SEMPRE, MOTIVO DE ADMIRAÇÃO E CONTEMPLAÇÃO PARA AS POPULAÇÕES HUMANAS

Em épocas ancestrais as aves eram observadas sobretudo por motivos práticos (os seus movimentos marcavam o ritmo das estações do ano e a sua captura era essencial para assegurar alimentação), mas também por motivos estéticos ou religiosos. Pode dizer-se, sem exagero, que ao longo dos séculos as aves têm marcado a cultura da humanidade. Apesar desta relação antiga entre o Homem e as aves, a observação de aves, no sentido lúdico que hoje lhe é dado, é uma atividade relativamente recente que nasceu nos finais do século XIX e inícios do século XX, enquadrada num contexto social marcado pela transição de uma sociedade eminentemente rural para uma sociedade urbana e industrializada e pela alteração dos modelos de vida daí resultantes.

Hoje estima-se que existam mais de 100 milhões de pessoas em todo o mundo que, de uma forma ou de outra, dedicam algum do seu tempo a esta atividade. As razões para esta popularidade são várias. Por um lado, a observação de aves permite materializar o desejo latente de regresso à natureza que existe sobretudo nos países mais industrializados e desenvolvidos, e surge como um bom pretexto para um contacto saudável com o campo. Por outro, as aves são fáceis de observar, quando comparadas com outros grupos animais, e são vistas em praticamente todo o lado. Para além disso, este é um passatempo que flexível que pode ser encarado sob diversos prismas, consoante os interesses específicos de cada um, e que não implica um grande investimento para começar a ser praticado (material básico: binóculos, guia de campo, bloco de notas).

Também em Portugal o interesse pela ornitologia e pela observação de aves conheceu um incremento significativo nos últimos 30 anos, que se consubstanciou no aumento da informação disponível sobre o tema quer na bibliografia quer nas redes sociais e plataformas digitais. Apesar disso, continua a faltar informação específica sobre determinadas regiões e, paralelamente, haverá ainda porventura quem possa pensar que a observação de aves é uma coisa complicada, que implica grandes deslocações e logística, que só está ao alcance dos estudiosos.

Apresentar informação rigorosa e credível sobre a diversidade de aves que se pode encontrar em sítios acessíveis ao comum dos cidadãos situados em Lisboa e na sua periferia é o objetivo central deste livro. Espera-se que isso contribua não só para melhorar o conhecimento sobre a riqueza ornitológica da região, como também para aumentar a consciencialização acerca da necessidade da sua proteção e, acima de tudo, para entusiasmar mais pessoas na atividade saudável e aliciante da observação de aves.

A CIDADE DE LISBOA

Lisboa é uma cidade de aves. Pode parecer exagero, mas a verdade é que ao longo dos tempos a cidade construiu uma relação cultural, e até afetiva, com as aves desde os corvos, que fazem parte do seu brasão, até às gaivotas que inspiraram gerações de poetas e foram imortalizadas no fado.

Hoje já não há corvos em Lisboa e não se sabe bem se alguma vez houve. É provável que sim em tempos mais recuados. A sua escolha para símbolo da cidade foi inspirada numa lenda segundo a qual dois corvos terão acompanhado os restos mortais de São Vicente aquando do seu transporte de barco desde o cabo junto a Sagres, que hoje tem o seu nome, até à capital.

As origens de Lisboa perdem-se no tempo. A partir de um pequeno núcleo situado junto ao rio, a cidade expandiu-se progressivamente, ocupando as famosas sete colinas e engolindo os terrenos campestres que a circundavam, transformando-se na populosa e movimentada urbe atual.

Não obstante o enorme crescimento verificado, sobretudo a partir dos inícios do século XX, Lisboa possui ainda uma riqueza ornitológica razoável.

Isso deve-se bastante ao facto de em Lisboa haver, apesar de tudo, uma boa diversidade de habitats a começar pela extensa frente ribeirinha que tem características estuarinas no extremo nordeste e começa a apresentar alguns traços oceânicos no setor mais ocidental possibilitando assim a ocorrência de um leque alargado de aves aquáticas.

A cidade tem também um vasto conjunto de parques e jardins, de dimensão variável e cujo expoente máximo é o extenso Parque Florestal de Monsanto, que albergam um interessante conjunto de espécies de aves ligadas aos meios florestais e urbanos. Aqui e ali, mas mais na periferia, existem ainda alguns terrenos baldios e vestígios de antigas quintas onde se podem encontrar algumas espécies de aves mais relacionadas com os meios agrícolas.



O brasão da cidade de Lisboa



O logotipo da Câmara de Lisboa



© Helene Costa

Goraz juvenil *Ncticorax nycticorax*. Esta é uma espécie que visita ocasionalmente lagos nalguns espaços verdes da capital

A REGIÃO DE LISBOA



Flamingos-comuns *Phoenicopterus roseus* na baía do Seixal. Apesar de densamente povoada a região de Lisboa oferece boas possibilidades para a observação de aves

A denominada Área Metropolitana de Lisboa (AML) é uma região definida de forma administrativa que é composta por 18 municípios dos distritos de Lisboa e Setúbal.

No âmbito deste livro, por questões de coerência ornitológica e geográfica, decidiu-se adicionar a esse conjunto de municípios os concelhos de Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Benavente (ainda que este pertença ao distrito de Santarém), Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras. Este território será daqui para a frente referido sob a designação genérica «região de Lisboa» (ver mapa na página 14).

Nesta região, que é uma das mais densamente povoadas e urbanizadas do país, vivem cerca de 3 milhões de pessoas. Seria de esperar que numa área com estas características a diversidade de aves fosse baixa e que restassem poucos sítios para as encontrar. Não é bem assim.

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS GERAIS E HABITATS

A paisagem da região de Lisboa é indubitavelmente marcada pela grande mancha urbana da capital e subúrbios e também pelo povoamento

disperso, e até desordenado, que se verifica.

Mesmo assim, não obstante a enorme pressão humana que provocou a perda ou degradação de vastas áreas com interesse natural, existe ainda neste território uma diversidade de habitats bastante grande que, de certa forma, decorre das suas peculiares características geográficas.

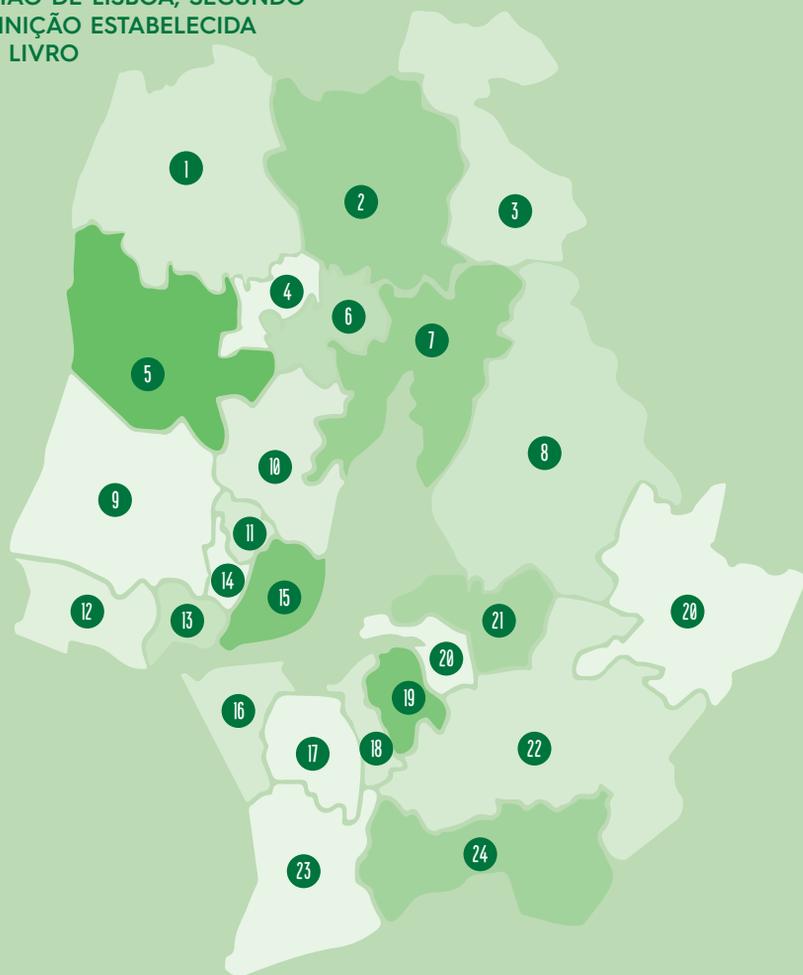
O mar é uma das facetas mais características da região. Na costa, onde se destacam os promontórios da Roca e do Espichel, os setores de arribas alternam com praias rochosas e praias arenosas.

O litoral é também marcado pela existência de um sistema lagunar (a lagoa de Albufeira) e pelo facto de aí desaguiarem dois grandes rios (Tejo e Sado) que dão origem a estuários enormes, que se encontram entre os maiores da Península Ibérica e até da Europa.

O Tejo atravessa a região e é um aspeto relevante da sua geografia pois corta a área sensivelmente a meio. Ao longo das suas margens desenvolveram-se indústrias e cresceram cidades.

A exploração agrícola e pecuária das vastas planícies de aluvião (lezirias) existentes no troço final da sua margem sul e também ao longo do seu

A REGIÃO DE LISBOA, SEGUNDO A DEFINIÇÃO ESTABELECIDO NESTE LIVRO



- | | | | |
|-----------------------------|-----------------------|-------------|--------------|
| 1 Torres Vedras | 7 Vila Franca de Xira | 13 Oeiras | 19 Moita |
| 2 Alenquer | 8 Benavente | 14 Amadora | 20 Montijo |
| 3 Azambuja | 9 Sintra | 15 Lisboa | 21 Alcochete |
| 4 Sobral de Monte
Agraço | 10 Loures | 16 Almada | 22 Palmela |
| 5 Mafra | 11 Odivelas | 17 Seixal | 23 Sesimbra |
| 6 Arruda dos Vinhos | 12 Cascais | 18 Barreiro | 24 Setúbal |



Perspetiva da região a norte de Lisboa a partir do Cabeço de Montachique. O povoamento disperso e desordenado é uma das características da paisagem

afluente Sorraia criou um mosaico de habitats agrícolas composto por pastagens e culturas de regadio, como o milho, o tomate ou o arroz.

O relevo é marcado pela serra de Sintra, com os seus blocos graníticos, e por afloramentos calcários, como as serras da Arrábida e de Montejunto onde pontificam bosques e matagais de características mediterrânicas.

Entre os vales do Tejo e do Sado estendem-se grandes manchas de montado de sobreiro e de

bosques mistos de pinheiros-mansos e sobreiros. Na margem sul do Tejo há manchas contínuas de pinheiros-bravos, ao passo que na denominada região saloia, a norte de Lisboa, existem ainda pequenos bosques de carvalhos-portugueses e vestígios de antigos campos de cereal separados por muros de pedra solta ou sebes vivas.

Rios e ribeiras possuem normalmente galerias de vegetação ripícola e nalguns locais dão origem a pauis com abundante vegetação palustre.



1



2

1. Os arrozais moldam a paisagem nos terrenos de aluvião dos vales do Tejo e do Sado e constituem um importante habitat para muitas aves aquáticas

2. Canal de Águas de Moura. O Sado é um dos dois grandes rios que desaguam na região

INTERESSE ORNITOLÓGICO

Até ao final de 2020 foram registadas 410 espécies de aves na região abrangida no âmbito deste livro. É certo que muitas delas serão acidentais ou de ocorrência irregular mas, mesmo assim, este número notável não deixa de ser um indicador que, de alguma forma, reflete as potencialidades que aqui existem no que toca à observação de aves.

Para além da grande diversidade de espécies que já foi registada, a região de Lisboa tem importância a nível nacional, e até internacional, por albergar percentagens significativas da população de algumas espécies de aves. Com efeito, aqui se concentra a maior parte dos gansos-bravos e das tadornas que invernam em Portugal. Para além disso, outros anatídeos como a marrequinha ou o arrábio possuem também populações invernantes muito significativas no contexto nacional.

No caso de limícolas como o alfaiate ou o milherango, a importância da região transcende o nível nacional pois é aqui que passa o inverno a maior parte da população do ocidente europeu destas espécies.

Algumas aves de rapina que são relativamente raras a nível nacional e no contexto europeu têm aqui ainda populações nidificantes relevantes. São os casos, por exemplo, da águia-perdigueira e da águia-sapeira.

As águas marítimas são utilizadas por elevados números de aves marinhas que aí passam o período não-reprodutor ou que as cruzam no decurso das suas migrações.

A este respeito saliente-se que uma grande parte da população mundial da rara e muito ameaçada pardela-baleiar passa por aqui nas suas movimentações periódicas entre as ilhas Baleares (onde nidifica) e as águas costeiras mais setentrionais para onde se desloca no período não-reprodutor (e vice-versa).

A importância ornitológica da região consubstancia-se na existência de seis zonas importantes para as aves definidas de acordo com os critérios da organização BirdLife International, uma das quais corresponde a uma superfície marítima. São elas: Estuário do Tejo, Salinas de Alverca, Estuário do Sado, Lagoa Pequena, Cabo Espichel e Área Marinha do Cabo Raso.



©Helder Costa

1



©Ana M. do Carmo

2

1. Bando de milherangos *Limosa limosa* na lezíria do Tejo. A população invernante desta espécie na região de Lisboa tem uma elevada importância a nível internacional

2. Águia-perdigueira *Aquila fasciata*. A região de Lisboa alberga uma importante população nidificante desta ave de rapina



© Heider Costa

Espaço Interpretativo da Lagoa Pequena. Ao longo dos últimos anos foram disponibilizadas diversas estruturas de apoio à visitação e à observação de aves nalguns sítios da região

A riqueza ornitológica existente nalgumas parcelas do território contribuiu também, a par com outros aspetos relevantes de biodiversidade e paisagísticos, para a classificação de nove áreas protegidas, cinco das quais de âmbito nacional (Reserva Natural do Estuário do Tejo, Reserva Natural do Estuário do Sado, Parque Natural Sintra-Cascais, Parque Natural da Arrábida, Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica) e quatro de nível local (Reserva Natural Local do Sapal do Rio Coina e Mata Nacional da Machada, Área de Paisagem Protegida da Serra de Montejunto, Monumento Natural do Canhão Cárstico da Ota e Paisagem Protegida Local das Serras do Socorro e Archeira).

Para além das áreas protegidas do sistema nacional, existem também sete áreas de importância europeia, incluídas na Rede Natura 2000: Zona de Proteção Especial (ZPE) e Zona Especial de Conservação (ZEC) do estuário do Tejo, ZEC Sintra-Cascais, ZPE do Cabo Raso, ZEC Fernão Ferro, ZPE Cabo Espichel, ZEC Arrábida-Espichel, ZPE e ZEC do Estuário do Sado.

Para além disso, muito por causa da sua importância ornitológica, três zonas húmidas foram incluídas na lista de sítios abrangidos pela convenção de Ramsar (estuário do Sado, estuário do Tejo e lagoa de Albufeira).

OBSERVAR AVES NA REGIÃO DE LISBOA

Observar aves na região de Lisboa é uma atividade fácil e recompensadora. A rede viária é extensa e, se excluirmos as horas de ponta nalguns locais críticos, permite circular com rapidez. Para quem não tem acesso a viatura própria, a rede de transportes públicos é bastante extensa e embora a disponibilidade possa ser algo limitada nalguns locais específicos, de uma forma geral permite chegar em condições razoáveis a um bom número de locais interessantes.

Ao longo dos últimos anos foram criadas ciclovias e marcados percursos pedestres que poderão ser utilizados nalgumas áreas. O interesse pela observação de aves, e pela natureza em geral, levou também à disponibilização de observatórios e trilhos que facilitam a visitação de alguns sítios.

No âmbito deste livro são abordados 20 sítios dentro dos limites da cidade de Lisboa e 55 espalhados um pouco por toda a região sendo que, no mínimo, cada concelho conta com pelo menos um sítio. Foi ainda dedicado um texto às águas marinhas.

CALENDÁRIO ORNITOLÓGICO

O leque de espécies que se pode observar varia ao longo do ano, ao ritmo das estações e das migrações.

Assim, ao núcleo de residentes vão-se juntando ciclicamente espécies invernantes provenientes do norte e centro da Europa, espécies estivais provenientes da África subsaariana e espécies em trânsito entre locais de reprodução a norte e locais de invernada a sul (e vice-versa, dependendo da época do ano).

JANEIRO

Milhares de limícolas e de patos provenientes sobretudo do norte e do centro da Europa enchem os estuários e zonas húmidas. No estuário do Tejo, bandos de gansos-bravos fazem-se ouvir ruidosamente e nos terrenos abertos das lezírias há milhares de abibes-comuns, centenas de tarambolas-douradas-comuns e de laverças. Nos restolhos de arroz bandos com milhares de milherangos e de íbis-pretas procuram alimentar-se. Os piscos-de-peito-ruivo, os tentilhões-comuns e as peitinhas-dos-prados são abundantes e podem ser vistos um pouco por toda a região. Nos vales escarpados e nos afloramentos rochosos, os bufos-reais preparam-se para nidificar. No final do mês começam ver-se as primeiras andorinhas.

FEVEREIRO

A chegada de andorinhas intensifica-se e começam também a regressar e a passar alguns migradores precoces, como o cuco-rabilongo ou a felosa-dos-juncos. Algumas espécies de aves de rapina residentes, como o peneireiro-cinzento, iniciam as suas paradas nupciais. No final do mês começam a fazer-se ouvir as primeiras felosinhas-ibéricas.

MARÇO

Muitas espécies invernantes começam a partir. No sentido inverso, muitas espécies estivais começam a regressar como são os casos, por exemplo, da garça-vermelha ou da alvéola-amarela-comum. Este é, por excelência, o mês em que passam os marrecos e as frangas-d'água-malhadas. As aves de rapina residentes estão a nidificar e as mais precoces já têm crias no ninho. Ouvem-se os primeiros cucos-cinzentos. Os passeriformes residentes começam a nidificar.

ABRIL

A maior parte das espécies invernantes já partiu e uma boa parte das espécies estivais oriundas de África já chegou e já se instalou nos seus territórios de reprodução. Os abelharucos ouvem-se com frequência e as andorinhas estão por todo o lado. A atividade vocal dos passeriformes está ao rubro e os rouxinóis-comuns cantam sem cessar mesmo durante a noite. A passagem de aves limícolas para norte, algumas ostentando já a sua plumagem nupcial, faz-se notar. Na segunda quinzena chegam os migradores africanos mais tardios, como a felosa-poliglota ou o papa-figos.

MAIO

Passam as últimas limícolas. A época de reprodução prossegue e algumas espécies residentes vão já na segunda ninhada. Nos caniçais, os rouxinóis-dos-caniços e os rouxinóis-grandes-dos-caniços fazem-se ouvir com insistência.

JUNHO

Muitas das espécies reprodutoras residentes já criaram. A atividade vocal dos passeriformes diminui. É altura de os juvenis se emanciparem e comecem a ser vistos explorando os territórios onde nasceram, nalguns casos ainda a ser alimentados pelos pais.

JULHO

As cegonhas-brancas começam a juntar-se, algumas delas preparando o seu regresso a África. Também as andorinhas-dos-beirais se juntam em grande número, muitas vezes pousadas nos fios aéreos, preparando-se para a longa viagem até aos seus quartéis de inverno. Para o fim do mês começam a notar-se os primeiros movimentos de aves oriundas de fora da região e resultantes da dispersão pós-nupcial e do início da migração. Por exemplo, nos estuários o número de pernas-vermelhas-comuns começa a aumentar, o mesmo sucedendo com os guinchos-comuns e as gaivotas-de-cabeça-preta.

AGOSTO

Intensifica-se o movimento de passagem de aves migradoras. A partir de meados do mês começam a aparecer os taralhões-cinzentos, os papa-moscas-pretos e os chascos-cinzentos.

SETEMBRO

A migração pós-nupcial atinge o auge. Milhares de passeriformes oriundos do norte e centro da Europa atravessam o território rumo aos seus quartéis de inverno africanos. Felosas-musicais, taralhões-cinzentos, papa-moscas-pretos e chascos-cinzentos estão por todo o lado. Muitas aves de rapina passam também nesta altura.

OUTUBRO

O movimento migratório continua mas o leque de espécies vai variando. Aos poucos, os papa-moscas e chascos-cinzentos vão sendo substituídos pelos fringíldeos que no final do mês passam em grandes números. No mar, números impressionantes de alcatrazes-do-norte rumam a sul e as primeiras tempestades de outono podem empurrar para as proximidades da costa algumas aves como o moleiro-rabilongo que normalmente andariam apenas no mar alto. Começam a chegar e a passar os primeiros invernantes e o número de

piscos-de-peito-ruivo aumenta de forma substancial. No final do mês começam a chegar os primeiros gansos-bravos.

NOVEMBRO

Intensifica-se a chegada de aves invernantes. O número de gansos-bravos aumenta. Aos poucos os campos são invadidos por abibes-comuns, peitinhos-dos-prados e laverças, que trazem atrás de si aves de rapina como o tartaranhão-cinzentos ou o esmerilhão.

DEZEMBRO

Os estuários enchem-se de patos, limícolas e gaivotas. O bufo-real inicia a sua atividade vocal e prepara-se para nidificar. A águia-perdigueira começa as paradas nupciais.

O QUE FAZER COM AS OBSERVAÇÕES

A observação de aves é uma atividade essencialmente lúdica. No entanto, a informação recolhida dessa maneira é útil para ajudar a conhecer diversos aspetos relacionados com a fenologia (presença no calendário anual), distribuição, abundância e tendências populacionais das espécies.

Nessa perspetiva, a observação de aves está longe de ser uma atividade trivial ou fútil e, quando devidamente enquadrada, poderá proporcionar um importante contributo para o conhecimento deste património natural. Existem formas de colaborar que estão ao alcance de todos e não implicam grande esforço.

1. Gaivota-d'asa-escura *Larus fuscus* proveniente do Reino Unido. A leitura de anilhas coloridas constitui uma importante fonte de informação para conhecer os movimentos das aves



2. Socózinho (ou garça-verde) *Butorides striata*, ave oriunda do continente americano. A observação de aves acidentais deve ser documentada e comunicada ao Comité Português de Raridades

Os dados das observações avulsas podem ser inseridos em plataformas eletrónicas como *PortugalAves/eBird* (<https://ebird.org/portugal/home>) que, para além de servirem para organizar a informação de cada um, poderão depois permitir fazer análises mais elaboradas com a informação acumulada.

Alguns grupos de aves, nomeadamente flamingos-comuns, colhereiros, limícolas e gaivotas, são frequentemente marcados com anilhas coloridas seja através de uma combinação de várias anilhas de cor diferente seja através da colocação de uma única anilha com um código alfanumérico. A ideia é permitir que as aves sejam identificadas individualmente à distância sem necessidade de as recapturar.

Sempre que se vê uma dessas aves vale a pena tentar tomar nota dos dados relevantes (cor e ordem das anilhas em cada pata, se for caso disso, ou leitura do código alfanumérico se houver e for possível). Essa informação é importante para conhecer os movimentos das diferentes espécies, e até outros aspetos da sua biologia, e poderá ser enviada à Central Nacional de Anilhagem - Centro de Estudos de Migração e Proteção das Aves (CEMPA) (email: cempa@icnfp.pt).

Ocasionalmente são vistas aves fora das suas áreas normais de distribuição, as chamadas «raridades» ou acidentais. Sempre que confrontados com uma dessas aves, convém documentar a observação não só com fotografias (se possível), mas também com notas dos detalhes da plumagem e do comportamento. Essa informação deverá depois ser submetida ao Comité Português de Raridades, que funciona no âmbito da SPEA (<https://www.spea.pt/as-aves/registar-observacoes>), cuja missão é validar esse tipo de registos.

À medida que se vai ganhando experiência há também a possibilidade de colaborar em projetos de recolha de informação sobre diversos grupos de aves que funcionam com o contributo de colaboradores voluntários. A SPEA desenvolve vários desses projetos, podendo a lista ser consultada em <https://www.spea.pt/o-que-fazemos/censos>.

SOBRE O COMPORTAMENTO DO OBSERVADOR DE AVES

A observação de aves é uma atividade que se desenvolve em contacto com a natureza e que se deve basear no respeito não só pelas aves mas também pelo ambiente e pelos outros. Nessa medida, há um conjunto de regras básicas que importa ter em conta de modo a que a sua prática tenha o menor impacto possível e não cause atritos desnecessários entre as pessoas.

A mais importante, sem dúvida, é que o bem-estar das aves deve estar acima de tudo. Quer isto dizer que uma boa observação ou uma boa fotografia não justificam que se cause perturbação desnecessária que possa pôr em risco a segurança das aves ou alterar o seu comportamento normal, nem tão pouco justifica que se modifique de alguma forma o habitat onde as aves se encontram.

Nos tempos que correm há muitas propriedades com acesso condicionado. Mesmo naquelas em que se pode entrar abrindo uma cancela ou portão convém obter sempre autorização para circular e nunca se deve esquecer que é preciso fechar todas as «portas» que se abrirem. Os direitos dos proprietários devem ser respeitados.

Apesar do aumento da consciencialização para a necessidade de proteger as aves e a natureza que se tem verificado ao longo dos últimos anos, continua a haver infelizmente quem desrespeite as leis e se dedique à captura de aves com armadilhas ou à caça ilegal. Caso se testemunhe algum tipo de ação que configure um delito deve-se de imediato reportar às autoridades competentes: GNR/SEPNA - telefone 808 200 520.



© SPEA

COMO USAR ESTE LIVRO

Os textos dos sítios que compõem este livro foram organizados em quatro blocos. Num primeiro grupo são apresentados os que se referem à cidade de Lisboa. Depois é apresentado um bloco que inclui os sítios situados na região a norte do Tejo (fora da cidade de Lisboa), outro agrupando os que ficam a sul desse rio e, finalmente, o último engloba um texto dedicado às águas marinhas.

Em cada texto faz-se uma apresentação geral do sítio indicando-se as principais características gerais quer sejam ornitológicas, históricas ou geográficas (físicas ou humanas). Indicam-se também os principais habitats que se podem encontrar e descreve-se de forma sucinta a melhor maneira para explorar o local em termos ornitológicos. No caso de sítios muito grandes optou-se por

subdividi-los de forma a facilitar a exposição da informação.

Ao longo dos textos mencionam-se igualmente quais as principais espécies que se podem observar. No entanto, nem sempre se indica(m) de forma explícita a(s) época(s) mais propícia(s) de ocorrência. Por essa razão, em caso de dúvida, a informação do texto terá que ser cruzada com a que consta na lista **«espécies a procurar»** onde esses dados são referidos (ver abaixo).

Acompanhando o texto descritivo de cada sítio foi incluída diversa informação sintética de enquadramento sob a forma de ficha com alguns descritores que se explicam de seguida.

ESPÉCIES A PROCURAR

As espécies mencionadas em cada texto são listadas por ordem alfabética com a indicação dos períodos do ano em que a sua observação é potencialmente mais favorável nesse sítio. Para isso, foram definidas cinco categorias (ver abaixo) que não coincidem necessariamente com as estações do ano, tal como estão definidas no calendário, mas procuram antes refletir o padrão de ocorrência conhecido das espécies. Convém notar que estas categorias não são estanques, o que significa que haverá casos em que uma determinada espécie poderá ser observada, ainda que de forma mais irregular ou com menor frequência, noutra(s) altura(s) para além da(s) indicada(s). Por outro lado, convém também notar que o padrão de ocorrência a nível local não é necessariamente o mesmo que o padrão de ocorrência regional.

Todo o ano (TA) espécie potencialmente observável em qualquer altura do ciclo anual (não significa necessariamente que seja residente/sedentária).

Primaveral (PRI) espécie potencialmente observável entre o final do inverno e meados da primavera (corresponde, grosso modo, ao período de passagem pré-nupcial).

Estival (EST) espécie potencialmente observável durante a primavera e o verão.

Outonal (OUT) espécie potencialmente observável entre meados do verão e meados do outono (corresponde, grosso modo, ao período de migração pós-nupcial).

Invernal (INV) espécie potencialmente observável de meados do outono até ao fim do inverno.

QUANDO VISITAR

Teoricamente, todas as alturas do ano são boas para observar aves. Mesmo assim, nalguns sítios a diversidade de espécies pode variar de forma acentuada ao longo do ano. Nessa perspetiva indica(m)-se a(s) época(s) do ano em que a visita a cada um dos locais se afigura poder ser mais proveitosa. Como é evidente, essa

informação é meramente indicativa e não invalida que visitas noutra(s) altura(s) para além da(s) indicada(s) não possa(m) ser igualmente proveitosa(s).

ACESSOS

No que diz respeito ao acesso aos sítios, indicam-se as melhores opções para uso de viatura própria e de transportes públicos recomendando-se, sempre que possível, o uso dos últimos.

No caso do **acesso com viatura própria** indica(m)-se a(s) estrada(s) ou a(s) rua(s) que proporciona(m) a melhor forma de chegar ao local e as coordenadas do(s) ponto(s) de acesso que se afigura(m) mais propício(s). Por motivos de ordem prática, as coordenadas são apresentadas no formato recomendado para busca na internet ou para inserção num GPS (exemplo: 38.726060, -9.150558). Convém notar que nalguns sítios poderão existir diversas alternativas de acesso e nesses casos apenas se mencionam as que foram consideradas mais fáceis e intuitivas. As estradas nacionais são mencionadas com um N seguido do número respetivo, as estradas municipais são citadas como M seguido do seu número se o houver, os caminhos municipais surgem como CM seguido do respetivo número e as autoestradas com A seguido do seu número.

Uma boa parte da região de Lisboa é servida por uma rede de transportes públicos bastante razoável. Embora o **acesso por transportes públicos** não seja opção para chegar a alguns sítios, a verdade é que constitui uma hipótese bastante prática em muitos outros. A viabilidade da opção foi caracterizada de acordo com três categorias que foram estabelecidas com base não só na oferta existente como também na distância a percorrer a pé desde o ponto de chegada.

Viável significa que o acesso é relativamente fácil, ou seja, há uma oferta alargada de horários e a utilização não implica grandes caminhadas para chegar ao sítio.

Moderadamente viável significa que é possível aceder de transportes públicos mas que a oferta de horários é limitada, ou que os trajetos a efetuar são longos e demorados ou ainda que é necessário fazer uma caminhada desde o terminal do transporte até ao destino.

Inviável significa que a oferta de transporte é inexistente ou que os horários dos que existem não são compatíveis.

Nos casos em que o acesso por transportes públicos foi considerado viável ou moderadamente viável, fornece-se alguma informação adicional que poderá eventualmente ser útil para os potenciais utilizadores (tipo de transporte existente, número da carreira, etc.). Como é óbvio, isso não dispensa uma pesquisa mais aprofundada se se pretender usar este modo de deslocação.

MAPAS

Foram produzidos mapas simplificados para cada um dos sítios onde se indicam os locais mais relevantes mencionados no texto e nos quais se fornece alguma informação de enquadramento geográfico. Para facilitar o acesso à localização foi adicionado um código QR a cada um dos mapas que remete para um ponto central do mesmo. No caso de sítios muito extensos, para evitar a perda de detalhe e acomodar toda a informação relevante, houve por vezes necessidade de subdividir os mapas.

NOTAS

Nalguns sítios, foram adicionadas pequenas notas sempre que foi considerado pertinente chamar a atenção para aspetos relevantes a ter em conta (por exemplo, outra biodiversidade que não aves) ou fazer alertas e recomendações para lidar com situações que poderão ocorrer durante a visita.

MAPA

Mapa de enquadramento do sítio

ONDE FICA

Código QR com as coordenadas de um ponto central do sítio



ESPÉCIES A PROCURAR

Lista por ordem alfabética das espécies mencionadas no texto com indicação, para cada uma delas, da(s) época(s) do ano em que poderão ser potencialmente observáveis



QUANDO VISITAR

Época(s) do ano em que a visitaçãose afigura mais proveitosa



1 Acesso desde Miratejo

2 Observatório aves

Corpo de água

Percurso recomendado



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-pesqueira (PRI/OUT/INV), alfaiate (PRI/OUT/INV), borrelho-de-coleira-interrompida (PRI/OUT/INV), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), carraceiro (TA), chasco-cinzento (OUT), colheiro (TA), corvo-marinho (OUT/INV), cotovia-de-poupa (TA), felosa-musical (OUT), flamingo-comum (TA), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), maçarico-real (PRI/OUT/INV), milherango (PRI/OUT/INV), papa-moscas-preto (OUT), pega (TA), perna-verde-comum (OUT/INV), perna-vermelha-comum (OUT/INV), petinha-dos-prados (OUT/INV), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pisco-de-peito-azul (OUT/INV), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), tadorna (TA), taralhão-cinzento (OUT), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



io de **3** Ponta dos Corvos

ACESSOS

Viatura própria
Rua Soeiro Pereira Gomes (ponto de acesso
38.650430, -9141252)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: carreira 2C da SulFertagus (paragem
Miratejo, Avenida 25 de Abril/Centro Comercial)

NOTAS

- Há muitos mosquitos nalguns locais pelo que repelente de insetos pode ser muito útil. A zona é frequentada por grande número de mariscadores
- A praia da Ponta dos Corvos (conhecida localmente por praia dos Tesos) é bastante procurada na época balnear
- Na área sob jurisdição militar são ocasionalmente efetuados exercícios que podem envolver explosões

LEGENDA DO MAPA

Detalha a informação contida no mapa quer assinalando pontos-chave (sempre que for caso disso) quer recorrendo a símbolos padronizados



Entrada



Corpo de água



Linha de água



Percurso recomendado



ACESSOS

Viatura própria Melhor(es) forma(s) de chegar ao local e coordenadas do(s) ponto(s) de acesso mais propício(s)

Transportes públicos Viabilidade da opção e discriminação dos meios de transportes que servem o local

NOTAS

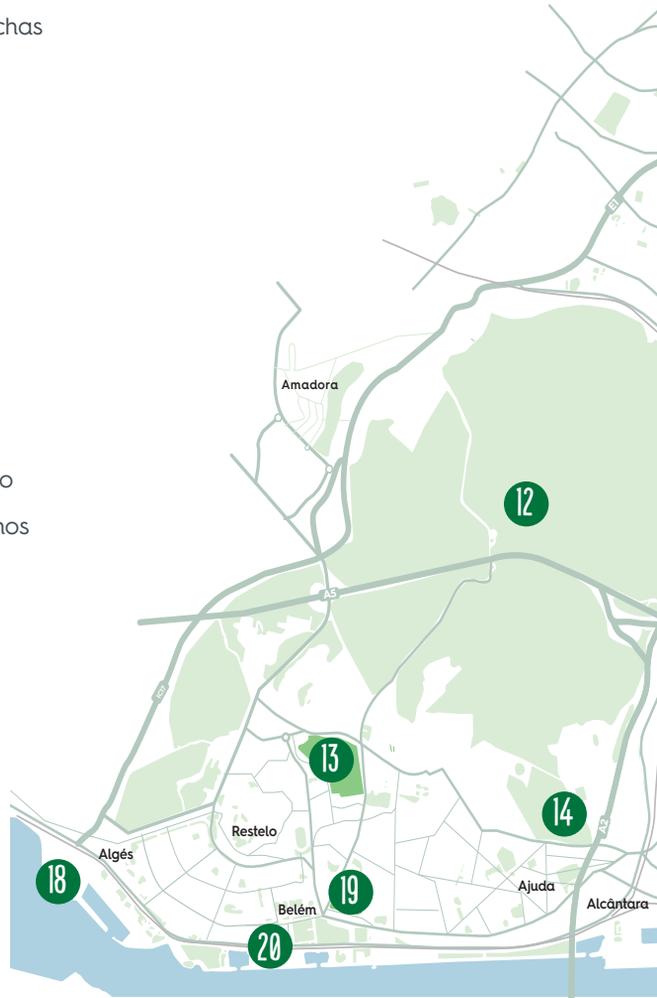
Aspectos relevantes a ter em conta na preparação da visita ao sítio

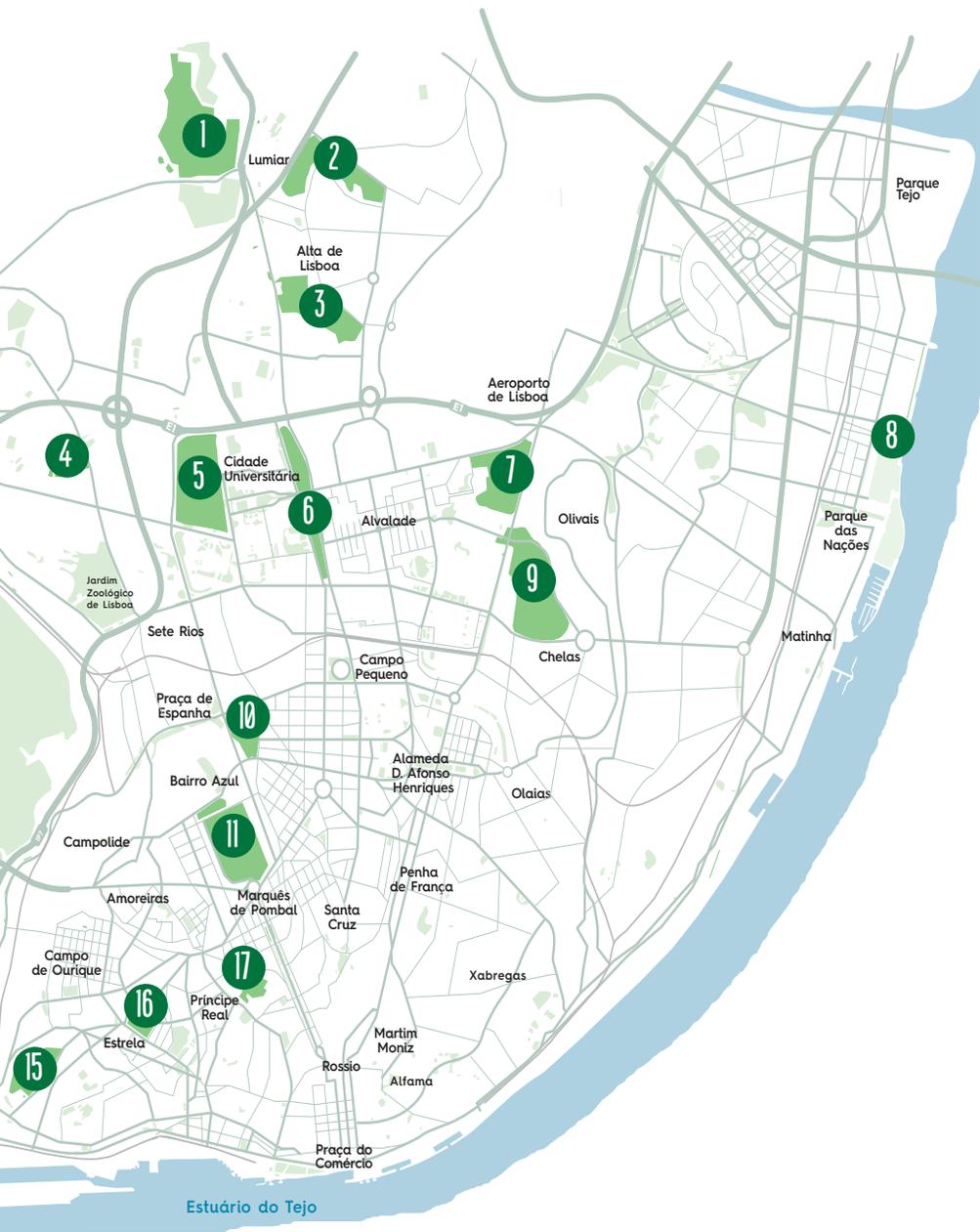
CIDADE
DE LISBOA



CIDADE DE LISBOA

1. Parque Botânico do Monteiro-mor
2. Parque Oeste (Parque Vale Grande)
3. Parque das Quintas das Conchas e dos Lilases
4. Parque Bensaúde
5. Estádio Universitário
6. Jardim do Campo Grande
7. Parque José Gomes Ferreira
8. Parque das Nações
9. Parque da Bela Vista
10. Jardim da Gulbenkian
11. Parque Eduardo VII
12. Parque Florestal de Monsanto
13. Parque Recreativo dos Moinhos de Santana
14. Tapada da Ajuda
15. Tapada das Necessidades
16. Jardim da Estrela
17. Jardim Botânico de Lisboa
18. Pedrouços
19. Jardim Botânico Tropical
20. Praça do Império e imediações





1. Parque Botânico do Monteiro-mor

Freguesia do Lumiar



O Parque Botânico do Monteiro-mor fica situado no Lumiar, na periferia norte de Lisboa, adjacente aos palácios onde estão instalados o Museu Nacional do Traje e o Museu Nacional do Teatro e da Dança. É possível que a parte mais antiga deste parque tenha sido concebida em meados do século XVIII pelo famoso naturalista italiano Domingos Vandelli, a pedido do 3º Marquês de Angeja aquando da sua nomeação para Monteiro-mor do reino.

Atualmente o parque ocupa uma superfície de 11 ha que resulta do facto de ter sido adicionada aos jardins a área agrícola e florestal adjacente. Assim, o espaço tem hoje também uma zona de hortas, pequenos pomares, uma mancha de pinheiros-mansos, um bosque de sobreiros, um pequeno prado de sequeiro, salgueiros, oliveiras e loendros. Uma linha de água percorre o seu limite sul ao longo da qual se desenvolve uma galeria de densa vegetação.

O parque é murado e o acesso é pago. Isso, de certa forma, deve ser encarado como uma vantagem pois limita o número de visitantes e permite assim que o local goze de uma tranquilidade que não é fácil de encontrar em espaços semelhantes de acesso livre. Já o horário de funcionamento, nomeadamente a abertura às 10h00m, deixa um pouco a desejar para quem observa aves (ver Anexo 2).

As zonas menos ajardinadas são as mais interessantes e aquelas onde será mais produtivo investir o esforço de observação. Nas hortas é possível encontrar o melro-preto, o bico-de-lacre, a milheirinha ou o pintassilgo. No pinhal-manso e nas pequenas bolsas de sobreiros pode-se observar o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a trepadeira-do-sul, a trepadeira-azul ou a

estrelinha-real. A galeria de árvores que acompanha o curso da ribeira é utilizada por espécies como o pombo-torcaz, o pica-pau-malhado, a toutinegra-de-barrete, o verdilhão ou o lugre. As zonas sombrias e com vegetação mais densa são frequentadas pela carriça e pelo pisco-de-peito-ruivo que muitas vezes apenas denunciam a sua presença pelo canto ou chamamento.

O prado é ocasionalmente atravessado por perizes e aí aparecem a poupa e a petinha-dos-prados. Andorinhas-dos-beirais, andorinhas-das-chaminés e uma ou outra andorinha-dáurica são regularmente vistas alimentando-se sobre a área que também é sobrevoada por andorinhões-pálidos e andorinhões-pretos.

No período pós-nupcial aves migradoras como a felosa-musical, o taralhão-cinzento ou o papa-moscas-preto são fáceis de ver um pouco por todo o parque. Menos comum, mas igualmente possível nessa altura, é a felosa-de-papo-branco.





ESPÉCIES A PROCURAR

- andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dáurica (OUT), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), bico-de-lacre (TA), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estrelinha-real (TA), felosa-de-papo-branco (OUT), felosa-musical (OUT), lugre (INV), melro-preto (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), perdiz (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), poupa (OUT/INV), taralhão-cinzentos (OUT), toutinegra-de-barrete (TA), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Largo Júlio Castilho (ponto de acesso 38.775365, -9.164428)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

Metro: Metropolitano de Lisboa (linha amarela; estação Lumiar)

NOTAS

- O parque alberga uma interessante coleção de espécimes botânicos
- A obtenção de fotografias está sujeita a autorização, sendo para isso necessário preencher um formulário na receção

2. Parque Oeste (Parque Vale Grande)

Freguesia do Lumiar



Construído em 2006 no âmbito do plano de urbanização da Alta de Lisboa, este parque destaca-se pela arquitetura moderna das suas infraestruturas. O espaço resulta do aproveitamento e requalificação dos terrenos do Vale Grande, da Quinta da Várzea e da Quinta de São Gonçalo. Desenvolve-se num declive suave ao longo de um vale aberto que acompanha uma linha de água.

Este parque possui amplos espaços abertos, alguns dos quais relvados. O arvoredo não é muito denso e existem algumas manchas de arbustos. Tem um espelho de água de dimensão razoável na extremidade noroeste.

Devido à sua localização e características este é um parque onde, dependendo da época do ano, é possível observar um conjunto notável de espécies, algumas delas difíceis de encontrar noutros locais de Lisboa.

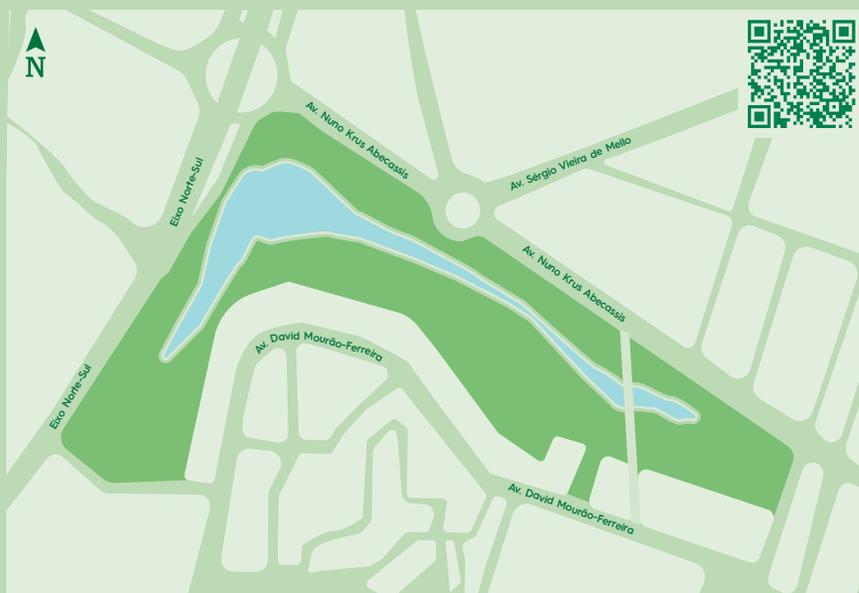
No outono e no inverno a zona aquática é frequentada por bastantes gaivotas. As presenças mais usuais costumam ser o guincho-comum, a gaivota-d'asa-escura e a gaivota-de-patas-amarelas, mas vale a pena prestar alguma atenção pois no meio delas estão por vezes algumas gaivotas-de-cabeça-preta. Entre outras aves aquáticas que aqui podem ser encontradas contam-se o pato-real, a garça-real, o corvo-marinho e o maçarico-das-rochas. As margens são um bom sítio para procurar a alvéola-cinzenta.

Percorrendo os caminhos, é possível observar sem dificuldade o pombo-torcaz, a toutinegra-dos-valados, o rabirruivo-comum, a alvéola-branca, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha. Olhando para o céu não será difícil encontrar andorinhões-pálidos, andorinhões-pretos, andorinhas-dos-beirais ou andorinhas-das-chaminés.

No período pós-nupcial o parque torna-se particularmente interessante devido à passagem de aves migradoras. Nessa altura, em dias favoráveis, os terrenos abertos são frequentados por espécies como a poupa, o cartaxo-nortenho, o chasco-cinzento, a petinha-das-árvores ou a alvéola-amarela-comum, enquanto os arbustos e árvores dispersas podem albergar o torcicolo, a felosa-poliglota, o rouxinol-dos-caniços, a felosa-musical, a toutinegra-das-figueiras, o papa-amoras-comum, o taralhão-cinzento, o papa-moscas-preto ou o rabirruivo-de-testa-branca, entre outras.



1. Parque Oeste 2. Pato-real *Anas platyrhynchos*
3. Chasco-cinzento *Oenanthe oenanthe*



ESPÉCIES A PROCURAR

- alvéola-amarela-comum (OUT), alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (OUT/INV), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), cartaxo-nortenho (OUT), chasco-cinzento (OUT), corvo-marinho (OUT/INV), felosa-musical (OUT), felosa-poliglota (OUT), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-cabeça-preta (OUT/INV), gaivota-de-patas-amarelas (TA), garça-real (TA), guincho-comum (TA), maçarico-das-rochas (OUT/INV), milheirinha (TA), papa-amoras-comum (OUT), papa-moscas-preto (OUT), pato-real (TA), petinha-das-árvores (OUT), pintassilgo (TA), pombo-torcaz (TA), poupa (OUT/INV), rabirruivo-comum (TA), rabirruivo-de-testa-branca (OUT), rouxinol-dos-caniços (OUT), taralhão-cinzento (OUT), torcicolo (OUT), toutinegra-das-figueiras (OUT), toutinegra-dos-valados (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Avenida Nuno Krus Abecassis (ponto de acesso 38.778370, -91.49009)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris



3. Parque das Quintas das Conchas e dos Lilases

Freguesia do Lumiar



Este parque ocupa uma área aproximada de 24,6 ha e foi instalado naquelas que eram duas antigas quintas que, como tantas outras, existiam na periferia da cidade. A Quinta das Conchas remonta ao século XVI e a contígua Quinta dos Lilases foi adquirida em finais do século XIX pelo empresário colonial de São Tomé e Príncipe, Francisco Mantero e Velarde, que aí instalou um palacete e posteriormente adquiriu também a Quinta das Conchas.

Em termos gerais, pode dizer-se que este parque possui três zonas distintas. No centro há uma alameda com um lago e amplos espaços relvados, ao cimo dos quais sobressai uma pequena mancha de oliveiras. Junto ao lago destaca-se um conjunto de eucaliptos ornamentais de grande porte. A sudeste existe uma mata com cedros-dos-himalaias e cedros-do-buçaco, pontuada por manchas de vegetação arbustiva densa. A norte, separada por um muro mas com ligação à Quinta das Conchas, fica a Quinta dos Lilases onde árvores e arbustos de pequeno porte se desenvolvem em terrenos de vegetação rasteira de sequeiro.

A exploração deste espaço não apresenta grande dificuldade. Embora vedado, o parque é de acesso público e tem um horário de funcionamento alargado e perfeitamente compatível com a atividade de observação de aves (ver Anexo 2). Tal como acontece com a generalidade dos jardins da capital este é um local bastante popular e movimentado pelo que uma visita de manhã cedo, quando a perturbação é menor, é recomendável.

Caminhando ao longo da alameda central, o melro-preto é uma presença constante. Os relvados são utilizados pela petinha-dos-prados e pela alvéola-branca. Já o céu é dominado por andorinhões-pálidos, andorinhões-pretos, andorinhas-dos-beirais e andorinhas-das-chaminés. Ocasionalmente, aves de rapina como a águia-d'asa-redonda ou o peneireiro-comum são também vistas a sobrevoar a área. Bandos ruidosos de periquitões-de-cabeça-azul e de periquitos-rabijuncos cruzam o espaço nas suas deambulações e pousam com frequência no topo dos eucaliptos ornamentais. O lago existente no extremo oeste é frequentado por gansos-do-egito e por uma ou outra alvéola-cinzenta.

A mata é o local ideal para procurar o pombo-torcaz, o pica-pau-malhado, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a toutinegra-dos-valados, a trepadeira-do-sul, o tor-do-pinto, o pisco-de-peito-ruivo, a estrelinha-real, o tentilhão-comum, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha.

No período de migração pós-nupcial, a Quinta dos Lilases é um bom sítio para encontrar a felosa-musical, o papa-moscas-preto ou o taralhão-cinzento, entre outras.



Chapim-carvoeiro *Periparus ater*



Entrada



Corpo de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-d'asa-redonda (TA), alvéola-branca (TA), alvéola-cinza (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estrelinha-real (TA), felosa-musical (OUT), gaio (TA), ganso-do-egito (TA), melro-preto (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), pe-neireiro-comum (TA), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-rabijunco (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), taralhão-cinza (OUT), tentilhão-comum (INV), tordo-pinto (INV), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Norte: Rua Arnaldo Ferreira (ponto de acesso 38.771054, -9.155966)

Noroeste: Alameda das Linhas de Torres (ponto de acesso 38.770029, -9.159487)

Sul: Rua Luís Pastor Macedo (ponto de acesso 38.769078, -9.156280)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

Metro: Metropolitano de Lisboa (linha amarela; estação Quinta das Conchas ou Lumiar)

4. Parque Bensaúde

Freguesia de São Domingos de Benfica



Até ao século XIX Benfica fazia parte do denominado Termo de Lisboa, ou seja o limite da capital. Era uma zona de características rurais onde existiam diversas quintas de grande dimensão. A maior parte delas foi engolida pela expansão inexorável da cidade e hoje poucos vestígios restam desse passado campestre. O Parque Bensaúde preserva parte de uma dessas antigas propriedades, a Quinta de Santo António das Frechas datada do século XVII, e tomou o nome da família que durante boa parte do século XX deteve a sua posse.

O parque foi aberto ao público em 2003 e ocupa uma área de declive suave com cerca de 3,5 ha. É composto por um conjunto de plataformas e escadarias que culminam num pavilhão. O coberto arbóreo é constituído por algumas árvores exóticas de grande porte, como eucaliptos e plátanos, bem como por sobreiros, oliveiras, pinheiros-mansos e outras árvores nativas. Na parte central existem algumas hortas. Confinando com o parque estende-se para a sul um terreno baldio sobrevivente de uma das antigas quintas que existiam na zona.

O parque é murado mas é de acesso livre e tem um horário de funcionamento alargado (ver Anexo 2). Se bem que a inclinação não seja muito acentuada, é mais favorável começar a exploração a partir do topo norte e ir descendo progressivamente. Sendo essa a opção, convém dar logo uma vista de olhos aos eucaliptos de grande porte situados no limite noroeste do parque já que são um pouso regular de periquitos exóticos. Para além do periquitão-de-cabeça-azul e do periquito-rabijunco, já comuns em Lisboa, há ainda a hipótese de observar aqui o mais raro periquito-massarongo, uma vez que este é um dos poucos locais de Lisboa onde esta espécie originária de África tem sido reportada nos últimos

anos. Outras espécies que podem ser vistas nesta zona incluem o pombo-torcaz, a rola-brava, o pica-pau-malhado, o estorninho-preto ou, ocasionalmente, o lugre.

As manchas de arvoredo são frequentadas por um leque alargado de passeriformes e, com maior ou menor dificuldade, aí podem ser observadas espécies como o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-comum, a toutinegra-de-barrete, a trepadeira-do-sul, o tarilhão-cinzentos, o papa-moscas-preto, a estrelinha-real, o tentilhão-comum, o verdilhão ou o pintassigo. Nas zonas de vegetação mais densa e arbustiva ocorrem a toutinegra-dos-valados, a carriça e o tordo-pinto. Vale a pena investigar também as hortas, tendo cuidado para não invadir os espaços cultivados, pois aí é possível encontrar o pisco-de-peito-ruivo, o melro-preto, o bico-de-lacre ou a milheirinha.

Convém estar atento ao céu pois por vezes são avistadas aves de rapina como a águia-dasa-rendona ou o peneireiro-comum.





Entrada



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-d'asa-redonda (TA), bico-de-lacre (TA), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), lugre (INV), melro-preto (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), peneireiro-comum (TA), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-massarongo (TA), periquito-rabijunco (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), rola-brava (EST), tarlhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (INV), tordo-pinto (INV), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Norte: Rua Maestro Jaime Silva (Filho) (ponto de acesso 38.753708, -9.177112)

Leste: Estrada da Luz (ponto de acesso 38.753131, -9.174504)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

Metro: Metropolitano de Lisboa (linha azul; estação Alto dos Moinhos ou Laranjeiras)

5. Estádio Universitário

Freguesia de Alvalade



O complexo desportivo do Estádio Universitário ocupa uma área aproximada de 40 ha e situa-se na zona norte de Lisboa. O estádio, que constitui a sua construção mais emblemática, foi inaugurado em 1956 e todo o espaço foi integrado na Universidade de Lisboa em 2013.

Para além de diversas infraestruturas desportivas, existem também manchas de arvoredo compostas por pinheiros-mansos, oliveiras, alfarrobeiras e eucaliptos ornamentais, entre outras árvores, que são usadas por um leque interessante de espécies de aves características não só dos meios florestais como dos meios urbanos.

A exploração deste sítio é fácil mas está sujeita a algumas limitações que decorrem da sua utilização para a prática de diversas atividades desportivas. Uma visita de manhã cedo quando a perturbação é menor poderá ser mais produtiva.

O melro-preto é omnipresente e é impossível de falhar. O exótico periquito-rabijunco é também comum sendo facilmente detetado pelos ruídos chamamentos que emite. A principal mancha florestal estende-se pelas zonas norte e leste. Percorrendo lentamente os trilhos e caminhos aí existentes é fácil ver o pombo-torcaz, o gaio, o chapim-azul, a trepadeira-do-sul, o verdilhão, o pintassilgo e a milheirinha.

Outras espécies, mais discretas ou menos abundantes, exigirão um esforço mais dirigido. Entre elas contam-se por exemplo o pica-pau-malhado, a estrelinha-real, o chapim-carvoeiro e o chapim-real. No período de migração pós-nupcial o taralhão-cinzentos, o papa-moscas-preto e a felosa-musical não são raros e no inverno pode surgir o tordo-pinto.

Os relvados dos campos de futebol não devem ser ignorados pois, quando não estão a ser utilizados e consoante a época, aí ocorrem a poupa, o chasco-cinzentos, a petinha-dos-prados, a alvéola-amarela-comum ou a alvéola-branca.

Os terrenos mais abertos são também o local de caça do peneireiro-comum quando aparece na área e, para além disso, são sobrevoados por espécies insetívoras como o andorinhão-pálido, o andorinhão-preto, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-das-chaminés e, por vezes, a andorinha-dáurica.



©Diogo Oliveira

1



©Helger Costa

2

1. Melro-preto *Turdus merula* 2. Aspetto da mancha florestal do Estádio Universitário



ESPÉCIES A PROCURAR

- alvéola-amarela-comum (OUT), alvéola-branca (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dáurica (OUT), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), chasco-cinzento (OUT), estrelinha-real (TA), felosa-musical (OUT), gaio (TA), melro-preto (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), peneireiro-comum (TA), periquito-rabijunco (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pica-pau-malhado (TA), pintasilgo (TA), pombo-torcaz (TA), poupa (EST/OUT), taralhão-cinzento (OUT), tordo-pinto (INV), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

- Viatura própria**
- Diversas opções

Sul: Avenida Professor Egas Moniz (ponto de acesso 38.750223, -9.159415)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

Metro: Metropolitano de Lisboa (linha amarela; estação Cidade Universitária)

6. Jardim do Campo Grande

Freguesia de Alvalade



O Jardim do Campo Grande estende-se numa faixa estreita e comprida, com orientação norte-sul, que se prolonga por cerca de 1,2 km e ocupa uma área aproximada de 11 ha. O jardim é cortado, mais ou menos a meio, pela Avenida do Brasil que o separa em duas zonas. A parte sul foi batizada em 2018 como Jardim Mário Soares.

O espaço inclui bastantes relvados e um coberto arbóreo diversificado onde se incluem vários exemplares de árvores de grande porte. Na área norte existe um lago de dimensão razoável e na parte sul um outro mais pequeno.

Este jardim tem a vantagem de estar implantado num terreno plano o que facilita a sua exploração. No planeamento das visitas deve ser tido em conta o movimento aparente do sol. Durante a manhã a luz é mais favorável num percurso no sentido Entrecampos-Campo Grande, ao passo que à tarde se verifica o inverso.

Nas zonas arborizadas é possível encontrar um leque razoável de espécies comuns nos parques e jardins urbanos. Ruidosos bandos de exóticos periquitões-de-coroa-azul e periquitos-rabijunco frequentam os estratos mais altos do arvoredo. É também empoleirados no topo das árvores que os verdilhões, pintassilgos e milheirinhas gostam de cantar. As estrelinhas-reais preferem as coníferas. Entre outras espécies que utilizam o coberto arbóreo e que podem ser observadas um pouco por toda a área contam-se o pombo-torcaz, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-comum, a toutinegra-de-barrete, a trepadeira-do-sul, o taralhão-cinzentos, o papa-moscas-preto e o lugre.

As manchas de vegetação mais densa e arbustiva são frequentadas por espécies como a toutine-

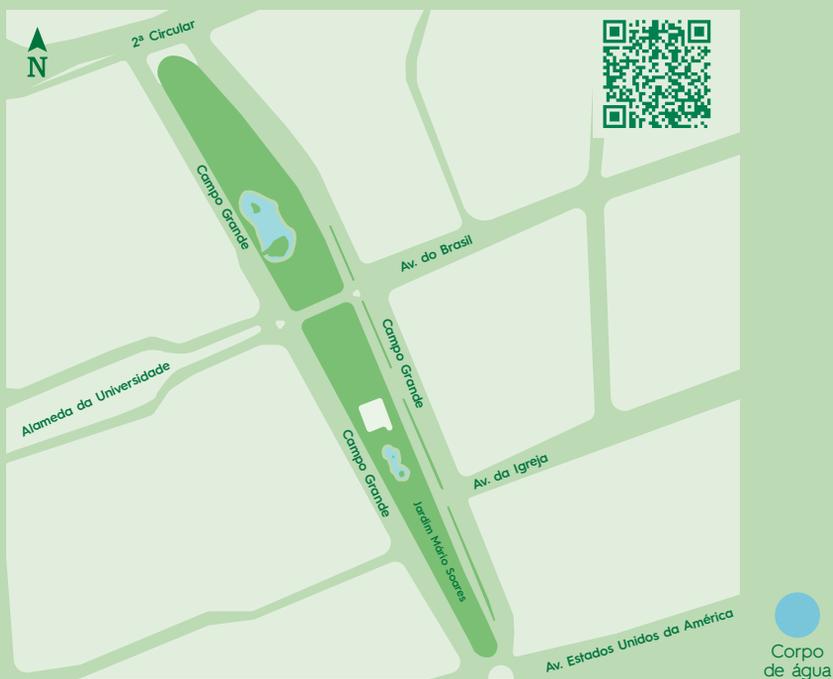
gra-dos-valados ou o pisco-de-peito-ruivo. Já o rabirruivo-comum pode ser encontrado junto às edificações existentes.

Os lagos não devem ser esquecidos pois normalmente albergam alguns gansos-do-egito e patos-reais. A alvéola-cinzenta e a alvéola-branca também aparecem aí e, com sorte, até o goraz é uma possibilidade. O espelho de água da parte norte atrai andorinhas que o sobrevoam em actividade de alimentação. A andorinha-dos-beirais e andorinha-das-chaminés são as mais usuais mas uma observação cuidadosa pode ser recompensada com o avistamento da menos comum andorinha-dáurica. Os andorinhões-pretos e os andorinhões-pálidos sobrevoam frequentemente a zona a baixa altitude chegando mesmo, por vezes, a tocar a superfície da água.



©Helder Costa

Rabirruivo-comum *Phoenicurus ochrurus*



ESPÉCIES A PROCURAR

• alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), ganso-do-egito (TA), goraz (TA), lugre (INV), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), pato-real (TA), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-rabijunco (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), rabirruivo-comum (TA), taralhão-cinzento (OUT), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepedeira-do sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Norte: Campo Grande (ponto de acesso 38.759115, -9.155492)

Sul: Campo Grande (ponto de acesso 38.748712, -9.148537)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris; várias carreiras de diversas operadoras rodoviárias

Metro: Metropolitano de Lisboa (linha amarela; estação Entre Campos ou Campo Grande)

7. Parque José Gomes Ferreira

Freguesia de Alvalade



Até à década de 1940, a zona de Alvalade tinha características campestres e marcava de certa forma o limite norte da cidade de Lisboa. Foi por essa altura que, com a construção do bairro de Alvalade, passou a fazer parte da malha urbana da cidade à custa do desaparecimento de algumas das quintas que aqui existiam. O parque José Gomes Ferreira, também conhecido por Mata de Alvalade, é um dos últimos vestígios desse passado mais ou menos rural e está instalado no que outrora foram as quintas de Alvalade, da Charca e do Narigão.

Este espaço verde, que deve o seu atual nome ao conhecido poeta e escritor, ocupa uma superfície aproximada de 11 ha. Tem um denso coberto vegetal composto sobretudo por espécies de árvores nativas onde se incluem alfarrobeiras, oliveiras, sobreiros e pinheiros-mansos, mas também algumas exóticas como cedros-do-buçaco

(sobretudo no canto norte).

A exploração do sítio é fácil, mas à semelhança do que acontece na generalidade dos parques e jardins de Lisboa, este é um local procurado para práticas desportivas e de lazer, pelo que uma visita de manhã cedo, quando a perturbação é menor e a atividade das aves é maior, será mais produtiva.

Este será porventura um dos parques menos conhecidos de Lisboa no que diz respeito às aves, o que não significa que seja o menos interessante. Pelo contrário, aqui é possível observar um leque bastante razoável de espécies associadas aos meios florestais e urbanos. Por exemplo, o pombo-torcaz, o gaio, o chapim-azul, a felosinha-comum, a toutinegra-de-barrete, a trepadeira-do-sul, o melro-preto, o verdilhão, o pintassilgo e a milheirinha são comuns e podem ser observados um pouco por toda a área.

As manchas de pinhal e de cedros-do-buçaco são frequentadas por espécies como o pica-pau-malhado, o chapim-carvoeiro, o chapim-real, o estorninho-preto, a estrelinha-real e o tentilhão-comum. É também aí, nas árvores mais altas, que gostam de pousar os exóticos periquitão-de-coroa-azul e periquito-rabijunco. Nas zonas de vegetação mais densa e arbustiva é possível encontrar a toutinegra-dos-valados, a carriça ou o pisco-de-peito-ruivo.

Sobre o parque e áreas circundantes juntam-se, por vezes, grande número de andorinhões-pálidos e andorinhões-pretos a alimentar-se. No período de migração pós-nupcial ocorrem diversas espécies em passagem para África, sendo a felosa-musical, o taralhão-cinzentos ou o papa-moscas-preto as mais expectáveis.



© José L. Barros

1



© Helber Costa

2

1. Toutinegra-dos-valados *Sylvia melanocephala*
2. Entrada principal oeste do Parque José Gomes Ferreira



ESPÉCIES A PROCURAR

- andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), felosa-musical (OUT), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), melro-preto (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-rabjunco (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), taralhão-cinzeno (OUT), tentilhão-comum (INV), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

- Viatura própria**
- Diversas opções

Oeste: Avenida Almirante Gago Coutinho (ponto de acesso 38.759460, -9.130223)

Leste: Rua Alferes Malheiro ou Rua João de Deus Ramos (ponto de acesso 38.758881, -9.135520)

Sul: Rua Professor Veiga Beirão (ponto de acesso 38.755778, -9.132436)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

8. Parque das Nações

Freguesia do Parque das Nações



Até meados dos anos 1990 a frente ribeirinha oriental de Lisboa estava ocupada por fábricas e armazéns, alguns dos quais desativados e degradados, que tornavam quase impossível o acesso ao rio. Tudo mudou quando se decidiu organizar aqui a grande exposição mundial EXPO98. A zona foi requalificada, as construções antigas deram lugar a edifícios novos com arquitetura arrojada e foram criados espaços verdes e áreas pedonais ao longo do Tejo.

Em termos de exploração ornitológica isso abriu oportunidades até aí impensáveis. Uma vasta zona de lamas entremarés frequentada por imensas aves aquáticas passou a estar «observável» e os espaços ajardinados que surgiram começaram a atrair um leque diversificado de aves terrestres.

Hoje, a zona do Parque das Nações constitui um local de excelência para a observação de aves e, tendo em conta que se trata de um espaço urbano, pode-se dizer sem exagero que nesse aspeto possui características que conferem a Lisboa uma posição única ao nível das capitais europeias. Com efeito, quais é que se podem gabar de ter flamingos-comuns, colhereiros e muitas outras aves estuarinas no âmbito do seu perímetro urbano?

Para além da diversidade avifaunística, outra das facetas favoráveis desta zona é a facilidade de exploração. Há uma boa oferta de transportes públicos, pode-se andar a pé e circular de bicicleta ou de trotinete.

No âmbito deste livro considerou-se como Parque das Nações a área que se estende desde o Parque Ribeirinho do Oriente (a oeste) até à foz do rio Trancão (a este). Tendo em conta que a zona abrangida é um pouco extensa optou-se por subdividi-la em três sítios que se afiguram merecer um pouco mais de atenção do visitante observador de aves.

CAIS DA MATINHA E PARQUE RIBEIRINHO DO ORIENTE

O Cais da Matinha é um ancoradouro, hoje pouco utilizado, que fica situado junto à antiga Quinta da Matinha. Terá nascido por volta



1. Garajau-de-bico-preto *Thalasseus sandvicensis* 2. Parque das Nações



© Helder Costa

3



© Helder Costa

de 1940, quando aqui foi construída a Fábrica de Gás de Lisboa. A faixa de terrenos que se estendem para sudoeste ao longo do rio, e que estava votada ao abandono, foi transformada recentemente num espaço verde aprazível com relvados e arbustos diversos e batizada como Parque Ribeirinho do Oriente.

A exploração da zona é ser feita a partir do paredão que se estende ao longo da margem do rio, idealmente na maré vazia. O acesso pode ser feito a pé desde a zona da Expo (caminhando para sul) ou então a partir da Rua Cintura do Porto.

O cais e a orla ribeirinha adjacente são excelentes sítios para observar aves aquáticas. As estruturas e fios aéreos existentes são utilizados como pouso por muitos corvos-marinhos, gaivotas e garajaus-de-bico-preto. Nas lamas que ficam expostas durante a maré vazia na zona interior do cais é possível ver o guincho-comum, a gaivota-de-cabeça-preta, a gaivota-d'asa-escura e, por vezes, o fagemo. O borrelho-grande-de-coleira, o borrelho-de-coleira-interrompida, a rola-do-mar e o pilrito-das-praias são também presenças regulares.

O Parque Ribeirinho do Oriente é frequentado por diversas espécies de aves residentes comuns nos espaços ajardinados da capital. Para além disso, este é um bom local para procurar aves migratórias no período pós-nupcial e, entre elas, contam-se o chasco-cinzento ou a alvéola-amarela-comum.

JARDIM DO CABEÇO DAS ROLAS

Este pequeno jardim que se eleva até aos 33 metros de altitude constitui o ponto mais alto do Parque das Nações. Concebido pelo arquiteto Gonçalo Ribeiro Teles, deve o seu nome ao facto de, em tempos, ter sido provavelmente um local de passagem de rolas-bravas. O espaço desenvolve-se em terraços e tem algumas áreas relvadas onde foram plantadas diversas árvores e arbustos. No topo há um espelho de água que resulta do aproveitamento de um antigo tanque de combate a incêndios da refinaria que existia nas proximidades.

A exploração pode ser feita a partir da Alameda dos Oceanos. Não obstante a sua reduzida dimensão, este jardim surpreende pela elevada diversidade de espécies que já aí foi registada. É verdade que a maior parte são migradoras e muitas delas ocasionais mas, mesmo assim, na altura certa é possível observar a felosa-poliglota, a felosa-musical, o papa-amoras-comum, o taralhão-cinzentos, o papa-moscas-preto, o rabirruivo-de-testa-branca ou o chasco-cinzentos, entre outras.

PARQUE DO TEJO E DO TRANCÃO

O Parque do Tejo e do Trancão ocupa uma área aproximada de 90 ha e estende-se ao longo da margem do Tejo desde as imediações da Ponte Vasco da Gama (a sul) até à foz do rio Trancão (a norte).

A exploração pode ser feita pelo Passeio do Tejo, que segue junto ao rio por cerca de 2,5 km, a partir de onde, sobretudo na maré vazia, é possível observar um leque bastante alargado de aves aquáticas onde se incluem, por exemplo, o

pato-real, a marrequinha, o flamingo-comum, o colhereiro, a garça-real, a garça-branca-pequena, o alfaiate, a tarambola-cinzentos, o maçarico-galego, o milherango, o pilrito-de-peito-preto e o perna-vermelha-comum.

É recomendável uma paragem mais demorada na foz do rio Trancão, pois daí consegue-se ver a parte terminal do mouchão da Póvoa, local onde habitualmente se concentra grande número de aves. A águia-pesqueira e a águia-sapeira são vistas à distância a partir daqui. Convém referir que um telescópio, embora não essencial, poderá ser aqui bastante útil.

As zonas ajardinadas não devem ser negligenciadas pois, por vezes, albergam uma boa diversidade de aves, sobretudo no período de migração pós-nupcial. Os terrenos envolventes da ETAR de Beirolas, junto à ponte Vasco da Gama, costumam ser os mais produtivos e podem ser explorados a partir do Caminho das Cegonhas e do Caminho dos Rouxinóis. O acesso a esta zona com viatura própria é feito a partir da Rua Chen He.

PARQUE DAS NAÇÕES ZONA SUL



1 Parque Ribeirinho do Oriente

2 Cais da Matinha

3 Jardim do Cabeço das Rotas



ESPÉCIES A PROCURAR

- águia-pesqueira (OUT/INV), águia-sapeira (TA), alfaiate (PRI/OUT/INV), alvéola-amarela-comum (OUT), borrelho-de-coleira-interrompida (TA), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), chasco-cinzento (OUT), colhereiro (TA), corvo-marinho (OUT/INV), famego (PRI/INV), felosa-musical (OUT), felosa-poliglota (OUT), flamingo-comum (TA), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), garajau-de-bico-preto (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), guincho-comum (TA), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), marrequinha (OUT/INV), milherango (PRI/OUT/INV), papa-amoras-comum (OUT), papa-moscas-preto (OUT), pato-real (TA), perna-vermelha-comum (PRI/OUT/INV), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), rabirruivo-de-testa-branca (OUT), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), taralhão-cinzento (OUT), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV)



QUANDO VISITAR

- Outono e inverno



ACESSOS

Viatura própria

- Diversas opções

Norte: Rua da Cotovia (ponto de acesso 38.795826, -9.098077)

Centro: Avenida D. João II (ponto de acesso 38.767829, -9.097759)

Sul: Rua Cintura do Porto (ponto de acesso 38.743028, -9.098456)

Transportes públicos

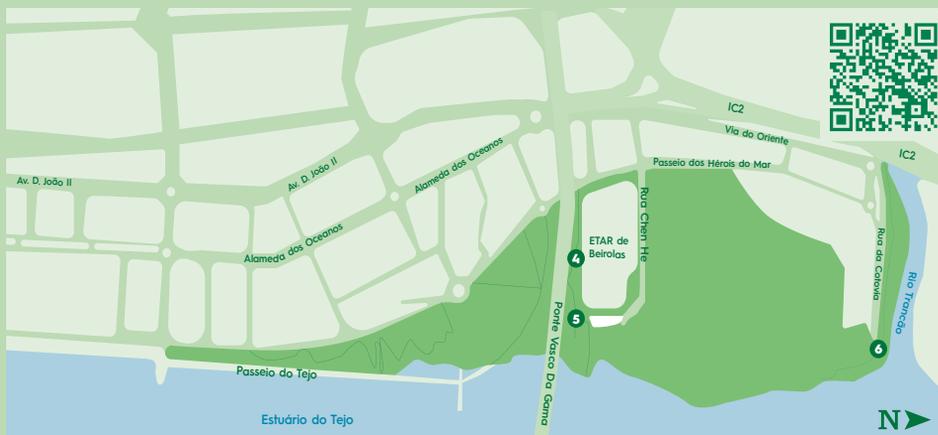
- Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris; várias carreiras de diversas operadoras rodoviárias

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linhas da Azambuja, do Norte e de Sintra; estação Gare do Oriente)

Metro: Metropolitano de Lisboa (linha vermelha; estação Oriente)

PARQUE DAS NAÇÕES ZONA NORTE



4

Caminho das Cegonhas

6

Foz do Trancão

5

Caminho dos Rouxinóis



Corpo de água

9. Parque da Bela Vista

Freguesia de Marvila



É possível que a maioria das pessoas associe o Parque da Bela Vista aos festivais de música que aqui têm decorrido nos últimos anos. É certo que esses eventos atraem multidões mas, apesar disso, este parque continua ainda relativamente desconhecido na sua essência e, sobretudo, na vertente ornitológica.

Antiga propriedade rural, como tantas outras que existiam na periferia oriental da cidade, este espaço desenvolve-se num declive suave para sudeste a partir do pico, assinalado por um vértice geodésico a cerca de 108 metros de altitude, donde se desfruta uma excelente panorâmica quer sobre o rio Tejo quer, para norte, sobre o bairro de Alvalade e o aeroporto (daí o nome Bela Vista). O parque é atravessado pela Avenida Marechal António de Spínola que o divide em duas áreas e o separa do adjacente Parque Urbano do Vale da Montanha que, por motivos práticos e porque está interligado, é aqui englobado sob esta designação genérica.

A zona mantém hoje algumas das suas características campestres originais. A vegetação apresenta traços mediterrânicos e inclui alguns olivais, pequenas manchas de pinheiros-mansos, de sobreiros, matos com medronheiros. Existem também amplos espaços abertos com relvados e prados de sequeiro. Este mosaico de habitats permite a existência de uma avifauna diversificada. O parque possui uma vasta rede de caminhos e ciclovias que permitem uma fácil exploração. Na parte sul existe uma ponte pedonal sobre a via-férrea que faz a ligação às Olaias e ao Parque do Casal Vistoso e que pode ser um acesso a considerar para quem queira explorar a pé a partir do Areeiro.

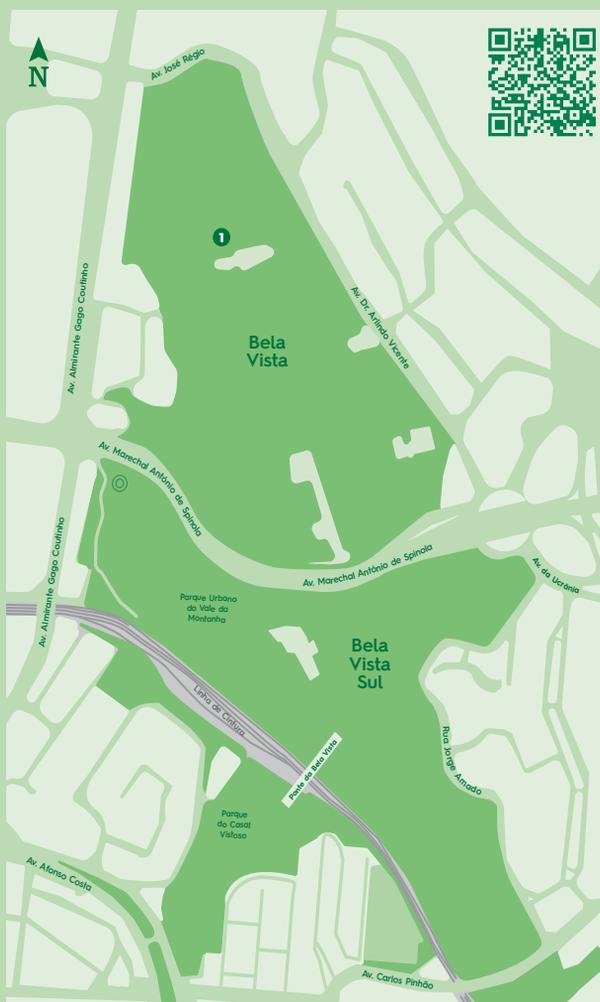
Os terrenos abertos são frequentados, dependendo da época, por espécies como a poupa, a

cotovia-de-poupa, a fuinha-dos-juncos, o chasco-cinzento, a petinha-dos-prados, a petinha-das-árvores ou a alvéola-branca. Por vezes aí se juntam grandes bandos de estorninhos (malhados e pretos). Estas zonas mais abertas são também utilizadas como local de alimentação por andorinhões (pálidos e pretos) e andorinhas (andorinhas-dos-beirais, andorinhas-das-chaminés e, entre elas, uma ou outra andorinha-dáurica) que, por vezes, se congregam sobre elas em bom número. É aí que o peneireiro-comum costuma caçar.

Nas zonas arborizadas é possível encontrar os exóticos periquitão-de-coroa-azul e periquito-rabijunco, para além de espécies como o pombo-torcaz, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a toutinegra-de-barrete, a trepadeira-do-sul, a estrelinha-real, o verdilhão, o pintasilgo ou a milheirinha. No período de migração pós-nupcial o papa-moscas-preto e o taralhão-cinzento são comuns. As manchas de vegetação arbustiva são frequentadas pela toutinegra-dos-valados.



Poupa *Upupa epops*



1 Vértice geodésico da Bela Vista



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

- Viatura própria**
- Diversas opções

Norte: Avenida Dr. Arlindo Vicente (ponto de acesso 38.750623, -9.124261)

Sul: Rua Jorge Amado (ponto de acesso 38.745144, -9.122165)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

Metro: Metropolitano de Lisboa (linha vermelha; estação Olaias ou Bela Vista)

NOTAS

- O parque tem interesse geológico e está incluído na lista dos geomonumentos de Lisboa



ESPÉCIES A PROCURAR

• alvéola-branca (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), chasco-cinzento (OUT), cotovia-de-poupa (TA), estorninho-malhado (INV), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), fuinha-dos-juncos (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), peneireiro-comum (TA), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-rabijunco (TA), petinha-das-árvores (OUT), petinha-dos-prados (OUT/INV), pintassilgo (TA), pombo-torcaz (TA), poupa (TA), taralhão-cinzento (OUT), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)

10. Jardim da Gulbenkian

Freguesia de São Sebastião



O Jardim da Gulbenkian é um dos mais emblemáticos da cidade de Lisboa. O espaço hoje existente nasceu na década de 1960 e resultou em parte do aproveitamento do Parque de Santa Gertrudes, construído em meados do século XIX na denominada Quinta do Provedor dos Armazéns. Pelo meio, o local serviu de jardim zoológico, feira popular e até de velódromo e hipódromo. Concebido segundo projeto dos arquitetos paisagistas António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles, o parque viria a ser reabilitado no ano 2000 pelo último.

A vegetação do jardim é composta sobretudo por árvores e arbustos autóctones. Uma das imagens de marca do espaço é o lago de grandes dimensões com vegetação ripícola nas margens.

A diversidade de aves que frequenta o sítio é bastante razoável, sobretudo se se tiver em conta que o espaço não é muito grande e que fica situado no centro da cidade. A sua exploração é

bastante fácil, mas convém ter em conta que este é um dos jardins mais populares e visitados da cidade, não só pelas suas características mas também porque fica na envolvente do Museu de Arte Moderna e do Museu Gulbenkian que constituem dois polos de atração turística. Por esse motivo, é mais recomendável uma visita matinal, quando o movimento de pessoas é menor.

No lago e imediações podem ser vistas sem dificuldade espécies como o pato-real ou a galinha-d'água. O goraz, a garça-real e a alvéola-cinzenta aparecem com alguma regularidade e, mais ocasionalmente, o corvo-marinho, o guarda-rios ou o rouxinol-dos-caniços. Por vezes juntam-se bastantes andorinhas sobre o espelho de água. A maior parte são andorinhas-dos-beirais, a que se juntam algumas andorinhas-das-chaminés e até uma ou outra andorinha-dáurica. Também os andorinhões-pálidos e os andorinhões-pretos sobrevoam a zona com frequência à procura dos insetos de que se alimentam.

O pombo-torcaz, o pica-pau-malhado, o periquitão-de-coroa-azul, o periquito-rabijunco e o estorninho-preto frequentam os estratos mais elevados das manchas de arvoredo. Para além disso, dependendo da época, estas zonas arborizadas são igualmente utilizadas por espécies como o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, a felosinha-comum, a toutinegra-de-barrete, a estrelinha-real, o verdilhão, o pintassilgo a milheirinha ou o lugre.

Nas zonas de vegetação arbustiva mais densa e sombria é possível encontrar a toutinegra-dos-valados, a carriça, o tordo-pinto ou o pisco-de-peito-ruivo.



©Diogo Oliveira



ESPÉCIES A PROCURAR

• alvéola-cinzenta (OUT/INV), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), andorinha-dos-beirais (EST), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), corvo-marinho (INV), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), galinha-d'água (TA), garça-real (INV), goraz (TA), guarda-rios (OUT/INV), lugre (INV), milheirinha (TA), pato-real (TA), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-rabijunco (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombotorcaz (TA), rouxinol-dos-caniços (OUT), tor-do-pinto (INV), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Norte: Avenida de Berna (ponto de acesso 38.737934, -9.155268)

Oeste: Avenida António Augusto de Aguiar (ponto de acesso 38.736140, -9.155290)

Leste: Rua Marquês Sá da Bandeira (ponto de acesso 38.737310, -9.152531)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

Metro: Metropolitano de Lisboa (linhas azul e vermelha; estação São Sebastião ou Praça de Espanha)

11. Parque Eduardo VII

Freguesia das Avenidas Novas



O Parque Eduardo VII é uma das principais zonas verdes do centro de Lisboa e uma das mais conhecidas também. Ocupa uma área aproximada de 25 ha e estende-se desde a rotunda do Marquês de Pombal (a sul) até ao Jardim Amália Rodrigues (no extremo norte). O espaço foi concebido pelo arquiteto Keil do Amaral em inícios do século passado que lhe conferiu o formato retangular e eliminou um grande lago que havia junto à atual rotunda do Marquês do Pombal. Inicialmente chamava-se Parque da Liberdade, mas foi rebatizado em 1903 aquando da visita do rei Eduardo VII de Inglaterra.

O parque tem uma faixa central relvada e aberta que está ladeada por espaços ajardinados e manchas de arvoredos onde coexistem diversas espécies de árvores. No extremo noroeste situa-se a Estufa Fria, nas imediações da qual existe um lago. Na parte leste fica o Pavilhão Carlos Lopes.

As possibilidades de exploração em termos ornitológicos são múltiplas. Convém no entanto ter em conta que este é um jardim bastante popular, pelo que o ideal é planear uma visita para de manhã cedo de forma a desfrutar de maior tranquilidade.

A zona envolvente do pavilhão Carlos Lopes é uma das que poderá ser mais produtiva. O coberto arbóreo aí é constituído maioritariamente por pinheiros-mansos e, consoante a época, é frequentado por espécies como o pombo-torçaz, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a felosa-musical, a felosinha-comum, a trepadeira-do-sul, o tarlhão-cinzento, o papa-moscas-preto, a estrelinha-real ou o tentilhão-comum. Os exóticos periquito-de-coroa-azul e periquito-rabijunco são também presença habitual. Outro sítio que vale a pena explorar é o lago

existente junto à Estufa Fria onde, para além de alguns patos domésticos e exóticos, é possível encontrar a galinha-d'água, a alvéola-cinzenta e, ocasionalmente, o goraz e a garça-real. No arredo da zona envolvente podem-se ainda procurar o pica-pau-malhado, o verdilhão, o pintassilgo, a milheirinha ou o lugre.

Os relvados mais abertos são utilizados pela pethinha-dos-prados e pela alvéola-branca, ao passo que as manchas de vegetação mais densa e arbustiva são o local preferido dos piscos-de-peito-ruivo.



©José L. Barros

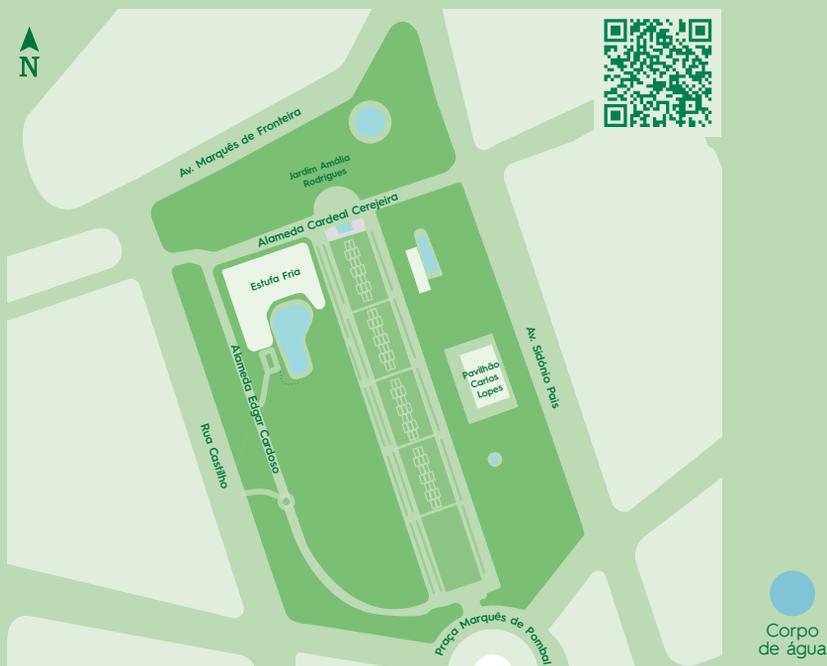
1



©Halder Costa

2

1. Chapim-azul *Cyanistes caeruleus*
2. Lago junto à Estufa Fria



ESPÉCIES A PROCURAR

- alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (OUT/INV), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estrelinha-real (TA), felosa-musical (OUT), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), galinha-d'água (TA), garça-real (INV), goraz (EST), lugre (INV), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-rabijunco (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (INV), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

- Viatura própria
- Diversas opções

Noroeste: Alameda Cardeal Cerejeira (ponto de acesso 38.730557, -9.154624)

Oeste: Alameda Edgar Cardoso (ponto de acesso 38.727795, -9.155105)

Leste: Avenida Sidónio Pais (ponto de acesso 38.729251, -9.150720)

Sudeste: Praça Marquês de Pombal (ponto de acesso 38.726060, -9.150558)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

Metro: Metropolitano de Lisboa (linhas amarela e azul; estação Marquês de Pombal ou Parque)

NOTAS

- A Feira do Livro de Lisboa decorre anualmente no local e durante o período da sua duração as condições para a observação de aves ficam bastante condicionadas

12. Parque Florestal de Monsanto

Freguesias de Benfica, São Domingos de Benfica, Campolide, Campo de Ourique, Belém, Ajuda, Alcântara



Até aos primeiros anos do século XX, a serra de Monsanto era um local desarborizado. Grande parte da sua área estava coberta por searas, baldios e pastagens. Havia vários moinhos, algumas pedreiras e estruturas militares defensivas. A ideia de florestar a serra nasceu nos finais do século XIX e partiu do Eng. João Maria de Magalhães. Contudo, foi só em 1938 que os trabalhos de florestação começaram, impulsionados por Duarte Pacheco, então Ministro das Obras Públicas, e de acordo com um decreto-lei que tinha feito aprovar em 1934.

O projeto foi desenvolvido pelo arquiteto Keil do Amaral, tendo sido plantadas cerca de um milhão de árvores e arbustos de alto porte pertencentes a mais de 140 espécies.

Hoje, o Parque Florestal de Monsanto é considerado o «pulmão» de Lisboa. Ocupa uma área aproximada de 1000 ha, apresentando um coberto vegetal diverso onde predominam o pinheiro-manso, o pinheiro-de-alepo, o sobreiro, a azinheira, o carvalho-português, o eucalipto e o cedro-do-buçaco, entre outras árvores.

Em termos ornitológicos, o Parque Florestal de Monsanto é excelente para procurar aves dos meios florestais. Algumas delas poderão ser mais facilmente ouvidas do que vistas pelo que conhecer o canto e os chamamentos de algumas das espécies mais comuns será decerto uma vantagem.

Apesar de vasto, este é um local fácil de explorar pois existem vários quilómetros de trilhos pedestres e de ciclovias interligadas que cobrem praticamente toda a área. Os locais que se indicam de seguida devem ser encarados como meras sugestões e não esgotam todas as possibilidades de abordagem. Convém salientar que o Parque Florestal de Monsanto é um espaço popular e bastante procurado para atividades de desporto e lazer.

O número de visitantes costuma ser mais elevado aos fins de semana pelo que, nessas alturas, alguns dos sítios mencionados poderão estar sujeitos a uma maior perturbação.



1



2

1. Luneta dos Quartéis
2. Estrelinha-real *Regulus ignicapilla*



©Ana M. do Carmo

3



©José L. Barros

4

ALAMEDA E ANFITEATRO KEIL DO AMARAL

A Alameda e o anfiteatro Keil do Amaral ficam situados numa encosta a partir de onde se desfruta de uma vista panorâmica sobre o Tejo e a sua margem sul. A mancha florestal existente nesta zona é extensa e diversa e em muitos locais apresenta um sub-coberto arbustivo bem desenvolvido. Imediatamente a norte do anfiteatro há uma área aberta vedada, de uso militar, onde estão instaladas algumas antenas.

A exploração da zona é fácil e pode ser feita, por exemplo, a partir da Estrada do Penedo. Daí chega-se não só ao miradouro como à avenida e também a vários percursos pedestres que se internam pela mata envolvente. Percorrendo lentamente esses trilhos e caminhos é possível ver o pombo-torcaz, a rola-brava, o pica-pau-malhado, o periquitão-de-coroa-azul, o periquito-rabijunco, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-comum, a trepadeira-do-sul, a trepadeira-azul, o tordo-pinto, o pisco-de-peito-ruivo, o tentilhão-comum, o verdilhão, o pintassilgo, a milheirinha, o lugre ou a escrevedeira-de-garganta-preta. Nos céus, andorinhões-pálidos e andorinhões-pretos juntam-se, por vezes em número razoável, procurando os insetos de que se alimentam.

Vale a pena inspecionar também os terrenos mais abertos no interior das instalações militares, pois são frequentados pela águia-d'asa-redonda, por bandos de estorninhos-pretos e, no período de migração pós-nupcial, por taralhões-cinzentos e papa-moscas-pretos.

MIRADOURO DOS MONTES CLAROS

A sudoeste do Anfiteatro Keil do Amaral, e não muito longe daí, fica situado o miradouro de Montes Claros. O espaço do miradouro é ajardinado e inclui um lago estreito e comprido. Na envolvente existem manchas de pinheiros-mansos e de cedros-do-buçaco, bosquetes de carvalhos e algumas oliveiras.

3. Trepadeira-do-sul *Certhia brachydactyla*
4. Rola-brava *Streptopelia turtur*

No lago é possível encontrar alguns patos domésticos e também a alvéola-cinzenta e a alvéola-branca. Já a mancha florestal adjacente é frequentada por um leque razoável de espécies, que não difere muito das existentes na zona do anfiteatro anteriormente mencionada.

Vale a pena investir algum tempo para, tirando partido do amplo campo de visão, procurar aves de rapina em voo na região circundante. A águia-d'asa-redonda ou o peneireiro-comum são as hipóteses mais prováveis mas, por vezes, há surpresas e o gavião ou o açor são sempre uma possibilidade a considerar.

LUNETAS DOS QUARTÉIS, MOINHOS DO MOCHO E FORTE DE MONSANTO

A Luneta dos Quartéis e o forte do Marquês de Sá da Bandeira, também conhecido como forte do Monsanto, faziam parte do denominado Campo Entrincheirado de Lisboa um conjunto de fortificações defensivas construídas na serra de Monsanto nos finais do século XIX e inícios do século XX que visavam a proteção da capital. Nos anos 30 e 40 do século XX, foram instalados alguns miradouros na serra e foi nessa altura que o espaço militar da Luneta dos Quartéis foi transformado para esse fim, o mesmo sucedendo à zona envolvente de dois moinhos das imediações conhecidos como os Moinhos do Mocho.

O acesso a estes sítios pode ser feito a partir da estrada de Monsanto (ponto de acesso 38.731294, -9.198085). Os miradouros ficam a oeste, ao passo que o forte do Monsanto fica para leste. A melhor forma de explorar a área é a pé. A partir da Luneta dos Quartéis sai um trilho que passa no miradouro dos Moinhos do Mocho ao longo do qual é possível encontrar um leque interessante de espécies florestais.

Cruzando a Estrada de Monsanto para leste e seguindo a Estrada do Forte de Monsanto (trânsito permitido apenas a transportes públicos e moradores) ou o trilho do circuito de manutenção paralelo (a sul), chega-se passados cerca de 500 metros ao forte do Monsanto, onde funciona agora o Estabelecimento Prisional de Monsanto. Nas imediações existem terrenos abertos que são frequentados por espécies como a águia-d'asa-redonda, o peneireiro-comum, a fuinha-dos-juncos ou o cartaxo-comum. Para além disso, nalguns invernos podem aparecer cruza-bicos na mancha florestal adjacente que é também

utilizada por diversas outras espécies.

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE MONSANTO (CIM)

O Centro de Interpretação de Monsanto (CIM) é um espaço polivalente dedicado à divulgação ambiental e onde os interessados poderão obter informação detalhada sobre o parque florestal. O acesso a este local é feito a partir da Estrada do Barcal (38.740782, -9.186320).

A área em redor do CIM está coberta por um denso bosque de sobreiros com sub-coberto desenvolvido e pode ser explorada a pé através dos vários trilhos existentes. Nas imediações há uma zona vedada com 16 ha, denominada Espaço Biodiversidade, que apenas é visitável mediante marcação. Os interessados deverão contactar o CIM para obter esclarecimentos (ver Anexo 2).

À semelhança do que acontece noutros locais do parque, este é também um sítio para procurar aves florestais.

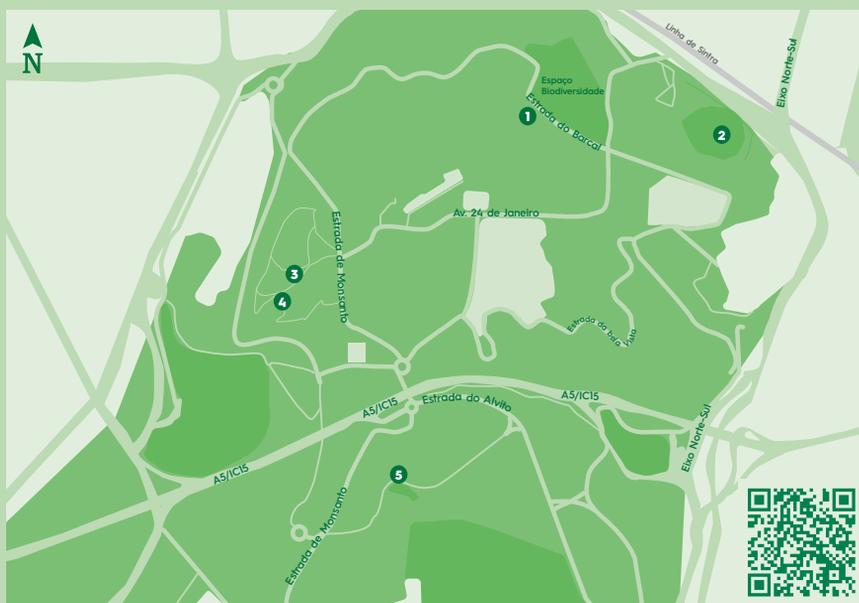
PARQUE DO CALHAU

O Parque do Calhau fica situado no limite nordeste do parque florestal. É uma zona de lazer onde há um amplo parque de merendas e que tem a particularidade de ter uma mancha de montado de sobre aberta que é a única que existe em Monsanto. O parque pode ser facilmente explorado a pé e é acedido a partir da Rua António Macedo.

Em termos ornitológicos, são observáveis muitas das espécies florestais típicas em Monsanto. Para além disso, por vezes, a perdiz é vista nos terrenos mais abertos.



5



- 1** Centro de Interpretação de Monsanto
- 2** Parque do Calhau
- 3** Luneta dos Quartéis
- 4** Miradouro dos Moinhos do Mocho
- 5** Alameda e Anfiteatro Keil do Amaral



ESPÉCIES A PROCURAR

• açor (TA), águia-d'asa-redonda (TA), alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (OUT/INV), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), cartaxo-comum (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), chasco-cinzento (OUT), cruza-bico (INV), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), estorninho-preto (TA), felosa-musical (OUT), felosa-poliglota (OUT), felosinha-comum (OUT/INV), foinha-dos-juncos (TA), gavião (TA), lugre (INV), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-rabijunco (TA), petinha-das-árvores (OUT), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), rola-brava (EST), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (INV), tordo-pinto (INV), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Centro leste: A5/IC15 (ponto de acesso 38.725648, -9.190904)

Centro oeste: A5/IC15 (ponto de acesso 38.725359, -9.197271)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha de Sintra; estação Benfica)

13. Parque Recreativo dos Moinhos de Santana

Freguesia de Belém



Outroza havia na serra de Monsanto e imediações dezenas de moinhos. Hoje, bem conservados, restam apenas dois, os denominados Moinhos de Santana. Estes engenhos foram edificados no século XVIII para as freiras dominicanas Irlandesas e dão o mote ao parque de 5 ha situado na orla ocidental da serra.

Trata-se de um espaço vedado mas de acesso livre e com um horário de funcionamento definido (ver Anexo 2). O parque estende-se em declive pela encosta que desce dos moinhos e possui espaços relvados, um pequeno lago, uma reduzida mancha de pinhal-manso, diversas alfarrobeiras, amendoeirais e figueiras. Graças a estas características o local é bastante atrativo para diversas aves.

Espécies exóticas como o periquitão-de-coroa-azul, o periquito-rabijunco e o mainato-de-poupa são presença habitual. Mais raros e irregulares são o torcicolo ou o lugre. Toda a zona é frequentemente sobrevoada por andorinhões-pálidos,

andorinhões-pretos, andorinhas-dos-beirais, andorinhas-dáuricas e andorinhas-das-chaminés.

Nas manchas de arvoredo é relativamente fácil observar o pombo-torcaz, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a toutinegra-dos-valados, a trepadeira-do-sul, o estorninho-preto, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha. O mesmo se passa com a petinha-dos-prados e a alvéola-branca nos espaços abertos e com o rabirruivo-comum nas zonas edificadas.

Este é um sítio particularmente interessante no período de migração pós-nupcial altura em que, a par com as aves residentes, podem ser encontradas diversas espécies que nessa altura do ano estão a caminho de África. Durante algumas semanas, o espaço enche-se de taralhões-cinzentos, papa-moscas-pretos e felosas-musicais ocorrendo também nessa altura alguns chasco-cinzentos e petinhas-das-árvores.



1



2



ESPÉCIES A PROCURAR

- alvéola-branca (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), chasco-cinzento (OUT), estorninho-preto (TA), felosa-musical (OUT), gaio (TA), lugre (INV), mainato-de-poupa (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-rabijunco (TA), petinha-das-árvores (OUT), petinha-dos-prados (OUT/INV), pintassilgo (TA), pombo-torcaz (TA), rabirruivo-comum (TA), taralhão-cinzento (OUT), torcicolo (OUT/INV), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

- Viatura própria
- Diversas opções

Norte: Estrada de Caselas (ponto de acesso 38.710386, -9.205684)

Sul: Rua Tristão Vaz (ponto de acesso 38.708506, -9.206251)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: carreiras 79B e 728 da Carris; carreira 144 da Vimeca

14. Tapada da Ajuda

Freguesia de Alcântara



A origem da Tapada da Ajuda remonta ao século XVII, altura em que o rei D. João IV mandou criar a então chamada Tapada Real de Alcântara. A designação atual passou a ser dada quando, após o terramoto de 1755, a família real se mudou para os altos da Ajuda. Trata-se de um espaço murado que confina com o Parque Florestal de Monsanto e onde, atualmente, funciona o Instituto Superior de Agronomia, responsável pela sua gestão.

A tapada possui um coberto vegetal diversificado e interessante. Para além disso, tem também algumas áreas agrícolas, nomeadamente pequenos pomares e hortas, uma vinha e um amplo terreno aberto central utilizado para culturas de sequeiro denominado Terra Grande.

O acesso à tapada é condicionado, e o espaço tem um horário de funcionamento definido, mas é possível entrar a pé e de bicicleta gratuitamente ou de carro mediante pagamento (ver Anexo 2). No interior há uma vasta rede de estradas e caminhos que permitem uma fácil exploração. A área envolvente aos edifícios do Instituto Superior de Agronomia tem mais movimento de pessoas devido às atividades letivas, pelo que a melhor tática consiste em explorar as zonas mais afastadas situadas a norte.

Os exóticos periquitão-de-coroa-azul e periquito-rabijunco são presença habitual. Este é também um dos poucos locais de Lisboa onde atualmente ocorre o periquito-massarongo.

As vinhas são frequentadas pela perdiz, enquanto os terrenos agrícolas abertos da Terra Grande são o local para procurar a gralha-preta, o chasco-cinzento, a petinha-das-árvores e a petinha-dos-prados. Essas áreas mais abertas são muitas vezes sobrevoadas por andorinhões-páli-

dos, andorinhões-pretos, andorinhas-dos-beirais, andorinhas-dáuricas e andorinhas-das-chaminés que aí procuram os insetos de que se alimentam. Algumas aves de rapina sobrevoam por vezes a zona sendo as mais usuais a águia-dasa-redonda e o peneireiro-comum.

Na mancha forestal os pombos-torcazes são comuns, ao contrário da rola-brava, que é relativamente rara e difícil de encontrar. Outras espécies que podem ser vistas com maior ou menor dificuldade neste tipo de habitat são o pica-pau-malhado-grande, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a trepadeira-do-sul, o tordo-pinto, a estrelinha-real, o tentilhão-comum e o lugre. Nas zonas com sub-coberto arbustivo mais denso podem-se escutar a toutinegra-dos-valados, a carriça ou o pisco-de-peito-ruivo.

Um pouco por toda a área são observáveis espécies como a felosinha-comum, a toutinegra-de-barrete, o estorninho-preto, o taralhão-cinzento, o papa-moscas-preto, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha.



Perdiz *Alectoris rufa*



1

Portão do Pólo da Ajuda

2

Portão de Monsanto

3

Portão Jau

4

Portão da Ponte



Corpo de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), corriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), chasco-cinzeno (OUT), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), gralha-preta (TA), lugre (INV), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), peixeiro-comum (TA), perdiz (TA), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-massarongo (TA), periquito-rabijunco (TA), petinha-das-árvores (OUT), petinha-dos-prados (OUT/INV), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), rola-brava (EST), taralhão-cinzeno (OUT), tentilhão-comum (INV), tor-do-pinto (INV), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Sul: Portão Jau, Calçada da Tapada (ponto de acesso 38.706152, -9.182592)

Leste: Portão de Monsanto, Estrada do Alvio (ponto de acesso 38.716110, -9.183535)

Oeste: Portão do Pólo da Ajuda (ponto de acesso 38.713903, -9.192976)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linhas da Azambuja e de Sintra; estação Alcântara Terra)

Elétrico: carreiras 25E e 28E da Carris (paragem Campo de Ourique-Prazeres)

15. Tapada das Necessidades

Freguesia da Estrela



Nos inícios do século XVII foi erigida uma ermida no «Alto de Alcântara» dedicada a Nossa Senhora das Necessidades que passou a ser visitada por muita gente. Também os reis de Portugal viriam a desenvolver devoção por este culto. Foi D. João V que, após recuperar de prolongada doença e em sinal de agradecimento pelas graças recebidas, concebeu o projecto de substituir a antiga ermida por um conjunto de edifícios que incluía uma igreja, um convento e um palácio. A tapada viria a nascer no século XVIII ocupando o espaço da cerca do convento das Necessidades. Inicialmente destinada a usufruto dos monges, com o tempo, converteu-se em local de lazer para a família real.

Nos dias que correm, a tapada é uma «ilha» quase esquecida no meio da cidade, frequentada sobretudo por quem mora nas imediações, que se desenvolve em declive na encosta oeste do vale de Alcântara.

Como a designação deixa transparecer, trata-se de uma área murada com cerca de 10 ha. de acesso livre mas com um horário de funcionamento definido. Junto à entrada principal existem zonas relvadas, mas a maior parte do espaço encontra-se coberto por uma mata que inclui não só diversas espécies de árvores autóctones mas também algumas exóticas.

Este é um excelente sítio para encontrar diversas aves ligadas aos meios urbanos e florestais. Percorrendo os caminhos existentes e procurando no arvoredo mais denso é possível observar o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a toutinegra-de-barrete, o tordo-pinto ou o pisco-de-peito-ruivo. Mais difícil de ver, por causa do seu pequeno tamanho e devido ao facto de passar a maior parte do tempo nas copas das árvores, é a estrelinha-real cuja presença é de-

nunciada pelo seu canto agudo.

Outras espécies comuns que poderão ser observadas com facilidade neste local são o pombo-torcaz, o periquito-rabijunco, o gaio, a felosinha-comum, a trepadeira-do-sul, o estorninho-preto, o tentilhão-comum, o verdilhão, o pintassilgo e a milheirinha. Durante o período de migração pós-nupcial ocorrem a felosa-musical, o papa-moscas-preto ou o tarlhão-cinzento.

A rola-brava ainda frequenta a área, mas é incomparavelmente mais rara que a sua congénere rola-turca que é quase omnipresente.



©José L. Barros

1



©Halder Costa

2

1. Tentilhão-comum *Fringilla coelebs*
2. Tapada das Necessidades



ESPÉCIES A PROCURAR

- chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), felosa-musical (OUT), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), periquito-rabijunco (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), rola-brava (EST), rola-turca (TA), taralhão-cinzentos (OUT), tentilhão-comum (INV), tordo-pinto (INV), toutinegra-de-barrete (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Norte: Rua do Borja (ponto de acesso 38.711048, -9167867)

Sul: Largo das Necessidades (ponto de acesso 38.707112, -9171269)

Transportes públicos
• Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris
Comboio: CP-Comboios de Portugal (linhas da Azambuja e de Sintra; estação Alcântara Terra)
Elétrico: carreiras 25E e 28E da Carris (paragem Campo de Ourique-Prazeres)

16. Jardim da Estrela

Freguesia da Estrela



O Jardim da Estrela, ou Jardim Guerra Junqueiro como foi renomeado, é um dos espaços verdes mais emblemáticos e populares da cidade de Lisboa. A iniciativa da sua construção, nuns terrenos situados em frente à Basílica da Estrela, deveu-se a António Bernardo da Costa que para isso contou com o apoio da rainha D. Maria II e com generosas doações de particulares. De inspiração romântica, o jardim foi inaugurado em 3 de abril de 1852 com o objetivo de oferecer aos lisboetas um espaço de repouso e de lazer, funções que cumpriu ao longo dos tempos até aos nossos dias.

O jardim ocupa uma área de 4,6 ha e está delimitado por um gradeamento de ferro forjado. Tem um coberto arbóreo interessante e diversificado, espaços relvados e dois pequenos lagos. Tem também equipamento diverso de lazer, um coreto e um miradouro que atualmente já não proporciona grandes vistas não só devido ao crescimento da vegetação como ao desenvolvimento urbano envolvente.

Apesar de ser um espaço pequeno e bastante movimentado, aqui é possível encontrar com relativa facilidade diversas espécies de aves características dos espaços ajardinados lisboetas. A faixa central é onde se concentra o maior número de utilizadores, pois é aí que se situam as esplanadas e é a via que liga os dois acessos principais. Por esse motivo, a melhor tática consiste em explorar as zonas laterais, nomeadamente nas imediações do miradouro na parte leste, que poderão ser mais sossegadas e produtivas.

O exótico periquito-rabijunco é comum e há já vários anos que é reportado no local. De aparecimento mais recente na cidade, também o periquito-de-coroa-azul pode agora ser visto na área.

Na primavera, o melodioso canto da toutinegrade-barrete é um dos sons naturais dominantes e os ares são cruzados por andorinhões-pálidos, andorinhões-pretos, andorinhas-dos-beirais e andorinhas-das-chaminés. O potente canto da carriça denuncia a sua presença nas manchas de vegetação mais densa que são também frequentadas pelo pisco-de-peito-ruivo.

No arvoredado, a trepadeira-do-sul é presença regular é vista com frequência a alimentar-se subindo pelo tronco das árvores. Espécies como o pombo-torcaz, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, a felosinha-comum, o estorninho-preto, a estrelinha-real, o verdilhão, o pintasilgo ou a milheirinha são mais ou menos fáceis de encontrar.

O melro-preto é comum e pode ser visto um pouco por todo o lado. Já o rabirruivo-comum tende a frequentar zonas com estruturas edificadas enquanto a alvéola-branca prefere os espaços mais abertos.



© Diego Oliveira



ESPÉCIES A PROCURAR

- alvéola-branca (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), melro-preto (TA), milheirinha (TA), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-rabjunco (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), rabirruivo-comum (TA), toutinegra-de-barrete (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Norte: Avenida Álvares Cabral (ponto de acesso 38.715671, -9158807)

Sul: Praça da Estrela (ponto de acesso 38.713823, -9160326)

Transportes públicos
• Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris
Elétrico: carreiras 25E e 28E da Carris (paragem Estrela-Basilica)

17. Jardim Botânico de Lisboa

Freguesia de Santo António



O Jardim Botânico de Lisboa foi pensado em meados do século XIX com o intuito de ajudar no ensino e na investigação da botânica na Escola Politécnica. O jardim foi instalado no interior da cerca do antigo Colégio dos Nobres, no Monte do Olivete, e a sua plantação terá começado por volta de 1873 por iniciativa de Andrade Corvo e do Conde de Ficalho, ambos professores na Escola Politécnica. Os jardineiros escolhidos foram o alemão E. Goeze e o francês J. Daveau que, para o efeito, trouxeram plantas de todos os territórios sob domínio português espalhados pelo mundo.

Hoje, este jardim constitui um verdadeiro oásis, bem no centro de Lisboa, e merece sem dúvida uma visita. O espaço desenvolve-se num declive algo acentuado desde a Rua da Escola Politécnica até às imediações da Rua do Salitre. Tem um denso coberto arbóreo composto por uma coleção importante de árvores exóticas e autóctones, devidamente identificadas, bem como relvados e um pequeno lago.

Este é um excelente local para encontrar um leque diversificado de espécies típicas dos parques e jardins urbanos. A sua exploração é fácil mas não está isenta de algumas condicionantes, pois o acesso é pago e o espaço tem um horário de funcionamento com abertura às 10h00, uma hora pouco adequada para quem quer observar aves (ver Anexo 2).

Andorinhões-pretos e andorinhões-pálidos são uma presença regular nos céus. Bandos ruidosos de periquitões-de-coroa-azul e de periquitos-rabijuncos cruzam os ares e procuram as copas mais elevadas para se alimentar e descansar, encaixando na perfeição neste ambiente exótico. Os estratos mais altos do coberto arbóreo são também os preferidos por espécies como o chapim-carvoeiro,

o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-comum, o estorninho-preto, a estrelinha-real, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha, facto que pode implicar um esforço acrescido para a sua observação. Outro frequentador das árvores mais altas é o pica-pau-malhado que, embora difícil de ver, é facilmente detetado pelo seu característico chamamento ou pelo matraquear do bico quando pica a madeira à procura de insetos. Também a trepadeira-do-sul se alimenta no tronco das árvores e, embora pouco conspícua, não é rara.

Nas zonas de vegetação mais densa e arbustiva, a carriça denuncia a sua presença através do potente canto que emite, ao passo que a toutine-gra-dos-valados ou o pisco-de-peito-ruivo são um pouco mais discretos.

Outras espécies que frequentam o local e que poderão ser observadas sem grande dificuldade na época própria são o pombo-torcaz, o gaió, a toutinegra-de-barrete, o melro-preto, o taralhão-cinzentos, o papa-moscas-preto, o rabirruivo-comum, a alvéola-cinzentas ou a alvéola-branca.



Carriça *Troglodytes troglodytes*



ESPÉCIES A PROCURAR

- alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (OUT/INV), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), carricha (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), melro-preto (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), periquitão-de-coroa-azul (TA), periquito-rabijunco (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), rabirruivo-comum (TA), taralhão-cinzento (OUT), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Rua da Escola Politécnica (ponto de acesso 38.717461, -9.150293)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris

Metro: Metropolitano de Lisboa (linha amarela; estação Rato)

Elétrico: carreira 24E da Carris (paragem Rua da Escola Politécnica)

18. Pedrouços

Freguesia de Belém



Nos finais do século XIX e inícios do século XX, o areal que se estendia ao longo da margem do Tejo para oeste a partir da Torre de Belém era um dos mais procurados pela aristocracia e elite intelectual lisboetas. Entre os frequentadores conhecidos dessa praia contava-se o escritor Eça de Queirós e respetiva família. Desse passado glorioso pouco resta. Com o tempo, boa parte da praia desapareceu, substituída pela doca de Pedrouços, pelo conjunto de edifícios que formam o complexo da Docapesca (nascido por volta de 1956) e por outras construções mais recentes.

Dada a sua localização na barra do Tejo, este é um bom sítio para ver gaivotas, garajaus, algumas limícolas com hábitos mais costeiros e também algumas aves marinhas que ocasionalmente penetram um pouco no rio.

A pequena praia de Pedrouços é um dos poucos vestígios que sobram do passado balnear da zona. É utilizada por alguns veraneantes, mas

no outono e no inverno é mais sossegada e aí se concentram por vezes muitas gaivotas e alguns garajaus. O mesmo sucede nos terrenos abertos existentes no interior das instalações da Docapesca. As espécies mais comuns são o guincho-comum, a gaivota-d'asa-escura, a gaivota-de-patas-amarelas e o garajau-de-bico-preto, mas a gaivota-de-cabeça-preta também é frequente e há igualmente registos regulares de fomego, de gaivota-prateada-europeia e de gaiivão-real. «Raridades» como a gaivota-branca já aqui foram observadas. O acesso à praia faz-se facilmente a partir da Rua Alfredo Magalhães Ramalho. Já as instalações da Docapesca estão vedadas mas são atravessadas pela Ciclovía do Mar que poderá eventualmente ser usada para explorar a zona. Caso não seja possível, o interior é observável a partir da rua.

A frente ribeirinha é também frequentada por algumas limícolas. O ostraceiro e a rola-do-mar são vistos sobretudo no pontão situado em frente à praia. Já o borrelho-grande-de-coleira, o borrelho-de-coleira-interrompida, o maçarico-galego e o pilrito-das-praias podem ser observados quer na praia quer, por vezes, nos terrenos abertos.

É conveniente ir olhando para o rio pois, sobretudo em condições de mau tempo no mar, há aves marinhas que podem penetrar na barra. Entre as que ocasionalmente são avistadas contam-se a negrola-comum, o alcatraz-do-norte ou o alcaide-do-norte.

Nos terrenos urbanos e baldios das imediações é possível também observar o periquito-rabijunco, o estorninho-preto, o mainato-de-poupa, o rabirruivo-comum, a alvéola-cinzenta, a alvéola-branca, o verdilhão, o pintasilgo ou a milheirinha.



© Hebe Costa



- 1 Praia de Pedrouços 2 Docapesca Corpo de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• alcaide-do-norte (INV), alcatraz-do-norte (INV), alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (OUT/INV), borrelho-de-coleira-interrompida (OUT/INV), borrelho-grande-de-coleira (OUT/INV), estorninho-preto (TA), farnego (INV), gaivota-branca (INV), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-bico-riscado (INV), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), gaivota-de-patas-amarelas (TA), gaivotão-real (OUT/INV), gaivota-prateada-europeia (INV), garajau-de-bico-preto (TA), guincho-comum (TA), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), mainato-de-poupa (TA), milheirinha (TA), negrola-comum (OUT/INV), ostraceiro (OUT/INV), periquito-rabijunco (TA), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pintassilgo (TA), rabirruivo-comum (TA), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Outono e inverno



ACESSOS

Viatura própria

Rua Alfredo Magalhães Ramalho (ponto de acesso 38.697648, -9.229475)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris; várias carreiras da Vimeca

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha de Cascais; estação Algés)

Elétrico: carreira 15E da Carris (paragem Algés-Praça D. Manuel I)

19. Jardim Botânico Tropical

Freguesia de Belém



O Jardim Botânico Tropical foi criado no início de 1906 por decreto régio com o objetivo de servir de suporte didático ao ensino agronómico colonial. Tomou então inicialmente o nome de Jardim Colonial. Em 2007, como reconhecimento do seu elevado valor patrimonial, o jardim foi classificado como monumento nacional, juntamente com o Palácio Presidencial e outros espaços adjacentes da zona de Belém. A partir de 2015 foi integrado na Universidade de Lisboa.

Com uma localização privilegiada, junto ao Mosteiro dos Jerónimos e nas imediações do palácio de Belém, este espaço murado tem uma área aberta ao público que ocupa cerca de 5 ha. O coberto vegetal é diversificado e, para além de algumas espécies autóctones, inclui sobretudo plantas tropicais e sub-tropicais oriundas de vários continentes. Junto à entrada há um pequeno lago. Aspetos botânicos e históricos à parte, este é também um local interessante em termos ornitológicos, onde é possível encontrar um leque razoável de espécies típicas dos parques e jardins urbanos.

A exploração é fácil mas o acesso é pago. Esse facto condiciona um pouco o número de visitantes e permite que haja alguma tranquilidade. Já o horário de funcionamento, com abertura às 10h00m, não é propriamente o mais favorável para quem quer observar aves (ver Anexo 2).

Bandos ruidosos de periquitos-rabijuncos sobrevoam o local, enquanto no topo das palmeiras os mainatos-de-poupa emitem os seus variados e estridentes chamamentos. A presença de ambas as espécies reforça o ambiente exótico criado pela vegetação. Andorinhões-pálidos, andorinhões-pretos, andorinhas-dos-beirais e andorinhas-das-chaminés cruzam os ares à procura de insetos.

Nas zonas de vegetação arbustiva mais densa é possível ver ou ouvir a toutinegra-dos-valados, a carriça, o tordo-pinto ou o pisco-de-peito-ruivo. As manchas de arvoredo são frequentadas por espécies como o pombo-torczaz, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, a felosinha-comum, a toutinegra-de-barrete, a trepadeira-do-sul, o estorninho-preto o papa-moscas-preto, o taralhão-cinzento, a estrelinha-real, o verdilhão, o pintassilgo e a milheirinha.

O lago junto à entrada pode atrair a garça-real, o guarda-rios, a alvéola-cinzenta e a alvéola-branca.



1



2

1. Pisco-de-peito-ruivo *Erithacus rubecula*
2. Jardim Botânico Tropical



ESPÉCIES A PROCURAR

- alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (OUT/INV), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), garça-real (INV), guarda-rios (OUT/INV), mainato-de-poupa (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), periquito-rabijunco (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), taralhão-cinzento (OUT), tordo-pinto (INV), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Outono e inverno



ACESSOS

Viatura própria
Largo dos Jerónimos (ponto de acesso 38.698124, -9.203856)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris
Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha de Cascais; estação Belém)

Elétrico: carreira 15E da Carris (paragem Mosteiro dos Jerónimos)

20. Praça do Império e imediações

Freguesia de Belém



A imponente Praça do Império é um dos ex-libris de Lisboa. Tendo como pano de fundo o mosteiro dos Jerónimos (a norte) e o Tejo (a sul), este espaço ajardinado de linhas geométricas com uma monumental fonte central foi concebido pelo arquiteto Cottineli Telmo e construído em 1940 aquando da Exposição do Mundo Português, evento organizado pelo Estado Novo para comemorar os 800 anos da independência e os 300 anos da sua Restauração. O Jardim da Praça do Império interliga-se com os adjacentes jardins Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque, ambos de conceção mais recente, formando no seu conjunto um espaço verde de grande dimensão.

O Jardim da Praça do Império tem alguns espelhos de água, relvados com sebes vivas e algumas oliveiras e cedros nas alamedas laterais. Já os jardins Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque possuem vastos espaços relvados (especialmente o primeiro) e zonas de arvoredo diverso onde se incluem alguns pinheiros-mansos. A partir da Praça do Império é possível chegar facilmente ao Padrão dos Descobrimentos e à margem do rio, onde existe uma pequena faixa de lamas entremarés.

A exploração da zona pode ser feita facilmente a pé. Dada a grande afluência de visitantes, uma visita de manhã cedo é recomendável.

A lista de espécies já aqui observadas é surpreendentemente longa, o que decorre do facto deste sítio abarcar habitats tão diversos como o rio e os espaços ajardinados. O periquito-rabijunco e o mainato-de-poupa são presença habitual e dificilmente passam despercebidos. O chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a toutinegra-de-barrete, a trepadeira-do-sul, o melro-preto, o verdilhão, o pintassilgo e a mi-

leirinha frequentam regularmente as áreas mais arborizadas. Os relvados abertos são utilizados por estorninhos-pretos, petinhas-dos-prados e alvéolas-brancas. A alvéola-cinzenta ocorre nos lagos. Toda a zona é sobrevoada por andorinhões e andorinhas (andorinhão-pálido, andorinhão-preto, andorinha-dos-beirais, andorinha-dáurica, andorinha-das-chaminés).

Durante o período pós-nupcial podem ser observadas algumas espécies migradoras, entre as quais se contam a felosa-poliglota, o rouxinol-dos-caniços, a felosa-musical, o papa-amoras-comum, o taralhão-cinzento e o papa-moscas-preto.

Uma deslocação até à beira rio permitirá a observação de rolas-do-mar ou de pilritos-das-praias. O rio é também um bom sítio para procurar gaivotas e garajaus, sendo o guincho-comum, a gaivota-d'asa-escura, a gaivota-de-patas-amarelas e o garajau-de-bico-preto as hipóteses mais prováveis.



Mainato-de-poupa *Acridotheres cristatellus*
(espécie exótica)



1 Jardim da Praça do Império

2 Jardim Vasco da Gama

3 Jardim Afonso de Albuquerque

4 Padrão dos Descobrimentos

 Corpo de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• alvéola-branca (TA), alvéola-cinza (OUT/INV), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estorninho-preto (TA), felosa-musical (OUT), felosa-poliglota (OUT), gaiota-d'asa-escura (TA), gaiota-de-patas-amarelas (TA), garajau-de-bico-preto (OUT/INV), guincho-comum (TA), mainato-de-poupa (TA), melro-preto (TA), milheirinha (TA), papa-amoras-comum (OUT), papa-moscas-preto (OUT), periquito-rabijunco (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pintassilgo (TA), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), rouxinol-dos-caniços (OUT), taralhão-cinzento (OUT), toutinegra-de-barrete (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Norte: Largo dos Jerónimos (ponto de acesso 38.697526, -9.204611)

Oeste: Avenida da Índia (ponto de acesso 38.694814, -9.206768)

Leste: Avenida da Índia (ponto de acesso 38.696189, -9.199298)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras da Carris; carreira 103 da Vimeca

Barco: Transtejo Softusa (ligação Trafaria-Porto Brandão-Belém)

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha de Cascais; estação Belém)

Elétrico: carreira 15E da Carris (paragem Mosteiro dos Jerónimos)



NORTE
DO **RIO TEJO**

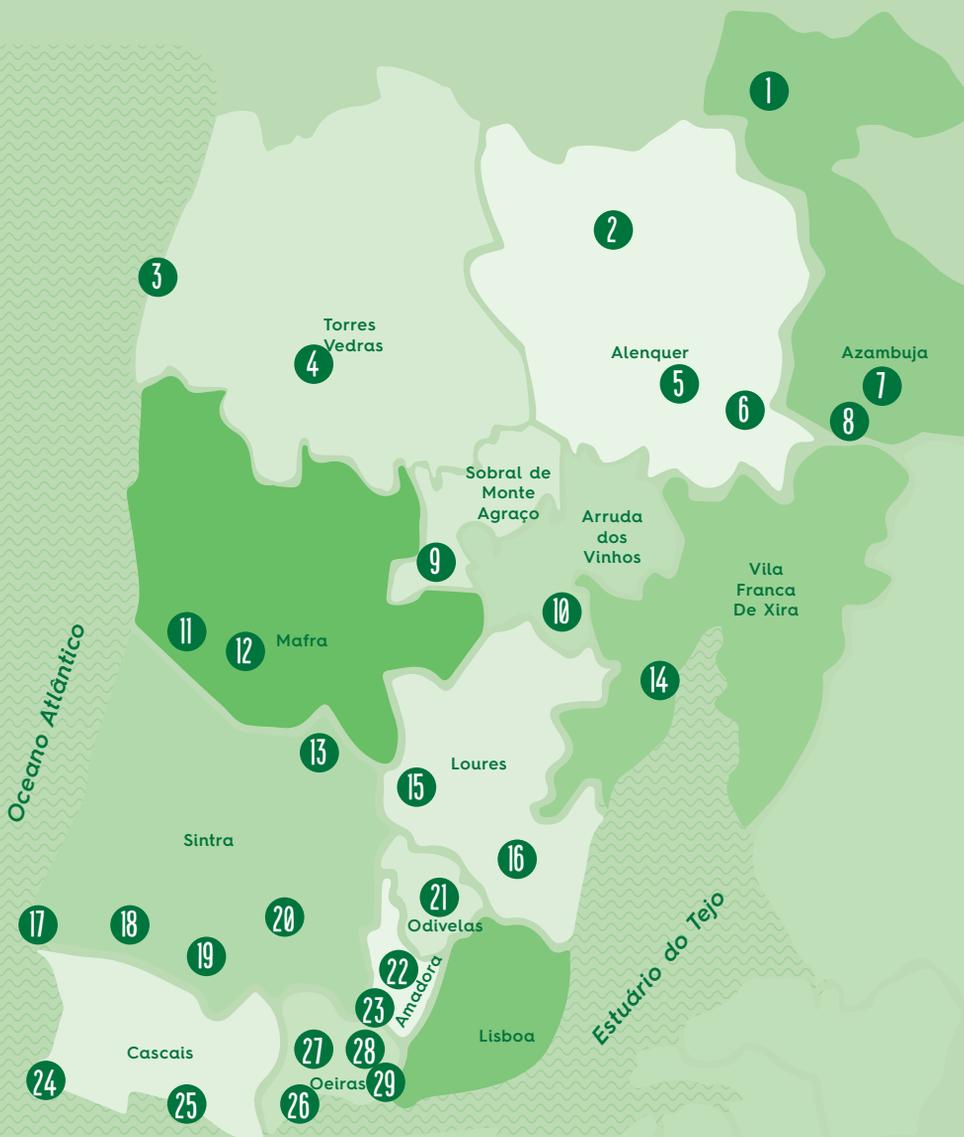




Norte do Rio Tejo

1. Paul de Manique
 2. Serra de Montejunto
 3. Foz do Sizandro
 4. Serras do Socorro e Archeira
 5. Canhão da Ota
 6. Vale da Ota
 7. Mata Nacional das Virtudes
 8. Lezíria da Azambuja
 9. Sapataria
 10. Arranhó e Camondes
 11. Cheleiros e o vale do rio Lizandro
 12. Tapada Nacional de Mafra
 13. Vale da ribeira de Cabrela
 14. Salinas de Alverca e do Forte da Casa
 15. Cabeço de Montachique
 16. Várzea de Loures
 17. Cabo da Roca
 18. Peninha
 19. Quinta do Pisão
 20. Granja do Marquês
 21. Parque Urbano Rio da Costa
 22. Parque da Ribeira de Alfragide
 23. Matinha de Queluz
 24. Cabo Raso
 25. Costa do Estoril e Cascais
 26. Costa de Oeiras
 27. Estação Agronómica Nacional
 28. Fábrica da Pólvora de Barcarena
 29. Centro Desportivo Nacional do Jamor
-

NORTE DO RIO TEJO



1. Paul de Manique

Distrito de Lisboa
Concelho da Azambuja



Manique do Intendente é uma vila com um surpreendente carácter monumental. Em 11 de julho de 1791, a rainha D. Maria I concedeu este lugar ao seu intendente geral da polícia, Diogo Inácio de Pina Manique. Este, com o intuito de instalar no lugar uma sucursal da Casa Pia e de fomentar novos projetos fabris e de agricultura, idealizou uma cidade construída segundo o pensamento iluminista, de carácter ambicioso, vinculada à paisagem natural circundante, que vai denominar de Manique do Intendente e elevar a sede do concelho. Segundo o plano urbano estabelecido, o centro seria uma imponente praça de formato hexagonal (batizada de Praça dos Imperadores), de onde irradiariam seis arruamentos com nomes de imperadores romanos. A concretização do plano urbanístico foi interrompida com a morte de Pina Manique. A praça dos Imperadores ainda foi construída mas, dos imponentes edifícios que a deveriam rodear, o Palácio do Intendente ficou inacabado e apenas a Casa da Câmara foi concluída. O concelho de Manique do Intendente foi extinto em 1836 pelas reformas liberais de Passos Manuel.

Outro aspeto surpreendente de Manique do Intendente é a existência de um paul praticamente dentro da vila. Esta zona húmida foi negligenciada durante muito tempo, mas um grupo de cidadãos conseguiu demonstrar junto da autarquia da Azambuja a importância natural do espaço e o seu valor educacional e de lazer. Como resultado, a câmara municipal desenvolveu um projeto de requalificação do paul (Paul Natura) que incluiu a implementação de trilhos pedestres, construção de passadiços e de um observatório de aves.

O paul situa-se a norte e a sul da ribeira do Judeu e apresenta duas áreas distintas. A parte norte é constituída por um corpo de água aberto com manchas de bunho e tabúa, enquanto a parte sul está coberta maioritariamente por bunho.

A zona norte alberga durante todo o ano uma grande diversidade de aves aquáticas, que podem ser observadas a partir do observatório (39.218915, -8.886329). Entre as muitas espécies que frequentam o local, o camião-comum, o garçote, o papa-ratos, a garça-vermelha, a garça-branca-grande e a águia-sapeira destacam-se por serem mais raras ou por terem uma distribuição localizada a nível nacional e regional. Outras mais abundantes e que podem ser observadas com relativa facilidade são, por exem-



1. Paul de Manique 2. Papa-figos
Oriolus oriolus

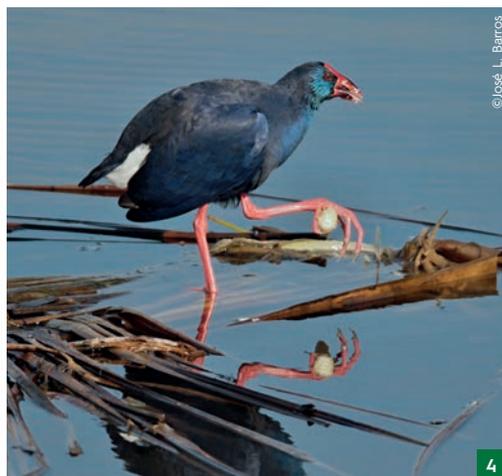


plo, o pato-colhereiro, o mergulhão-pequeno, o frango-d'água, o colhereiro, a íbis-preta, a garça-real, o pernilongo, o abibe-comum, a narceja-comum e o guarda-rios.

Na parte sul existem dois trajetos possíveis, mas estes são mais difíceis de explorar, porque não têm nenhum ponto de observação elevado. No entanto, é recomendável uma visita à área de bunhal (39.215491, -8.889167), pela dimensão e raridade deste habitat na região. Uma visita a este local do paul irá certamente revelar a presença do peneireiro-cinzento, da águia-calçada ou do abelharuco, para além de espécies de passeriformes menos abundantes como o picanço-real, o rouxinol-grande-dos-caniços e a andorinha-dáurica. Uma atenção especial deve ser dada aos choupos que separam as duas zonas do paul, pois é um local onde o papa-figos, uma espécie rara na região, pode ser visto e escutado com facilidade.

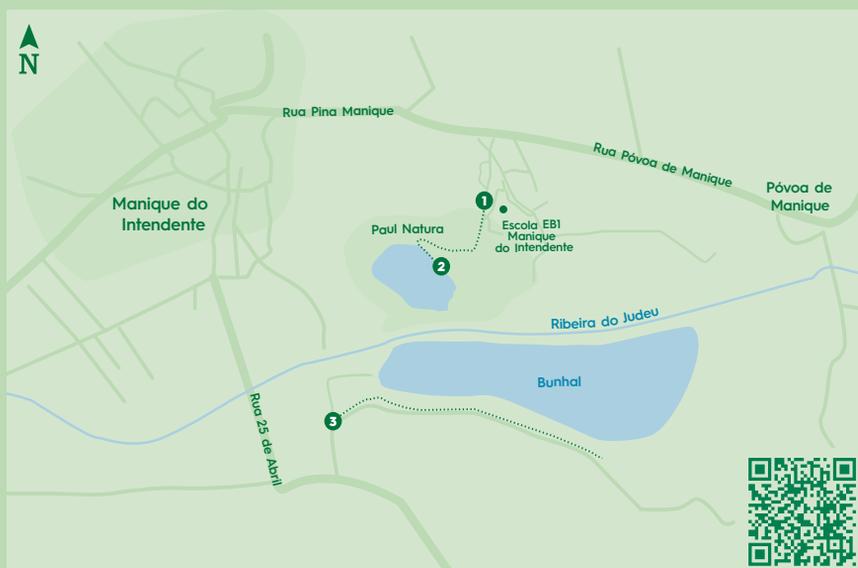


3



4

3. Passadiço de acesso ao observatório de aves 4. Camão *Porphyrio porphyrio*



1 Acesso principal

3 Acesso ao bunhal

 Linha de água

2 Observatório de aves

 Corpo de água

 Percurso recomendado

ESPÉCIES A PROCURAR

• abelharuco (EST), abibe-comum (OUT/INV), águia-calçada (EST/OUT), águia-sapeira (TA), andorinha-dáurica (EST/OUT), camião-comum (TA), colhereiro (TA), frango-d'água (TA), garça-branca-grande (TA), garça-real (TA), garça-vermelha (EST), garçote (EST/OUT), guarda-rios (TA), ibis-preta (TA), mergulhão-pequeno (TA), narceja-comum (OUT/INV), papa-figos (EST), papa-ratos (EST/OUT), pato-colhereiro (OUT/INV), peneireiro-cinzento (TA), pernilongo (EST/OUT), picanço-real (TA), rouxinol-grande-dos-caniços (EST)

ACESSOS

Viatura própria
Manique do Intendente, Rua Pina Manique
(ponto de acesso 39.219406, -8.885528)

Transportes públicos

• Inviável

NOTAS

• A área alberga uma grande diversidade de libélulas e libelinhas

QUANDO VISITAR

• Todo o ano

2. Serra de Montejunto

Distrito de Lisboa
Concelhos de Alenquer
e do Cadaval



A serra de Montejunto é um afloramento calcário englobado no Maciço Calcário Estremenho. É o miradouro natural mais alto do distrito de Lisboa, elevando-se a 666 m de altitude. Esta estrutura geológica com 15 km de comprimento e 7 km de largura é rica em algares, grutas, escarpas e outros afloramentos rochosos.

Apresenta um interessante e valioso património arqueológico e histórico que inclui, por exemplo, a Real Fábrica do Gelo situada perto do topo da serra, virada a norte numa zona fria e húmida, donde saíram durante cerca de 120 anos blocos de gelo que refrescavam a corte e, mais tarde, os cafés mais chiques de Lisboa. Junto ao cume existem também as ruínas de um convento dos dominicanos originalmente construído no século XIII e reconstruído no século XVIII, e a ermida de Nossa Senhora das Neves. Devido à sua elevada riqueza geológica, biológica, paisagística e patrimonial a serra foi classificada como Área de Paisagem Protegida de âmbito regional em 1999.

Uma visita à serra de Montejunto pode ter início na aldeia da Abrigada, a leste, ou na aldeia de Vila Verde dos Francos, a oeste. A ligar estes dois pontos de entrada existe uma estrada que percorre a serra longitudinalmente, e dá acesso a vários locais de interesse, como a penha do Meio-dia, o miradouro da Cruz Salvé Rainha, o Centro de Interpretação, a ermida da Senhora das Neves e o cume da serra. A partir de alguns destes locais saiem trilhos pedestres que permitem descobrir a avifauna que frequenta tanto os prados e matos como as áreas florestadas e rochosas.

Nos prados e matos das zonas planas da serra podem-se encontrar a perdiz, a cotovia-dos-bosques, a laverca, a toutinegra-dos-valados, a

toutinegra-do-mato, o cartaxo-comum, o pintarroxo-de-bico-escuro ou o trigueirão. Nas manchas florestais a diversidade de aves é maior, e entre as espécies mais interessantes que as frequentam contam-se a rola-brava, o cuco-cinzentó, o peto-real, o chapim-carvoeiro, a felosinha-ibérica, a tordoveia, a estrelinha-real ou a escrevedeira-de-garganta-preta. Na envolvente do Centro de Interpretação e da antiga Fábrica do Gelo existe um bosque de castanheiros, coisa que é rara no distrito de Lisboa, que constitui um interessante local a explorar.

© José L. Barros



No ar podem ser vistas várias aves de rapina (águia-cobreira, águia-calçada, gavião, águia-d'asa-redonda e peneireiro-comum), três espécies de andorinhas (andorinha-dos-beirais, andorinha-dáurica e andorinha-das-chaminés) e o andorinhão-real. O miradouro da Cruz Salvé Rainha (39.185161, -9.062765) é excelente para observar estas espécies, sobretudo o andorinhão-real.

Particularmente interessantes do ponto de vista ornitológico são as escarpas e outros afloramentos rochosos, que são o habitat de espécies relativamente raras a nível regional. Na penha do Meio-dia nidifica o corvo e o mesmo acontece

com o melro-azul em vários afloramentos rochosos da serra. Neste tipo de zonas, encontrar um bufo-real é sempre uma possibilidade a ter em consideração.

No inverno podem ser observados adicionalmente o tordo-pinto, a ferreirinha-comum, a petinha-dos-prados e o lugre. Nesta altura do ano devem visitar-se os pontos mais altos da serra, para cima da ermida da Senhora das Neves (39.174970, -9.059808), para procurar a ferreirinha-serrana, uma invernante rara em Portugal mas regular nesta área.



©Helder Costa

1



©Helder Costa

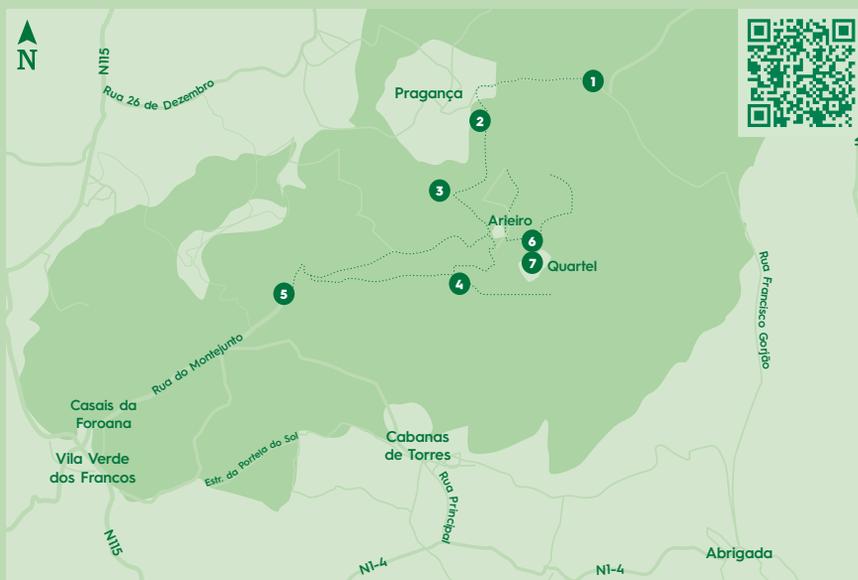
2



©Helder Costa

3

1. Aspetto da vertente sudeste da serra 2. Aspetto da vertente oeste da serra 3. Toutinegra-do-mato *Sylvia undata*



1 Acesso desde a Abrigada

3 Miradouro da Cruz Salvé Rainha

5 Acesso desde Vila Verde dos Francos

7 Fábrica do Gelo

2 Penha do Meio-dia

4 Ermida da Sr^a. das Neves

6 Centro de Interpretação

 Percurso recomendado



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-calçada (EST/OUT), águia-cobreira (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-real (EST), bufo-real (TA), cartaxo-comum (TA), chapim-carvoeiro (TA), corvo (TA), cotovia-dos-bosques (TA), cuco-cinzento (EST), escreve-deira-de-garganta-preta (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-ibérica (EST), ferreirinha-comum (INV), ferreirinha-serrana (INV), gavião (TA), laverca (TA), lugre (INV), melro-azul (TA), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), peto-real (TA), pintaroxo-de-bico-escuro (TA), rola-brava (EST/OUT), tordo-pinto (INV), tordoveia (TA), toutinegra-do-mato (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trigueirão (TA)



QUANDO VISITAR

• Primavera



ACESSOS

Viatura própria

• Diversas opções

Oeste: Vila Verde dos Francos, Rua de Montejunto (ponto de acesso 39.173959, -9.085375)

Sul: Abrigada, Rua Francisco Gorjão (ponto de acesso 39.146295, -9.021355)

Transportes públicos

• Inviável

NOTAS

• A área possui elevado interesse botânico e entomológico

3. Foz do Sizandro

Distrito de Lisboa
Concelho Torres Vedras



Imediatamente antes de chegar ao mar, a oeste de Torres Vedras, o rio Sizandro descreve uma apertada curva para sul e forma uma pequena laguna separada do oceano por uma restinga de areia. Junto à desembocadura surgiram de forma anárquica ao longo dos anos algumas construções que formam hoje o pequeno núcleo urbano da localidade da Foz.

O nível de água na laguna varia sobretudo em função da pluviosidade e, em menor medida, também da maré (quando há ligação ao mar); quando é baixo, deixa a descoberto zonas de sedimentos relativamente amplas. Ao longo da margem esquerda desenvolve-se uma pequena mancha de tamargueiras nas imediações da qual existem terrenos agrícolas abertos que se prolongam para montante. O troço final do rio é ladeado por uma galeria de vegetação palustre.

Tendo em conta a reduzida dimensão desta zona húmida, é de certa forma surpreendente a enorme diversidade de aves que já aqui foi detetada. Com efeito, a lista de espécies observadas é bastante extensa e inclui muitas «raridades» nacionais.

A exploração é simples e pode ser feita a pé. A melhor forma será talvez fazê-la a partir da parte sul, uma vez que daí o acesso às áreas alagadas e alagadiças é mais fácil. Para além disso é possível chegar também à praia e à margem norte cruzando a ponte pedonal existente. É igualmente na margem norte que fica a entrada para o Eco-caminho do Sizandro, um caminho de terra batida que permite explorar o vale que se estende para montante (começa na Rua do Caminho Velho 39.103451, -9.396448).

Várias limícolas podem aqui ser encontradas, sobretudo no período de migração pós-nupcial. No entanto, raramente se verificam grandes concentrações e, devido ao reduzido tamanho da área e à perturbação que por vezes se verifica, as aves não se demoram muito tempo. Entre as espécies mais usuais contam-se a tarambola-cinzenta, o borrelho-grande-coleira, o fuselo, a seixoeira, o pilrito-de-bico-comprido, o pilrito-das-praias, o pilrito-de-peito-preto, o pilrito-pequeno, o perna-verde-comum e o perna-vermelha-comum. As zonas de sedimentos são também procuradas por alguns



©Helder Costa

1



©Helder Costa

2

1. e 2. Foz do Sizandro



passeriformes como a petinha-dos-prados, a petinha-ribeirinha e a alvéola-amarela-comum.

A mancha de tamargueiras e os terrenos abertos envolventes não devem ser descurados pois albergam também algumas espécies interessantes. O rouxinol-bravo é residente e o pisco-de-peito-azul é um visitante regular, tal como são a felosa-musical, o taralhão-cinzentos, o papa-moscas-preto, o cartaxo-nortenho e o chasco-cinzentos. Aves de rapina como o peneireiro-cinzentos, a águia-sapeira, a águia-d'asa-redonda, o peneireiro-comum e o falcão-peregrino não são raras.

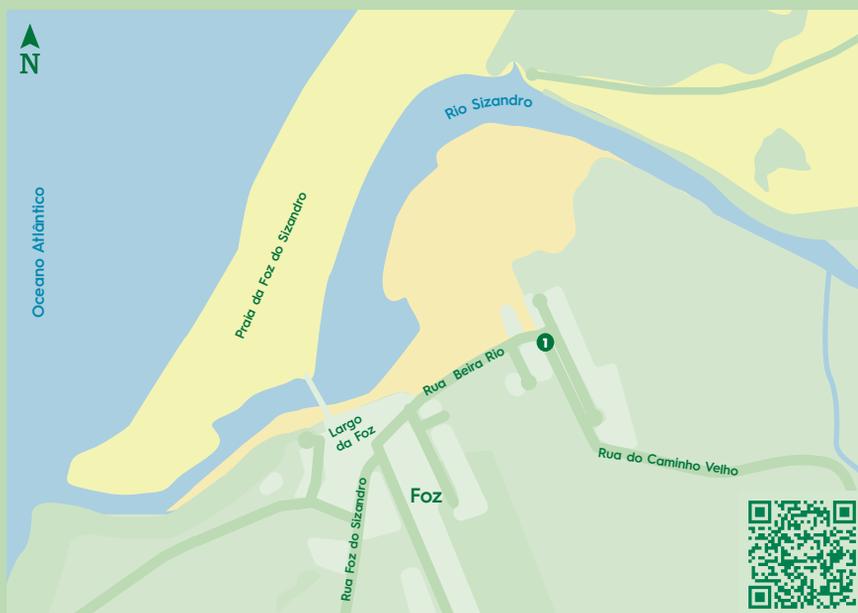
Dada a proximidade do mar, há sempre várias gaivotas e garajaus na zona. O número pode aumentar bastante na sequência de condições de temporal no mar, altura em que para além das comuns gaivota-de-cabeça-preta, gaivota-d'asa-escura e gaivota de patas-amarelas se juntam por vezes outras espécies mais raras. Olhar para o mar pode compensar também, pois há sempre a possibilidade de ver a cagarra-do-atlântico, a pardela-balear, o alcatraz-do-norte ou o alcaide-do-norte.



© Heider Costa

3

3. Seixoeira *Calidris canutus*



1 Acesso ao Eco-caminho

 Corpo de água

 Linha de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-d'asa-redonda (TA), águia-sapeira (OUT), alcaide-do-norte (OUT/INV), alcatraz-do-norte (OUT/INV), alvéola-amarela-comum (OUT), borrelho-grande-coleira (OUT/INV), cagarra-do-atlântico (PRI/EST/OUT), cartaxo-nortenho (OUT), chasco-cinzeno (OUT), falcão-peregrino (OUT/INV), felosa-musical (OUT), fuselo (OUT), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), gaivota-de-patas-amarelas (TA), papa-moscas-preto (OUT), pardela-baleare (OUT), peneireiro-cinzeno (OUT/INV), peneireiro-comum (TA), perna-verde-comum (OUT), perna-vermelha-comum (PRI/OUT), petinha-dos-prados (OUT/INV), petinha-ribeirinha (OUT/INV), pilrito-das-praias (OUT/INV), pilrito-de-bico-comprido (OUT), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pilrito-pequeno (OUT), pisco-de-peito-azul (OUT/INV), rouxinol-bravo (TA), seixoeira (OUT), taralhão-cinzeno (OUT), tarambola-cinzena (OUT/INV)



QUANDO VISITAR

• Outono e inverno



ACESSOS

Viatura própria

Norte: caminho de terra batida (ponto de acesso 39.106164, -9.396357)

Sul: Largo da Foz (ponto de acesso 39.102478, -9.398920)

Transportes públicos

• Inviável

NOTAS

• Durante a época banear há algum movimento de veraneantes

4. Serras do Socorro e Archeira

Distrito de Lisboa
Concelhos de Mafra
e Torres Vedras



A humanizada paisagem da região de Torres Vedras é dominada por um conjunto de elevações de altitude modesta: as serras do Socorro, Archeira, Galharda e Monte Deixo. O ponto mais elevado deste agrupamento é atingido na serra do Socorro, que se ergue até aos 395 metros de altitude. A partir daí desfruta-se de uma panorâmica vasta, facto que justificou a escolha deste sítio para instalar a estação de comunicações e observações do quartel-general do Duque de Wellington aquando das invasões francesas, que na altura ficou conhecido como «o ninho de água de Wellington». Vestígios históricos desse passado conturbado não faltam: ainda é possível encontrar diversas fortificações que faziam parte do sistema defensivo de Lisboa conhecido como Linhas de Torres. Para além destas construções militares, o património histórico destas serras é relevante e se conjugarmos isso com o interesse natural e paisagístico da região, não admira que tenha sido aí criada uma área de paisagem protegida local.

A paisagem caracteriza-se pela existência de grandes extensões de matos, terrenos abertos de sequeiro, manchas de eucaliptos, pinheiros-bravos e de carvalhos-portugueses. Local ventoso, desde tempos imemorais aí foram construídos moinhos de vento para a moagem do trigo, agora abandonados e substituídos pelas turbinas dos aerogeradores.

A exploração da zona pode ser feita a pé ou de bicicleta, utilizando as rotas e trilhos marcados, ou com viatura própria, seguindo as estradas e caminhos existentes. As possibilidades para abordar este sítio são múltiplas. Por exemplo, o cume da serra do Socorro é facilmente alcançada a partir da aldeia de São Sebastião através de uma excelente estrada alcatroada. Outra hipótese interessante consiste em começar pela aldeia da

Cadreceira, onde funciona um centro de interpretação da área de paisagem protegida (ver Anexo 2), e a partir da qual se pode aceder quer à serra do Socorro quer à serra da Archeira.

A primeira pode ser atingida seguindo para sul, pela Rua do Campo de Futebol, e percorrendo o eco-caminho que leva até ao cume (39,017839, -9,225142). Esta é a zona mais aberta desta serra, onde é possível observar a perdiz, a águia-d'asa-redonda, o peneireiro-comum, a cotovia-de-poupa, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica, a andorinha-das-chaminés, a toutinegra-dos-valados,



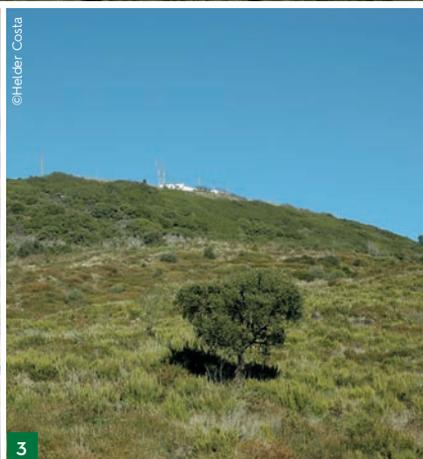
©Ana M. do Carmo

Águia-d'asa-redonda *Buteo buteo*

a toutinegra-do-mato, o cartaxo-comum, a ferreirinha-comum, a petinha-dos-prados, a alvéola-branca, o pintarroxo-de-bico-escuro, o pintasilgo, o trigueirão e a escrevedeira-de-garganta-preta.

A segunda é alcançada seguindo para leste pela Rua do Moinho Velho (39.031249, -9.228613) atravessando por baixo da A8, tomando o caminho que sobe para a cumeada (39.037685, -9.227820). Esta cumeada estende-se por cerca de três quilómetros, entre as localidades de Furadouro (a sul) e de Figueiredo (a norte). Em termos ornitológicos, este é um sítio onde é possível encontrar uma diversidade interessante de aves comuns caracte-

rísticas dos meios agrícolas e arbustivos, que inclui essencialmente as mesmas espécies referidas para a serra do Socorro e mais algumas, como o pe-neireiro-cinzento, o picanço-real, o rabirruivo-comum e o chasco-cinzento. Nas manchas florestais e nos vales mais encaixados podem ser observados o pica-pau-malhado, o gaio, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-comum, o tordo-pinto, o taralhão-cinzento, o pisco-de-peito-ruivo, o papa-moscas-preto, o tentilhão-comum, o verdilhão, a milheirinha ou o lugre.



1. Cumeada da serra da Archeira vista a partir da serra do Socorro 2. Ferreirinha-comum *Prunella modularis* 3. Encosta sul da serra do Socorro



1

Acesso à cumeeada da Serra da Archeira

2

Alto da Serra do Socorro

3

Acesso desde Cadriceira

4

Acesso desde Casal de Barbas

5

Acesso desde São Sebastião

6

Acesso desde Figueiredo

7

Acesso desde Furadouro



ESPÉCIES A PROCURAR

• água-d'asa-redonda (TA), alvéola-branca (TA), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), cartaxo-comum (TA), chapim-azul (TA), chapim-real (TA), chasco-cinzentos (OUT), cotovia-de-poupa (TA), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), felosinha-comum (OUT/INV), ferreirinha-comum (INV), gaio (TA), lugre (INV), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), peneireiro-cinzentos (TA), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), picanço-real (TA), pica-pau-malhado (TA), pintarroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (OUT/INV), rabirruivo-comum (TA), taralhão-cinzentos (OUT), tentilhão-comum (TA), tordo-pinto (INV), toutinegra-do-mato (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trigueirão (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Serra do Socorro

Norte: Cadriceira, Rua Campo de Futebol (ponto de acesso 39.026970, -9.231768)

Oeste: Casal de Barbas, Rua da Serra (ponto de acesso 39.019080, -9.236388)

Sul: São Sebastião, Estrada da Serra do Socorro (ponto de acesso 39.006226, -9.229935)

Serra da Archeira

Norte: Figueiredo, Rua da Escola (ponto de acesso 39.057036, -9.228195)

Oeste: Cadriceira, Rua do Moinho Velho (ponto de acesso 39.031249, -9.228613)

Sul: Furadouro, Largo do Carmo (ponto de acesso 39.032026, -9.212497)

Transportes públicos

• Inviável

5. Canhão da Ota

Distrito de Lisboa
Concelho de Alenquer



O canhão cársico da Ota é um vale muito encaixado do rio Ota situado a ocidente da aldeia da Ota. O canhão, termo que habitualmente se usa para designar um desfiladeiro apertado e rochoso, resulta do encaixe do curso do rio no maciço calcário que deu origem à serra da Ota. É uma área de grande importância geológica devido à existência de inúmeros afloramentos rochosos, cascalheiras, grutas e outras cavidades naturais. O local apresenta ainda uma galeria ripícola muito bem preservada. Por estas razões foi classificado como Monumento Natural de interesse regional em 2016. Apesar disso, a sua integridade encontra-se ameaçada pela exploração de pedreiras na proximidade imediata deste troço do rio.

O canhão da Ota é um local bastante favorável para aves de rapina, diurnas e noturnas, e para aves florestais e rupícolas. Para a exploração da área recomendam-se dois trajetos: um a norte do canhão, com início na aldeia da Ota, e outro a sul, com início no parque de merendas.

Uma visita a meio da manhã (quando se começam a formar correntes térmicas ascendentes), fazendo o trajeto com início na aldeia da Ota e parando nos promontórios sobre o desfiladeiro, permitirá a observação de espécies como a águia-cobreira, a águia-calçada, o gavião, o milhafre-preto, a águia-d'asa-redonda ou o peneireiro-comum. Com um pouco de sorte poderão também ser vistos o discreto açor ou o corvo que, apesar de não ser uma ave de rapina, é um predador e necrófago raro na região. Uma visita noturna constituirá uma boa oportunidade para escutar os impressionantes chamamentos do bufo-real e da coruja-do-mato e, eventualmente, os de outras aves noturnas como o notibó-cinzento. Mas nem só de aves de rapina vive o canhão da Ota. Durante a primavera o céu está sempre cheio de bandos de

abelharucos, andorinhões-pálidos, andorinhões-pretos, andorinhas-dos-beirais, andorinhas-dáuricas, andorinhas-das-chaminés e andorinhas-das-rochas.

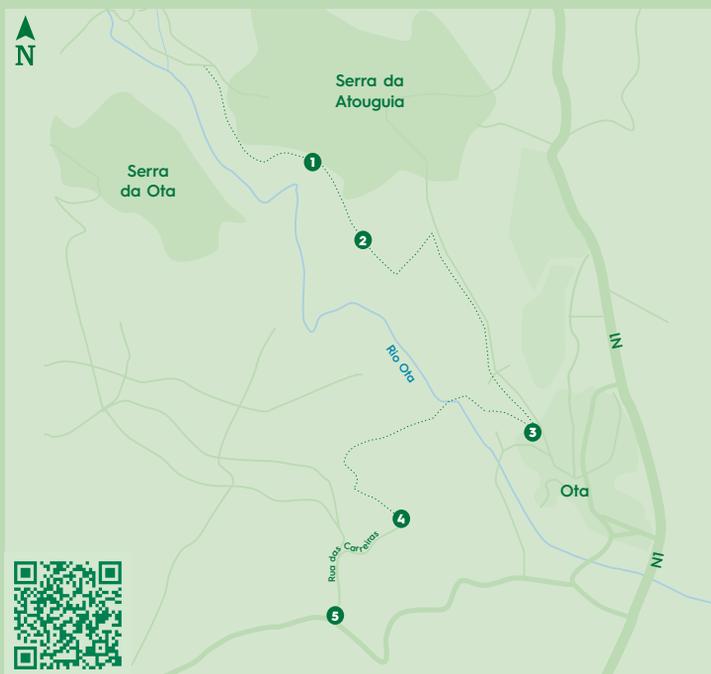
No que diz respeito às aves florestais, a diversidade é enorme, em particular na vertente sul do canhão, onde o coberto arbóreo é mais diverso. Fazendo o trajeto com início no parque de merendas e que segue pelo interior da mancha florestal, é possível observar o pombo-torcaz, a rola-brava, o peto-real, o pica-pau-malhado, o chapim-carvoeiro, o chapim-de-poupa, a felosinha-ibérica, o chapim-rabilongo, a toutinegra-do-mato, a trepadeira-do-sul, a trepadeira-azul, a estrelinha-real, o tentilhão-comum ou a escrevedeira-de-garganta-preta.

Muita atenção deve ser dada às zonas rochosas naturais e às pedreiras, onde podem ser observados o rabirruivo-comum e o belíssimo melro-azul. Atenção que a entrada em pedreiras ativas não deve ser feita sem autorização e sem haver a certeza de que estão reunidas todas as condições de segurança.



© José L. Barros

Corvo *Corvus corax*



1

Ponto de observação do canhão

2

Ponto de observação do canhão

3

Acesso desde a Ota (Rua do Barrunho)

4

Parque de merendas

5

Acesso ao parque de merendas



Linha de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• abelharuco (EST), açor (TA), águia-calçada (EST/OUT), águia-cobreira (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-das-rochas (TA), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), bufo-real (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-de-poupa (TA), chapim-rabilongo (TA), coruja-do-mato (TA), corvo (TA), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-ibérica (EST), gavião (TA), melro-azul (TA), milhafre-preto (EST), noitibó-cinzentos (EST), peneireiro-comum (TA), peto-real (TA), pica-pau-malhado (TA), pombo-torcaz (TA), rabirruivo-comum (TA), rola-brava (EST/OUT), tentilhão-comum (TA), toutinegra-do-mato (TA), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA)



QUANDO VISITAR

• Primavera



ACESSOS

Viatura própria

• Diversas opções

Leste: Ota, Rua do Barrunho (ponto de acesso 39.112921, -8.992335)

Oeste: Parque de merendas da Ota/Rua das Carreiras (ponto de acesso 39.109626, -8.998923)

Transportes públicos

• Moderadamente viável

Autocarro: carreira 26 da Boa Viagem (paragem Ota)

NOTAS

• A área possui elevado interesse botânico



6. Vale da Ota

Distrito de Lisboa
Concelhos de Alenquer
e da Azambuja



O vale da Ota teve desde sempre características apaludadas. As primeiras referências históricas ao paul que aí existia datam de 1189, ano em que D. Sancho I doou essa região ao Mosteiro de Alcobça, para que fosse «enxugada», para produzir pão para os monges e para os necessitados. Fruto da ação humana, a área sofreu transformações diversas ao longo dos séculos.

Apesar de todas essas transformações e drenagens, atualmente grande parte do vale da Ota é ainda um paul durante o inverno, quando os canais transbordam e os campos ficam alagados. Durante o verão os campos encontram-se secos, com cultivos de cereal, pastagens e algum regadio de milho e tomate.

A exploração da área não é muito complicada e pode ser feita percorrendo os caminhos rurais que partem quer da Ota quer de Vila Nova da Rainha. O acesso a partir da Ota segue durante parte do seu troço o limite da Base Aérea N°2, cujo perímetro possui plantações de pinheiro-manso. O acesso a partir de Vila Nova da Rainha segue por um caminho rural entre o montado de sobre e os terrenos agrícolas.

Estes trajetos levarão o visitante por áreas situadas entre a floresta e os terrenos agrícolas, que durante o inverno estarão cheias de aves associadas aos terrenos alagados. As mais comuns são a cegonha-branca, a íbis-preta, a garça-real, o abibe-comum, a narceja-comum e o guincho-comum. Outras aves aquáticas menos abundantes serão a garça-branca-grande, o maçarico-bique-bique, a águia-sapeira ou o guarda-rios.

As manchas florestais, em particular os montados de sobre, são frequentadas por espécies como o pombo-torcaz, o cuco-cinzento, a pou-

pa, o chapim-de-poupa, a cotovia-dos-bosques, a felosa-musical, a felosinha-ibérica, a trepadeira-do-sul, a trepadeira-azul, o taralhão-cinzento, o rouxinol-comum, o papa-moscas-preto, o tentilhão-comum, o pintasilgo ou a escrevedeira-de-garganta-preta, que são todas comuns na área. Algumas espécies mais raras e localizadas da região podem também ser observadas, como o peto-real, o papa-figos, o picanço-barreteiro e o tentilhão-montês.

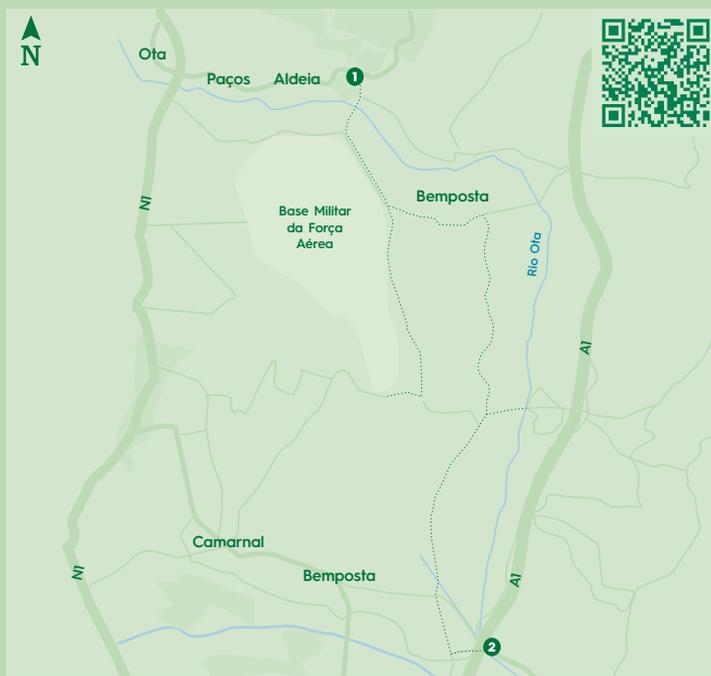
Uma visita aos campos agrícolas permitirá detetar a codorniz, a perdiz, o abelharuco, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica, a andorinha-das-chaminés, o chasco-cinzento ou o trigueirão. Associadas à vegetação aquática dos canais e ribeiras surgem a felosa-poliglota, o rouxinol-dos-caniços e o rouxinol-grande-dos-caniços.

Uma nota de destaque deve ser feita para as várias aves de rapina que podem aqui ser observadas: peneireiro-cinzento, águia-cobreira, águia-calçada, águia-sapeira, gavião, açor, peneireiro-comum e esmerilhão. Estas aves são mais visíveis na orla da floresta e nos campos abertos.



©Ana M. do Carmo

Peneireiro-cinzento, *Elanus caeruleus*



1

Acesso desde
a Ota
(Rua da Vila)

2

Acesso desde
Vila Nova da
Rainha



Linha de água



ESPÉCIES A PROCURAR

- abelharuco (EST), abibe-comum (OUT/INV), açor (TA), águia-calçada (EST/OUT), águia-cobreira (EST/OUT), águia-sapeira (TA), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), cegonha-branca (TA), chapim-de-poupa (TA), chasco-cinzento (OUT), codorniz (TA), cotovia-dos-bosques (TA), cuco-cinzento (EST), escreve-deira-de-garganta-preta (TA), esmerilhão (OUT/INV), felosa-musical (OUT), felosa-poliglota (EST/OUT), felosinha-ibérica (EST), garça-branca-grande (TA), garça-real (TA), gavião (TA), guarda-rios (TA), guincho-comum (TA), ibis-preta (TA), maçarico-bique-bique (TA), narceja-comum (OUT/INV), papa-figos (EST), papa-mosca-preto (OUT), peneireiro-cinzento (TA), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), peto-real (TA), picanço-barreteiro (EST/OUT), pintassilgo (TA), pombo-torcaz (TA), poupa (TA), rouxinol-comum (EST), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), rouxinol-grande-dos-caniços (EST), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (TA), tentilhão-montês (INV), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA), trigueirão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

- Diversas opções

Norte: Ota, Rua da Vila (ponto de acesso 39109261, -8,963891)

Sul: Vila Nova da Rainha, Rua Visconde da Mercena (ponto de acesso 39048835, -8,945268)

Transportes públicos

- Inviável

NOTAS

- Pode haver gado bravo à solta nalgumas zonas

7. Mata Nacional das Virtudes

Distrito de Lisboa
Concelho da Azambuja



A Mata Nacional das Virtudes, propriedade do Estado, foi outrora conhecida por Pinhal do Rei e foi uma das primeiras matas mandadas plantar pelo Rei D. Dinis. Até ao ano de 1824, a mata pertencia à Montaria-Mor do Reino, tendo então grande importância por estar próxima da Vala Real. Nesse ano passou a fazer parte da Administração Geral das Matas do Reino, estando desde então, e até à data, sob administração ou gestão direta dos Serviços Florestais (atual Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas).

A mata situa-se nas imediações da aldeia das Virtudes, entre a N3, a oeste, e os arrozais da lezíria do Tejo e a Vala Real, a leste. Atualmente tem 233 ha, ocupados em 69% por povoamentos de pinheiro-manso e pinheiro-bravo, repartindo-se a restante área por sobreiros e eucaliptos. Na orla sul existe um pequeno paul que, por vezes, tem água até ao verão.

A Mata Nacional das Virtudes é acessível e fácil de explorar. A mancha florestal tem inúmeros caminhos e aceiros, que podem ser percorridos todo o ano. No entanto, recomenda-se uma visita na primavera, quando as aves florestais estão mais ativas. O acesso pode ser feito em vários pontos da estrada municipal que liga a N3 às Virtudes ou, para quem vier de comboio, pela Rua da Estação, seguindo no sentido norte ou oeste.

Nas áreas florestais podem ser observados com relativa facilidade a rola-brava, o cuco-cinzentos, a água-calçada, a poupa, o pica-pau-malhado, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a trepadeira-do-sul, a trepadeira-azul, o rouxinol-comum, a estrelinha-real, o tentilhão-comum, o pintassilgo, a milheirinha ou a escreveadeira-de-garganta-preta. Uma incursão noturna certamente produzirá observações de noitibó-

-cinzento e de coruja-do-mato.

Vale a pena dar também uma espreitadela ao paul (39.085312, -8.836685) e aos arrozais situados a sul das Virtudes (39.080024, -8.824814). Nesses locais podem ser observadas várias espécies de aves aquáticas, como o colhereiro, a íbis-preta, a garça-real, a garça-branca-pequena, o pernilongo, o abibe-comum ou a narceja-comum.



1

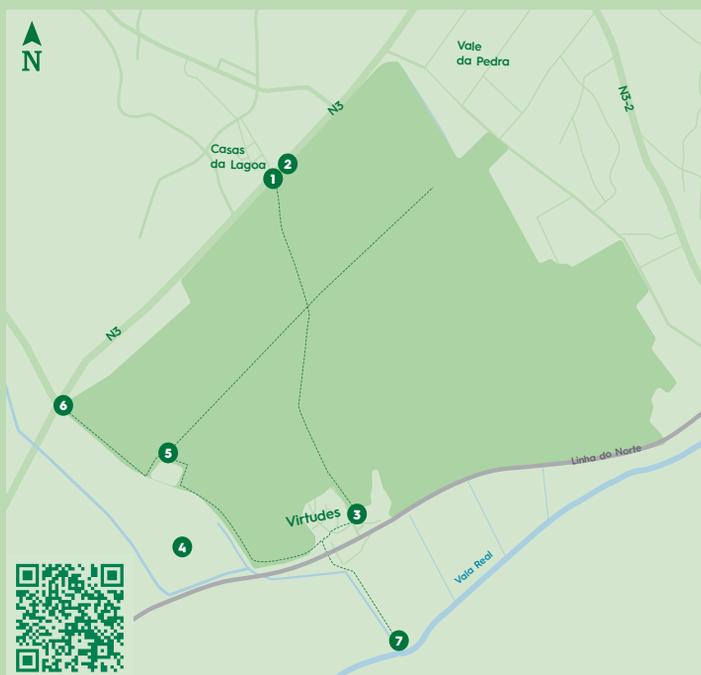


2



3

1. Trepadeira-azul *Sitta europaea* 2. Mata das Virtudes 3. Paul das Virtudes



1

Acesso principal

2

Serviços administrativos da Mata Nacional

3

Estação CP das Virtudes

4

Paul das Virtudes

5

ETAR

6

Acesso à ETAR

7

Paragem Vale Real

Linha de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• abibe-comum (OUT/INV), águia-calçada (EST/OUT), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), colheiro (TA), coruja-do-mato (TA), cuco-cinzento (EST), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), estrelinha-real (TA), gaio (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), ibis-preta (TA), milheirinha (TA), narceja-comum (OUT/INV), noitibó-cinzento (EST), pernilongo (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), poupa (TA), rola-brava (EST/OUT), rouxinol-comum (EST), tentilhão-comum (TA), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA)



QUANDO VISITAR

• Primavera



ACESSOS

Viatura própria

N3 (ponto de acesso 39.105477, -8.837952 ou 39.094272, -8.85093)

Transportes públicos

• Viável

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha do Norte; estação Virtudes)

NOTAS

• Atenção à existência de trabalhos florestais, que podem ser impeditivos da observação de aves, e perigosos para a integridade física dos visitantes

8. Lezíria da Azambuja

Distrito de Lisboa
Concelho da Azambuja



A lezíria da Azambuja é uma vasta área agrícola plana, situada a sul da vila da Azambuja, entre a Linha do Norte e o rio Tejo. A zona é atravessada pela Vala Real, um antigo canal de navegação também conhecido por Vala da Azambuja. A Vala Real foi mandada construir por ordem do Marquês de Pombal, no reinado de D. José I, e concluída no tempo de D. Maria I e de D. Pedro III. É um canal que liga a vila de Azambuja ao rio Tejo, estendendo-se até aos campos de Santarém, e atravessando o concelho do Cartaxo. Foi navegável por fragatas e barcos varinos, que procediam ao escoamento dos produtos da região e ao transporte de pessoas. Com o aparecimento do comboio e a construção da Linha do Norte perdeu a sua utilidade.

Atualmente este enorme canal artificial encontra-se naturalizado, funcionando como corredor ecológico paralelo ao rio Tejo. A agricultura praticada atualmente na lezíria da Azambuja é intensiva e baseada no regadio. Os cultivos principais são o tomate e o milho para a indústria e o arroz.

Há também pastagens permanentes com bovinos e equinos. A ligar os mosaicos de parcelas agrícolas e pastagens, existe uma vasta rede de canais e valas de drenagem, muitas vezes com uma galeria ripícola bem desenvolvida, que funcionam como refúgio para as aves e outra fauna.

Estes canais ligam também a Vala Real ao rio Tejo, cujas margens contam ainda com algumas manchas-reliquia do que seria a floresta original de aluvião do baixo Tejo. Estas manchas de salgueiros, freixos e choupos, muitas vezes interligadas com caniçal, situam-se em terrenos alagados nos mouchões (ilhas no rio) e na foz da Vala Real.

A área é vasta e a sua exploração pode merecer mais do que um dia. O tipo de agricultura praticado torna a maioria da paisagem rural bastante inóspita para as aves durante a primavera e o verão. Por isso, a melhor altura do ano para visitar esta lezíria é durante o inverno, quando não há trabalhos agrícolas e os campos estão em repouso, muitas vezes alagados. Para facilitar o planeamento das visitas a área foi dividida em três sub-sítios que se apresentam de seguida.

©Helder Costa



1

©Helder Costa



2

1. Vala Real 2. Lezíria da Azambuja



©Helder Costa

3



©Helder Costa

4

VALA REAL E PALÁCIO DA RAINHA

Durante o inverno podem-se encontrar aqui grandes bandos de tarambolas-douradas-comuns e de abibes-comuns. Um dos melhores locais para observar estas duas espécies é na proximidade da estação da Azambuja, parando no viaduto sobre a Linha do Norte (39.064644, -8.874378), donde se desfruta de vista privilegiada para as pastagens próximas, que normalmente albergam grande número de indivíduos.

A área deve ser percorrida lentamente, prestando-se muita atenção às aves de rapina pois o peneireiro-cinzento, a águia-sapeira e o peneireiro-comum são relativamente comuns e mesmo o tartaranhão-cinzento e o esmerilhão não são raros. Uma paragem na ponte sobre a Vala Real (39.058948, -8.854742) pode também ser recompensada com a observação da águia-pesqueira.

É recomendável uma visita ao Palácio da Rainha (39.035877, -8.872887), uma ruína da antiga estalagem da Vala Real. O local tem uma elevada qualidade cénica e à chegada a estrada atravessa uma das últimas manchas de floresta aluvial do Tejo com acesso por terra. Uma paragem no interior desta floresta dará ao visitante uma retrospectiva de como seria a planície aluvial do Tejo antes da transformação da paisagem para a agricultura.

PRAIA DA AZAMBUJA E PORTO DA PALHA

Para além dos campos agrícolas alagados, também o rio Tejo constitui um polo de atração para as aves no inverno. Esta é uma das melhores zonas do país para observar a águia-pesqueira. Uma visita a qualquer dos sítios junto ao rio, como a praia da Azambuja (39.032335, -8.835114) ou o Porto da Palha (39.045827, -8.813220), irá resultar na observação de um ou mais indivíduos desta espetacular ave de rapina, que é vista com frequência a pescar no Tejo ou pousada em árvores altas junto à água.

3. Águia-pesqueira *Pandion haliaetus*
4. Abibe-comum *Vanellus vanellus*

Aí podem ser observadas também muitas outras espécies de aves associadas às margens ribeirinhas, tais como o frango-d'água, a íbis-preta, a garça-real, o corvo-marinho, o maçarico-das-rochas, o guincho-comum, o guarda-rios ou o chapim-de-mascarilha.

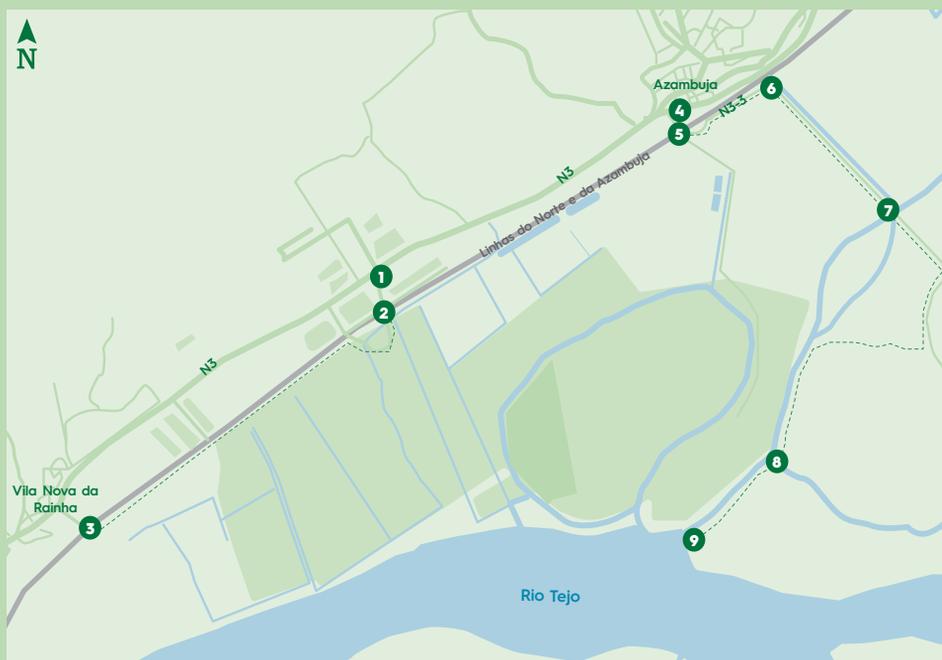
ARROZAIS DO ESPADANAL DA AZAMBUJA

A lezíria existente entre a zona industrial do Espadanal da Azambuja e a aldeia de Vila Nova da Rainha é ocupada quase em 100% pelo cultivo do arroz. É muito fácil de explorar, descendo nas estações do comboio do Espadanal ou de Vila Nova da Rainha. O ideal é fazer o percurso de 2,5 km entre as duas estações de comboio e procurar aves nos campos de arroz. Não é raro observarem-se bandos com centenas de flamingos-comuns, íbis-pretas, tarambolas-douradas-comuns e abibes-comuns.

Outras aves aquáticas comuns na área são a cegonha-branca, o colhereiro, a garça-branca-grande, o pernilongo, a narceja-comum ou o maçarico-bique-bique. Aves de rapina como a águia-sapeira, o peneireiro-comum ou o falcão-peregrino aparecem frequentemente.



Lezíria da Azambuja





ESPÉCIES A PROCURAR

- abibe-comum (OUT/INV), águia-pesqueira (OUT/INV), águia-sapeira (TA), cegonha-branca (TA), chapim-de-mascarilha (INV), colhereiro (TA), corvo-marinho (TA), esmerilhão (OUT/INV), falcão-peregrino (TA), flamingo-comum (OUT/INV), frango-d'água (TA), garça-branca-grande (TA), garça-real (TA), guarda-rios (TA), guincho-comum (TA), ibis-preta (TA), maçarico-bique-bique (TA), maçarico-das-rochas (TA), narceja-comum (OUT/INV), peneireiro-cinzento (TA), peneireiro-comum (TA), pernilongo (TA), tarambola-dourada-comum (INV), tartaranhão-cinzento (OUT/INV)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

- Diversas opções

Nordeste: Azambuja, N3-3 (ponto de acesso 39.065729, -8.875080)

Sudoeste: Espadanal da Azambuja, N3 (ponto de acesso 39.053876, -8.902421)

Transportes públicos

- Viável

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linhas da Azambuja e do Norte; estações Azambuja, Espadanal da Azambuja e Vila Nova da Rainha)

NOTAS

- Pode haver gado bravo à solta nalgumas zonas



- 1 Acesso desde o Espadanal
 - 2 Estação CP Espadanal da Azambuja
 - 3 Estação CP Vila Nova da Rainha
 - 4 Acesso desde a Azambuja
 - 5 Viaduto sobre a linha férrea
 - 6 Estação CP Azambuja
 - 7 Vala Real
 - 8 Floresta aluvial
 - 9 Palácio da Rainha
 - 10 Praia da Azambuja
 - 11 Porto da Palha
- Corpo de água
- Linha de água
- Percurso recomendado

9. Sapataria

Distrito de Lisboa
Concelho de Sobral
de Monte Agraço



A pequena povoação de Sapataria fica situada no interior acidentado do distrito de Lisboa. Trata-se de uma zona eminentemente agrícola, onde nas cotas mais elevadas subsistem ainda alguns moinhos de vento abandonados, testemunhos antigos da atividade rural que há muito existe na região. Nas suas imediações, na localidade de Sizandros, nasce o rio Sizandro que é o mais importante curso de água da região Oeste.

À semelhança do que acontece um pouco por toda a região Oeste, o povoamento é algo disperso e as manchas urbanas intercalam-se com terrenos agrícolas, pomares, bosquetes, matos, sebes vivas e baldios de sequeiro. Esta variedade permite a existência de uma avifauna diversificada, composta sobretudo por espécies comuns dos meios urbanos, agrícolas e florestais.

A zona pode ser facilmente explorada a pé. Para quem gosta de caminhar, uma opção possível consiste em utilizar o trilho marcado PR2-Rota do Sizandro, um percurso circular de 11 km que atra-

vessa diferentes tipos de habitats e passa por alguns locais com interesse histórico ou patrimonial. Outra alternativa interessante, e menos exigente, passa por explorar os caminhos que ligam o Largo da Sapataria (38.967523, -9.197760) à Rua 25 de Abril, via Rua do Campo de Futebol.

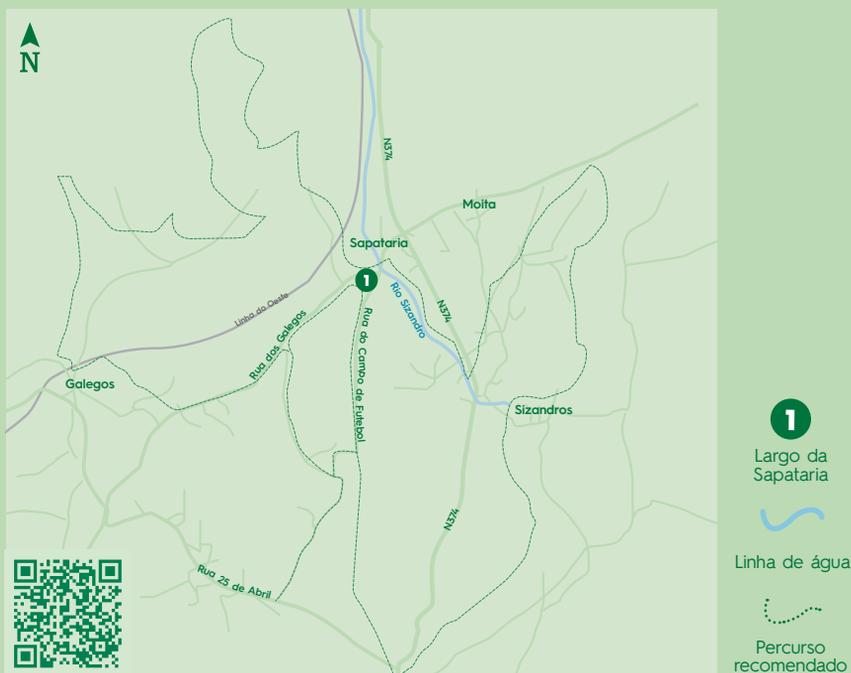
Os terrenos agrícolas abertos e os baldios são frequentados por espécies como a perdiz, a cotovia-de-poupa, a fuinha-dos-juncos, o cartaxo-comum, o bico-de-lacre, a petinha-dos-prados e o trigueirão. Nas áreas mais urbanizadas ocorrem a rola-turca, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-das-chaminés e o rabirruivo-comum. Nas manchas florestais e zonas arbustivas é possível encontrar o gaio, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-comum, a toutinegra-dos-valados, a trepadeira-do-sul, o rouxinol-comum, o pisco-de-peito-ruivo ou a escrevedeira-de-garganta-preta. Algumas aves de rapina podem ser vistas na região e entre elas incluem-se, por exemplo, a águia-cobreira, a águia-d'asa-redonda, o gavião ou o peneireiro-comum.



1



2



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-cobreira (EST), águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dos-beirais (EST), bico-de-lacre (TA), cartaxo-comum (TA), chapim-azul (TA), chapim-real (TA), cotovia-de-poupa (TA), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), felosinha-comum (OUT/INV), fuinha-dos-juncos (TA), gaio (TA), gavião (TA), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pisco-de-peito-ruivo (TA), rabirruivo-comum (TA), rola-turca (TA), rouxinol-comum (EST), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), trigueirão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Norte: N374 (ponto de acesso 38.969199, -9.196645)

Sul: N374 (ponto de acesso 38.956861, -9.196719)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: algumas carreiras da Boa Viagem e Barraqueiro Oeste (paragem Sapataria)

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha do Oeste; apeadeiro Sapataria)

NOTAS

• A área possui interesse botânico

10. Arranhó e Camondes

Distrito de Lisboa
Concelho de Arruda
dos Vinhos



As pacatas localidades de Arranhó e Camondes (ou A-de-Camondes) distam curta distância e ficam situadas no topo da encosta de um vale encaixado. O terreno da região é acidentado e a paisagem é compartimentada, formando um mosaico de terrenos agrícolas e baldios separados por sebes vivas. Aqui e ali surgem bosquetes de carvalhos-cerquinhos e de pinheiros-mansos e nas cotas mais elevadas há vastas extensões de matos.

A exploração desta área pode ser feita utilizando os caminhos de terra batida que cruzam a zona situada entre as duas localidades. Convém salientar que estas vias, embora moderadamente transitáveis, poderão estar em mau estado, sobretudo no inverno, razão pela qual se afigura mais prudente percorrê-las a pé ou de bicicleta. Uma opção consiste em desviar em Arranhó para o caminho que começa em 38.954791, -9137594 e que depois se interna pelo vale, permitindo o acesso aos terrenos adjacentes. Alternativamente a exploração poderá ser iniciada em Camondes, tomando o caminho que sai da Rua do Renteiro (38.974535, -9143693) e que segue ao longo da crista do vale para sul e que acaba por descer e ligar a Arranhó.

O leque de espécies que se pode encontrar nesta região inclui sobretudo aves comuns de hábitos generalistas. As zonas mais abertas são frequentadas pela perdiz, pela fuinha-dos-juncos e pelo cartaxo-comum, sendo também terreno de caça para aves de rapina como a água-d'asa-redonda ou o peneireiro-comum. Percorrendo os caminhos existentes, e que atravessam diferentes habitats, é possível observar o gaio, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-comum, a toutinegra-de-barrete ou a trepadeira-do-sul nos bosquetes.

Nas manchas arbustivas, a toutinegra-dos-valados, a carriça e o pisco-de-peito-ruivo fazem-se notar. Um pouco por toda a área podem ser vistos o estorninho-preto, a alvéola-branca, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha.



1. Cartaxo-comum *Saxicola torquatus*
2. Aspeto da paisagem nos arredores de Camondes



1

Acesso desde Arranhó

2

Acesso desde Camondes



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-d'asa-redonda (TA), alvéola-branca (TA), carriça (TA), cartaxo-comum (TA), chapim-azul (TA), chapim-real (TA), estorninho-preto (TA), felosinha-comum (OUT/INV), fuinha-dos-juncos (TA), gaio (TA), milheirinha (TA), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Norte: N115 (ponto de acesso 38.980738, -9.142363)

Sul: N115 (ponto de acesso 38.944704, -9.136863)

Transportes públicos

• Moderadamente viável

Autocarro: algumas carreiras da Boa Viagem (paragens Arranhó e Camondes)

NOTAS

• A área possui interesse botânico
• A caça é permitida na zona, pelo que se devem evitar visitas nos dias de atividade venatória

11. Cheleiros e o vale do rio Lizandro

Distrito de Lisboa
Concelho de Mafra



Desde a sua nascente na zona da Venda do Pinheiro até à foz a sul da Ericeira, o rio Lizandro vai tomando o nome de algumas das localidades por onde passa. Esta confusão toponímica leva a que em Cheleiros seja conhecido por ribeira de Cheleiros.

No troço compreendido entre Cheleiros (a leste) e o Carvalhal de Cheleiros (a noroeste), este curso de água percorre um vale relativamente encaixado onde a paisagem é eminentemente agrícola. Nas encostas existem manchas de carvalhos-portugueses, de pinheiros-bravos e de matos entrecortadas por pequenos campos de cereal e baldios. Os terrenos baixos e planos que ocupam uma estreita faixa ao longo do rio são ocupados por hortas e estufas. Nas margens desenvolve-se uma galeria ripícola que acompanha o curso de água em toda a sua extensão. Esta conjugação de habitats permite a existência de uma diversidade razoável de espécies de aves.

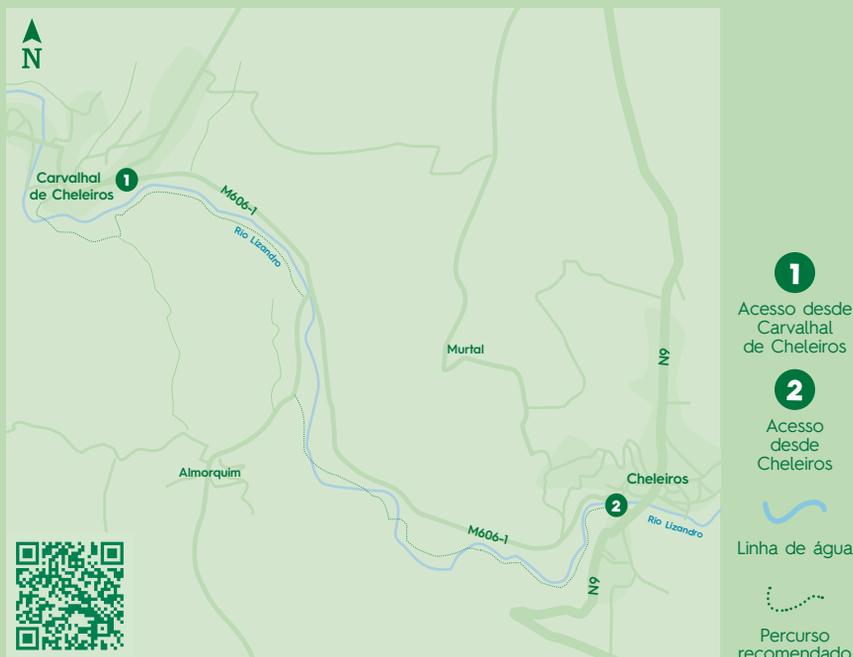
A pitoresca povoação de Cheleiros constitui a melhor base para a exploração ornitológica desta zona. Uma alternativa consiste em percorrer a estrada M606-I que daqui segue para noroeste, mais ou menos paralela ao curso do Lizandro, até ao Carvalhal de Cheleiros. A tática mais apropriada consiste em fazer paragens frequentes pelo caminho para inspecionar quer a galeria ripícola quer a várzea e as encostas. Convém no entanto notar que a maior parte dos terrenos aqui são privados e, embora o acesso possa não estar vedado, convém mesmo assim, sempre que possível, obter autorização para aí circular. Outra hipótese a considerar, talvez mais relaxante e produtiva, é a exploração a pé seguindo o caminho que sai da Rua da Meia Laranja (começo em 38.888421, -9.329869) e que segue para jusante durante

algumas centenas de metros ao longo da margem esquerda do rio.

O rio constitui sem dúvida o principal foco de interesse desta área. O seu leito é frequentado por espécies como o pato-real, a galinha-d'água, o guarda-rios, a alvéola-cinzenta, a alvéola-branca e, por vezes, o goraz. Na galeria ripícola que se estende ao longo das margens é possível encontrar o pica-pau-malhado, o gaio, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-ibérica, a felosinha-comum, o rouxinol-bravo, o chapim-rabilongo, a toutinegra-de-barrete, o tordo-pinto, o pisco-de-peito-ruivo, o rouxinol-comum, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha.

Vale a pena investigar também as zonas agrícolas e os baldios envolventes para procurar a águia-d'asa-redonda, o peneireiro-comum, a felosa-pogliota, a toutinegra-dos-valados, o cartaxo-comum ou a escrevedeira-de-garganta-preta.





1

Acesso desde
Carvalhal de
Cheleiros

2

Acesso
desde
Cheleiros



Linha de água



Percurso
recomendado



ESPÉCIES A PROCURAR

• água-d'asa-redonda (TA), alvéola-branca (TA), alvéola-cinza (TA), cartaxo-comum (TA), chapim-azul (TA), chapim-rabilongo (TA), chapim-real (TA), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), felosa-poliglota (EST/OUT), felosinha-comum (OUT/INV), felosinha-ibérica (EST), gaio (TA), galinha-d'água (TA), goraz (EST), guarda-rios (TA), miheirinha (TA), pato-real (TA), peneireiro-comum (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), rouxinol-bravo (TA), rouxinol-comum (EST), tordo-pinto (INV), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Noroeste: Carvalhal de Cheleiros, M606-1 (ponto de acesso 38.901681, -9.358180)

Leste: Cheleiros, N9 (ponto de acesso 38.887591, -9.329097)

Transportes públicos

• Moderadamente viável

Autocarro: carreira 445 da Scotturb (paragem Carvalhal-Largo); carreiras 220, 227 e 238 da Mafrense (paragem EM606 x Cheleiros em Carvalhal de Cheleiros e paragens Largo da Igreja e Cruz.Cemitério em Cheleiros)

12. Tapada Nacional de Mafra

Distrito de Lisboa
Concelho de Mafra



A Tapada Nacional de Mafra foi criada em 1747, englobada no projeto do palácio e convento de Mafra, com o objetivo não só de proporcionar um espaço de lazer para o exercício da atividade cinegética por parte da família real mas também com o de fornecer lenha para utilização no edifício. O valor histórico e patrimonial do local foi reconhecido internacionalmente em 2019 quando a tapada, enquanto parte integrante do sítio Real Edifício de Mafra (que inclui igualmente o palácio, a basílica, o convento e o Jardim do Cerco), foi declarada património cultural mundial da UNESCO.

Nos dias que correm, a tapada emerge como uma «ilha» no meio da densamente povoada região saloia dos arredores de Mafra, protegida por um muro de alvenaria com 21 km de comprimento que delimita uma área de cerca de 1200 ha. Trata-se de um espaço com relevo acidentado, que apresenta um coberto arbóreo variado composto por uma mescla de carvalhos, sobreiros, zambuzeiros, pinheiros-mansos, pinheiros-bravos e eucaliptos, entre outras espécies de árvores. Uma boa parte dos povoamentos florestais têm sub-coberto arbustivo e nas cotas mais elevadas podem encontrar-se grandes extensões de matos. A tapada é atravessada pela ribeira do Safarju que corre encaixada num vale profundo.

Em termos ornitológicos, este é um local interessante para procurar um leque razoável de espécies de aves tipicamente florestais.

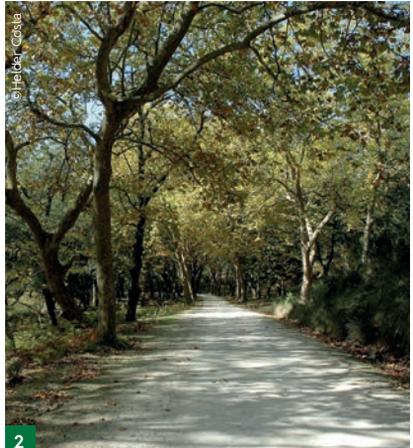
O acesso à Tapada Nacional de Mafra é pago e, para além disso, o espaço tem um horário de funcionamento definido, sendo que a abertura às 9h30m deixa um pouco a desejar para quem quer observar aves. A exploração pode ser feita a pé e apenas a partir de quatro percursos circulares pré-definidos que têm extensão variável (oscila entre os 4,8 km no mais curto e os 8,7 km no mais comprido) (ver Anexo 2). Os percursos mais longos oferecem melhores oportunidades de observação de aves, pois atravessam um leque mais alargado de habitats e passam nas cotas mais elevadas do espaço, possibilitando um campo de visão mais alargado. São no entanto um pouco exigentes do ponto de vista físico. A escolha do percurso a efetuar é feita no ato de pagamento e, por motivos de segurança, não é possível mudar depois de iniciado.

© Helber Costa



1

© Helber Costa



2



©Ana M. do Carmo

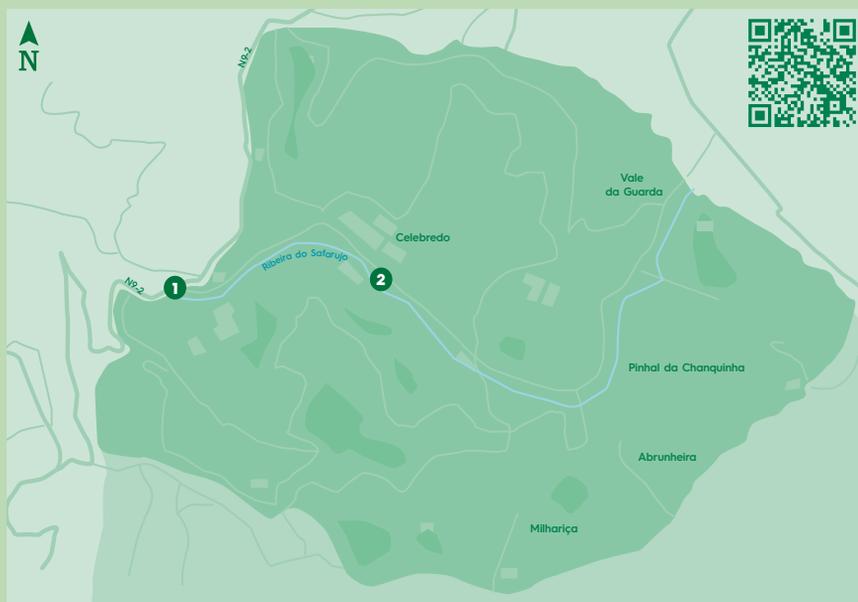
3

3. Peto-real *Picus sharpei*

Seja qual for a escolha no que ao percurso diz respeito, a melhor tática consiste em percorrer lentamente os caminhos existentes e estar atento aos cantos e chamamentos. O peto-real é pouco discreto mas difícil de ver, sendo a sua presença normalmente denunciada pelo característico som que emite e que faz lembrar o relincho de um cavalo. Também o pica-pau-malhado é relativamente comum e fácil de detetar pelo chamamento. Piscos-de-peito-ruivo e tentilhões-comuns estão por todo o lado. Para além disso, consoante a época, as manchas florestais são frequentadas por espécies como o pombo-torcaz, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a felosa-musical, a felosinha-ibérica, a toutinegra-de-barrete, a trepadeira-do-sul, a trepadeira-azul, a tordoveia, o tordo-pinto, o tarlhão-cinzentos, o papa-moscas-preto, a estrelinha-real, o verdilhão, o pintassilgo, a milheirinha e o lugre. Já as zonas arbustivas e com matos são ideais para procurar a toutinegra-dos-valados, a carriça e, nas cotas mais elevadas, a toutinegra-do-mato.

A partir das zonas mais elevadas pode-se tirar partido das amplas panorâmicas para tentar localizar aves de rapina como a águia-perdigueira ou a águia-d'asa-redonda. Daí observam-se também andorinhas-dos-beirais e andorinhas-das-chaminés a alimentar-se sobre a área.

A ribeira do Safarju, apesar de não levar normalmente muita água e de poder até secar em parte no verão, atrai algumas aves com hábitos mais ribeirinhos entre as quais o guarda-rios, a alvéola-cinzenta e a alvéola-branca.



1

Portão do Codeçal

2

Pavilhão de caça



Linha de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-d'asa-redonda (TA), águia-perdigueira (TA), alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dos-beirais (EST), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estrelinha-real (TA), felosa-musical (OUT), felosinha-ibérica (EST), gaio (TA), guarda-rios (TA), lugre (INV), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (EST), peto-real (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), taralhão-cinzento (EST), tentilhão-comum (TA), tordo-pinto (INV), tordoveia (TA), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-do-mato (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Portão do Codeçal, N9-2 (ponto de acesso 38.964641, -9.302777)

Transportes públicos

• Inviável

NOTAS:

• A tapada é um excelente sítio para ver mamíferos de grande porte (gamos, veados, javalis)
 • Poderão existir restrições à circulação em períodos particularmente favoráveis para a eclosão de incêndios

13. Vale da ribeira da Cabrela

Distrito de Lisboa
Concelho de Sintra



A ribeira da Cabrela nasce na zona de Algueirão a 280 metros de altitude e ao longo do seu percurso, até desaguar no rio Lizandro, vai tomando diferentes nomes. Junto à nascente é denominada ribeira dos Ferreiros. Depois, junto à Base Aérea nº 1, denomina-se ribeira da Granja. Após cruzar a N9 passa a designar-se ribeira da Fervença até que, 3 km depois, assume finalmente o nome Cabrela.

Neste livro debruçamo-nos apenas sobre o setor compreendido entre o ponto onde a ribeira ganha o seu nome (a sul) e a ponte romana situada a norte (38.863224, -9.346968). Neste troço do seu curso, a ribeira corre num vale relativamente amplo, encaixado entre o planalto de Terrugem-Odrinhas e o de Montelavar. Ao longo das margens estende-se uma galeria ripícola bem desenvolvida e a montante, nas cotas mais baixas, surgem algumas manchas de carvalhal bem preservadas. Nas encostas existem terrenos abandonados de sequeiro, utilizados como pastagens, alguns dos quais mantêm ainda vestígios dos característicos muros de pedra típicos da região e que denunciam uma antiga exploração agrícola. Ao longo da encosta adjacente à margem direita há alguns pequenos afloramentos rochosos.

Este é um local ainda pouco frequentado pelos observadores de aves nacionais mas que, apesar disso, é bastante interessante e tem muito para oferecer. A exploração da zona pode ser feita a pé a partir da ponte situada na Rua dos Casais. Daí é possível caminhar ao longo da ribeira, quer para norte quer para sul, usando os trilhos existentes.

Seguindo para sul, o caminho atravessa áreas de vegetação ripícola densa e algumas manchas de carvalhal maduro, oferecendo boas oportunidades

para observar o pombo-torcaz, o pica-pau-malhado, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-ibérica, a felosinha-comum, a toutinegra-de-barrete, a trepadeira-do-sul, a trepadeira-azul, a carriça, o tordo-pinto, o rouxinol-comum, o pisco-de-peito-ruivo e a estrelinha-real. O gavião e o açor são vistos com frequência e, para além disso, aí existe uma pequena população do exótico rouxinol-do-japão.

Para norte, os trilhos não só acompanham o curso da ribeira como permitem aceder também a terrenos mais abertos de sequeiro nas encostas do vale, com matos e árvores dispersas onde se podem observar a perdiz, a águia-cobreira, a águia-d'asa-redonda, o peneireiro-comum,



©Ana M. do Carmo

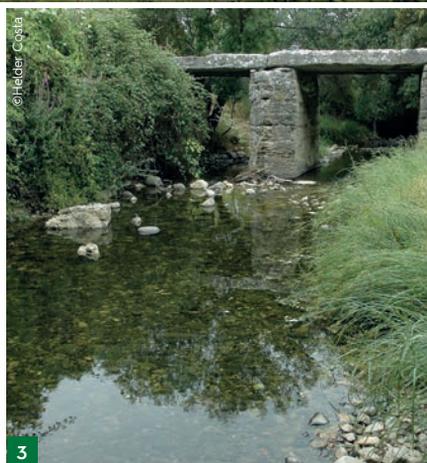
Açor *Accipiter gentilis*

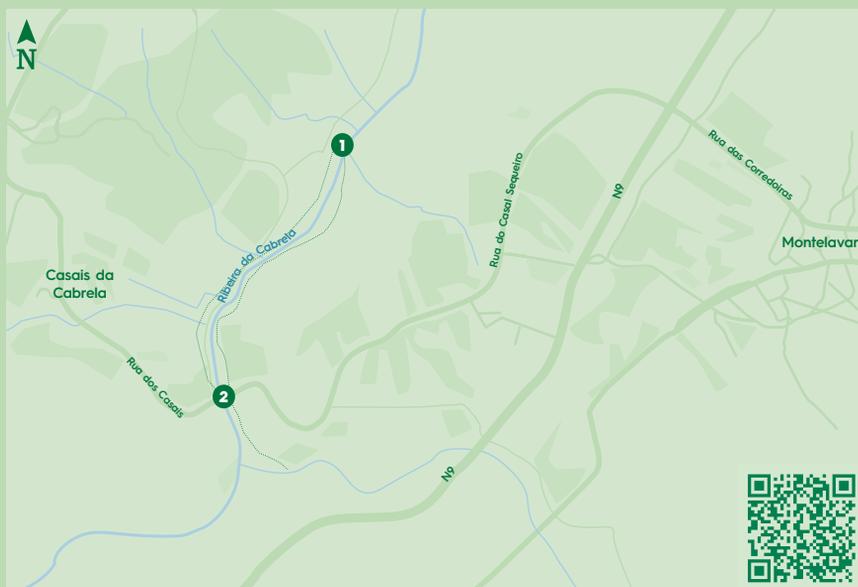
o cartaxo-comum, o verdilhão, o pintassilgo, a mi-leirinha ou a escrevedeira-de-garganta-preta. O bufo-real é presença regular nesta área. A galeria ripícola não é tão densa aqui mas, mesmo assim, é utilizada por muitas das espécies já referidas acima.

Seja qual for a opção, convém ir olhando para o céu pois para além de aves de rapina, também o andorinhão-pálido, o andorinhão-preto, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica, a an-

dorinha-das-chaminés e a andorinha-das-rochas sobrevoam a área regularmente.

O guarda-rios e a alvéola-cinzenta ocorrem ao longo de todo o curso da ribeira e podem aparecer em qualquer lado. No período de migração pós-nupcial, o taralhão-cinzento e o papa-moscas-preto são facilmente observáveis quer na galeria ripícola quer nos terrenos envolventes.





1 Ponte romana

2 Acesso desde a Rua dos Casais


Linha de água


Percurso recomendado



ESPÉCIES A PROCURAR

• açor (TA), águia-cobreira (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), alvéola-cinza (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-das-rochas (EST/OUT), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), bufo-real (TA), carriça (TA), cartaxo-comum (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), felosinha-ibérica (EST), gaio (TA), gavião (TA), guarda-rios (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), peneiro-comum (TA), perdiz (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), rouxinol-comum (EST), rouxinol-do-japão, tarlhão-cinza (OUT), tordo-pinto (INV), toutinegra-de-barrete (TA), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Rua dos Casais (ponto de acesso 38.857541, -9.350498)

Transportes públicos

• Moderadamente viável

Autocarro: carreira 445 da Scotturb (paragem Casais da Cabrela); carreiras 220, 254 e 255 da Mafrense (paragem Montelavar, Largo D. Afonso Henriques, papelaria Jardim); carreiras 103 e 124 da Vimeca (paragem Montelavar-Largo)

NOTAS

- Ao fim de semana a perturbação causada por visitantes pode por vezes ser significativa
- A caça é permitida na zona, pelo que se devem evitar visitas nos dias de atividade venatória

14. Salinas de Alverca e do Forte da Casa

Distrito de Lisboa
Concelho de Vila Franca de Xira



Este sítio está situado na margem norte do estuário do Tejo, entre Alverca e a Póvoa de Santa Iria. Encravado entre a linha férrea e o rio Tejo, é um dos poucos com interesse natural que sobreviveram à enorme expansão urbana que se verificou na região. É composto por dois complexos de salinas abandonadas, bem como por campos agrícolas em regime extensivo. A maior parte da área esteve para ser loteada no início do século XXI.

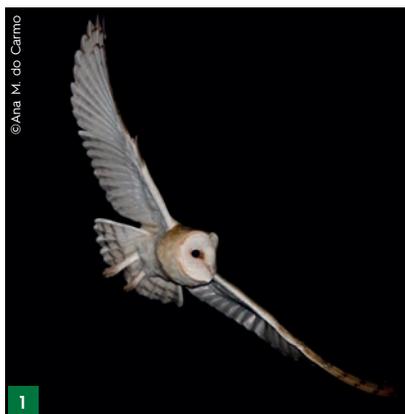
Foi a sua importância ornitológica e a classificação como Área Importante para as Aves e Biodiversidade (IBA), que impediu que fosse aterrada e transformada noutro espaço edificado. Mais recentemente os terrenos foram adquiridos pelo Município de Vila Franca de Xira, que criou uma rede de percursos pedestres, permitindo assim que esta área ribeirinha passasse a ser usufruída pela população.

A exploração é fácil quer pela topologia plana quer pela existência de trilhos e passadiços, que permitem o acesso e o progresso sem dificuldade. A proximidade da Reserva Natural do Estuário do Tejo e a presença de vários tanques com água durante longos períodos do ano, tornam-na muito atrativa para uma grande diversidade de aves aquáticas.

Quanto à exploração, sugere-se aqui entrar por Alverca e fazer um percurso a pé de leste para oeste. Contudo, é igualmente viável entrar pela praia dos Pescadores, percorrendo um trajeto no sentido inverso. Seguindo a sugestão inicial, a ETAR de Alverca (38.884513, -9.036585) é o primeiro sítio que importa investigar.

O tanque tem um espelho de água considerável e apesar de estar vedado permite a observação, desde o lado de fora, de um verdadeiro manancial de aves aquáticas.

O destaque vai para os anatídeos: o pato-colhereiro, a frisada e a marrequinha são abundantes, e outras espécies menos comuns como a tadorna, o pato-de-bico-vermelho, o zarro ou a negrinha estão presentes com regularidade. Outras aves aquáticas como o mergulhão-pequeno, o flamingo-comum, o colhereiro, a íbis-preta, a garça-real ou a garça-vermelha são também observáveis.



©Ana M. do Carmo

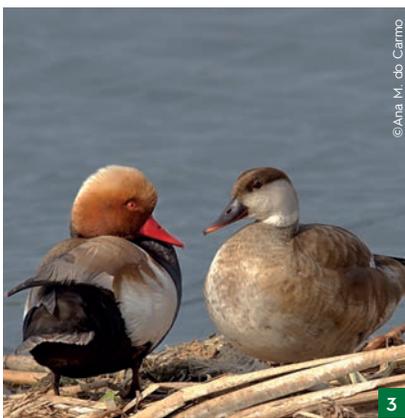
1



©Heiber Costa

2

1. Coruja-das-torres *Tyto alba*
2. Concentração de patos na ETAR de Alverca



©Ana M. do Carmo

3

3. Casal de patos-de-bico-vermelho *Netta rufina*

Junto à ETAR existem tanques das antigas salinas. Estes normalmente secam no final da primavera e no verão, mas enquanto têm água, são usados por várias espécies de limícolas como local de repouso, alimentação ou reprodução. As mais comuns são o alfaiate, o pernilongo, a tarambola-cinzenta, o borrelho-grande-de-coleira, o borrelho-de-coleira-interrompida, o abibe-comum, o milherango, o pilrito-de-peito-preto, o pilrito-pequeno, o perna-verde-comum e o perna-vermelha-comum. Idealmente a zona deve ser visitada a meio do dia, quando o Sol está alto e a luz é mais favorável.

A partir da ETAR e das salinas de Alverca o percurso só é acessível a pé ou de bicicleta. O trilho segue em grande parte ao longo da ribeira da Verdelha até chegar à margem do Tejo, em frente ao antigo mouchão da Póvoa e daí prossegue até à praia dos Pescadores. As margens da ribeira têm muita vegetação, que impede a observação da água em quase todo o trajeto. Ainda assim vale a pena ter atenção, não só porque ocasionalmente a franga-d'água-malhada pode aí ser vista mas também porque este é um bom local para observar o guarda-rios e o exótico tecelão-de-cabeça-preta.

As áreas de caniço da ribeira da Verdelha e do Tejo são um bom habitat para procurar passeriformes de caniçal (felosa-dos-juncos, rouxinol-dos-caniços, pisco-de-peito-azul e escrevedeira-dos-caniços). Junto à foz da ribeira (38.865499, -9.044045), com a maré vazia, é possível encontrar um grande número de limícolas em alimentação (alfaiates, tarambolas-cinzentas, borrelhos-grandes-de-coleira, milherangos, pilritos-de-peito-preto, pernas-verdes-comuns e pernas-vermelhas-comuns).

Vale a pena olhar para as árvores secas existentes no mouchão em frente pois aí está instalada uma colónia reprodutora de corvos-marinhos e estas são também usadas como pouso da águia-pesqueira.

O regresso pode ser feito pelo mesmo caminho, em sentido inverso. Há também a possibilidade de fazer um percurso circular pelas antigas salinas do Forte da Casa e pelos campos agrícolas envolventes.

Aí será possível ver e ouvir espécies diferentes, como a codorniz, o cartaxo-comum, o pintarroxo-de-bico-escuro, o pintassilgo, a milheirinha ou o trigueirão. Esta é uma boa área para observar aves de rapina.

Entre as espécies que poderão ser vistas contam-se o peneireiro-cinzento, a água-sapeira, o tartaranhão-cinzento e o peneireiro-comum.

A zona é frequentada pela coruja-das-torres e pela coruja-do-nabal mas a melhor hipótese para as ver será ao anoitecer.



Foz da ribeira da Verdelha



ESPÉCIES A PROCURAR

- abibe-comum (OUT/INV), água-pesqueira (OUT/INV), água-sapeira (TA), alfaiate (PRI/OUT/INV), borrelho-de-coleira-interrompida (TA), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), cartaxo-comum (TA), codorniz (TA), colhereiro (TA), coruja-das-torres (TA), coruja-do-nabal (INV), corvo-marinho (TA), escrevedeira-dos-caniços (TA), felosa-dos-juncos (PRI/OUT), flamingo-comum (TA), franga-d'água-malhada (PRI), frisada (TA), garça-real (TA), garça-vermelha (EST), guarda-rios (TA), íbis-preta (TA), marrequinha (OUT/INV), mergulhão-pequeno (TA), milheirinha (TA), milherango (PRI/OUT/INV), negrinha (INV), pato-colhereiro (OUT/INV), pato-de-bico-vermelho (TA), peneireiro-cinzento (TA), peneireiro-comum (TA), perna-verde-comum (TA), perna-vermelha-comum (PRI/OUT/INV), pernilongo (TA), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pilrito-pequeno (PRI/OUT/INV), pintarroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-azul (OUT/INV), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), tadorna (TA), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV), tartaranhão-cinzento (OUT/INV), tecelão-de-cabeça-preta (TA), trigueirão (TA), zarro (OUT/INV)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Nordeste: Alverca, Estrada do Aeroporto (ponto de acesso 38.885409, -9.038486)

Sudoeste: Póvoa de Santa Iria, Praia dos Pescadores (ponto de acesso 38.862965, -9.052136)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: diversas carreiras da Rodoviária de Lisboa (paragem Alverca-estação da CP)

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linhas do Norte e da Azambuja; estação Alverca)



- 1** Estação CP Alverca
- 2** Acesso desde Alverca
- 3** ETAR de Alverca

- 4** Foz da ribeira da Verdelha
- 5** Acesso desde a praia dos Pescadores
-  Corpo de água

 Linha de água

 Percurso recomendado

15. Cabeço de Montachique

Distrito de Lisboa
Concelhos de Loures
e de Mafra



Cabeço de Montachique é uma pequena localidade, dividida entre os concelhos de Mafra e Loures. No monte que lhe dá o nome, existe um afloramento basáltico poupado pela erosão. É o ponto mais alto do concelho de Loures (409 metros), a partir do qual se desfruta de uma vista panorâmica, que abrange grande parte da região de Lisboa até Almada. Em seu redor é possível encontrar zonas urbanas, terrenos abertos e matagais (maioritariamente antigos campos de cereal), e áreas florestadas (quer com eucaliptos quer com sobreiros e carvalhos-portugueses). Próximo do cabeço situa-se o Parque Municipal do Cabeço de Montachique, que está vocacionado para atividades desportivas e para o contacto com a natureza.

A chaminé vulcânica situada nas imediações de Cabeço de Montachique (38.898302, -9.194040) é um excelente ponto de observação para procurar aves de rapina nos campos em redor. Investindo algum tempo, a partir desta elevação é possível observar a águia-cobreira, o gavião, a águia-d'asa-redonda ou o peneireiro-comum. Para além disso, as imediações são frequentadas

por outras espécies típicas de zonas abertas com vegetação rasteira ou matos, como a perdiz, o andorinhão-preto, a poupa, a cotovia-de-poupa, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica, a andorinha-das-chaminés, a toutinegra-dos-valados, a toutinegra-do-mato, a tordoveia, o cartaxo-comum, o pintarroxo-de-bico-escuro, o trigueirão ou a escreveadeira-de-garganta-preta.

Quanto ao Parque Municipal do Cabeço de Montachique (38.900564, -9.181608), a sua exploração é bastante fácil utilizando a rede de trilhos existente. Salienta-se, no entanto, que o espaço é vedado e tem um horário que varia consoante as estações do ano, pelo que antes de ir convém confirmar quando está aberto (ver Anexo 2). Tendo em conta as suas características, este é um excelente sítio para encontrar diversas espécies florestais entre as quais se contam o peto-real, o pica-pau-malhado, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-de-poupa, a cotovia-dos-bosques, a trepadeira-do-sul, a trepadeira-azul, o chapim-rabilongo, o tordo-pinto, o pisco-de-peito-ruivo, o rabirruivo-comum, a estrelinha-real, o tentilhão-comum, o pintassilgo e a milheirinha.



1



2

1. Vértice geodésico da chaminé vulcânica 2. Gavião *Accipiter nisus*



1

Entrada do Parque Municipal do Cabeço de Montachique

2

Acesso à chaminé vulcânica

3

Chaminé vulcânica



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-cobreira (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-preto (EST), cartaxo-comum (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-de-poupa (TA), chapim-rabilongo (TA), cotovia-de-poupa (TA), cotovia-dos-bosques (TA), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), estrelinha-real (TA), gaio (TA), gavião (TA), milheirinha (TA), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), peto-real (TA), pica-pau-malhado (TA), pintaroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), poupa (TA), rabiruivo-comum (TA), tentilhão-comum (TA), tordo-pinto (INV), tordoveia (TA), toutinegra-do-mato (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA), trigueirão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

N374 (ponto de acesso 38.896940, -9.186710)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreira 336 da Rodoviária de Lisboa (paragem Parque Municipal do Cabeço de Montachique)

16. Várzea de Loures

Distrito de Lisboa
Concelhos de Loures
e de Vila Franca de Xira



A várzea de Loures é uma área muito plana e baixa, onde confluem vários cursos de água (ribeiras de Alpreate, de Loures, de Fanhões e da Póvoa), todos afluentes do rio Trancão, que desagua no estuário do Tejo. A paisagem é dominada por cultivos regados, como o milho, o tomate e as hortícolas. Não obstante as grandes transformações operadas pela atividade humana, subsistem ainda pequenas áreas alagadas com alguma vegetação palustre, que assumem grande relevância. Destas, destaca-se o paul das Caniceiras localizado nas proximidades de Santo Antão do Tojal. Este paul e outros da região estão fortemente ameaçados por ações de drenagem, aterro e pela captação excessiva de água para fins agrícolas. No paul das Caniceiras está também registada a ocorrência da boga-de-lisboa *Iberochondrostoma olisiponensis*, uma espécie de peixe endémica ameaçada e com uma distribuição muito limitada.

No que diz respeito às aves, a várzea de Loures apresenta vários motivos de interesse. A sua exploração não é muito complicada, mas é de notar que a zona é propensa a alagamentos e inundações durante o período mais chuvoso do ano. Por isso, é possível encontrar estradas submersas e pontes interditas durante essa altura do ano. A área ainda é vasta, razão pela qual se optou por dividi-la em três sub-sítios, para facilitar a apresentação da informação e o planeamento das visitas.

PAUL DAS CANICEIRAS

Para explorar a parte ocidental da várzea de Loures uma opção consiste em começar por Santo Antão do Tojal, onde se situa o paul das Caniceiras, que é uma zona húmida pequena (cerca de 14 ha), mas com manchas de vegetação palustre (caniço e tabúia) bem preservadas. Este paul mantém áreas alagadas durante quase todo o ano, mas o nível da água varia bastante, sendo o verão o período mais crítico, em que muitas vezes sobram apenas pequenas poças. O final do caminho pedestre até ao paul (38.850104, -9.146678) é um bom local para observar uma diversidade considerável de aves aquáticas, entre as quais se salienta o camião-comum. Outras espécies que aqui se podem encontrar são o ganso-do-egito, o pato-colhereiro, a frisada, o frango-d'água, o colhereiro, a íbis-preta, o garçote, o goraz, a garça-real, a garça-vermelha, o pernilongo, o borrelho-pequeno-de-coleira e o guarda-rios.



© Helder Costa

1



© Helder Costa

2





©Diego Oliveira

3



©Helder Costa

4

3. Carraceiro *Bubulcus ibis*4. Frango-d'água *Rallus aquaticus*

No final do verão, a concentração de aves em torno das poças de água que subsistem pode revelar a ocorrência de espécies mais raras, como a cegonha-preta ou o papa-ratos. Este é também um bom local para observar passeriformes associados às zonas húmidas, nomeadamente o chapim-de-mascarilha, a felosa-dos-juncos, o rouxinol-dos-caniços, o rouxinol-grande-dos-caniços, o pisco-de-peito-azul ou a escrevedeira-dos-caniços.

CAMPOS DE FRIELAS

Entrando pelo sul, por Frielas, toma-se um caminho de terra batida que vai dar à ponte sobre a ribeira de Loures, conhecida como ponte de Frielas (38.832507, -9.144438). Uma paragem aqui para examinar a galeria ripícola pode possibilitar a observação do exótico tecelão-de-cabeça-preta. Os campos em redor são frequentados por várias espécies ligadas aos meios agrícolas, como a codorniz, a perdiz, a cegonha-branca, o carraceiro, o abibe-comum e uma boa diversidade de passeriformes (picanço-real, laverca, pintarroxo-de-bico-escuro, pintassilgo, milheirinha, trigueirão). Esta é também uma área propícia à observação de aves de rapina como o peneireiro-cinzento, a águia-sapeira ou o peneireiro-comum.

RIBEIRA DE ALPREATE E PAUL DA GRANJA

A parte oriental da várzea de Loures pode ser alcançada por sul, a partir de Frielas, ou por norte, a partir de São Julião do Tojal, seguindo para leste e atravessando o rio Trancão (38.851924, -9.125928). Na várzea agricultada podem ser observadas as mesmas espécies associadas aos terrenos agrícolas que nos campos de Frielas. Depois de atravessar a várzea, chega-se à ribeira de Alpreate, já próximo da encosta oriental do vale. Nesse ponto (38.846556, -9.114278), antes de atravessar a ribeira, seguindo para sul por um caminho a pé (acesso vedado a automóveis) durante 500 metros, encontra-se um complexo de salinas abandonado. As salinas conservam pouca da estrutura original, mas têm grandes manchas de caniço e durante o inverno têm extensas áreas alagadas. Aqui é possível observar o pato-colhereiro, a frisada, a marrequinha, o frango-d'água, o colhereiro, a garça-real, a garça-vermelha, o pernilongo, a narceja-comum, a águia-sapeira, o guarda-rios, o pisco-de-peito-azul ou a alvéola-amarela-comum.

Seguindo novamente para norte, ao longo da ribeira de Alpreate, chega-se à aldeia da Granja, onde existe um pequeno paul com o mesmo nome.

O paul da Granja conserva água todo ano, mas não tem acessos fáceis. Numa elevação na beira da estrada, junto à estação de serviço, encontra-se um dos melhores pontos de observação (38.860117, -9.114067).

Daí é possível observar a entrada e saída de cegonhas-brancas, íbis-pretas, garças-reais e garças-vermelhas. As águias-sapeiras e os peneiros-comuns são visitantes frequentes desta zona húmida.



Paul das Caniceiras



ESPÉCIES A PROCURAR

- abibe-comum (OUT/INV), águia-sapeira (TA), alvéola-amarela-comum (EST/OUT), borrelho-pequeno-de-coleira (EST), camião-comum (TA), caraceiro (TA), cegonha-branca (TA), cegonha-preta (OUT), chapim-de-mascarilha (INV), codorniz (TA), colhereiro (TA), escrevedeira-dos-caniços (TA), felosa-dos-juncos (PRI/OUT), frango-d'água (TA), frisada (TA), ganso-do-egito (TA), garça-real (TA), garça-vermelha (EST), garçote (EST/OUT), goraz (TA), guarda-rios (TA), íbis-preta (TA), laverca (INV), marrequinha (OUT/INV), milheirinha (TA), narceja-comum (OUT/INV), papa-ratos (TA), pato-colhereiro (OUT/INV), peneiro-cinzento (TA), peneiro-comum (TA), perdiz (TA), pernilongo (TA), picanço-real (OUT/INV), pintarroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-azul (OUT/INV), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), rouxinol-grande-dos-caniços (EST), tecelão-de-cabeça-preta (TA), trigueirão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Noroeste: Santo Antão do Tojal, Rua Padre Américo (ponto de acesso 38.854192, -9.144386)

Centro norte: São Julião do Tojal, Rua da Igreja (ponto de acesso 38.857821, -9.132292)

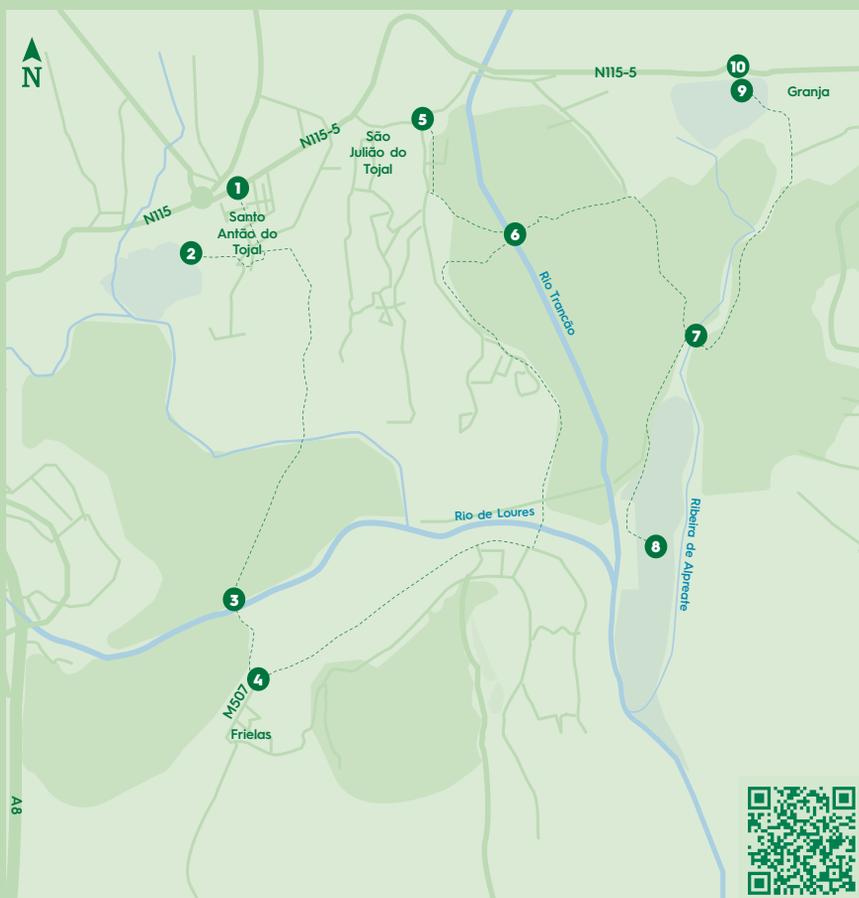
Nordeste: Granja, N115-5 (ponto de acesso 38.860420, -9.114629)

Sul: Frielas, M507 (ponto de acesso 38.828701, -9.142970)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras da Rodoviária de Lisboa (paragens Frielas-clube, Santo Antão do Tojal, São Julião do Tojal e Granja)



1 Acesso desde Santo Antão do Tojal

2 Paul das Caniceiras

3 Ponte de Frielas

4 Acesso desde Frielas

5 Acesso desde São Julião do Tojal

6 Ponte sobre o Trancão

7 Ponto de acesso às salinas abandonadas

8 Salinas abandonadas

9 Paul da Granja

10 Acesso desde a Granja

Linha de água

Percurso recomendado

17. Cabo da Roca

Distrito de Lisboa
Concelho de Sintra



O cabo da Roca é o ponto mais ocidental da Europa Continental, o sítio «onde a terra acaba e o mar começa», nas palavras de Camões. Não admira pois que seja uma das atrações turísticas mais visitadas na região de Lisboa.

Este promontório, localizado no extremo oeste da serra de Sintra, está integrado no Parque Natural de Sintra-Cascais e é dotado de uma paisagem magnífica e dramática, com arribas que nalguns pontos se precipitam de uma altura de 150 metros para o mar. Algumas pequenas ilhotas rochosas pontuam a faixa litoral, destacando-se a Pedra da Ursa a norte do cabo. A linha de costa é marcada por vales profundos, cobertos por matos bem desenvolvidos. Mais para o interior surgem pequenos bosquetes de pinheiros e manchas de canavial. Junto ao cabo existem um farol e algumas infraestruturas de apoio à visitação.

Tendo em conta as suas características, este é um bom local para procurar algumas espécies de aves rupícolas mas não só. As opções de exploração são várias. Talvez a mais fácil e intuitiva consista em começar junto ao farol e seguir para sul ao longo da costa até onde o trilho

permitir. Idealmente, esta área deverá ser visitada logo ao início da manhã, antes do começo do intenso fluxo de visitantes. A zona a norte do cabo pode ser explorada a partir dos trilhos que seguem em direção à praia da Ursa (por exemplo o que começa em 38.782813, -9.491760).

Nas falésias é possível encontrar o rabirruivo-comum e o melro-azul. A galheta e a gaivota-de-patas-amarelas também são fáceis de ver aí e nas ilhotas rochosas situadas em frente ao cabo que são igualmente utilizadas como local de repouso pelo corvo-marinho. O peneireiro-comum e o falcão-peregrino nidificam nas paredes rochosas e são observados com relativa facilidade. Embora não seja propriamente uma ave rupícola, a ferreirinha-serrana frequenta terrenos rochosos e pode ser vista com relativa regularidade quer na orla das arribas quer alimentando-se no chão em áreas mais abertas. O andorinhão-real e a andorinha-das-rochas são vistos sobrevoando a zona com relativa regularidade.

Nos matos que cobrem os vales e nos terrenos abertos adjacentes é possível encontrar, consoante a época, a perdiz, a toutinegra-dos-valados, a toutinegra-do-mato, a carriça, o melro-de-colar, o pisco-de-peito-ruivo, o cartaxo-comum, a petinha-dos-prados, o verdilhão, o pintarroxo-de-bico-escuro, o pintassilgo ou a milheirinha. No período de migração pós-nupcial, o taralhão-cinzento, o papa-moscas-preto ou a petinha-das-árvores são uma possibilidade.

Apesar de não ser um local muito favorável para a observação de aves marinhas devido à sua altura, mesmo assim compensa olhar para o mar, pois é sempre possível ver à distância cagarras-do-atlântico, pardelas-baleares, alcatrazes-do-norte e alcaides-do-norte.



©Ana M. do Carmo



1 Parque de estacionamento

2 Farol

3 Praia da Ursa

4 Praia de Assentiz

 Corpo de água

 Percurso recomendado

 **QUANDO VISITAR**

- Todo o ano

 **ACESSOS**

Viatura própria
Estrada do Cabo da Roca (ponto de acesso 38.781808, -9.495897)

Transportes públicos
• Viável

Autocarro: carreira 403 da Sco-turb (paragem cabo da Roca)

NOTAS

- A área possui elevado interesse botânico
- As barreiras de proteção existentes na orla da falésia não devem ser ultrapassadas



ESPÉCIES A PROCURAR

• alcaide-do-norte (PRI/OUT/INV), alcatraz-do-norte (TA), andorinha-das-rochas (INV), andorinhão-real (EST), cagarra-do-atlântico (PRI/EST/OUT), carriça (TA), cartaxo-comum (TA), corvo-marinho (OUT/INV), falcão-peregrino (TA), ferreirinha-serrana (INV), gaivota-de-patas-amarelas (TA), galheta (TA), melro-azul (TA), melro-de-colar (OUT/INV), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), pardela-balear (TA), peneiro-comum (TA), perdiz (TA), petinha-das-árvores (OUT), petinha-dos-prados (OUT/INV), pintarroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), rabirruivo-comum (TA), taralhão-cinzento (OUT), toutinegra-do-mato (TA), toutinegra-dos-valados (TA), verdilhão (TA)

18. Peninha

Distrito de Lisboa
Concelhos de Sintra
e de Cascais



Desde há muito que a Peninha está envolta numa aura mística e religiosa para a qual muito contribui a sua localização e características. Com efeito, elevando-se a 488 metros de altitude este aglomerado rochoso é um dos pontos mais altos da serra de Sintra e, para além disso, o facto de se situar no seu extremo ocidental permite-lhe dominar uma paisagem vasta e magnífica que se estende pela linha de costa e se prolonga para o oceano, convidando ao recolhimento e à meditação. Não admira pois que nos primórdios do cristianismo em Portugal, aí tenha sido construída uma ermida dedicada a São Saturnino. Mais tarde, no século XVI, de acordo com a lenda, a Virgem Maria apareceu a uma jovem pastora que tinha perdido as suas ovelhas evento que haveria de levar à construção de uma capela por Frei Pedro da Conceição nos finais do século XVII e que despoletou a tradição das romarias ao local. Hoje, o conjunto arquitetónico do Santuário da Peninha é formado por um palácio datado de 1918 e duas capelas (Nossa Senhora da Penha e Nossa Senhora da Peninha).

Atualmente, toda a área da Peninha faz parte do Parque Natural de Sintra-Cascais. A encosta sudoeste encontra-se em grande parte coberta por matos e vegetação rasteira, ao passo que na envolvente norte existem povoamentos de coníferas, bosquetes de carvalhos e, tal como acontece noutros locais da serra, manchas de acácias.

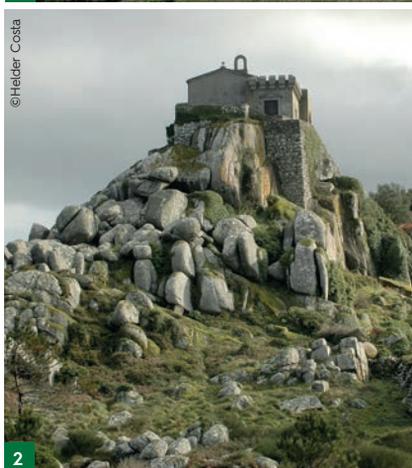
A diversidade ornitológica não é muito elevada. No entanto, aqui ocorrem algumas espécies interessantes, razão pela qual este é um sítio no qual vale a pena investir algum tempo. A sua exploração é feita a pé e, embora relativamente fácil, é um pouco condicionada pelo terreno acidentado, que pode constituir constrangimento para alguns, e por uma certa imprevisibilidade das condições atmosféricas que se traduz, nomeadamente, em nevoeiros e ventos fortes frequentes.

O topo da Peninha é um local agreste mas, mesmo assim, vale a pena escolher um ponto dominante, de onde seja possível olhar para o horizonte, e esperar pois a andorinha-das-rochas é presença habitual e há sempre a possibilidade de detetar aves de rapina como o gavião, o açor, a águia-d'asa-redonda ou o peneireiro-comum. Os afloramentos rochosos devem ser cuidadosamente



©Helder Costa

1



©Helder Costa

2

1. Vista para sul a partir da Peninha 2. Santuário



examinados, pois é aí que costumam aparecer o melro-azul ou a ferreirinha-serrana.

Nas zonas de matos e nas clareiras da encosta sul aparecem por vezes o melro-de-colar e a muito rara escrevedeira-das-neves. Para além disso, aí podem ser observadas outras espécies mais comuns como a perdiz, a fuinha-dos-juncos, a toutinegra-dos-valados, a toutinegra-do-mato, a ferreirinha-comum, o cartaxo-comum, o chasco-cinzento, a petinha-dos-prados, o pintarroxo-de-bico-escuro ou o pintassilgo.

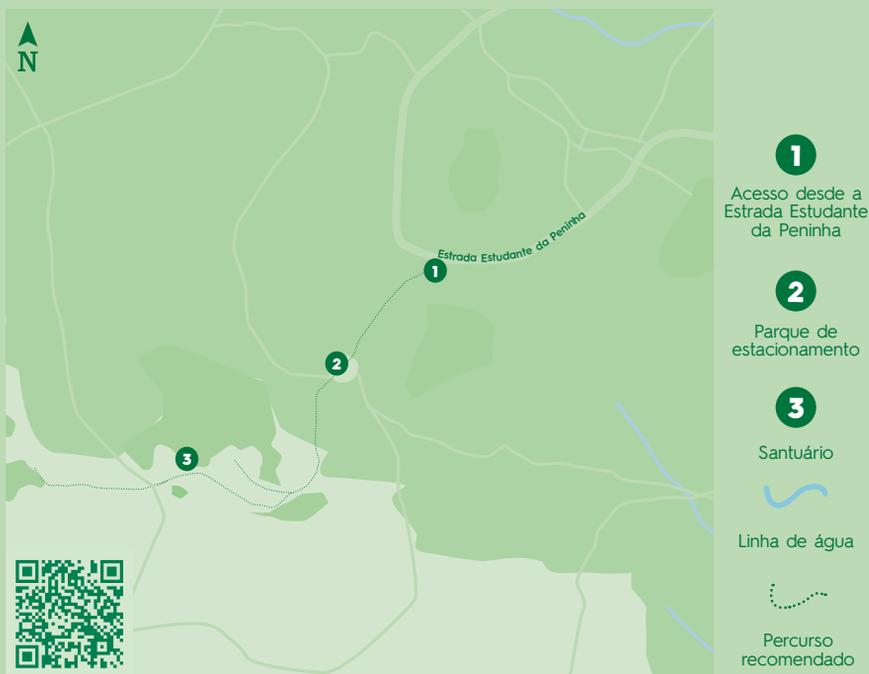
Nos povoamentos florestais adjacentes, nomeadamente junto ao parque de estacionamento e na vertente norte, é possível encontrar o pombo-torcaz, o peto-real, o pica-pau-malhado, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a toutinegra-de-barrete, o tordo-pinto, o pisco-de-peito-ruivo, a estrelinha-real, o tentilhão-comum, o verdilhão, a milheirinha ou o lugre.



© Ana M. do Carmo

3

3. Melro-de-colar *Turdus torquatus*



ESPÉCIES A PROCURAR

• açor (TA), águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-rochas (INV), cartaxo-comum (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), chasco-cinzento (OUT), escrevedeira-das-neves (INV), estrelinha-real (TA), ferreirinha-comum (INV), ferreirinha-serrana (INV), fuinha-dos-juncos (TA), gaio (TA), gavião (TA), lugre (INV), petinha-dos-prados (OUT/INV), peto-real (TA), pica-pau-malhado (TA), pintarroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), tentilhão-comum (OUT/INV), tordo-pinto (TA), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-do-mato (TA), toutinegra-dos-valados (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Outono e inverno



ACESSOS

Viatura própria
Estrada Estudante da Peninha (ponto de acesso 38.770446, -9.458198)

Transportes públicos

• Inviável

19. Quinta do Pisão

Distrito de Lisboa
Concelho de Cascais



A Quinta do Pisão fica situada na vertente sul da serra de Sintra e ocupa uma área aproximada de 380 ha. É gerida pela Câmara Municipal de Cascais e faz parte do Parque Natural de Sintra-Cascais. A ocupação humana deste território é antiga, havendo vestígios arqueológicos que remontam ao Calcolítico e à Idade do Bronze. Depois, durante a Idade Média, estabeleceu-se no local o denominado Casal de Porto Covo. Mais recentemente, durante o século XIX a quinta era utilizada para o fabrico de cal durante os meses mais quentes do ano. A partir dos anos 1930 foi aí instalada uma colónia agrícola gerida pela Santa Casa da Misericórdia de Cascais.

No espaço da quinta é possível encontrar terrenos abertos com vegetação rasteira de sequeiro, manchas florestais dominadas por pinheiros-bravos e árvores exóticas, matagais com características mediterrânicas, pequenas hortas e dois açudes com alguma vegetação ripícola. Este mosaico de habitats permite a existência de uma avifauna interessante e diversificada.

A Quinta do Pisão está aberta à visitação e o acesso   livre mas sujeito ao horário de funcionamento (ver Anexo 2). A explora o   fácil utilizando a rede de trilhos e caminhos existentes (apenas acessíveis a p  ou a bicicletas) que oferecem diversas possibilidades de abordagem.

Uma op o possível consiste em tomar o caminho que sai para leste em dire o ao Refilão, a partir do parque de estacionamento situado junto à entrada. Inicialmente o percurso atravessa uma mancha florestal onde se podem encontrar o peto-real, o pica-pau-malhado, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a estrelinha-real ou o tentilhão-comum. Depois chega a uma zona de pastagens com pinheiros dispersos (o pasto

da alta do Refilão) onde vale a pena procurar o pombo-torcaz, a cotovia-dos-bosques, o tordo-pinto, o tordo-ruivo, o tordo-zornal, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha. Junto ao estábulo do Refilão abre-se uma vasta área desarborizada (o pasto dos Fornicos e o pasto da baixa do Refilão) que   frequentada por espécies como a perdiz, a poupa, a laverca, o chasco-cinzento, o pintarroxo-de-bico-escuro e o trigueirão. Este é também o terreno de caça de algumas aves de rapina, como a  guia-d'asa-redonda ou o peneireiro-comum.

A partir do Refilão, compensa tomar a Volta da Lagoa e prosseguir até ao pequeno açude situado a sul (a lagoa Pequena), que é um bom sítio para encontrar algumas espécies aquáticas como o mergulhão-pequeno e a galinha-d' gua. Durante o período da migra o p s-nupcial as zonas



©Ana M. do Carmo

Tordo-pinto *Turdus philomelos*

envolventes são bastante favoráveis para observar passeriformes como o papa-amoras-comum, o rabirruivo-de-testa-branca, o papa-moscas-preto, o taralhão-cinzentos e a felosa-musical.

Regressando pela Volta da Lagoa, compensa também desviar para o Caminho do Olival, que liga ao Caminho do Refilão possibilitando assim fazer um percurso circular. Inicialmente este caminho atravessa uma mancha de vegetação mediterrânica utilizada por diversos passeriformes e depois passa junto a outro açude (a lagoa Grande) onde há possibilidade de encontrar algumas espécies de aves aquáticas.

Seja qual for a opção de exploração seguida, convém estar sempre atento ao céu, pois por vezes são avistadas aves de rapina em voo como o gavião ou o açor. Para além disso o andorinhão-pálido, o andorinhão-preto, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica, a andorinha-das-chaminés e a andorinha-das-rochas sobrevoam regularmente o

local procurando os insetos de que se alimentam. o cartaxo-comum, o verdilhão, o pintassilgo, a milheirinha ou a escrevedeira-de-garganta-preta. O bufo-real é presença regular nesta área. A galeria ripícola não é tão densa aqui mas, mesmo assim, é utilizada por muitas das espécies já referidas acima.

Seja qual for a opção, convém ir olhando para o céu pois para além de aves de rapina, também o andorinhão-pálido, o andorinhão-preto, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica, a andorinha-das-chaminés e a andorinha-das-rochas sobrevoam a área regularmente.

O guarda-rios e a alvéola-cinzentas ocorrem ao longo de todo o curso da ribeira e podem aparecer em qualquer lado. No período de migração pós-nupcial, o taralhão-cinzentos e o papa-moscas-preto são facilmente observáveis quer na galeria ripícola quer nos terrenos envolventes.



1. Terrenos para norte da lagoa Pequena 2. Refilão 3. Trigueirão *Emberiza calandra*



1

Entrada

2

Parque de estacionamento

3

Pasto dos Fornicos

4

Pasto da alta do Refilão

5

Pasto da baixa do Refilão



Corpo de água



Linha de água



Percurso recomendado



ESPÉCIES A PROCURAR

• açor (TA), águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-das-rochas (OUT/INV), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), chasco-cinzento (OUT), cotovia-dos-bosques (TA), estrelinha-real (TA), felosa-musical (OUT), galinha-d'água (TA), gavião (TA), laverca (INV), mergulhão-pequeno (TA), milheirinha (TA), papa-amoras-comum (OUT), papa-moscas-preto (OUT), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), peto-real (TA), pica-pau-malhado (TA), pintarroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), poupa (TA), rabirruivo-de-testa-branca (OUT), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (TA), tordo-pinto (INV), tordo-ruivo (INV), tordo-zornal (INV), trigueirão (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

N9-1/Estrada da Serra (ponto de acesso 38.758768, -9.419175)

Transportes públicos

• Inviável

NOTAS

• Poderão existir restrições à circulação em períodos particularmente favoráveis para a eclosão de incêndios

20. Granja do Marquês

Distrito de Lisboa
Concelho de Sintra



A Granja do Marquês é uma pequena localidade que deve o seu nome ao facto de em tempos a zona ter pertencido ao Marquês de Pombal. Nas suas imediações foi estabelecida em finais de 1927 a base aérea de Sintra, depois renomeada como Base Aérea nº 1, que é a mais antiga de Portugal. Sob a designação genérica de Granja do Marquês incluem-se aqui não só os terrenos da base aérea mas também os que ficam na envolvente.

Em linhas gerais, trata-se de uma vasta área plana, boa parte da qual está ocupada pela base aérea no interior da qual, para lá das pistas e dos edifícios, existem grandes extensões de terrenos abertos com vegetação rasteira de sequeiro que têm alguma continuidade na zona circundante. Em torno da base aérea há também bosquetes isolados de pinheiros-mansos e a sudoeste um conjunto de três pequenas lagoas que se formaram em pedreiras abandonadas.

Este é um bom sítio para procurar um conjunto diversificado de espécies típicas dos meios agrícolas, algumas das quais já não são muito fáceis de encontrar na região. A exploração é relativamente fácil mas está condicionada pelo facto de os terrenos da base aérea estarem vedados e não terem acesso. No entanto, é possível observar a

partir de fora ao longo da Estrada Principal (ponto de acesso 38.823335, -9.351049) que também passa junto às lagoas. Os terrenos a sul da base aérea podem ser explorados a partir da Rua Caminho dos Leiteiros (ponto de acesso 38.817955, -9.338481).

Os terrenos mais abertos ao redor da base aérea e no seu interior são frequentados por espécies como a perdiz, o carraceiro, o picanço-real, a calhandrinha-galucha, o cartaxo-nortenho, o chasco-cinzeno, a petinha-dos-prados e o trigueirão. Ocasionalmente aparecem aqui também alguns sisões. Bandos de tarambolas-douradas-comuns, abibes-comuns, estorninhos-malhados e estorninhos-pretos costumam utilizar os campos a sul da base aérea, sobretudo os que ficam nas imediações da quinta situada em 38.817838, -9.334872.

Convém estar atento aos céus, pois aves de rapina como o peneireiro-cinzeno, a águia-d'asa-redonda e o peneireiro-comum são vistas regularmente ao passo que a águia-perdigueira, a águia-calçada, a águia-cobreira, o gavião e o falcão-peregrino sobrevoam a zona ocasionalmente.

As lagoas atraem algumas aves aquáticas sendo o pato-real, o mergulhão-pequeno, a galinha-d'água, a garça-real e o guarda-rios presença mais ou menos regular. Por vezes aparecem aqui patos exóticos de origem indeterminada. Nas pequenas manchas de arvoredo e de arbustos é possível encontrar um leque diversificado de espécies onde se incluem, por exemplo, o pombo-torcaz, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a felosa-poliglota, a toutinegra-dos-valados, o papa-amoras-comum, o tordo-pinto, o taralhão-cinzeno, o papa-moscas-preto, a petinha-das-árvores, o verdilhão, o pintarroxo-de-bico-escuro, o pintassilgo e a milheirinha.



© José L. Barros



1

Lagoas

2

Quinta

Corpo de água

Linha de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• abibe-comum (OUT/INV), águia-calçada (OUT), águia-cobreira (OUT), águia-d'asa-redonda (TA), águia-perdigueira (OUT), calhandrinha-galucha (EST), carraceiro (TA), cartaxo-nortenho (OUT), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), chasco-cinzeno (OUT), estorninho-malhado (INV), estorninho-preto (TA), falcão-peregrino (OUT/INV), felosa-poliglota (EST/OUT), galinha-d'água (TA), garça-real (OUT/INV), gavião (OUT/INV), guarda-rios (TA), mergulhão-pequeno (OUT/INV), milheirinha (TA), papa-amoras-comum (OUT), papa-moscas-preto (OUT), pato-real (TA), peneireiro-cinzeno (TA), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), petinha-das-árvores (OUT), petinha-dos-prados (OUT/INV), picanço-real (TA), pintaroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), pombo-torcaz (TA), sisão (OUT), taralhão-cinzeno (OUT), tarambola-dourada-comum (INV), tordo-pinto (INV), toutinegra-dos-valados (TA), trigueirão (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

• Diversas opções

Noroeste: N250-1/Estrada da Granja do Marquês (ponto de acesso 38.826153, -9.357607)

Sudeste: N250-1/Estrada da Granja do Marquês (ponto de acesso 38.817801, -9.338735)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreiras 220, 254, 255 e 256 da Mafrense (paragem Estrada Principal fábrica Dacity)

21. Parque Urbano Rio da Costa

Distrito de Lisboa
Concelho de Odivelas



O rio da Costa nasce na zona de Casal da Silveira e desagua em Frielas, no rio de Loures. No seu curto percurso de cerca de 6,6 km atravessa o concelho de Odivelas onde, ao longo das suas margens, foi criado o Parque Urbano Rio da Costa. Encravado entre a movimentada via rápida CRIL-Circular Regional Interior de Lisboa (IC17) e a malha urbana de Odivelas, este espaço verde ocupa uma estreita faixa de terra que acompanha o curso da ribeira numa extensão aproximada de 500 metros.

O parque tem áreas relvadas e algum arvoredo. As margens da ribeira são ladeadas por choupos e salgueiros, enquanto no leito se desenvolvem manchas de vegetação palustre. A norte e a sul do parque existem alguns terrenos baldios e hortas.

Em termos gerais, este é um sítio onde se pode encontrar um leque razoável de espécies de aves típicas de parques e jardins urbanos, bem como algumas outras ligadas ao meio aquático.

A exploração é bastante fácil e pode ser feita utilizando o trilho que segue ao longo das duas margens da ribeira e que, graças às pontes existentes, permite fazer um percurso circular. Este é um local bastante procurado para a prática de atividades desportivas e de lazer pelo que uma visita de manhã cedo, quando há um menor movimento de pessoas, é mais recomendável.

Associadas à ribeira aparecem algumas aves aquáticas como o pato-real, a galinha-d'água, a garça-branca-pequena, o guincho-comum ou a gaivota-d'asa-escura. O guarda-rios pode ocasionalmente ser visto e o leito da linha de água é também frequentado pela alvéola-cinzenta e pela alvéola-branca. Nas manchas de vegetação

arbusiva mais densa ao longo das margens, o rouxinol-bravo e a carriça denunciam a sua presença através do potente canto que emitem.

Na linha de arvoredo que acompanha a ribeira e nas zonas ajardinadas é possível encontrar a rola-turca, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-comum, a toutinegrá-de-barrete, o estorninho-preto, o melro-preto, o pisco-de-peito-ruivo, o verdilhão, o pintasilgo ou a milheirinha, entre outras. A andorinha-dos-beirais e a andorinha-das-chaminés não são raras e sobrevoam frequentemente a área. No período de migração pós-nupcial o taralhão-cinzento e o papa-moscas-preto são regularmente detetados.

Os terrenos baldios e hortas das imediações não devem ser ignorados pois aí ocorrem o carraceiro, a fuinha-dos-juncos, a toutinegrá-dos-valados e o bico-de-lacre.



Alvéola-cinzenta *Motacilla cinerea*



ESPÉCIES A PROCURAR

• alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (OUT/INV), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dos-beirais (EST), bico-de-lacre (TA), carraceiro (OUT/INV), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estorninho-preto (TA), felosinha-comum (OUT/INV), fuinha-dos-juncos (TA), gaivota-d'asa-escura (OUT/INV), galinha-d'água (TA), garça-branca-pequena (OUT/INV), guarda-rios (OUT/INV), guincho-comum (OUT/INV), melro-preto (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), pato-real (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), rola-turca (TA), rouxinol-bravo (TA), tarlhão-cinzento (OUT), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Rua Augusto Alexandre Jorge (ponto de acesso 38.789132, -9,174349)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreiras 206 e 736 da Carris (paragem Avenida D. Dinis); várias carreiras da Rodoviária de Lisboa (paragem Odivelas-metro)

Metro: Metropolitano de Lisboa (linha amarela; estação Odivelas ou Senhor Roubado)

22. Parque da Ribeira de Alfragide

Distrito de Lisboa
Concelho da Amadora



Este pequeno parque está inserido na malha urbana de Alfragide e fica encaixado entre habitações, áreas comerciais e vias rápidas. Trata-se de uma estreita faixa de terreno, com uma superfície aproximada de 2 ha, que se estende ao longo do curso da ribeira de Alfragide numa orientação norte/sul.

As margens da ribeira estão cobertas por uma linha de canas. O parque inclui ainda zonas relvadas e algumas árvores dispersas. Há também algum equipamento de diversão para crianças.

Em termos ornitológicos, este é um local que permite um contacto fácil com uma série de espécies típicas dos meios urbanos e dos espaços ajardinados. Dada a sua reduzida dimensão, o parque pode ser facilmente explorado a pé, sendo recomendável uma visita matinal quando as aves estão mais ativas e a agitação é potencialmente menor.

A melhor opção consiste em tentar seguir ao longo da ribeira. Os terrenos da margem esquerda são arborizados mas o acesso é condicionado. Mesmo assim, observando de fora, é possível ver e ouvir o pombo-torcaz, o periquito-rabjunco, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, a felosinha-comum, a toutinegra-de-barrete, o estorninho-preto, o metro-preto, o verdilhão, o pintasilgo e a milheirinha. No canalial que bordeja a linha de água a carriça é presença habitual e as zonas de vegetação mais densa são também as preferidas pela toutinegra-dos-valados e pelo pisco-de-peito-ruivo. A galinha-d'água e a alvéola-cinzenta podem ser vistas no leito da ribeira.

A rola-brava ainda frequenta a zona e o seu suave arrulhar é por vezes escutado nos dias quentes de verão. Esta espécie pode ser vista a alimentar-se nos caminhos e relvados que são também

onde a petinha-dos-prados e a alvéola-branca são preferencialmente ser encontradas.

No período de migração pós-nupcial o taralhão-cinzento e o papa-moscas-preto são vistos um pouco por todo o lado.



©José L. Barros

1



©Heider Costa

2



©Heider Costa

3



Linha de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (TA), carricha (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), estorninho-preto (TA), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), galinha-d'água (TA), melro-preto (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), periquito-rabijunco (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), rola-brava (EST), taralhão-cinzento (OUT), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Rua da Ribeira (ponto de acesso 38.728748, -9.214508)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreiras 714, 748 e 750 da Carris (paragem Bairro do Alto do Moimho); algumas carreiras da Vimeca (paragens Alfragide-Estrada do Zambujal ou Rua da Ribeira)

23. Matinha de Queluz

Distrito de Lisboa
Concelho de Sintra



A Matinha de Queluz é um espaço florestal com 22 ha, murados e inseridos na malha urbana da cidade de Queluz. Tornou-se propriedade da Casa Real após a restauração em 1640 e esteve sempre de algum modo associada ao Palácio de Queluz, sendo usada pela corte como local de retiro e lazer. Em 1985 foi fisicamente separada dos jardins do palácio com a construção da autoestrada que liga Lisboa a Sintra (IC19/A37). Atualmente a gestão e manutenção da Matinha de Queluz pertence à sociedade Parques de Sintra-Monte da Lua, após um protocolo celebrado entre esta entidade, a Câmara Municipal de Sintra e o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

A área da matinha apresenta um coberto arbóreo e arbustivo denso, constituído principalmente por espécies nativas como o sobreiro, o freixo, a alfarrobeira, o folhado, o medronheiro e o carrasco, e que constitui um excelente local para a observação de aves florestais.

A exploração é fácil, uma vez que existe apenas um único portão de acesso e uma extensa rede de caminhos no interior da floresta. Atenção que a Matinha de Queluz é murada e o portão tem um horário de funcionamento apenas diurno (ver Anexo 2).

Uma visita primaveril à matinha deverá produzir observações de espécies essencialmente residentes, tais como o pombo-torcaz, a águia-d'asa-redonda, o pica-pau-malhado, o peneireiro-comum, o periquito-rabijunco, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, o chapim-rabilongo, a toutinegra-de-barrete, a trepadeira-do-sul, a carriça, o pisco-de-peito-ruivo, a estrelinha-real, o tentilhão-comum, o pintassilgo e a milheirinha. O número de espécies migradoras estivais é escasso, e apenas o andorinhão-preto, a andorinha-dos-

-beirais e a andorinha-das-chaminés são regulares na área.

No outono e no inverno, para além das espécies residentes, será possível adicionar à lista a felosa-musical, a felosinha-comum, o tordo-pinto, o taralhão-cinzento, o papa-moscas-preto, a petinha-dos-prados e o lugre. A galinhola, uma migradora invernante escassa na região, parece ocorrer com regularidade no local.



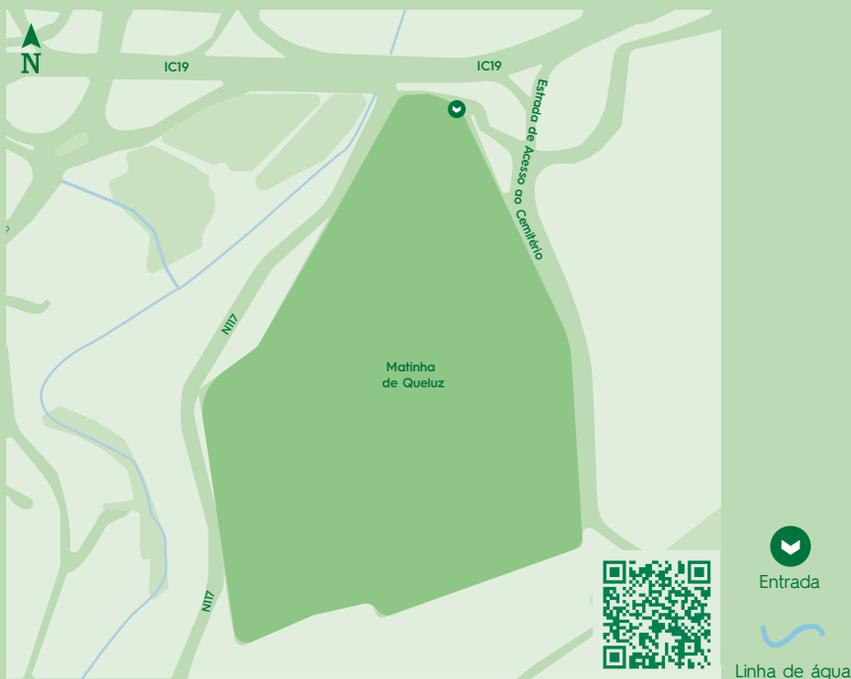
©Diogo Oliveira

1



©SPEA

2



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-preto (EST), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-rabilongo (TA), chapim-real (TA), estrelinha-real (TA), felosa-musical (OUT), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), galinhola (INV), lugre (INV), milheirinha (TA), papa-mosca-preto (OUT), peneireiro-comum (TA), periquito-rabijunco (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (TA), tordo-pinto (INV), toutinegra-de-barrete (TA), trepadeira-do-sul (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Estrada de Acesso ao Cemitério (ponto de acesso 38.747097, -9.258710)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro:

carreira 103 da Vimeca (paragem Cemitério de Queluz)



24. Cabo Raso

Distrito de Lisboa
Concelho de Cascais



O cabo Raso, como o nome indica, é um promontório baixo e plano situado cerca de 4,5 km a noroeste de Cascais. Em 1658, no contexto da guerra da Restauração, foi aí erguido o Forte de São Brás de Sanxete que passou a integrar a 1ª linha de fortificações da barra do Tejo. O forte foi desativado em 1894 e no seu perímetro foi instalado um farol que ainda hoje existe e que marca a paisagem do sítio. Hoje, o cabo da Raso faz parte do Parque Natural de Sintra-Cascais e, para além disso, devido à sua importância ornitológica, a zona marinha adjacente foi identificada como Área Importante para as Aves Marinhas.

Para os observadores de aves, em especial para os da área de Lisboa, o cabo Raso é sinónimo de aves marinhas. Com efeito, ao longo dos tempos a cabo ganhou a reputação de ser um dos melhores locais da costa continental para a observação destas aves. A maior parte das espécies que se podem ver são mais ou menos comuns, mas a lista de «raridades» já observadas aqui é longa pelo que nunca se sabe o que poderá aparecer.

A exploração deste sítio não implica caminhadas.

Aliás, a melhor opção é permanecer parado num ponto favorável que permita um bom campo de visão para o oceano, de preferência recorrendo a um telescópio. Analisar e interpretar as previsões meteorológicas é essencial para obter bons resultados pois é sabido que muitas aves marinhas raramente se aproximam da costa e só o fazem em condições excecionais (por exemplo, quando são empurradas pelo mau tempo). Os momentos imediatamente a seguir à passagem de superfícies frontais durante os períodos migratórios costumam ser particularmente favoráveis.

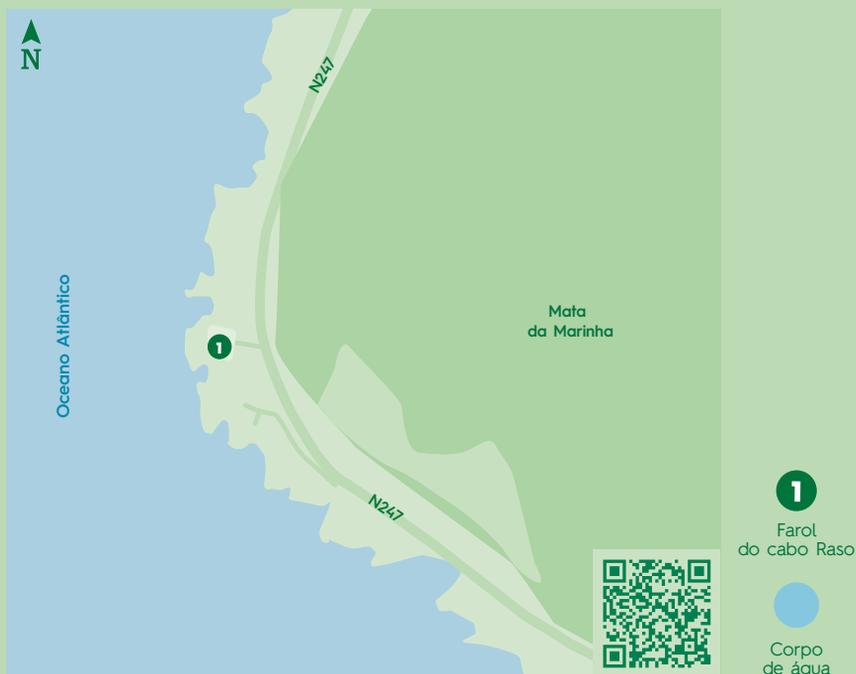
Entre as espécies de aves marinhas mais expectáveis contam-se a negrola-comum, a cagarra-do-atlântico, a pardela-baleiar, o alcatraz-do-norte ou a torda-mergulheira. Dependendo da época do ano e das condições meteorológicas, outras espécies menos comuns como o alma-de-mestre, a pardela-preta, a pardela-do-atlântico ou o moleiro-pequeno podem também ser vistas.

O cabo é igualmente um bom sítio para observar gaivotas e garajaus. A gaivota-d'asa-escura e a gaivota-de-patas-amarelas são as mais comuns mas ocorrem também várias outras, como a gaivota-tridáctila, o guincho-comum, a gaivota-de-cabeça-preta, o famego, o gaivotão-real e o garajau-de-bico-preto.

A costa rochosa das imediações é frequentada por algumas limícolas e o maçarico-galego, a rola-do-mar e o pilrito-escuro são observadas com relativa regularidade. Já nos terrenos envolventes ao farol podem ser vistos alguns passeriformes comuns como o rabirruivo-comum, a petinha-dos-prados, a alvéola-cinzenta, a alvéola-branca, o verdilhão, o pintarroxo-de-bico-escuro ou a milheirinha.



©Diego Oliveira



ESPÉCIES A PROCURAR

• alcaide-do-norte (PRI/OUT/INV), alcatraz-do-norte (TA), alma-de-mestre (PRI/OUT/INV), alvéola-branca (TA), alvéola-cinza (OUT/INV), cagarra-do-atlântico (PRI/EST/OUT), corvo-marinho (OUT/INV), farnego (OUT/INV), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), gaivota-de-patas-amarelas (TA), gaivotão-real (OUT/INV), gaivota-tridáctila (INV), galheta (TA), garajau-de-bico-preto (TA), guincho-comum (TA), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), milheirinha (TA), moleiro-pequeno (PRI/OUT), negrola-comum (PRI/OUT/INV), pardela-balear (TA), pardela-do-atlântico (PRI/EST/OUT), pardela-preta (EST/OUT), petinha-dos-prados (OUT/INV), pilrito-escuro (PRI/OUT/INV), pintaroxo-de-bico-escuro (TA), rabirruivo-comum (TA), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), torda-mergulheira (PRI/INV), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
N247 (ponto de acesso 38.709316, -9.484820)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreiras 405 e 415 da Scotturb (paragem cabo Raso)

NOTAS

• O cabo é um sítio agreste, muitas vezes batido por vento forte; convém ir preparado com agasalhos mesmo na primavera e no verão; quem tiver viatura própria pode sempre utilizá-la como «observatório» quando as condições do tempo forem muito más

• O telescópio é recomendável

25. Costa do Estoril e Cascais

Distrito de Lisboa
Concelho de Cascais



A zona costeira de Cascais e do Estoril atraiu a partir de meados do século XIX a aristocracia nacional e europeia, e muitas luxuosas residências de verão aqui foram construídas. Terá sido por essa altura que ganhou a designação de Costa do Sol, ou Riviera Portuguesa, em alusão não só às suas condições naturais mas também ao ambiente cosmopolita e chique que então se vivia. Em 30 de setembro de 1899 foi inaugurada a ligação de comboio entre Lisboa e Cascais que foi o primeiro passo para facilitar o crescimento populacional e a expansão urbana que se acentuou sobretudo a partir de meados do século XX.

No âmbito deste livro aborda-se sob a designação genérica Costa do Estoril e Cascais o setor do litoral compreendido entre a praia de Carcavelos (a leste) e a Boca do Inferno (a oeste). Aqui praias de areia alternam com praias rochosas e troços de costa com arribas baixas. Acompanhando toda a orla costeira, e estendendo-se para o interior, há uma mancha de urbanização quase contínua que torna difícil distinguir os limites das diferentes localidades que cresceram junto ao mar.

No que diz respeito às aves, esta é uma área particularmente favorável para encontrar diferentes espécies de gaivotas e de adorinhas-do-mar, bem como algumas limícolas costeiras.

A exploração da zona é fácil e existem várias possibilidades para o fazer, seja a pé, de bicicleta, de transportes públicos ou utilizando viatura própria. O comboio, por exemplo, é uma boa opção pois segue mais ou menos paralelo à costa e tem estações nas proximidades das praias mais importantes. Caso se utilize viatura própria a melhor tática consiste em percorrer a Avenida Marginal no sentido de Lisboa pois assim o acesso aos parques de estacionamento fica mais facilitado.

PRAIA DE CARCAVELOS

A praia de Carcavelos é uma das mais populares e concorridas da região. Para isso contribuem o seu extenso areal e a sua boa acessibilidade. Por esse motivo, a exploração da zona deverá idealmente ser feita de manhã cedo, antes que comece o movimento mais intenso de pessoas.



1



2

1. Pilrito-das-praias *Calidris alba*
2. A costa rochosa na zona da Parede



©Helder Costa

3

3. Gaivota-de-patas-amarelas
Larus michahellis

Este é um local favorável para observar gaivotas pois, sobretudo no inverno, aqui se congregam grandes bandos dessas aves. As espécies mais comuns presentes são o guincho-comum, a gaivota-de-patas-amarelas e a gaivota-d'asa-escura. Contudo, algum esforço de observação pode permitir encontrar a gaivota-de-cabeça-preta, a gaivota-de-audouin e o famego.

Para além disso há sempre a hipótese de detetar uma ou outra espécie mais rara como a gaivota-pequena, a gaivota-de-bico-riscado ou a gaivota-prateada-europeia. A praia e as águas adjacentes são também frequentadas por alguns garajaus. O garajau-de-bico-preto é observado com frequência e outras possibilidades incluem o garajau-comum e a chilreta. Vale a pena olhar para o mar, pois por vezes aparecem aves marinhas como o alcatraz-do-norte ou o alcaide-do-norte, entre outras. Nos terrenos adjacentes à praia é possível ver o exótico mainato-de-poupa.

PRAIAS DA PAREDE E DAS AVENCAS

Situadas a oeste de Carcavelos, estas duas praias contíguas caracterizam-se por terem um substrato rochoso que fica a descoberto na maré vazia. Devido à interessante biodiversidade marinha que se pode encontrar nas poças que se formam na maré-baixa, a praia das Avencas foi declarada como Zona de Interesse Biofísico e obteve a classificação de Área Marinha Protegida, a primeira a nível local criada no país.

A exploração da zona rochosa deverá ser feita aquando da maré baixa. Convém salientar que há algumas restrições de acesso que decorrem do estatuto de área protegida. Assim, a movimentação na plataforma rochosa deve ser feita apenas através dos trilhos assinalados ou seguindo as orientações existentes.

Aqui se congregam por vezes grande número de gaivotas-de-cabeça-preta, especialmente quando as condições meteorológicas são adversas no mar. É também um bom local para procurar limícolas como o ostraceiro, a tarambola-cinzenta, o borrelho-grande-de-coleira, a rola-do-mar, o maçarico-galego, a seixoeira, o pilrito-das-praias ou o pilrito-escuro.

BAÍA DE CASCAIS E BOCA DO INFERNO

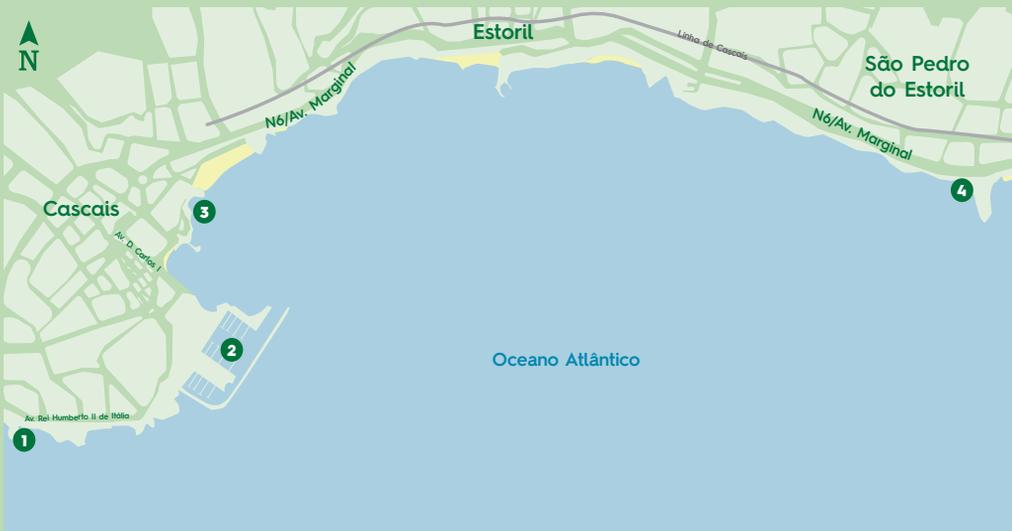
A baía de Cascais desenvolve-se em frente à vila do mesmo nome e é um dos ex-libris da região. A sua exploração pode ser feita a partir da Avenida D. Carlos I ou da marina de Cascais. Tal como acontece noutros pontos do litoral da região, este é um bom sítio para procurar gaivotas. Para além disso, as águas mais abrigadas da baía são por vezes procuradas como refúgio por aves marinhas como a torda-mergulheira.

Cerca de 1,7 km a oeste do centro de Cascais situa-se a Boca do Inferno, um conhecido acidente geológico que se insere num setor de costa com arribas baixas. A zona pode ser acessada a partir da Avenida Rei Humberto II de Itália. O falcão-peregrino é por vezes aqui observado e, procurando no mar, é possível ver a cagarra-do-atlântico, a pardela-baleare, o alcatraz-do-norte, o corvo-marinho, a galheta ou o alcaide-do-norte.

Convém salientar que não se deve arriscar uma aproximação à falésia pois acidentes graves resultantes de descuido e imprudência não são raros neste local.



A costa vista desde a Boca do Inferno



1 Boca do Inferno

2 Marina de Cascais

3 Baía de Cascais

4 Centro de Interpretação Ambiental da Ponta do Sal



ESPÉCIES A PROCURAR

• alcaide-do-norte (OUT/INV), alcatraz-do-norte (TA), borrelho-grande-de-coleira (INV), cagarra-do-atlântico (PRI/EST/OUT), chilreta (EST), corvo-marinho (OUT/INV), falcão-peregrino (TA), fomego (INV), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-audouin (PRI/OUT/INV), gaivota-de-bico-riscado (INV), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), gaivota-de-patas-amarelas (TA), gaivota-pequena (PRI/INV), gaivota-prateada-europeia (INV), galheta (TA), garajau-comum (PRI/OUT), garajau-de-bico-preto (TA), guincho-comum (TA), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), mainato-de-poupa (TA), ostraceiro (OUT/INV), pardela-balear (TA), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pilrito-escuro (PRI/OUT/INV), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), seixoeira (OUT/INV), tarambola-cinzenta (OUT/INV), torda-mergulheira (PRI/INV)



QUANDO VISITAR

- Outono e inverno



ACESSOS

Viatura própria

- Diversas opções

Oeste: N6/Avenida Marginal (ponto de acesso 38.701464, -9.417593)

Leste: N6/Avenida Marginal (ponto de acesso 38.677426, -9.327739)

Transportes públicos

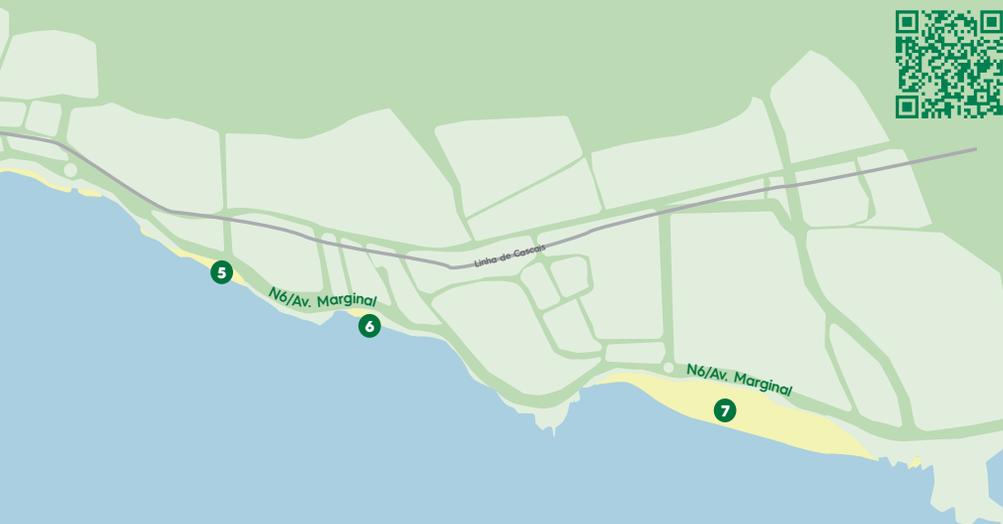
- Viável

Autocarro: várias carreiras da Scotturb (diversas paragens); carreira 106 da Vimeca (paragem Carcavelos-praia)

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha de Cascais; estações entre Carcavelos e Cascais)

NOTAS

- No Centro de Interpretação Ambiental da Pedra do Sal (CIAPS), localizado na Ponta do Sal, junto a São Pedro do Estoril, há informação sobre o património natural da região

**5**

Praia da Paredede

6

Praia das Avencas

7

Praia de Carcavelos



Corpo de água

26. Costa de Oeiras

Distrito de Lisboa
Concelho de Oeiras



A costa do município de Oeiras está incluída na chamada Costa do Estoril, ou Costa do Sol. Tem várias praias de areia (Dafundo, Cruz Quebrada, Caxias, Paço-d'Arcos, Santo Amaro e Torre) e áreas rochosas que ficam a descoberto na baixa-mar.

Este troço de costa é bastante popular e é normalmente frequentado por bastantes pessoas, que o procuram para a prática de atividades de lazer mesmo durante o inverno. Há sempre alguém a passear ou a fazer caminhadas e corridas, muitas vezes com cães, o que pode perturbar as aves e comprometer a sua observação. Para minimizar esse problema, as visitas a estes locais devem ser efetuadas muito cedo, logo nas primeiras horas da manhã.

Apesar da grande pressão humana, ainda assim, é possível encontrar aqui uma boa diversidade de aves aquáticas migradoras e invernantes, principalmente limícolas, gaivotas e garajaus.

A exploração desta área é fácil e pode ser feita a partir de várias estações de comboio da linha de Cascais ou a partir da Avenida Marginal. Caso se utilize viatura própria, a forma mais intuitiva e segura consiste em percorrer a Marginal de oeste para leste, pois assim é mais fácil o acesso aos parques de estacionamento. Para facilitar a preparação das visitas, a zona foi dividido em três partes, cada uma servida por estações de comboio diferentes.

PASSEIO MARÍTIMO DE OEIRAS

O Passeio Marítimo de Oeiras pode ser acedido a partir da estação de comboios de Santo Amaro e, de automóvel, pela Avenida Marginal, pelo estacionamento da praia da Torre (38.676777, -9.322569). O troço entre a praia de Santo Amaro e a praia da Torre é um dos melhores para observar aves limícolas nas áreas rochosas deixadas a descoberto pela maré baixa.

Aqui podem ser vistos o ostraceiro, o borrelho-grande-de-coleira, o maçarico-galego, a rola-do-mar, o pilrito-das-praias, o pilrito-de-peito-preto ou o maçarico-das-rochas. Para além disso, é o melhor local da região para observar o raro pilrito-escuro.



1. Gaivota-de-cabeça-preta *Larus melanocephalus* 2. Percurso entre Caxias e Cruz Quebrada



©Helder Costa

3



CRUZ QUEBRADA E CAXIAS

Existe uma calçada ribeirinha entre a praia da Cruz Quebrada e a praia de Caxias, que vale a pena fazer a pé ou de bicicleta no inverno, durante a baixa-mar. Este percurso é acessível por qualquer das estações de comboio, da Cruz Quebrada ou de Caxias, e de automóvel, pela Avenida Marginal, a partir do estacionamento na praia de Caxias (38.698616, -9.276515).

Aqui é possível observar uma grande variedade de aves aquáticas em alimentação nas áreas rochosas e poças deixadas pela maré. A garça-real, a garça-branca-pequena, o ostraceiro (é o melhor troço da costa de Oeiras para ver esta espécie), o maçarico-galego, a rola-do-mar, o pilrito-das-praias, o maçarico-das-rochas, o guincho-comum, a gaivota-de-patas-amarelas são mais ou menos fáceis de encontrar.

Menos abundantes são o merganso-de-poupa, o borrelho-grande-de-coleira, o famego e o gaivotão-real. No mar podem observar-se a gaivota-de-cabeça-preta e, por vezes, as mesmas aves marinhas mencionadas para a praia do Dafundo.

PRAIA DO DAFUNDO

Esta praia quase urbana pode ser alcançada a partir da estação de comboios de Algés ou, para quem vier de automóvel, a partir do Passeio Marítimo de Algés (38.698380, -9.231588). É uma área de excelência para observar gaivotas e garajaus. As espécies mais comuns são o guincho-comum, a gaivota-de-cabeça-preta (por vezes centenas), a gaivota-d'asa-escura e a gaivota-de-patas-amarelas.

Também ocorrem regularmente o famego, o gaivotão-real e o garajau-de-bico-preto. Para além destas, outras espécies comuns na zona são o corvo-marinho, o borrelho-grande-de-coleira, a rola-do-mar e o pilrito-das-praias. Ocasionalmente, algumas espécies mais marinhas podem ser avistadas na área durante o outono e inverno, como o alcatraz-do-norte, o moleiro-pequeno e a tordamergulheira.

TROÇO DO PASSEIO MARÍTIMO DE OIRAS



- 1** Acesso desde Cascais
- 2** Áreas rochosas
- 3** Acesso desde a estação CP de Santo Amaro
-  Corpo de água
-  Percurso recomendado

TROÇO ENTRE A CRUZ QUEBRADA E CAXIAS



- 1** Praia de Caxias
- 2** Acesso desde a estação CP de Caxias
- 3** Acesso desde a estação CP da Cruz Quebrada
- 4** Acesso desde Lisboa
-  Corpo de água
-  Percurso recomendado



ESPÉCIES A PROCURAR

• alcatraz-do-norte (TA), borrelho-grande-de-coleira (INV), corvo-marinho (OUT/INV), famego (INV), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), gaivota-de-patas-amarelas (TA), gaiotão-real (OUT/INV), garajau-de-bico-preto (TA), garça-branca-pequena (OUT/INV), garça-real (OUT/INV), guincho-comum (TA), maçarico-das-rochas (OUT/INV), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), merganso-de-poupa (INV), moleiro-pequeno (PRI/OUT), ostraceiro (OUT/INV), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pilrito-escuro (PRI/OUT/INV), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), tordamergulheira (PRI/INV)



QUANDO VISITAR

• Outono e inverno



ACESSOS

Viatura própria

• Diversas opções

Oeste: N6/Avenida Marginal (ponto de acesso 38.677042, -9.324360)

Leste: N6/Avenida Marginal (ponto de acesso 38.698767, -9.231680)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras Vimeca e da COM-BUS (diversas paragens)

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha de Cascais; estações de Algés, Cruz Quebrada, Caxias e Santo Amaro)

TROÇO DA PRAIA DO DAFUNDO

**1**

Acesso desde a estação CP de Algés

2

Praia do Dafundo



Corpo de água



Percurso recomendado

27. Estação Agronómica Nacional

Distrito de Lisboa
Concelho de Oeiras



A antiga Estação Agronómica Nacional (EAN) situa-se no centro de Oeiras, próximo da Câmara Municipal e do Palácio do Marquês. A EAN não é hoje mais do que um núcleo do conjunto de quintas que o Marquês de Pombal, Conde de Oeiras, possuía junto à ribeira da Laje, com o nome de «Quinta Grande» ou «Quinta de Cima». Após o terramoto de 1755, esta quinta, para além do seu antigo destino de exploração agrícola e com antigos vinhedos para a produção do vinho de Carcavelos, foi igualmente idealizada como uma quinta de recreio com amplo conjunto arquitetónico destinado à pesca lúdica. Foi também aqui que se produziram os primeiros bichos de seda para a produção têxtil da Real Fábrica da Seda. Foi só em 1923 que os terrenos e infraestruturas situados entre a Quinta e o Palácio do Marquês originaram a Estação Agrária Central de Lisboa e cinquenta anos mais tarde, em 1974, é criado o Instituto Nacional de Investigação Agrária. Em 2012, com a crise económica, a EAN foi desativada. As áreas agrícolas e florestais, bem com o rico património edificado dos seus 130 ha encontram-se em estado de semi-abandono e sub-aproveitamento. Mas a área tem ainda muito do seu valor natural

e ecológico, pelo que um passeio pelos campos da antiga EAN são uma garantia de observação de aves interessantes e de uma viagem por mais de três séculos de história.

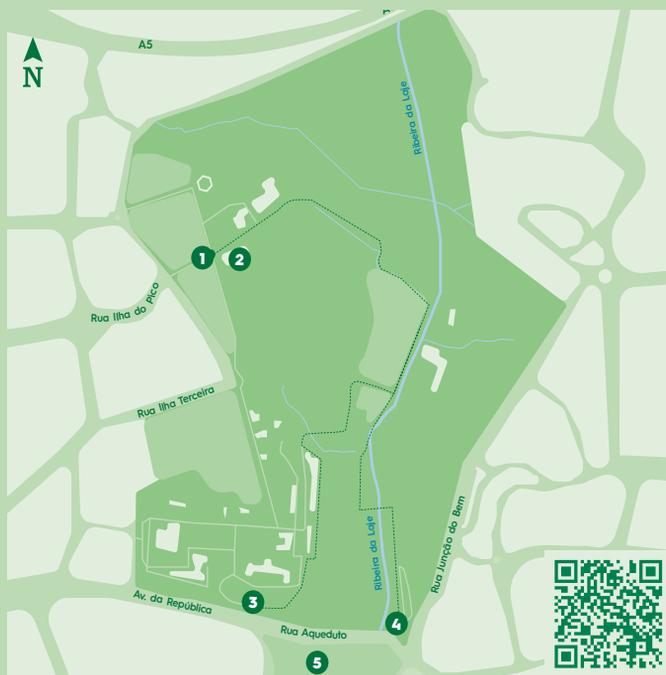
A exploração é fácil e pode ser feita a partir do portão principal do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, pelo portão norte da Associação Hípica de Oeiras ou mesmo desde o parque de estacionamento em frente ao Palácio do Marquês (38,694278, -9,313823), que atualmente dá acesso ao seu interior. Uma vez dentro, basta percorrer as estradas e caminhos ao longo dos campos para observar várias espécies de aves de zonas agrícolas, como a perdiz, o pombo-torcaz, o carraceiro, o mocho-galego, a poupa, a fuinha-dos-juncos, a toutinegra-dos-valados, a petinha-dos-prados, a alvéola-branca, o pintaroxo-de-bico-escuro, o pintassilgo e a milheirinha. Nas margens da ribeira da Lage, que atravessa a área longitudinalmente, podem ser observados o pato-real, a galinha-d'água, a garça-real, a garça-branca-pequena, o guarda-rios, a felosinha-comum, o rouxinol-bravo ou a alvéola-cinzenta.

Na orla dos bosques na parte norte, pode-se encontrar espécies mais ligadas à floresta como a rola-brava, o pica-pau-malhado, o periquito-rabi-junco, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a trepadeira-do-sul, o tordo-pinto, o taralhão-cinzento, o pisco-de-peito-ruivo, o papa-moscas-preto, o rabirruivo-comum, a estrelinha-real, o tentilhão-comum e o verdilhão.

No espaço aéreo da EAN podem ser observados o andorinhão-preto, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica e a andorinha-das-chaminés, para além de várias espécies de aves de rapina (águia-d'asa-redonda, gavião, açor e peneireiro-comum).



©Ana M. do Carmo



1

Acesso norte

2

Associação Hípica
de Oeiras

3

Acesso sul

4

Parque de
estacionamento

5

Palácio do
Marquês de
Pombal

 Linha de água


 Percurso
recomendado


ESPÉCIES A PROCURAR

• açor (TA), água-d'asa-redonda (TA), alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (TA), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-preto (EST), carraceiro (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), fuinha-dos-juncos (TA), gaio (TA), galinha-d'água (TA), garça-branca-pequena (OUT/INV), garça-real (OUT/INV), gavião (TA), guarda-rios (OUT/INV), milheirinha (TA), mocho-galego (TA), papa-mosca-preto (OUT), pato-real (TA), penneiro-comum (TA), perdiz (TA), periquito-rabjunco (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pica-pau-malhado (TA), pintarroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), poupa (TA), rabirruivo-comum (TA), rola-brava (EST/OUT), rouxinol-bravo (TA), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (OUT/INV), tordo-pinto (INV), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Norte: Associação Hípica de Oeiras (ponto de acesso 38.702889, -9.320142)

Sul: Avenida da República (ponto de acesso 38.694367, -9.318678)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras da COMBUS, Scot-turb e Vimeca (paragem Estação Agronómica ou Oeiras-estação)

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha de Cascais; estação Oeiras)

28. Fábrica da Pólvora de Barcarena

Distrito de Lisboa
Concelho de Oeiras



A Fábrica da Pólvora de Barcarena funcionou no período compreendido entre 1540 e 1940. A Câmara Municipal de Oeiras adquiriu a Fábrica da Pólvora em 1995. Atualmente, o local é um núcleo museológico e cultural. Nos diversos edifícios dispersos que engloba, podemos encontrar o Museu da Pólvora Negra, uma galeria de arte e alguns locais de lazer, como restaurante e jardins.

A área é relativamente pequena, mas tem muitos relvados e zonas florestadas, incluindo os viveiros de plantas do município, sendo ainda atravessada pela ribeira de Barcarena, o que a torna num espaço ideal para a observação de aves em ambiente urbano. A exploração é fácil, mas convém ter em conta que o acesso apesar de livre está sujeito a um horário de funcionamento (ver Anexo 2).

Um pequeno passeio pelos relvados e bosquetes pode produzir observações de espécies como o pombo-torcaz, a rola-brava, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-comum, a toutinegra-de-barrete, a toutinegra-dos-valados, a trepadeira-do-sul, a carriça, o taralhão-cinzento, o pisco-de-peito-rui-vo, o papa-moscas-preto, o rabirruivo-comum, a estrelinha-real, o tentilhão-comum, o verdilhão, o pintarroxo-de-bico-escuro, o pintasilgo e a milheirinha. Na margem da ribeira de Barcarena, podem ser vistos o pato-real, a galinha-d'água, o rouxinol-bravo, o bico-de-lacre, a alvéola-cinzenta ou a alvéola-branca. Olhando para o céu há a possibilidade de encontrar a águia-d'asa-redonda, o peneireiro-comum, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica ou a andorinha-das-chaminés.



1



2



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-d'asa-redonda (TA), alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (TA), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), bico-de-lacre (TA), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-real (TA), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), galinha-d'água (TA), milheirinha (TA), papa-mosca-preto (OUT), pato-real (TA), peneireiro-comum (TA), pintaroxo-de-bico-escuro (TA), pintasilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (OUT/INV), pombo-torcaz (TA), rabirruivo-comum (TA), rola-brava (EST/OUT), rouxinol-bravo (TA), tarlhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (TA), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Rua Fábrica da Pólvora de Barcarena (ponto de acesso 38.739959, -9.284368)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras da COMBUS e da Vimeca (paragem junto à entrada principal)

NOTAS

• A ribeira de Barcarena alberga uma população de boga-portuguesa *Chondrostoma lusitanicum* uma espécie de peixe endémica e criticamente ameaçada

29. Centro Desportivo Nacional do Jamor

Distrito de Lisboa
Concelho de Oeiras



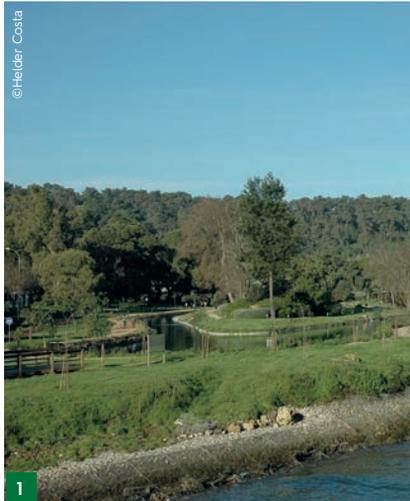
O Centro Desportivo Nacional do Jamor é um complexo de infraestruturas desportivas públicas localizado no vale da ribeira do Jamor, em Oeiras. A primeira delas, o Estádio Nacional, foi inaugurada em 1944. Para além do estádio, o centro inclui um complexo de piscinas, um centro de ténis, pistas de atletismo, pistas náuticas, uma carreira de tiro e um centro formação de golfe. Nas imediações existe também o Parque Urbano do Jamor. A área, que é atravessada pela ribeira do Jamor, tem muitos relvados e grandes manchas florestais o que a torna ideal para a observação de um leque diversificado de aves.

A exploração pode ser preferencialmente feita utilizando a Avenida Pierre de Coubertin. Começando pela zona sul, junto à Avenida Marginal, é possível aceder ao Parque Urbano do Jamor (38.704084, -9.256540), que inclui árvores diversas, relvados, lagos e um troço da ribeira do Jamor. Especialmente no inverno, este é um bom local para observar aves aquáticas, entre as quais o ganso-do-egito, o pato-real, o mergulhão-pequeno, a galinha-d'água, a garça-real, a garça-branca-pequena, a rola-do-mar, o maçarico-das-rochas, o guincho-comum, a gaivota-de-cabeça-preta, o farnego e o guarda-rios.

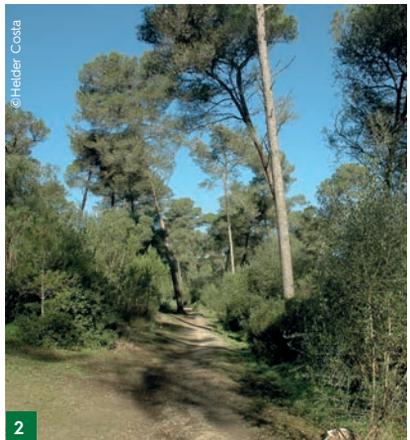
É também um bom sítio para observar andorinhões e andorinhas (andorinhão-pálido, andorinhão-preto, andorinha dos beirais, andorinha-dáurica, andorinha-das-chaminés, andorinha-das-barreiras), bem como alguns passeriformes associados a meios mais aquáticos (rouxinol-bravo, alvéola-amarela-comum, alvéola-cinzenta). A partir daí é possível seguir o caminho que se estende para norte ao longo da ribeira em direção ao Santuário de Nossa Senhora da Rocha que oferece múltiplas oportunidades de observação.

Do lado oeste da Avenida Pierre de Coubertin existe uma enorme área florestal, que liga a zona das piscinas ao Estádio Nacional. Um trajeto nesta floresta em qualquer altura do ano, passando pela cumeada do marco geodésico (38.701985, -9.258952), será certamente recompensado pela observação de um bom número de espécies de aves como, por exemplo, a perdiz, o pombo-torcaz, a rola-turca, a águia-d'asa-redonda, o pica-pau-malhado, o peneireiro-comum, o periquito-rabijunco, o gaio, o chapim-carvoeiro, o chapim-azul, a toutinegra-dos-valados, a trepadeira-do-sul,

© Helder Costa



© Helder Costa



1. Ribeira do Jamor 2. Área florestal em redor do Estádio Nacional



a trepadeira-azul, o tordo-pinto, o pisco-de-peito-ruivo, o rabirruivo-comum, a estrelinha-real, o tentilhão-comum, o verdilhão ou a milheirinha.

Na primavera, este é um dos melhores locais perto de Lisboa para encontrar a cada vez mais rara rola-brava, e durante o outono e o inverno podem ser observadas espécies migradoras como a felosa-musical, a felosinha-comum, o taralhão-cinzento, o papa-moscas-preto ou o lugre.

Estas espécies migradoras são mais fáceis de observar em locais com arvoredo menos denso, sendo um dos melhores locais o enorme parque de estacionamento junto ao estádio nacional (38.710425, -9.258365).

Os muitos relvados existentes, nos campos de treino e no campo de golfe (38.712365, -9.256243), são excelentes para observar espécies que se alimentam no chão, como a poupa, o estorninho-preto, o mainato-de-poupa, o melro-preto, a petinha-dos-prados, a alvéola-branca, o pintarroxo-de-bico-escuro, o pintassilgo ou a milheirinha.



@José L. Barros

3



@Helder Costa

4

3. Alvéola-branca *Motacilla alba* 4. Andorinha-dáurica *Cecropis daurica*

**1**

Acesso desde a A5

2

Parque de estacionamento

3

Marco geodésico

4

Parque Urbano do Jamor

5

Acesso desde a Avenida Marginal

6

Entrada do Centro Nacional de Formação de Golfe



Corpo de água



Linha de água



Percurso recomendado



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-d'asa-redonda (TA), alvéola-amarela-comum (OUT), alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (TA), andorinha-das-barreiras (EST), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dáurica, (EST), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), famego (INV), felosa-musical (OUT), felosinha-comum (OUT/INV), gaio (TA), gaivota-de-cabeça-preta (OUT/INV), galinha-d'água (TA), ganso-do-egito (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (OUT/INV), guarda-rios (OUT/INV), guincho-comum (TA), lugre (INV), maçarico-das-rochas (OUT/INV), mainato-de-poupa (TA), melro-preto (TA), mergulhão-pequeno (TA), milheirinha (TA), papa-mosca-preto (OUT), pato-real (TA), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), periquito-rabijunco (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pica-pau-malhado (TA), pintarroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), poupa (TA), rabirruivo-comum (TA), rola-brava (EST/OUT), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), rola-turca (TA), rouxinol-bravo (TA), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (TA), tordo-pinto (INV), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

• Diversas opções

Norte: Avenida Pierre de Coubertin via A5 (ponto de acesso 38.711865, -9.259512)

Sul: Avenida Pierre de Coubertin via N6/Avenida Marginal (ponto de acesso 38.702197, -9.253825)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreira COMBUS (paragem Piscinas); algumas carreiras da Vimeca (paragens Estádio Nacional-Jamor e Caxias cruzamento Mata/Estádio); carreira 776 da Carris (paragem Cruz Quebrada)

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha de Cascais; estação Cruz Quebrada)

NOTAS

• A ribeira do Jamor alberga uma população de boga-portuguesa *Chondrostoma lusitanicum* uma espécie de peixe endémica e criticamente ameaçada

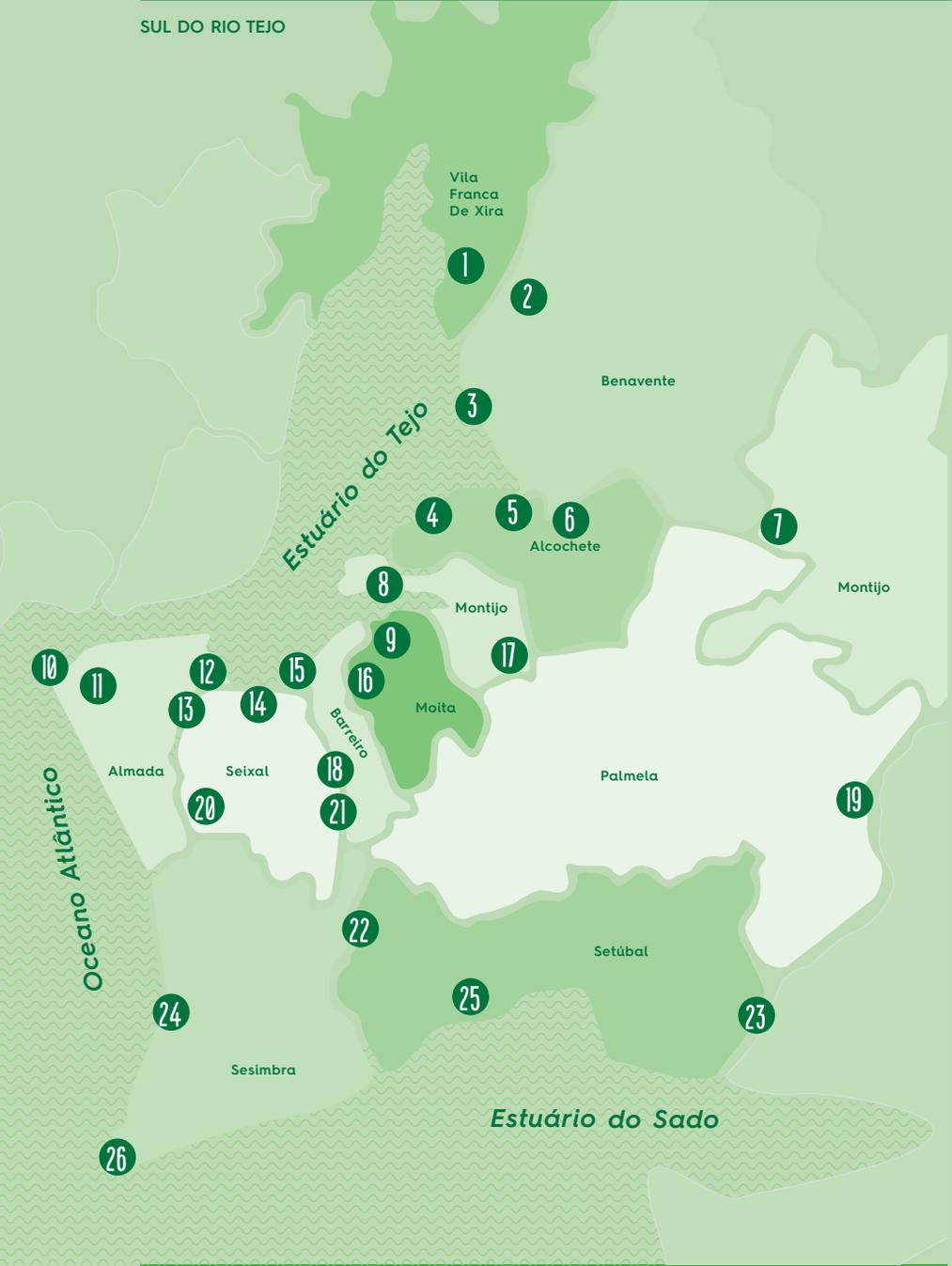
SUL DO RIO TEJO



SUL DO RIO TEJO

1. Lezíria Sul de Vila Franca
 2. Várzea de Samora e Benavente
 3. Herdade de Pancas
 4. Frente ribeirinha de Alcochete
 5. Foz da ribeira das Enguias
 6. Paus da Barroca d'Alva e de Rilvas
 7. Canha
 8. Frente ribeirinha do Montijo
 9. Moita e Sarilhos Pequenos
 10. Praias da Cova do Vapor
 11. Parque da Paz
 12. Ponta dos Corvos
 13. Moinho de Maré de Corroios
 14. Frente ribeirinha do Seixal e Amora
 15. Frente ribeirinha do Barreiro
 16. Alhos Vedros e Baixa da Banheira
 17. Lagoa da Salgueirinha
 18. Mata Nacional da Machada
 19. Várzea da Marateca
 20. Belverde e Verdizela
 21. Esteiro do rio Coina
 22. Várzea da Quinta do Conde
 23. Estuário do Sado (margem norte)
 24. Lagoa de Albufeira
 25. Serra da Arrábida
 26. Cabo Espichel
-

SUL DO RIO TEJO



1. Lezíria Sul de Vila Franca de Xira

Distrito de Lisboa
Concelho de Vila Franca de Xira



A Lezíria Sul é uma vasta área agrícola plana, situada a sul da reta do Cabo (um troço da N10 entre Porto Alto e Vila Franca de Xira). Forma uma espécie de península, rodeada pelo rio Tejo a oeste e pelo rio Sorraia a leste, cuja extremidade sul é denominada Ponta da Erva. Faz parte da Lezíria Grande de Vila Franca de Xira, que tem uma história intimamente ligada à Companhia das Lezírias, criada em 1836, nacionalizada em 1975, e atualmente a maior empresa agrícola de Portugal. A Lezíria Sul tem uma superfície de 6500 ha, maioritariamente pertencente à Companhia das Lezírias, e ocupada em 70% pelo cultivo do arroz. Os restantes 30% são ocupados por outros cultivos regados e por pastagens permanentes, com bovinos e equinos.

Todos os terrenos da Lezíria Sul foram reclamados ao estuário, por meio de drenagem e construção de diques, que os protegem das marés. A área é atravessada por uma extensa rede de canais de drenagem, de várias dimensões, que servem para fornecer água aos terrenos agrícolas no verão e drenar o seu excesso no inverno. Estes canais possuem manchas de vegetação natural e funcionam como corredor ecológico, ligando os terrenos agrícolas da lezíria e as grandes manchas de sapal e caniçal na foz do rio Sorraia e nas margens do estuário do Tejo.

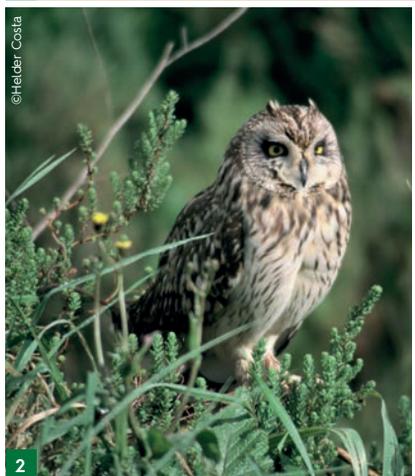
A área está incluída parcialmente na Reserva Natural do Estuário do Tejo e na totalidade na Zona de Proteção Especial (ZPE) do estuário do Tejo, fazendo parte da zona húmida mais importante de Portugal para a proteção das aves aquáticas e migradoras, e que é simultaneamente uma das mais importantes da Europa.

A sua exploração, embora fácil, está sujeita a algumas restrições. A Lezíria Sul encontra-se vedada e o acesso é condicionado. Há vários portões que possibilitam a entrada sendo, no entanto, o denominado portão do Cardal o único que está aberto ao público durante o dia. A entrada e saída por outros portões é possível, mas é necessário possuir um cartão eletrónico de acesso, que é emitido pela Associação de Beneficiários da Lezíria Grande de Vila Franca de Xira (ver Anexo 2). A vigilância do espaço é realizada por uma empresa de segurança.



©Helder Costa

1



©Helder Costa

2

1. Íbis-pretas *Plegadis falcinellus*
2. Coruja-do-nabal *Asio flammeus*



©Helder Costa

3

3. Estrada da Ponta da Erva

Para facilitar a apresentação da informação e o planeamento das visitas a área foi dividida em seis sub-sítios, que são apresentados numa ordem lógica assumindo que a exploração é feita utilizando o caminho que sai do portão do Cardal e que é aqui denominado por percurso principal (ver mapa).

ARROZAIIS DE ALCAMÉ

A igreja de Alcamé, construída em meados do século XVIII, ergue-se solitária no meio da lezíria e destaca-se na paisagem (38.906557, -8.970764). Praticamente todo o espaço em seu redor é ocupado com o cultivo de arroz. O acesso é feito dois quilómetros após a entrada no Portão do Cardal, quando se chega a uma bifurcação (38.935007, -8.966918) onde tanto se pode seguir pela esquerda como pela direita pois ambas as estradas vão dar à zona de Alcamé e ambas permitem explorar os extensos arrozais. As aves aquáticas são abundantes aqui durante todo o ano. No outono as cegonhas-brancas reúnem-se em bandos espetaculares que, por vezes, ultrapassam os 500 indivíduos. As íbis-pretas são particularmente abundantes durante o outono e inverno, não sendo rara a observação de três ou quatro mil destas aves juntas. No inverno, aos enormes bandos de íbis-pretas, associa-se também grande número tarambolas-douradas-comuns, de abibes-comuns e guinchos-comuns, que normalmente voam em espetaculares revoadas, perante a presença de uma águia-sapeira ou de outra ave de rapina. A garça-real, a garça-vermelha ou a garça-branca-grande são também comuns. Especial atenção deve ser dada aos inúmeros canais, onde podem ser observados o frango-d'água, o maçarico-bique-bique, o maçarico-de-dorso-malhado ou o guarda-rios.

MOUCHÃO DAS GARÇAS

Regressando ao percurso principal e seguindo para sul, sempre por entre arrozais, chega-se a um entroncamento passados poucos quilómetros (38.878405, -8.973638). Para a esquerda o caminho vai dar ao Espaço de Visitação e Observação de Aves (EVOA), e para a direita fica o mouchão das Garças (38.886133, -8.993809). Nesta área para além dos arrozais, vale a pena explorar as grandes manchas de caniçal para procurar espécies típicas deste habitat.

Na primavera podem ser observados o rouxinol-dos-caniços, rouxinol-grande-dos-caniços e cigarrinha-ruiva. A felosa-dos-juncos ocorre durante os períodos da migração, mas a sua observação exigirá algum esforço de prospeção. Durante o inverno, este é um bom local para observar o abetouro, o chapim-de-mascarilha, o pisco-de-peito-azul e a escrevedeira-dos-caniços. Existem nas imediações áreas de pastagem, que são excelentes para ver tarambolas-douradas-comuns e abibes-comuns, bem como calhandras-reais e lavercas, sendo este um dos poucos locais de toda a região de Lisboa onde se pode encontrar a primeira.

38 MOIOS

Na segunda bifurcação, se se seguir para a esquerda, e depois direita na direção do EVOA, atinge-se uma área denominada como 38 Moios (38.852950, -8.984566). A paisagem é dominada por pastagens permanentes que muitas vezes estão parcialmente alagadas, e pequenas manchas de vegetação arbustiva de sapal. O final da estrada é o dique que protege as pastagens das marés, que confina com grandes manchas de caniço e áreas de lamas estuarinas. Nas pastagens abundam a codorniz, a tarambola-dourada-comum, o abibe-comum, a calhandrinha-galucha, a laverca, a alvéola-amarela-comum e o trigueirão.

Este é um dos melhores locais para observar o ganso-bravo, que se reúne em bandos no estuário, nas pastagens e nos arrozais das proximidades. Estes bandos devem ser prospetados com muita minúcia, pois por vezes encontram-se alguns indivíduos de outras espécies muito mais raras, nomeadamente o ganso-marisco e o ganso-de-testa-branca. A área é também frequentada por diversas aves de rapina. Entre as mais comuns contam-se o peneireiro-cinzentos, a águia-sapeira e o peneireiro-comum. Outras espécies menos frequentes, mas regulares, incluem a águia-perdigueira, o tartaranhão-cinzentos, o esmerilhão ou o falcão-peregrino.

Este é um dos melhores locais da região para observar a coruja-do-nabal.

ESPAÇO DE VISITAÇÃO E OBSERVAÇÃO DE AVES (EVOA)

Na parte mais meridional de 38 Moios, a estrada dá acesso ao EVOA (38.850700, -8.973890). Trata-se de um centro de visitantes e observação de aves, com várias lagoas e observatórios.

O espaço é vedado e a entrada é paga (ver Anexo 2), mas a visita pode valer a pena, pela grande diversidade e quantidade de aves existente. Várias espécies de patos abundam nas lagoas do EVOA, tais como a tadorna, o pato-de-bico-vermelho, o zarro, o marreco, o pato-colhereiro, a frisada, a piadeira, o arrábio e a marrequinha.

©Helder Costa

1

©Helder Costa

2



1. Gansos-bravos *Anser anser*
2. Alvéola-amarela *Motacilla flava*



© Helder Costa

3



© Helder Costa

4

Durante a preia-mar milhares de limícolas usam estas lagoas como refúgio e os movimentos dos bandos de tarambolas-cinzentas, borrelhos-grande-de-coleira, borrelhos-de-coleira-interrompida, fuselos, milherangos, pilritos-de-peito-preto e pernas-vermelhas-comuns são um espetáculo deslumbrante. Muitas outras limícolas podem ser observadas nestas lagoas, como o alfaiate, o pernilongo, o combatente, o pilrito-pequeno, o perna-vermelha-bastardo ou o perna-verde-comum. Este é também um bom local para observar algumas espécies localizadas na região, como o camião-comum, o garçote ou a perdiz-do-mar.

PONTA DA ERVA

Seguindo sempre para sul, para além da estrada de 38 Moios, irá entroncar na estrada que vem da N10 (38.8668933, -8.950437). Virando à direita e seguindo até ao final da estrada, chega-se à Ponta da Erva (38.834354, -8.966977). Aqui estamos na foz do rio Sorraia. A montante do dique dominam as pastagens permanentes com bovinos, e a jusante existem sapais e especialmente grandes extensões de lamas entremarés.

Nas pastagens pode-se encontrar a codorniz, a tarambola-dourada-comum, o abibe-comum, a perdiz-do-mar, a laverca, a alvéola-amarela-comum e o trigueirão. É o melhor local para observar algumas aves estepárias raras na região de Lisboa. O sisão está presente a partir de agosto e durante o inverno, o rolieiro ocorre por vezes em agosto e a calhandra-real está presente todo o ano. Em termos de aves de rapina o local é particularmente bom para o peneireiro-cinzento, a águia-sapeira, o tartaranhão-cinzento, o esmerilhão ou o falcão-peregrino. Recentemente tem havido observações do raro tartaranhão-pálido.

Vale a pena visitar a Ponta da Erva durante a baixa-mar e admirar o corropio das aves em alimentação nas extensões de lama. Entre muitas outras, podem ser observadas regularmente as seguintes espécies: tadorna, pato-colhereiro, piadeira, marrequinha, flamingo-comum, colhereiro, alfaiate, tarambola-cinzenta, borrelho-grande-de-coleira, maçarico-galego, maçarico-real, milherango e pilrito-de-peito-preto. A águia-pesqueira é uma presença constante, a pescar sobre a água ou pousada num poste alimentando-se das suas presas, e o pisco-de-peito-azul é comum no sapal durante os meses mais frios.

ARROZAIS DA GIGANTA

A Ponta da Erva é o fim da estrada. Invertendo a marcha para norte a partir daí e seguindo em direção à N10 pela estrada da Ponta da Erva atravessa-se uma outra área de arrozal muito grande denominada Giganta (38.915077, -8.926496).

3. Perdiz-do-mar *Glareola pratincola*
4. Foz do Sorraia na Ponta da Erva

Tal como noutros arrozais do estuário, abundam as cegonhas-brancas, garças e íbis-pretas. No inverno os restolhos enchem-se também de tarambolas-douradas-comuns, abibes-comuns e petinhas-ribeirinhas.

No verão e no outono é possível encontrar nestes arrozais o combatente e o tagaz. Mas o maior espetáculo ocorre no pico do inverno, em janeiro e fevereiro, quando mais de dez mil milherangos e muitos milhares de íbis-pretas procuram alimento no restolho de arroz.

Para além disso, vale a pena prestar atenção aos bandos de passeriformes, pois por entre arcebispos, pintassilgos, milheirinhas e trigueiros aparecem alguns pardais-espanhóis.

As aves de rapina abundam também, com as inúmeras torres do sistema de rega a servir de pouso a peneiros-cinzentos, peneiros-comuns e, ocasionalmente, falcões-peregrinos.



ESPÉCIES A PROCURAR

- abetouro (INV), abibe-comum (OUT/INV), águia-perdigueira (TA), águia-pesqueira (PRI/OUT/INV), águia-sapeira (TA), alfaiate (PRI/OUT/INV), alvéola-amarela-comum (EST/OUT), arcebispo (TA), arrábio (OUT/INV), borrelho-de-coleira-interrompida (TA), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), calhandra-real (TA), calhandrinha-galucha (EST), camão-comum (TA), cegonha-branca (TA), chapim-de-mascarilha (INV), cigarrinha-ruiva (EST), codorniz (TA), colhereiro (TA), combatente (PRI/OUT/INV), coruja-do-nabal (INV), escrevedeira-dos-caniços (TA), esmerilhão (OUT/INV), falcão-peregrino (OUT/INV), felosa-dos-juncos (PRI/OUT), flamingo-comum (TA), frango-d'água (TA), frisada (TA), fuselo (PRI/OUT/INV), ganso-bravo (INV), ganso-de-testa-branca (INV), ganso-marisco (INV), garça-branca-grande (TA), garça-real (TA), garça-vermelha (EST), garçote (EST/OUT), guarda-rios (TA), guincho-comum (TA), íbis-preta (TA), laverca (TA), maçarico-bique-bique (TA), maçarico-de-dorso-malhado (PRI/OUT/INV), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), maçarico-real (PRI/OUT/INV), marreco (PRI/OUT/INV), marrequinha (OUT/INV), milheirinha (TA), milherango (PRI/OUT/INV), pardal-espanhol (OUT/INV), pato-colhereiro (OUT/INV), pato-de-bico-vermelho (TA), peneireiro-cinzento (TA), peneireiro-comum (TA), perdiz-do-mar (EST), perna-verde-comum (TA), perna-vermelha-bastardo (PRI/OUT/INV), perna-vermelha-comum (TA), pernillongo (TA), petinha-ribeirinha (OUT/INV), piadeira (INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pilrito-pequeno (PRI/OUT/INV),

pintassilgo (TA), pisco-de-peito-azul (OUT/INV), rolieiro (OUT), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), rouxinol-grande-dos-caniços (EST), sisão (OUT/INV), tadorna (TA), tagaz (TA), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV), tarambola-dourada-comum (INV), tartaranhão-cinzento (OUT/INV), tartaranhão-pálido (INV), trigueirão (TA), zarro (OUT/INV)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Portão do Cardal, N10 (ponto de acesso)
38.950616, -8.971657

Transportes públicos

- Inviável

NOTAS

- Atenção à presença de gado-bravo nalgumas zonas.
- O telescópio é recomendável



1 Portão do Cardal

2 Bifurcação

3 Igreja de Alcamé

4 Entroncamento

5 Mouchão das Garças

6 38 Moios

7 EVOA

8 Entroncamento

9 Ponta da Erva

10 Arroçais da Giganta

11 Portão da Giganta

 Corpo de água

 Linha de água

 Percurso recomendado

2. Várzea de Samora Correia e Benavente

Distrito de Santarém
Concelho de Benavente



A extensa várzea de aluvião que se estende entre Samora Correia e Benavente integra a denominada Lezíria Norte do Tejo. O rio Sorraia e o seu afluente Almansor (ou ribeira de Santo Estevão como também é conhecido) atravessam parte desta região e antes de se encontrarem dão origem a dois vales amplos, mais ou menos paralelos.

Trata-se de uma área plana e eminentemente agrícola onde o cultivo do arroz domina a paisagem. Contudo, aqui e ali surgem alguns campos ocupados com culturas de regadio como o milho. Ao longo das margens dos cursos de água estende-se uma densa e estreita galeria ripícola que inclui não só árvores típicas de zonas ribeirinhas como também manchas de vegetação palustre, que igualmente se desenvolvem ao longo das inúmeras valas que cruzam os arrozais. As encostas dos vales estão cobertas por montado de sobreiro e povoamentos mistos de sobreiros e pinheiros-mansos.

Em termos gerais, pode dizer-se que esta é uma região que alberga ainda uma avifauna interessante que inclui sobretudo aves aquáticas e espécies associadas aos meios agrícolas.

A exploração da zona não é complicada e pode ser feita em grande parte utilizando a rede de percursos pedestres existente. Apresentam-se de seguida três sugestões considerando como limites da área o Sorraia (a norte e a noroeste) e o Almansor (a sul).

SAMORA CORREIA

Samora Correia fica situada numa espécie de península circundada pelo rio Almansor que por aqui se junta ao Sorraia. A extensa várzea adjacente está coberta por arrozais que se estendem até onde a vista alcança.

A exploração da zona pode ser feita a pé utilizando os percursos e trilhos existentes. As margens do Almansor são acedidas junto à ponte da N118 (ponto de acesso sudeste 38.938005, -8.844664; ponto de acesso noroeste 38.938662, -8.843814) ou a partir do Parque Ribeirinho de Samora Correia (38.936417, -8.875196). O setor norte da várzea pode ser acedido em 38.945061, -8.832411.



1. O rio Sorraia junto a Benavente
2. Cegonhas-brancas *Ciconia ciconia*



© Helber Costa

3

Este é um sítio particularmente bom para observar a cegonha-branca, o colhereiro, a íbis-preta, o carraceiro, a garça-real e a garça-branca-pequena que aqui se juntam em grande número. Embora não tão frequentes, a garça-vermelha e a garça-branca-grande são também vistas com regularidade.

Ao longo do rio Almansor podem ser encontradas espécies como a galinha-d'água, a felosa-poliglota, o rouxinol-dos-caniços, o rouxinol-bravo ou o exótico arcebispo. Aves de rapina como o peixeiro-cinza, a águia-calçada, a águia-sapeira, o milhafre-preto ou a águia-d'asa-redonda frequentam a região e são sempre uma possibilidade. Por vezes aparecem aqui grandes bandos de milheirangos aos quais se associam frequentemente alguns combatentes.

PARQUE RIBEIRINHO DE BENAVENTE

O aprazível parque ribeirinho de Benavente, que se estende ao longo da margem esquerda do Sorraia, foi inaugurado em 2004 e engloba os jardins da Fateixa e do Calvário. Possui espaços relvados, um amplo terreno aberto utilizado como picaria e é rodeado pela galeria ripícola que acompanha o curso de água.

Este é um bom sítio para encontrar um leque razoável de espécies características de habitats urbanos e agrícolas como, por exemplo, a poupa, a pega, o rabirruivo-comum, o pardal-montês ou o verdilhão.

O acesso ao parque pode ser feito em 38.984.566, -8.810.786. O espaço é facilmente explorado a pé e constitui também o ponto de partida para alguns percursos pedestres circulares mais longos que se internam pela várzea, passando até por Samora Correia.

Uma ponte pedonal permite atravessar o rio e chegar aos terrenos situados na sua margem direita, onde existem arrozais e manchas de arvoredo ripícola, que podem ser explorados através de um trilho que segue até à Vala Nova.

PAUL DE TREJOITO

O paul de Trejoito fica situado cerca de 2,5 km a sudeste de Benavente, no vale da ribeira de Trejoito, afluente do Sorraia. Do paul que aqui existiu em tempos, e que está na origem do nome, pouco ou nada resta, pois o vale foi convertido num arrozal. Ao longo das valas e da ribeira existem manchas de vegetação ripícola e palustre. As encostas envolventes têm um declive suave e estão cobertas por montado de sobreiro.

Não obstante a intervenção humana, a zona tem ainda uma diversidade ornitológica considerável. Entre as espécies que aí podem ser encontradas contam-se o pato-real, a cegonha-branca, o colhereiro, a íbis-preta, a garça-real, a garça-branca-pequena, o milherango, a narceja-comum, o maçarico-bique-bique, o peneireiro-cinzento, a águia-calçada, a águia-sapeira, o milhafre-preto, o abelharuco e o guarda-rios, entre muitas outras.

O acesso está condicionado a viaturas mas algumas partes da zona podem ser exploradas a pé. A área nas imediações da Vala de Dona Franca (ponto de acesso 38.966569, -8.786494) é uma das opções possíveis.



Milherango *Limosa limosa*



ESPÉCIES A PROCURAR

- abelharuco (EST), águia-calçada (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), águia-sapeira (TA), arcebispo (TA), carraceiro (TA), cegonha-branca (TA), colhereiro (TA), combatente (PRI/OUT/INV), felosa-poliglota (EST/OUT), galinha-d'água (TA), garça-branca-grande (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), garça-vermelha (EST), guarda-rios (TA), íbis-preta (TA), maçarico-bique-bique (TA), milhafre-preto (EST), milherango (PRI/OUT/INV), narceja-comum (OUT/INV), pardal-montês (TA), pato-real (TA), pega (TA), peneireiro-cinzento (TA), poupa (TA), rabirruivo-comum (TA), rouxinol-bravo (TA), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

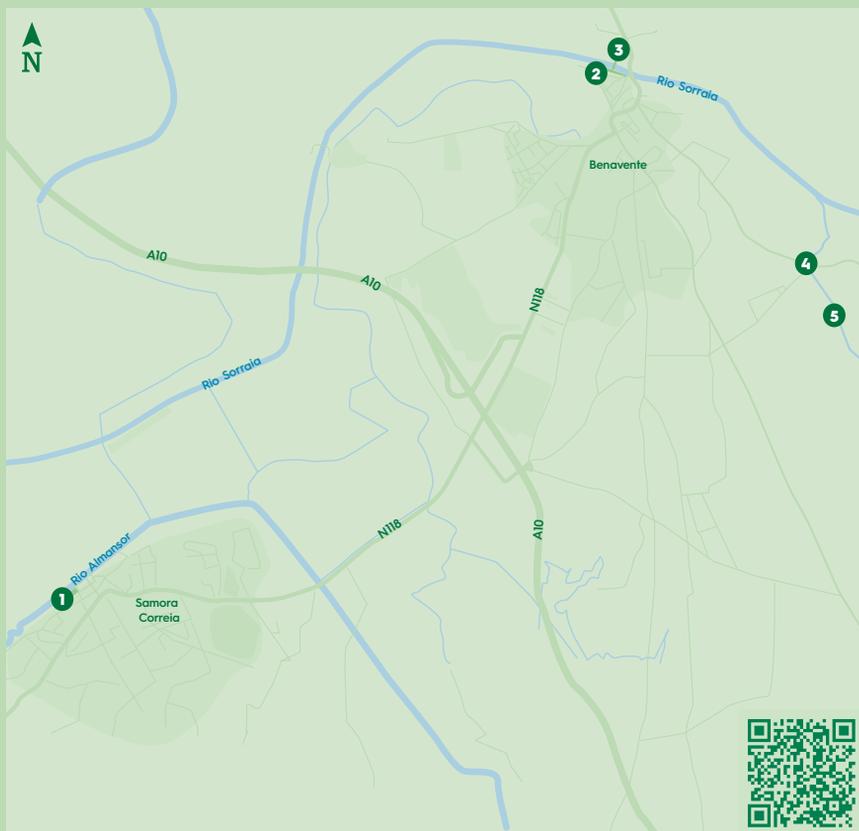
Norte: Benavente, a partir da N118 (ponto de acesso 38.981744, -8.807811)

Sudoeste: Samora Correia, a partir da N118 (ponto de acesso 38.930663, -8.876801)

Transportes públicos

- Viável (Samora Correia e Benavente) a moderadamente viável (Paul de Trejoito)

Autocarro: carreira 901 de A Ribatejana (paragem Samora Correia ou Benavente)



1 Parque Ribeirinho de Samora Correia

2 Parque Ribeirinho de Benavente

3 Ponte pedonal

4 Vala de Dona Franca

5 Paul de Trejoito

 Linha de água

NOTAS

- Nalguns locais o acesso a viaturas está condicionado
- Não entrar sem autorização em caminhos com portões, mesmo que estes estejam aberto

3. Herdade de Pancas

Distrito de Santarém
Concelho de Benavente



No âmbito deste livro designa-se genericamente por Herdade de Pancas uma vasta faixa de terra que se estende ao longo do setor da margem esquerda do estuário do Tejo, compreendido entre a foz do rio Sorraia (a norte) e a Bela Vista (a sul). Parte desta área está abrangida pela Reserva Natural do Estuário do Tejo.

A herdade, propriamente dita, é uma propriedade muito antiga que aparece citada em documentos pelo menos desde o século XIV. Ao longo dos tempos foi um local procurado para o exercício da atividade cinegética por parte dos membros da nobreza de Lisboa devido não só à abundância de fauna aí existente como também pela relativa proximidade da capital. Atualmente, a região possui ainda uma enorme diversidade ornitológica, facto que se deve à existência de vários tipos de habitats diferentes.

Parte considerável está coberta por montados e povoamentos mistos de sobreiros e pinheiros-mansos. Há também arrozais, pastagens, pequenos açudes, terrenos agrícolas abertos, manchas de vegetação palustre, sapais e salinas abandonadas.

A melhor forma de abordar a exploração da zona passa por usar o caminho de terra batida existente a oeste da N118, que se prolonga por uma extensão aproximada de 9 km, e que segue mais ou menos paralelo ao estuário.

Os pontos de entrada situam-se nas coordenadas 38.756423, -8.916161 (sul) e 38.828312, -8.897949 (norte). Uma tática possível, independentemente de onde se tenha entrado, consiste em percorrê-lo lentamente, fazendo paragens frequentes para escutar os cantos e chamamentos das aves florestais no montado, perscrutar os céus em busca de aves de rapina ou examinar os terrenos abertos e as zonas alagadas. Este caminho encontra-se normalmente em razoável condição e, com as devidas precauções, é acessível a qualquer tipo de veículos.

Tendo em conta que há poucos declives, a utilização de bicicleta poderá ser uma opção interessante. Os amantes de caminhadas poderão também considerar a hipótese de o percorrer a pé.



1



2

1. Milhafre-preto *Milvus migrans*
2. Salinas de Vasa Sacos



© Helder Costa

3

3. Pato-colhereiro *Spatula clypeata*

Convém salientar que a maior parte dos terrenos nesta área estão vedados e abrir portões ou passar vedações não é uma opção pois não só configura invasão de propriedade privada como é ainda potencialmente perigoso, dado que esta é uma zona de criação de gado bravo. Para otimizar resultados recomenda-se uma exploração mais demorada dos quatro sítios que a seguir se discriminam.

MONTE DE BATE ORELHAS

Este pequeno aglomerado de casas fica situado junto ao extremo norte da área (38.831862, -8.913562) e está rodeado por montados e bosques mistos de sobreiros e pinheiros-mansos, onde se podem encontrar o cuco-cinzento, a águia-calçada, a águia-d'asa-redonda, o abelharuco, o charneco, a felosa-de-papo-branco, o papa-amoras-comum, a trepadeira-azul, o taralhão-cinzento, o papa-moscas-preto e o pardal-francês.

A partir do Monte de Bate Orelhas, há a possibilidade de tomar um caminho de terra batida que segue para oeste até ao denominado Monte do Viteleiro (convém pedir autorização para circular) nas imediações do qual existem arrozais, manchas de vegetação palustre e amplos terrenos abertos onde é possível observar, entre muitas outras, espécies como o pernilongo, o abibe-comum, a águia-sapeira, a calhandrinha-galucha, o chasco-cinzento e o trigueirão.

VASA SACOS

O ciclo das marés marca o ritmo de vida de muitas espécies de limícolas. Na maré vazia estas aves espalham-se pelas lamas estuarinas que ficam a descoberto e aí procuram alimento. Quando a maré sobe e tapa essas áreas as aves têm que procurar refúgio noutra lado.

O antigo complexo das salinas de Vasa Sacos é um desses locais onde na maré cheia se concentram muitas centenas de aves provenientes do estuário.

O leque de espécies que se pode observar é bastante alargado e, com alguma sorte, em certas épocas do ano é possível ver aí num par de horas a maior parte das espécies de aves limícolas que ocorrem regularmente em Portugal.

Entre as mais usuais contam-se o alfaiate, a tarambola-cinzenta, o borrelho-grande-de-coleira, o milherango, o pilrito-de-bico-comprido, o pilrito-de-peito-preto, o pilrito-pequeno, o perna-verde-comum e o perna-vermelha-comum.

Ocasionalmente uma ou outra «raridade» pode ser vista e a lista de espécies acidentais já aí observadas ao longo dos anos é bastante impressionante.

Este é também um bom local para ver aves de rapina e, entre as mais regulares, contam-se a águia-pesqueira, o peneireiro-cinzento, a águia-cobreira, a águia-perdigueira, a águia-calçada, a águia-sapeira, o milhafre-preto, a águia-d'asa-redonda, o peneireiro-comum e o falcão-peregrino.

A exploração deste sítio não é fácil, requer alguns cuidados e não está isenta de perigos. Pode ser feita através do caminho de terra que parte do Monte de Bate Orelhas, passa pelo Monte do Viteleiro e termina junto ao portão de entrada das salinas (38.826999, -8.944862).

Esta via atravessa uma propriedade com acesso condicionado (convém pedir autorização para circular) onde há alguns portões que normalmente estão abertos (mas que por vezes são fechados) e avisos alertando para a possibilidade de encontrar touros-bravos à solta; estes avisos não devem ser desvalorizados pois essa é uma hipótese real.

Pelos motivos referidos, quem se quiser aventurar na visitação deste sítio fá-lo-á por sua conta e risco. Convém ainda salientar que este refúgio é um local sensível e exposto, pelo que a abordagem terá que ser feita com extremo cuidado para não causar perturbação às aves que se encontrem a repousar.

MONTE DE PANCAS

O denominado Monte de Pancas (38.808991, -8.919525) fica sensivelmente a meio caminho entre o Monte de Bate Orelhas e Vale de Frades. Era aqui o principal núcleo habitacional da Herdade de Pancas e o conjunto de edifícios existente, que inclui um palácio e a capela do Senhor Jesus da Quinta de Pancas, possui algum valor histórico.

No que às aves diz respeito, os campos abertos envolventes são bons para procurar diversas aves dos meios agrícolas e, em particular, o alcaravão que é uma espécie relativamente rara e localizada na região. Estes terrenos são também utilizados como local de caça

©Helder Costa



1

©Helder Costa



2



1. Terrenos alagados junto a Vale de Frades 2. Cuco-cinzento *Cuculus canorus*



©Ana M. do Carmo

3



©Helder Costa

4



©Ana M. do Carmo

5

por aves de rapina como o peneireiro-cinzento, a águia-cobreira, a águia-calçada, o milhafre-preto e a águia-d'asa-redonda.

Convém dar uma vista de olhos aos telhados e chaminés dos edifícios pois são frequentemente usados como poiso pelo mocho-galego. Durante a madrugada ou ao lusco-fusco do entardecer não é raro ver noitibós (das duas espécies que ocorrem em Portugal) a caçar insetos.

VALE DE FRADES

Em Vale de Frades (38.786358, -8.918810), a fronteira entre a mancha florestal e o estuário propriamente dito é composta por uma faixa de terrenos abertos utilizados sobretudo como pastagens e onde existem algumas zonas alagadas. No inverno, quando a precipitação é elevada, a área inundada aumenta e constitui um excelente local para procurar aves aquáticas que aqui buscam alimento ou simplesmente um refúgio quando a maré sobe no estuário.

A diversidade costuma ser elevada e entre as espécies que podem ser encontradas contam-se, por exemplo, a tadorna, o pato-colhereiro, o colhereiro, a íbis-preta, a garça-branca-grande, a tarambola-dourada-comum, o abibe-comum e o milherango. Os terrenos alagados são também utilizados pela petinha-ribeirinha.

3. Águia-calçada *Hieraaetus pennatus* 4. Montado da Herdade de Pancas 5. Abelharucos *Merops apiaster*

Alcaravões *Burhinus oedicnemus*

ESPÉCIES A PROCURAR

• abelharuco (EST), abibe-comum (OUT/INV), águia-calçada (EST/OUT), águia-cobreira (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), águia-perdigueira (TA), águia-pesqueira (PRI/OUT/INV), águia-sapeira (TA), alcaravão (TA), alfaiate (PRI/OUT/INV), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), calhandrinha-galucha (EST), charneco (TA), chasco-cinzento (OUT), colhereiro (TA), cuco-cinzento (EST) falcão-peregrino (OUT/INV), felosa-de-papo-branco (EST/OUT), felosa-poliglota (EST/OUT), garça-branca-grande (TA), íbis-preta (TA), milhafre-preto (EST), milherango (PRI/OUT/INV), mocho-galego (TA), noitibó-cinzento (EST), noitibó-de-nuca-vermelha (EST), papa-amoras-comum (OUT), papa-moscas-preto (OUT), pardal-francês (TA), pato-colhereiro (OUT/INV), peneireiro-cinzento (TA), peneireiro-comum (TA), perna-verde-comum (OUT/INV), perna-vermelha-comum (OUT/INV), pernalongo (TA), petinha-ribeirinha (OUT/INV), pilrito-de-bico-comprido (PRI/OUT/INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pilrito-pequeno (OUT/INV), tadorna (TA), taralhão-cinzento (OUT), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV), tarambola-dourada-comum (INV), trepadeira-azul (TA), triqueirão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Nordeste: a partir da N118 (ponto de acesso 38.828662, -8.880954)

Sul: a partir da N118 (ponto de acesso 38.756422, -8.916173)

Transportes públicos

- Moderadamente viável (apenas Vale de Frades) a inviável (restante área)

Autocarro: carreiras 431 e 432 dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragem Alcochete-Gasolineira)

NOTAS

- A zona estuarina situada nas imediações do Monte de Pancas é reserva integral, o que significa que o acesso não é permitido sem autorização
- O telescópio é recomendável



1 Acesso sul

4 Acesso nordeste

7 Salinas de Vasa Sacos

2 Vale de Frades

5 Monte de Bate Orelhas

 Corpo de água

3 Monte de Pancas

6 Monte do Viteleiro

 Linha de água

4. Frente ribeirinha de Alcochete

Distrito de Setúbal
Concelho de Alcochete



Alcochete é uma arejada vila piscatória, situada na margem sul do estuário do Tejo, e ligada de várias maneiras à exploração dos mares pelos portugueses. É a terra natal do Rei D. Manuel I e foi um dos retiros rurais da corte lisboeta durante os séculos XIV a XVI. Posteriormente, e até ao século XIX, desenvolveu-se na região a agricultura, a criação de gado, e atingiram grande expressão os transportes fluviais entre as margens do Tejo e a extração do sal. Este último aspeto marcou a paisagem, sendo a vila ainda hoje ladeada por dois grandes complexos de salinas: as salinas do Samouco a oeste e as salinas da ribeira das Enguias a leste. A produção de sal alimentou parte da frota de pesca longínqua na primeira metade do século XX e uma importante indústria de secagem e processamento de bacalhau. Infelizmente, toda esta indústria ruiu com o aparecimento da conservação pelo frio, pelo que a maior parte das salinas se encontra abandonada. Alcochete é uma vila que fica praticamente dentro do estuário do Tejo e, por isso, acolhe a sede da Reserva Natural desde a sua criação em 1976.

A frente ribeirinha do concelho de Alcochete é extensa e parte dela constitui o limite da Reserva Natural, estando outra parte incluída na Zona de Proteção Especial (ZPE) do estuário do Tejo. Toda essa frente de rio é excelente para a observação de aves, e necessita de mais do que um dia para ser prospectada convenientemente. Dividimos a área em três sub-sítios, de modo a facilitar a apresentação da informação e o planeamento das visitas.

SALINAS DO SAMOUCO

Este é o maior complexo de salinas do estuário do Tejo, com mais de 400 ha de reservatórios, cristalizadores, esteiros e outros tipos de tanques e canais. É um paraíso para as aves aquáticas, em particular limícolas, e encontra-se totalmente protegido e dedicado à conservação da natureza, como compensação pela construção da Ponte Vasco da Gama em 1998. A área está vedada e é gerida pela Fundação para a Gestão das Salinas do Samouco, sendo composta por um centro de visitantes, vários trilhos e observatórios de aves e uma salina-museu, a única em funcionamento no estuário do Tejo. A entrada é paga mas a visita vale a pena (ver Anexo 2).



©Diego Oliveira

1



©Helder Costa

2

1. Alfiate *Recurvirostra avosetta*
2. Lamas entremarés junto ao antigo cais do vapor



©Cristina Menezes

3



©Helber Costa

4

Imediatamente antes da entrada no complexo de salinas do Samouco, fica a salina do Brito, que é um importante refúgio de aves limícolas durante a maré alta. É um espetáculo observar a subida da maré neste local, quando milhares de borrelhos-grandes-de-coleira, rolas-do-mar, pilritos-das-praias, pilritos-de-peito-preto e pilritos-pequenos passam por cima da nossa cabeça e procuram refúgio nos tanques. O espetáculo continua dentro da área vedada, com as mesmas espécies, mais os bandos de alfaiates, milherangos, pernas-verdes-comuns e pernas-vermelhas-comuns. A maior abundância de limícolas verifica-se no outono e no inverno. Contudo o início da primavera, em abril, apesar de haver menos aves, é um período particularmente bonito, pois a maioria das espécies encontra-se em plumagem nupcial, sendo possível observar seixoeiras, fuselos e pilritos-de-bico-comprido pintados de laranja, e tarambolas-cinzentas e perna-vermelha-bastardos pintados de preto. Durante a primavera e verão a diversidade diminui, ficando apenas o pernilongo e o borrelho-de-coleira-interrompida, que nidificam no local. No outono a migração de limícolas volta a ser intensa, bem como a de garajaus-de-bico-preto e gaivinas-pretas. Outras aves aquáticas são também muito comuns, como o mergulhão-pequeno, o flamingo-comum, o colhereiro, a gaivota-de-cabeça-preta e o guarda-rios. Aves de rapina como o peneireiro-cinzentos, a águia-sapeira e o peneireiro-comum são regularmente observadas.

PASSEIO MARÍTIMO DE ALCOCHETE

O passeio marítimo de Alcochete, agora renovado, constitui uma excelente forma de ter acesso às aves do estuário a partir da parte antiga da vila. Na maré vazia, de qualquer ponto do passeio se podem observar centenas de limícolas em alimentação, entre as quais se incluem o alfaiate, a tarambola-cinzeira, o borrelho-grande-de-coleira, o borrelho-de-coleira-interrompida, o maçarico-galego, o maçarico-real, o fuselo, o milherango, a rola-do-mar, o pilrito-de-peito-preto, o maçarico-das-rochas, o peneireiro-comum e o perna-vermelha-comum. O antigo cais do vapor entra mais dentro das extensas áreas de vasa do estuário, e daí é possível ver outras espécies estuarinas, como o flamingo-comum, o colhereiro ou o corvo-marinho.

3. Salinas do Samouco

4. Tarambola-cinzeira *Pluvialis squatarola*

SÍTIO DAS HORTAS E PINHAL DAS AREIAS

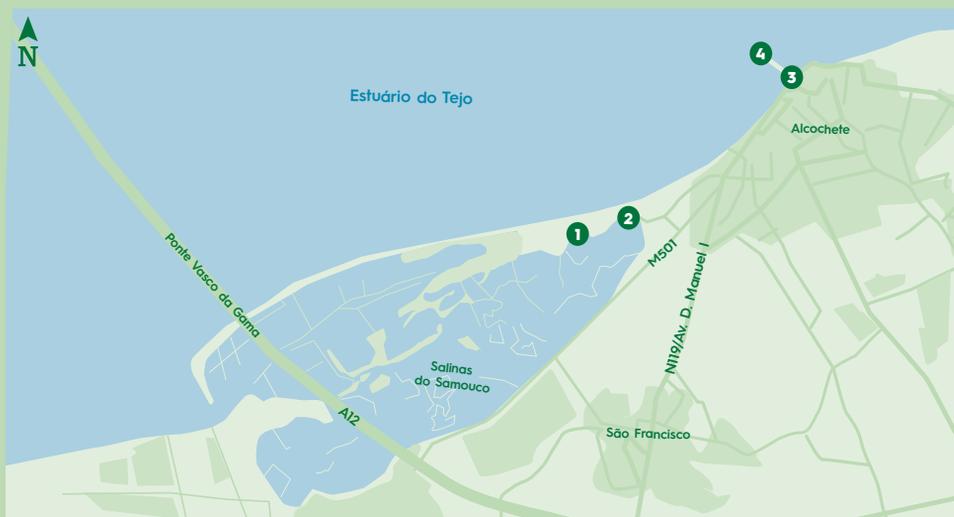
O parque de merendas das Hortas é um ponto estratégico entre o imenso estuário e o pinhal e áreas agrícolas anexas. A partir desse ponto, podem-se observar as lamas durante a baixa-mar, e até onde os binóculos alcançarem, veem-se milhares de tadornas, patos-colhereiros, piadeiras, arrábios, patos-reais, marrequinhas, flamingos-comuns, alfaiates, tarambolas-cinzentas, milherangos e pernas-vermelhas-comuns. Mais perto da margem podem-se ver limícolas mais pequenas, bem como garajaus-grandes e garajaus-de-bico-preto. De quando em vez todas estas aves levantam voo, assustadas por uma águia-pesqueira, uma águia-sapeira ou um falcão-peregrino.

A muito curta distância a sul das Hortas existe uma pequena mancha florestal de cobertura pouco densa, denominada Pinhal das Areias, onde foi implementado um circuito ambiental que pode ser percorrido a pé. Nesta área pode-se observar o pombo-torcaz, a rola-brava, o peneireiro-cinzento, a poupa, o torcicolo, o pica-pau-malhado, o peneireiro-comum, o charneco, o rabirruivo-comum e o cartaxo-comum, para além

de outras espécies florestais e agrícolas. O pinhal das Areias e o circuito ambiental encontram-se vedados, sendo necessária autorização de acesso da Câmara Municipal de Alcochete (ver Anexo 2).



Sítio das Hortas





ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-pesqueira (PRI/OUT/INV), águia-sapeira (TA), alfaiate (PRI/OUT/INV), arrábio (OUT/INV), borrelho-de-coleira-interrompida (TA), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), cartaxo-comum (TA), charneco (TA), colheiro (TA), corvo-marinho (TA), falcão-peregrino (OUT/INV), flamingo-comum (TA), fuselo (PRI/OUT/INV), gai-vina-preta (PRI/OUT), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), garajau-de-bico-preto (TA), garajau-grande (TA), guarda-rios (TA), maçarico-das-rochas (TA), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), maçarico-real (PRI/OUT/INV), marrequina (OUT/INV), mergulhão-pequeno (TA), milherango (PRI/OUT/INV), pato-colheiro (OUT/INV), pato-real (TA), peneireiro-cinzento (TA), peneireiro-comum (TA), perna-verde-comum (TA), perna-vermelha-bastardo (PRI/OUT/INV), perna-vermelha-comum (TA), pernilongo (TA), piadeira (INV), pica-pau-malhado (TA), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pilrito-de-bico-comprido (PRI/OUT/INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pilrito-pequeno (PRI/OUT/INV), pombo-torcaz (TA), poupa (TA), rabirruivo-comum (TA), rola-brava (EST/OUT), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), seixoeira (PRI/OUT/INV), tadorna (TA), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV), torcicolo (OUT/INV)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

• Diversas opções

Nordeste: Sítio das Hortas, Estrada das Hortas (ponto de acesso, 38.759007, -8.938884)

Centro: Passeio marítimo, N119/Avenida D. Manuel I (ponto de acesso 38.755840, -8.963817)

Sudoeste: Salinas do Samouco, caminho municipal (ponto de acesso 38.744305, -8.980668)

Transportes públicos

• viável

Autocarro: várias carreiras dos TST-Transportes Sul do Tejo (Salinas do Samouco - paragem Valbom/Seca do Bacalhau; Passeio marítimo - paragem Alcochete; Sítio das Hortas - paragens FreePort e Canto do Pinheiro)

NOTAS

• O telescópio é recomendável



1

Acesso às salinas do Samouco

2

Salina do Brito

3

Acesso ao Passeio Marítimo

4

Antigo cais do vapor

5

Parque de merendas

6

Acesso ao sítio das Hortas e ao pinhal das Areias

7

Pinhal das Areias



Corpo de água



Linha de água



Percurso recomendado

5. Foz da ribeira das Enguias

Distritos de Setúbal e de Santarém
Concelhos de Alcochete e de Benavente



A ribeira das Enguias desagua no estuário do Tejo, fazendo no seu troço final a fronteira entre os municípios de Alcochete e Benavente. Nas suas margens existe um complexo de antigas salinas, com mais de 300 ha, atualmente abandonadas ou usadas na sua maioria para aquacultura. Este curso de água drena toda a várzea da Barroca d'Alva e de Rilvas, tendo tido uma importância muito grande como canal navegável, desde o século XIII até ao século XIX, para o escoamento da produção de sal e de produtos agrícolas para Lisboa. Essa importância perdeu-se, com o aparecimento da rodovia.

Esta é uma área de grande beleza cénica, especialmente o troço final da ribeira, a norte da N118, que é ladeado por duas grandes salinas que frequentemente albergam bandos de flamingos-comuns, garças e patos.

A zona pode ser explorada a partir da pequena localidade de Entroncamento, percorrendo um troço desativado da N118 até à antiga ponte (agora decrépita) sobre a ribeira das Enguias (38.745520, -8.922266). De um lado e do outro dessa via há tanques de salinas, manchas de caniçal e sapais, que albergam uma grande diversidade de aves aquáticas. As salinas e aquaculturas nas margens da ribeira são propriedade privada, por isso o acesso a estas áreas carece de autorização prévia dos proprietários.

A sul da estrada é normalmente possível observar uma grande concentração de aves em alimentação, principalmente flamingos-comuns, galeirões-comuns, alfaíates, pernilongos, milherangos e guinchos-comuns. Procurando com atenção conseguem-se por vezes encontrar espécies mais raras, como o galeirão-de-crista ou a gaivota-pequena.

A área a norte é usada como local de alimentação por várias espécies de patos (pato-colhereiro, frisada, pato-real e marrequinha), garças (garça-real, garça-branca-grande e garça-branca-pequena), garajaus (chilreta, garajau-grande e garajau-de-bico-preto) e ainda pelo colhereiro, pelo corvo-marinho e pelo guarda-rios. É também um importante refúgio de maré alta para várias espécies de limícolas, como a tarambola-cinzenta, o borrelho-grande-de-coleira, o milherango, a rola-do-mar, o pilrito-de-peito-preto, o maçarico-das-rochas, o perna-vermelha-bastardo, o perna-verde-comum e o perna-vermelha-comum.

Toda a zona é patrulhada frequentemente por oito espécies de aves de rapina: águia-pesqueira, peneireiro-cinzento, águia-calçada, águia-sapeira, milhafre-preto, águia-d'asa-redonda, peneireiro-comum e falcão-peregrino.



© Helder Costa



1

Acesso à ribeira das Enguias

2

Ponte sobre a ribeira das Enguias



Corpo de água



Linha de água



Percurso recomendado



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-calçada (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), águia-pesqueira (PRI/OUT/INV), águia-sapeira (TA), alfaiate (PRI/OUT/INV), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), chilreta (EST), coheireiro (TA), corvo-marinho (TA), falcão-peregrino (OUT/INV), flamingo-comum (TA), frisada (TA), gaivota-pequena (PRI/INV), galeirão-comum (TA), galeirão-de-crista, garajau-de-bico-preto (TA), garajau-grande (TA), garça-branca-grande (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), guarda-rios (TA), guincho-comum (TA), maçarico-das-rochas (TA), marrequinha (OUT/INV), milhafre-preto (EST), milherango (PRI/OUT/INV), pato-colhereiro (OUT/INV), pato-real (TA), peneireiro-cinzento (TA), peneireiro-comum (TA), perna-verde-comum (TA), perna-vermelha-bastardo (PRI/OUT/INV), perna-vermelha-comum (TA), pernilongo (TA), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
N118 e N119 (ponto de acesso 38.745602, -8.929625)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreiras 431 e 432 dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragem Alcochete-Gasolineira)

6. Pauls da Barroca d'Alva e de Rilvas

Distritos de Setúbal e de Santarém
Concelhos de Alcochete e de Benavente



Desde os primeiros registos que datam do século XVI, a Herdade de Barroca d'Alva, propriedade atualmente na posse da família Lupi, foi sede de um morgadio pertencente a sucessivas famílias fidalgas. Em 1747, quando os terrenos já tinham revertido para a Coroa, Jácome Ratton obteve o arrendamento perpétuo do sítio para a exploração industrial do sal da antiga marinha com processos mecânicos mais modernos. Com o arroteamento de terrenos incultos alargou a área para a plantação de exóticas, onde criou um extenso viveiro de amoreiras brancas e registou o primeiro eucalipto que houve em Portugal.

Era a partir da Barroca d'Alva que era abastecida a Real Fábrica das Sedas, então nascida na zona a norte do atual Largo do Rato, em Lisboa, desde essa altura conhecida como Amoreiras. Em 1867, a propriedade viria a ser adquirida por José Maria dos Santos, antepassado dos atuais proprietários. Atualmente, a Herdade da Barroca d'Alva mantém a atividade coudélica e ganadeira, o aproveitamento do vasto montado de sobro que a integra e os cultivos de arroz que a delimitam a norte e a poente.

Em termos ornitológicos esta é uma área bastante interessante e onde é possível encontrar uma diversidade de aves notável. A sua exploração é simples e incide em duas zonas principais.

PAUL DA BARROCA D'ALVA

Antes de desaguar no Tejo, a ribeira das Enguias dá origem a um vale de aluvião amplo que está na sua maior parte ocupado por arrozais mas onde existem também algumas áreas de pastagem. Na envolvente há manchas de montado de sobro, algumas culturas de regadio e tanques de antigas salinas. Ao longo da ribeira e das valas que cruzam o vale desenvolve-se uma extensa galeria de caniçal.

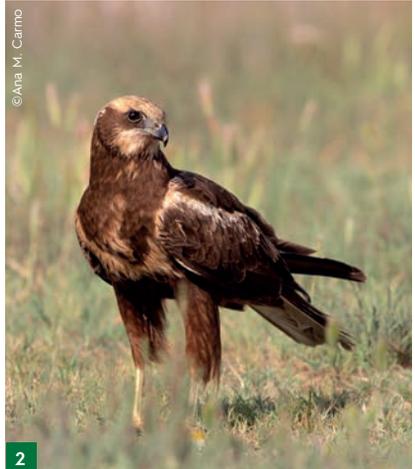
Esta é uma zona sujeita a inundações e que no passado teria sido um imenso paul, do qual restam hoje apenas vestígios, dado o aproveitamento agrícola que se verificou dessas antigas zonas húmidas.

©Helder Costa



1

©Ana M. Carmo



2

1. Vale da Barroca d'Alva
2. Águia-sapeira *Circus aeruginosus*



© Helber Costa

3

A exploração desta área faz-se através da estrada municipal que liga a N118 ao monte da Barroca D'Alva. Esta estrada com cerca de quilómetro e meio atravessa vários canais além da ribeira das Enguias, todos marginados por caniço e tabua e ladeados por extensos arrozais e algumas pastagens que por vezes estão alagadas. Este é um paraíso para as aves aquáticas e na primavera estes terrenos estão literalmente cheios de cegonhas-brancas, colhereiros, íbis-pretas, garças de várias espécies e pernilongos. No inverno, juntam-se aqui bandos de abibes-comuns e milherangos e também muitas narcejas-comuns. Sobretudo no período do verão ocorrem igualmente combatentes e maçaricos-de-dorso-malhado.

Estes campos e caniçais são também excelentes para procurar passeriformes como a petinha-dos-prados, a petinha-ribeirinha e a alvéola-amarela-comum. No ar caçam águias-calçadas e águias-sapeiras, por entre bandos de várias espécies de andorinhas e andorinhões (andorinhão-pálido, andorinhão-preto, andorinha-dos-beirais, andorinha-das-chaminés, andorinha-das-barreiras). Por vezes é possível observar o cuco-rabilongo, oriundo das manchas florestais envolventes. O outono é o período de nidificação de alguns passeriformes exóticos e coloridos, como o tecelão-de-cabeça-preta e o irrequieto arcebispo.

O primeiro canal (38.728117, -8.904721) atravessado pela estrada e a ribeira das Enguias (38.731334, -8.898096) merecem paragens demoradas para procurar aves dos caniçais ao longo das suas margens. Aí é possível observar o secretivo garçote, o guarda-rios, o rouxinol-dos-caniços, o rouxinol-grande-dos-caniços, o chapim-de-mascarilha, o pisco-de-peito-azul e a cada vez mais rara escreve-deira-dos-caniços. O terceiro canal (38.732580, -8.893948), mesmo junto ao monte da Barroca, é um dos melhores locais do país para observar o papa-ratos. É também um bom sítio para encontrar o goraz, bem assim como outras garças.

Após passar o monte da Barroca d'Alva, encontra-se o canal norte (38.736694, -8.892162). O paul e os arrozais continuam para nordeste, podendo aí ser observadas muitas das mesmas espécies já mencionadas, incluindo o papa-ratos e muitos ninhos de cegonha-branca.

PAUL DE RILVAS

Situado a montante da Barroca d'Alva, e separado desta área apenas pela N4, o paul de Rilvas possui características físicas bastante semelhantes e, por conseguinte, o leque de espécies que se pode encontrar não varia muito. Este é um sítio conhecido pelas suas populações de espécies exóticas.

Para além dos comuns bicos-de-lacre e arcebispos, este é um local para procurar também os menos frequentes tecelões-de-cabeça-preta, bengalis e capuchinhos-dominó.

A exploração é feita ao longo do caminho de terra batida que segue ao longo da vala.



Carraceiros *Bubulcus ibis* e cavalos no paul da Barroca d'Alva



ESPÉCIES A PROCURAR

- abibe-comum (OUT/INV), águia-calçada (EST/OUT), águia-sapeira (TA), alvéola-amarela-comum (EST/OUT), andorinha-das-barreiras (EST), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), arcebispo (TA), bengali, bico-de-lacre (TA), capuchinho-dominó (TA), cegonha-branca (TA), chapim-de-mascarilha (INV), colhereiro (TA), combatente (PRI/OUT/INV), cuco-rabilongo (EST), escrevedeira-dos-caniços (INV), garça-branca-grande (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), garça-vermelha (EST), garçote (EST/OUT), goraz (TA), guarda-rios (TA), íbis-preta (TA), maçarico-de-dorso-malhado (PRI/OUT/INV), milherango (PRI/OUT/INV), narceja-comum (OUT/INV), papa-ratos (TA), pernilongo (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), petinha-ribeirinha (OUT/INV), pisco-de-peito-azul (OUT/INV), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), rouxinol-grande-dos-caniços (EST), tecelão-de-cabeça-preta (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

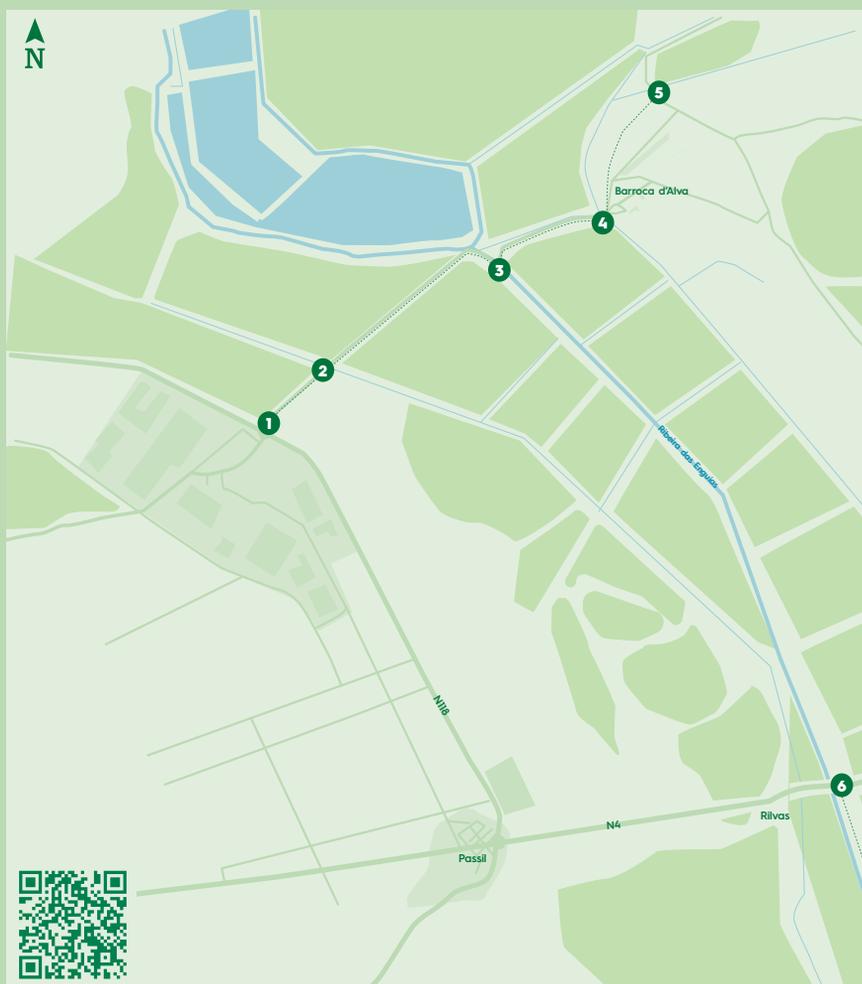
Norte: Paul da Barroca d'Alva, NI18 (ponto de acesso 38.726184, -8.907274)

Sul: Paul de Rilvas, N4 (ponto de acesso 38.710786, -8.881226)

Transportes públicos

- Moderadamente viável (apenas paul de Rilvas)

Autocarro: carreira 416 dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragem Rilvas)



1 Acesso à Barroca d'Alva

2 Primeiro canal

3 Ribeira das Enguias

4 Terceiro canal

5 Canal norte

6 Acesso ao paul de Rilvas

Corpo de água

 Linha de água

 Percurso recomendado

7. Canha

Distrito de Setúbal
Concelho do Montijo



Situada numa pequena elevação sobranceira ao vale do rio Almorsor, a vila de Canha é uma localidade bastante antiga cujo nome deriva, ao que parece, das canas que outrora seriam abundantes na região.

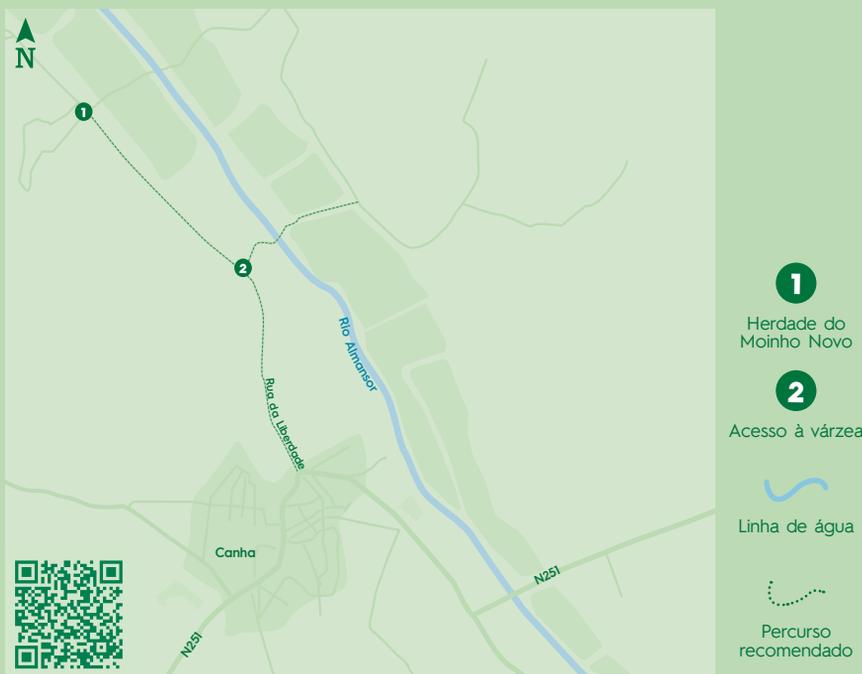
Trata-se de uma região eminentemente rural onde o rio, aqui também conhecido como ribeira de Canha, marca a paisagem. Ao longo do seu percurso estende-se uma várzea de aluvião utilizada para fins agrícolas, onde os terrenos estão ocupados parte com culturas de regadio, como o milho e o arroz, e parte com pousios de sequeiro. Acompanhando as margens do curso de água desenvolve-se uma estreita galeria ripícola com densa vegetação, incluindo as canas. As encostas do vale têm um declive suave e estão maioritariamente cobertas por montado de sobre aberto mas onde surgem também pequenas manchas de pinhal-manso. Nas proximidades da povoação existem alguns olivais.

Este mosaico de habitats permite a existência de uma interessante diversidade ornitológica, numa mescla que junta aves dos meios urbanos, rurais e florestais. A exploração da zona está um pouco condicionada pelo facto de muitos terrenos estarem vedados. A opção que se afigura mais fácil e viável consiste em tomar a Rua da Liberdade em Canha, que segue para noroeste até chegar à Herdade do Moinho Novo ao fim de 2 km (38.782927, -8.638552). Este caminho de terra batida segue mais ou menos paralelo à várzea do rio e cruza a orla da mancha de montado de sobre que existe na encosta do vale onde várias aves florestais podem ser observadas. Entre elas contam-se o charneco, o chapim-azul, o chapim-real, a felosa-de-papo-branco, a trepadeira-do-sul e a trepadeira-azul.

O caminho permite também o acesso à várzea e à ribeira. Para tal, cerca de 650 metros após o seu início deve-se tomar um desvio que surge para norte (38.774479, -8.627691). Na ribeira e na galeria ripícola é possível encontrar a galinha-d'água, o guarda-rios, o pica-pau-galego, o pica-pau-malhado, o rouxinol-bravo, o chapim-rabilongo, a toutinegra-de-barrete, o tordo-pinto ou o exótico capuchinho-dominó. Os terrenos abertos são frequentados por espécies como a cotovia-de-poupa, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica, a andorinha-das-chaminés, a fuinha-dos-juncos, o cartaxo-comum e a petinha-dos-prados. São também as zonas de caça de aves de rapina como o peneireiro-cinzento, a águia-calçada e a águia-d'asa-redonda. Sobretudo no inverno, juntam-se aqui grandes concentrações de fringílidos que incluem espécies como o tentilhão-comum, o verdilhão, o pintarroxo-de-bico-escuro, o pintassilgo, a milheirinha e, por vezes, o tentilhão-montês.



Pintassilgo *Carduelis carduelis*



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-calçada (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), capuchinho-dominó (TA), cartaxo-comum (TA), chapim-azul (TA), chapim-rabilongo (TA), chapim-real (TA), charneco (TA), cotovia-de-poupa (TA), felosa-de-papo-branco (EST/OUT), fuinha-dos-juncos (TA), galinha-d'água (TA), guarda-rios (TA), milheirinha (TA), peneireiro-cinzento (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pica-pau-galego (TA), pica-pau-malhado (TA), pintarroxo-de-bico-escuro (TA), pintassilgo (TA), rouxinol-bravo (TA), tentilhão-comum (TA), tentilhão-montês (INV), tordo-pinto (INV), toutinegra-de-barrete (TA), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Rua da Liberdade (ponto de acesso 38.768759, -8.625798)

Transportes públicos

• Moderadamente viável

Autocarro: carreira 416 dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragem Canha)

8. Frente ribeirinha do Montijo

Distrito de Setúbal
Concelho do Montijo



Foi em 1930 que o Montijo ganhou o seu nome atual, terminando assim a confusão toponímica que durante bastante tempo persistiu e que derivava do facto de a localidade ter tomado ao longo dos anos vários diferentes nomes (Ilda Gallega, Aldea Gallega, Aldegalega, Aldaguallega do Ribatejo, Aldegalega, Dalda Guallega ou Aldeia Gallega do Ribatejo). Independentemente disso, esta sempre foi uma povoação ligada ao Tejo e, nos dias que correm, a sua extensa frente ribeirinha estende-se por cerca de 6 km ao longo da margem norte do denominado esteiro do Montijo.

A paisagem é marcada pelo braço do estuário que está sujeito ao ritmo das marés. A envolvente é formada por uma mescla de sapais, salinas abandonadas, pequenas manchas de caniçal, zonas urbanas e baldios.

No que diz respeito às aves, este é um excelente local para observar um conjunto diversificado de espécies, sobretudo aquelas que estão associadas a ambientes estuarinos.

A exploração da zona é fácil, mas convém ter em conta que no pico da maré cheia o número de aves aquáticas visíveis tende a ser menor, pois estas deslocam-se para refúgios onde se possam alimentar melhor e descansar. A área é vasta e existem múltiplas hipóteses de abordagem. Apresentam-se abaixo quatro sugestões.

SEIXALINHO

O Seixalinho fica situado no extremo oeste do arco ribeirinho do Montijo. É uma das portas do concelho pois é aqui, no cais com o mesmo nome, que acostam os barcos que fazem a ligação a Lisboa. Na zona adjacente à estação fluvial há um grande parque de estacionamento. Para oeste estendem-se os terrenos da base aérea do Montijo, cujo acesso é interdito. Nas imediações há baldios, armazéns abandonados, vivendas e uma Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR). Ao longo da margem desenvolve-se uma faixa de sapal e uma praia de areia (a oeste).

A zona pode ser explorada a partir da Estrada do Seixalinho, que dá acesso quer ao parque de estacionamento (38.703540, -9.006525) quer à ETAR (38.705910, -8.996870).



©Helder Costa

1



©Helder Costa

2

1. Pilrito-de-peito-preto
Calidris alpina 2. Observatório
de aves da Quinta do Saldanha



©Diogo Oliveira

3

3. Colhereiros *Platalea leucorodia*

Na maré vazia, as lamas expostas são o local de alimentação para o alfaiate, a tarambola-cinzenta, o borrelho-grande-de-coleira, o borrelho-de-coleira-interrompida, o maçarico-galego, o milherango, a rola-do-mar, o pilrito-de-peito-preto, o maçarico-das-rochas, o perna-verde-comum e o perna-vermelha-comum. Ao longo dos canais pouco profundos, colhereiros filtram a água com o seu bico achatado enquanto garças-reais e garças-brancas-pequenas procuram a oportunidade de capturar uma presa. Os tanques da ETAR acolhem anatídeos como a tadorna, o pato-colhereiro e o pato-real. Os terrenos envolventes não devem ser negligenciados pois albergam um leque razoável de outras espécies, entre as quais se conta, por exemplo, o peneireiro-cinzento.

QUINTA DO SALDANHA

As origens da Quinta do Saldanha remontam ao século XVI. Em tempos esta foi uma propriedade rural importante mas acabaria por ser engolida pela expansão urbana do Montijo. Resta hoje o conjunto formado pelos edifícios do monte e da capela do Senhor Jesus dos Aflitos, situado na orla do esteiro do Montijo.

A partir daí é possível ter acesso à margem do esteiro atravessando uma faixa relativamente estreita de salinas abandonadas e de vegetação estuarina. Um observatório de aves foi instalado no local (38.702319, -8.986712), sendo o acesso feito na Rua Dr. Manuel da Cruz Júnior, mas infelizmente é alvo frequente de atos de vandalismo.

O pernilongo nidifica no que resta dos antigos tanques que servem também de refúgio de maré para algumas limícolas e de local de alimentação para diversas outras aves aquáticas. As lamas do esteiro que ficam expostas na maré vazia são utilizadas por um grande número de limícolas. A águia-pesqueira costuma frequentar esta área e é vista com alguma regularidade sobrevoando o plano de água. Contudo, para a detetar é preciso alguma persistência e procurar à distância. Outras espécies facilmente observáveis na zona são, por exemplo, o corvo-marinho, o guincho-comum ou a gaivota-d'asa-escura.

CAIS DOS VAPORES

O Cais dos Vapores (ou Cais dos Pescadores) fica no centro do Montijo e foi em tempos um movimentado local de passagem de pessoas e bens. Hoje, apesar de ainda manter alguma atividade comercial, é sobretudo um espaço de lazer. O cais projeta-se para o esteiro e forma uma espécie de promontório artificial rodeado por lamas expostas na maré vazia. Tendo em conta a sua localização, este é um dos sítios mais fáceis de explorar na zona. O acesso pode ser feito a partir da Travessa Manuel Pais (38.703701, -8.976190).

Os flamingos-comuns são presença mais ou menos regular nas imediações. Para além disso, aqui se pode observar também um conjunto diversificado de aves aquáticas.

ESTEIRO DA LANÇADA

O esteiro da Lançada é um estreito braço do Tejo situado no extremo sudeste da frente ribeirinha do Montijo. No lado oeste fica a localidade da

Lançada, enquanto ao longo da margem leste se estende uma faixa de terrenos baldios de sequeiro onde pontificam algumas habitações isoladas e uma unidade industrial. No extremo sul do esteiro, junto à foz da ribeira que aí desagua, existe um caniçal e, para além disso, há também uma pequena mancha de sapal.

A exploração pode ser feita a partir do caminho de terra batida Estudante Velha da Lançada (acesso na N11 38.685781, -8.947366 ou na Rua Vasco da Gama em 38.698247, -8.955880).

O caniçal e as zonas alagadas adjacentes são um bom sítio para observar algumas espécies típicas de habitats palustres como a galinha-d'água, a narceja-comum, o rouxinol-bravo e o rouxinol-dos-caniços. O sapal e as lamas entremarés são frequentadas por um leque de espécies de aves aquáticas semelhante ao existente no resto da frente ribeirinha e, para além disso, aqui ocorre por vezes a íbis-preta. Nos terrenos envolventes é possível ver diversos passeriformes, incluindo o charneco.





ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-pesqueira (OUT/INV), alfaiate (PRI/OUT/INV), borrelho-de-coleira-interrompida (TA), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), charneco (TA), colhereiro (TA), corvo-marinho (OUT/INV), flamingo-comum (TA), gaivota-d'asa-escura (TA), galinha-d'água (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), guincho-comum (TA), ibis-preta (OUT), maçarico-das-rochas (OUT/INV), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), milherango (PRI/OUT/INV), narceja-comum (OUT/INV), pato-colhereiro (OUT/INV), pato-real (TA), peneireiro-cinzento (OUT/INV), perna-verde-comum (OUT/INV), perna-vermelha-comum (OUT/INV), pernilongo (TA), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), rouxinol-bravo (TA), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), tadorna (TA), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV)



ACESSOS

Viatura própria

• Diversas opções

Oeste: M501 (ponto de acesso 38.706315, -8.987962)

Centro: Rua Miguel Pais (ponto de acesso 38.704691, -8.974978)

Sudeste: N11 (ponto de acesso 38.685129, -8.949147)

Transportes públicos

• Viável

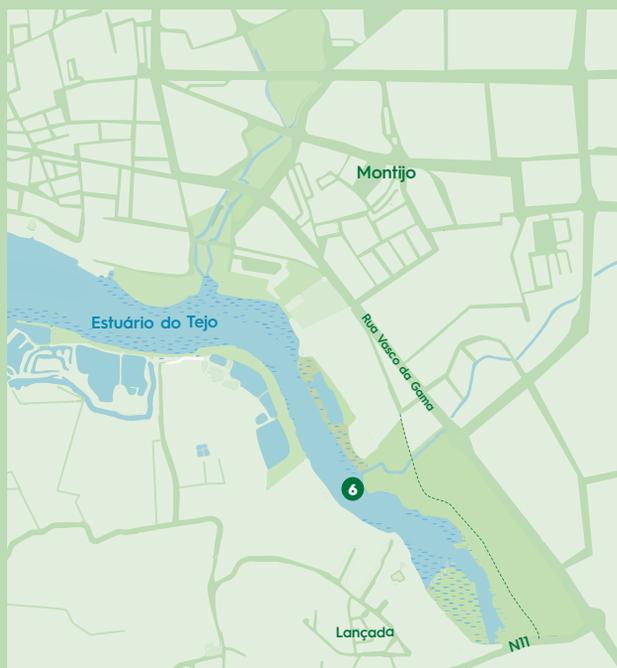
Autocarro: várias carreiras dos TST-Transportes Sul do Tejo

Barco: Transtejo Soflusa (ligaçãõ Montijo-Cais do Sodré)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



1 Cais do Seixalinho

2 ETAR do Seixalinho

3 Observatório de aves da Quinta do Saldanha

4 Quinta do Saldanha

5 Cais dos Vapores ou Cais dos Pescadores

6 Esteiro da Lançada

 Linha de água

 Corpo de água

 Percurso recomendado

9. Moita e Sarilhos Pequenos

Distrito de Setúbal
Concelho da Moita



O território a norte da Moita é marcado pelo estuário do Tejo, cujas reentrâncias e esteiros quase o transformam numa península. A oeste estende-se o esteiro da Moita, a norte encontra-se com o esteiro do Montijo e a leste é penetrado pelo esteiro de Sarilhos.

Associadas ao rio existem vastas áreas de sapal, lamas entremarés, praias de areia e antigas salinas agora abandonadas. No interior pratica-se uma agricultura intensiva e de regadio em grande escala que transformou e artificializou a paisagem. Aqui e ali surgem pequenas manchas de sobreiros e de pinheiros que conseguiram por enquanto escapar à voragem agrícola. O povoamento é denso e disperso.

O principal motivo de interesse ornitológico desta área está associado à frente ribeirinha que é frequentada por um grande número de aves aquáticas. No entanto, apesar de tudo, nos terrenos envolventes é possível encontrar também um interessante leque de espécies associadas aos meios agrícolas e urbanos.

A exploração da zona não é muito complicada. No entanto, convém ter em conta que é conveniente algum planeamento de forma a tirar o melhor partido das condições das marés. Há várias opções de acesso pelo que as que se apresentam de seguida devem ser encaradas apenas como sugestões que se afiguram mais favoráveis e potencialmente produtivas.

SAPAL DA MOITA

A vila da Moita fica situada junto à parte terminal de um dos esteiros do Tejo e possui uma extensa frente ribeirinha habitualmente conhecida por sapal da Moita. Aqui existem antigas salinas abandonadas, sapais, e vastas extensões de lamas que ficam expostas aquando da maré vazia.

A exploração deste local é fácil e pode ser iniciada utilizando as áreas pedonais situadas dentro da Moita, ao longo da Avenida Marginal. Depois basta seguir o percurso pedonal e ciclovía que se prolongam para norte ao longo do esteiro e mais ou menos paralelos às ruas da Glória e Alexandre Herculano até ao Gaio-Ro-



© Helder Costa

1



© Helder Costa

2

1. Fuselos *Limosa lapponica*
2. Sapal da Moita



© José L. Barros

sário. Idealmente a zona deverá ser visitada com a maré vazia e de manhã, altura em que a luz é mais favorável.

Dependendo da época do ano, a zona pode ser frequentada por centenas de aves aquáticas. Os flamingos-comuns, por exemplo, são presença habitual no esteiro, o mesmo se passando com os pernilongos que nidificam nos tanques das antigas salinas. A águia-pesqueira é por vezes vista a pescar. Para além destas, espécies como o colhereiro, a garça-real, a garça-branca-pequena, o corvo-marinho, o alfaiate, a tarambola-cinzenta, o borrelho-grande-de-coleira, o maçarico-galego, o maçarico-real, o fuselo, o milheranço, a rola-do-mar, o pilrito-de-peito-preto, o perna-verde-comum e o perna-vermelha-comum são regulares.

PRAIA DO ROSÁRIO

Rosário é o nome de uma povoação, situada a norte da Moita, que tem a particularidade de se situar junto a uma extensa praia de areia branca que se prolonga para norte por cerca de 1,3 km. A exploração pode ser feita a partir do Parque da Praia (38.676456, -9.011385).

A maré vazia expõe uma vasta área de lamas em frente à praia que são utilizadas por diversas espécies de aves aquáticas. Para além disso, pequenos bandos de pilritos-das-praias percorrem a orla do areal e, em especial no inverno, juntam-se aí por vezes grande número de gaivotas, sobretudo junto às saídas de esgoto, onde se incluem espécies como o guincho-comum, a gaivota-de-cabeça-preta e a gaivota-d'asa-escura.

ESTEIRO FURADO

No extremo norte da «península», uma reentrância do Tejo bastante pronunciada toma o nome de esteiro Furado. A zona envolvente está ocupada por agricultura intensiva de regadio, nomeadamente por extensos milheirais. O esteiro propriamente dito tem grandes manchas de sapal e na maré vazia apresenta uma superfície considerável de lamas expostas. Na margem leste situam-se os degradados e vandalizados edifícios que outrora pertenciam à secular Quinta do Esteiro Furado, com origens no século XVII, e que por



ter sido comprada em 1908 por dois ingleses é também conhecida por Quinta dos Ingleses.

A exploração desta zona é feita a partir da Rua 1º de Maio, que liga o Rosário a Sarilhos Pequenos, tomando o caminho de terra batida que começa em 38.678971, -8.994482. Salienta-se que o acesso pode estar condicionado a viaturas pois existe um portão ao início que nem sempre está aberto.

As lamas do esteiro são frequentadas por muitas aves aquáticas. A águia-sapeira é vista com frequência a caçar sobre a mancha de sapal que é também utilizada pelo pisco-de-peito-azul e pela alvéola-amarela-comum. Para além disso, os terrenos envolventes são frequentados por aves de rapina como o peneireiro-cinzento, a águia-calçada e o milhafre-preto. No inverno vale a pena explorar os restolhos e baldios, pois aí se juntam pequenos bandos de laverças e de fringíleidos.

SARILHOS PEQUENOS

Sarilhos Pequenos é uma pacata localidade ribeirinha situada na margem oeste do esteiro de

Sarilhos e cujo nome, ao contrário daquilo que se possa pensar, não tem nada a ver com apuros mas sim com um utensílio de madeira usado nas salinas que outrora aí existiam.

Tal como acontece com os outros braços de rio da região, também o esteiro de Sarilhos está sujeito à influência das marés e apresenta vastas áreas de lamas expostas na vazante que são utilizadas por muitas das espécies de aves aquáticas já mencionadas anteriormente. Adjacente à povoação existe uma pequena mancha florestal composta por sobreiros e pinheiros-mansos e que apresenta um sub-bosque bem desenvolvido onde se podem observar diversos passeriformes.

A melhor opção para explorar esta zona consiste talvez em tomar o trilho arenoso que sai para norte no extremo da Rua Antero de Quental (38.684238, -8.982750) e que segue na fronteira entre a mancha florestal e o estuário permitindo acesso aos dois habitats.



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-calçada (EST/OUT), águia-pesqueira (OUT/INV), águia-sapeira (TA), alfaiate (PRI/OUT/INV), alvéola-amarela-comum (EST/OUT), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), colhereiro (TA), corvo-marinho (OUT/INV), flamingo-comum (TA), fuselo (PRI/OUT/INV), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), guincho-comum (TA), laverça (INV), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), maçarico-real (PRI/OUT/INV), milhafre-preto (EST), milherango (PRI/OUT/INV), peneireiro-cinzento (TA), perna-verde-comum (OUT/INV), perna-vermelha-comum (OUT/INV), pernillongo (TA), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pisco-de-peito-azul (OUT/INV), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Noroeste: Rosário, Rua Luis de Camões (ponto de acesso 38.670627, -9.003656)

Nordeste: Sarilhos Pequenos, Rua 1º de Maio (ponto de acesso 38.680821, -8.983278)

Sut: Moita, Avenida Marginal (ponto de acesso 38.649554, -8.992178)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: várias carreiras dos TST-Transportes Sul do Tejo

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha do Sado; estação Moita)



1 Percurso pedonal e ciclovía

4 Quinta dos Ingleses

 Corpo de água

2 Parque da Praia do Rosário

5 Esteiro Furado

 Percurso recomendado

3 Praia do Rosário

6 Trilho arenoso

10. Praias da Cova do Vapor

Distrito de Setúbal
Concelho de Almada



A Cova do Vapor fica situada na margem sul do Tejo e não será exagero dizer-se que é aqui que o rio encontra o mar. A língua de areia que em tempos aí existia foi ocupada a partir da década de 1940 por algumas habitações precárias de pescadores. Tudo foi construído informalmente e com os mais diferentes materiais disponíveis. No período que se seguiu à revolução do 25 de Abril registou-se um surto de construções clandestinas, muitas das quais para fins de veraneio, que deram origem ao caótico povoado atual.

Para sul da Cova do Vapor estende-se uma vasta linha de praias arenosas viradas ao oceano, ao passo que para leste a costa acompanha o troço final do rio. Para tentar minimizar a erosão costeira resultante dos avanços do mar, foram construídos alguns pontões de pedra. Na envolvente existe a mancha florestal de São João da Mata, cujo acesso é condicionado.

Tendo em conta a sua localização de charneira entre o rio e o mar, este é um bom sítio para procurar gaivotas, algumas limícolas costeiras e também aves marinhas.

Em termos práticos, no que diz respeito à exploração, pode-se dividir a área em duas partes. A zona leste pode ser abordada ao longo da avenida marginal (Avenida António Martins Correia) e a zona sul pode ser explorada a pé a partir do parque de estacionamento situado em 38.663616, -9.256923.

A praia situada a leste, e virada para o rio, costuma ser utilizada na maré vazia como local de repouso por grandes bandos de gaivotas compostos sobretudo por gaivotas-d'asa-escura e gaivotas-de-patas-amarelas a que se juntam alguns guinchos-comuns e gaivotas-de-cabeça-preta. Procurando com cuidado é muitas vezes possível descobrir o gaivotão-real, espécie que se vê aí com bastante regularidade, e até uma ou outra gaivota-de-audouin. Bandos de pilritos-das-praias costumam alimentar-se junto à rebentação e o paredão rochoso é vasculhado por rolas-do-mar. Nos períodos de passagem migratória, aqui ocorrem por vezes fuselos. Vale a pena olhar para o rio, pois ocasionalmente o alcatraz-do-norte ou o alcaide-do-norte aparecem a explorar a zona da barra e, para além disso, o corvo-marinho é presença habitual (gostam de



©Helder Costa

1



©Helder Costa

2

1. Praia da Cova do Vapor
2. Gaivotão-real *Larus marinus*



repousar nas estruturas artificiais em frente ao Segundo Torrão).

A praia e o cordão dunar a sul da Cova do Vapor costumam ser utilizados por espécies como o borrelho-de-coleira-interrompida, a cotovia-de-poupa e o chasco-cinzento. O pontão de pedra situado imediatamente a sul da localidade é um bom sítio para procurar limícolas como o maçarico-galego, o pilrito-das-praias, o pilrito-escuro, a rola-do-mar e o maçarico-das-rochas. A partir daí, olhando para o mar, veem-se por vezes algumas aves marinhas. A negrola-comum é uma possibilidade e o garajau-de-bico-preto ocorre com bastante regularidade.

O andorinhão-pálido e o andorinhão-preto sobrevoam toda a área com frequência e o peneireiro-comum é também regularmente visto. Outras espécies terrestres que podem ser encontradas com relativa facilidade nas imediações são o estorninho-preto, o mainato-de-poupa, o rabirruivo-comum, a alvéola-cinzenta, a alvéola-branca, o verdilhão, o pintassilgo e a milheirinha.



©Helder Costa

3



©Helder Costa

4

3. Pilrito-escuro *Calidris maritima* 4. Gaivota-d'asa-escura *Larus fuscus*



ESPÉCIES A PROCURAR

• alcaide-do-norte (PRI/OUT/INV), alcatraz-do-norte (TA), alvéola-branca (TA), alvéola-cinzenta (OUT/INV), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), borrelho-de-coleira-interrompida (TA), chasco-cinzento (OUT), corvo-marinho (OUT/INV), cotovia-de-poupa (TA), estorninho-preto (TA), fuselo (PRI/OUT), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-audouin (PRI/OUT/INV), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), gaivota-de-patas-amarelas (TA), gaivotão-real (OUT/INV), garajau-de-bico-preto (TA), guincho-comum (TA), maçarico-das-rochas (PRI/OUT/INV), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), mainato-de-poupa (TA), milheirinha (TA), negrola-comum (OUT/INV), peneireiro-comum (TA), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pilrito-escuro (PRI/OUT/INV), pintassilgo (TA), rabirruivo-comum (TA), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Outono e inverno



ACESSOS

Viatura própria
Avenida António Martins Correia (ponto de acesso 38.665864, -9.246707)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreira 171 dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragem Cova do Vapor)

11. Parque da Paz

Distrito de Setúbal
Concelho de Almada



O Parque da Paz constitui um verdadeiro oásis no meio da densa e caótica malha urbana de Almada. Com uma área aproximada de 60 ha, este espaço verde nasceu em meados da década de 1990 como resultado do aproveitamento da antiga Quinta do Chegadinho e é hoje uma referência na região.

O parque tem um grande lago que marca a sua paisagem e que tem uma pequena mancha de vegetação palustre. Existem também vastos espaços relvados (sobretudo na parte sul e na parte leste), terrenos baldios de sequeiro e bosquetes de pinheiros-mansos e de sobreiros com sub-coberto arbustivo desenvolvido.

No que diz respeito às aves, a conjugação de habitats permite a existência de uma razoável diversidade de espécies.

O Parque da Paz é bastante fácil de explorar, uma vez que tem uma boa rede de caminhos e não tem condicionamentos de acesso. Contudo, devido à sua popularidade, tem normalmente um elevado número de visitantes sobretudo aos fins de semana. Por esse motivo, uma visita de manhã cedo quando o movimento de pessoas é menor e a atividade das aves florestais é maior afigura-se como recomendável.

O lago atrai um grande número de anátídeos exóticos vindos de fugas de outros locais nas imediações, já que não houve libertação destas aves no local. Entre eles salienta-se o ganso-do-egito, uma espécie originária de África que neste momento colonizou já uma parte do sul do país. Para além disso, aqui é possível observar o pato-real, o mergulhão-pequeno, a galinha-d'água e o maçarico-das-rochas. Muitas gaivotas usam também este espelho de água, sendo o guincho-comum,

a gaivota-de-cabeça-preta, a gaivota-d'asa-escura e a gaivota-de-patas-amarelas presenças habituais. A mancha de vegetação palustre situada no extremo sudoeste é frequentada por espécies como a fuinha-dos-juncos, o rouxinol-dos-caniços, o rouxinol-bravo e o bico-de-lacre. É vulgar ver, a sobrevoar o lago, andorinhões-pálidos, andorinhões-pretos, andorinhas-dos-beirais, andorinhas-das-chaminés e também uma ou outra andorinha-dáurica e andorinha-das-barreiras.

As manchas de arvoredado, nomeadamente a que fica localizada na parte sul, são frequentadas por espécies de características mais florestais e também por outras mais generalistas.

©Helber Costa



Guincho-comum *Larus ridibundus*

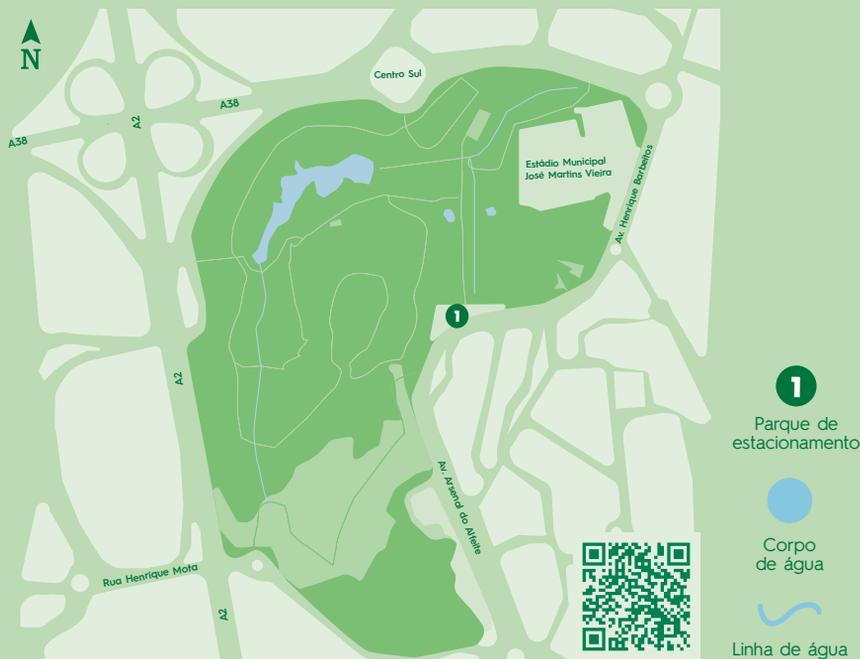
Entre elas contam-se o pombo-torcaz, o pica-pau-malhado, a águia-d'asa-redonda, o chapim-carvoeiro, o chapim-de-poupa, o chapim-azul, o chapim-real, o chapim-rabilongo, a trepadeira-do-sul, a estrelinha-real, o tentilhão-comum, o verdilhão, o pintassilgo e a milheirinha.

Nos espaços mais abertos ocorrem a poupa, a petinha-dos-prados, o estorninho-preto ou o mainato-de-poupa.

No período pós-nupcial é possível encontrar um pouco por toda a área espécies migradoras que se dirigem para África. Nessa altura a felosa-musical, o taralhão-cinzento, o papa-moscas-preto ou o chasco-cinzento são facilmente observáveis.



1. e 2. Parque da Paz 3. Papa-moscas-preto *Ficedula hypoleuca*



ESPÉCIES A PROCURAR

• água-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-barreiras (EST), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), bico-de-lacre (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-de-poupa (TA), chapim-rabilongo (TA), chapim-real (TA), chasco-cinzento (OUT), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), felosa-musical (OUT), fuiha-dos-juncos (TA), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-cabeça-preta (OUT/INV), gaivota-de-patas-amarelas (TA), galinha-d'água (TA), ganso-do-egito (TA), guincho-comum (TA), maçarico-das-rochas (PRI/OUT/INV), mainato-de-poupa (TA), mergulhão-pequeno (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), pato-real (TA), petinha-dos-prados (OUT/INV), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pombo-torcaz (TA), poupa (TA), rouxinol-bravo (TA), rouxinol-dos-caniços (OUT), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Norte: A38 (ponto de acesso 38.666041, -9.166460)

Sul: Avenida Arsenal do Alfeite (ponto de acesso 38.662649, -9.165468)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreira 753 da Carris e várias carreiras dos TST-Transporte Sul do Tejo (paragem Centro Sul)

Metro: MTS-Metro Sul do Tejo (paragem Cova da Piedade ou Parque da Paz)

12. Moinho de Maré de Corroios

Distrito de Setúbal
Concelho do Seixal



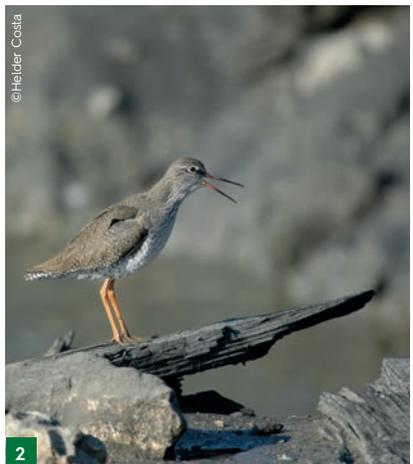
O Moinho de Maré de Corroios fica situado no extremo oeste do denominado sapal de Corroios. Trata-se de um edifício antigo, mandado construir em 1403 por ordem do condestável D. Nuno Álvares Pereira. Em 1980, o moinho foi adquirido pela autarquia do Seixal que o restaurou e arranjou o espaço envolvente.

Junto ao moinho existem zonas com vegetação estuarina, não só no interior da antiga caldeira como na orla do esteiro de Corroios. Na maré vazia fica a descoberto uma vasta extensão de lama que desaparece, totalmente coberta pela água, quando a maré sobe. A sul fica o que resta das quintas do Castelo e da Princesa, onde há ainda manchas florestais e terrenos abertos de sequeiro. Existem também dois núcleos de tanques de aquacultura, situados a sul e a nordeste. Na proximidade imediata estende-se a mancha urbana de Miratejo, na qual se inserem a Quinta do Rouxinol e a ETAR da Quinta da Bomba.

O acesso ao moinho e zona envolvente é livre mas o espaço tem um horário de funcionamento fixo e está fechado nas manhãs dos fins de semana, à segunda-feira e nos feriados (ver Anexo 2). Tratando-se de uma área pequena e limitada, a sua exploração é bastante fácil. Basicamente é preciso apenas ter paciência e esperar. As aves aquáticas movimentam-se ao ritmo das marés, pelo que o melhor é programar uma visita para uma altura em que a maré esteja a subir ou a descer. Com a maré cheia as aves movimentam-se para refúgios no interior do sapal pelo que a diversidade tende a ser menor.

Entre as espécies aquáticas que podem ser observadas sem grande dificuldade contam-se a tadorna, o pato-real, o flamingo-comum, a galinha-d'água, o colheiro, a garça-branca-pequena, a garça-real, o alfaiate, o pernilongo, a tarambola-cinzenta, o milherango, o pilrito-de-peito-preto e o perna-vermelha-comum.

Sobretudo no inverno, a zona é procurada por muitas gaivotas que se juntam para repousar nas lamas ou para se alimentar nos canais. A maior parte são guinchos-comuns e gaivotas-d'asa-escura mas uma observação cuidadosa desses bandos, por vezes numerosos, pode revelar outras espécies, nomeadamente a gaivota-de-cabeça-





©Helder Costa

3

3. Moinho de Maré de Corroios

-preta. A partir de meados do verão e até ao início do outono a área é frequentada por um grande número de cegonhas-brancas que se alimentam no aterro sanitário existente nas proximidades e que se deslocam com frequência até ao sapal. É nessa altura do ano que também costumam aparecer algumas ibis-pretas.

A águia-pesqueira e o falcão-peregrino sobrevoam por vezes a área e o guarda-rios é uma possibilidade, sobretudo no período pós-nupcial. O rouxinol-bravo ocorre nas manchas de vegetação mais densa situadas junto à vala que fica adjacente à Quinta do Rouxinol.

Vale a pena investir algum tempo para dar uma vista de olhos à distância para a mancha florestal das quintas da Princesa, do Palácio do Infante e da Atalaia, situadas na margem oposta. A águia-d'asa-redonda é vista com regularidade voando sobre a área e também a águia-calçada por aí aparece sobretudo no período estival. Com sorte, até o esquivo açor pode ser vislumbrado sobrevoando o arvoredo. Os terrenos abertos da Quinta do Castelo, que também se avistam do moinho, não devem ser descurados pois o abelharuco costuma frequentar a zona que é igualmente utilizada pelo peneireiro-comum. Normalmente há bastantes andorinhas que sobrevoam não só a quinta mas também o sapal. Entre elas contam-se a andorinha-dos-beirais, a andorinha-das-chaminés e a andorinha-das-barreiras.

Este é um dos melhores locais do país para encontrar o mainato-de-poupa, uma espécie exótica oriunda da Ásia e introduzida em Portugal nos finais da década de 1990. Estas aves frequentam a zona urbana envolvente e os jardins das proximidades e gostam sobretudo dos terrenos situados nas imediações da ETAR, a nordeste do moinho, onde se misturam com frequência com os comuns estorninhos-pretos.



1

Quinta do Rouxinol

2

Moinho de Maré de Corroios

3

Aquaculturas

4

Quinta do Castelo

5

Quinta da Princesa



Corpo de água

Linha de água



ESPÉCIES A PROCURAR

• abelharuco (EST), açor (TA), águia-calçada (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), águia-pesqueira (PRI/OUT/INV), alfaiate (PRI/OUT/INV), andorinha-das-barreiras (EST), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), cegonha-branca (TA), colhereiro (TA), estorninho-preto (TA), falcão-peregrino (OUT/INV), flamingo-comum (TA), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), galinha-d'água (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), guarda-rios (OUT/INV), guincho-comum (TA), ibis-preta (OUT), mainato-de-poupa (TA), milherango (PRI/OUT/INV), pato-real (TA), peneireiro-comum (TA), perna-vermelha-comum (TA), pernilongo (TA), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), rouxinol-bravo (TA), tadorna (TA), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV)



QUANDO VISITAR

• Outono e inverno



ACESSOS

Viatura própria
Rua do Rouxinol (ponto de acesso 38.644764, -9.145937)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreira 2C da SulFertagus (paragem Rua do Rouxinol Ft 13)

Comboio: Fertagus (estação Corroios)

Metro: MTS-Metro Sul do Tejo (paragem Casa do Povo)

13. Ponta dos Corvos

Distrito de Setúbal
Concelho do Seixal



A Ponta dos Corvos, ou Ponta do Mato como também é conhecida, deve o seu nome não ao corvídeo, que não ocorre na região, mas sim aos corvos-marinhos que são comuns no inverno e aqui costumam pernoitar. Outrora, existia nesta zona um importante polo de atividade relacionado com a seca e processamento do bacalhau que era pescado nos mares do norte. Testemunhos desses tempos restam apenas hoje as muitas construções arruinadas e vandalizadas que se espalham pela área.

Quanto à ponta em si, trata-se de uma estreita e baixa restinga arenosa com orientação aproximada leste-oeste, que se estende por cerca de 2,5 km entre o Alfeite e a entrada da baía do Seixal, separando o Mar da Palha (a norte) do sapal de Corroios (a sul). O lado norte é bordejado em toda a sua extensão por uma praia de areia branca, ao longo da qual existem algumas manchas de pinhal que estão sob jurisdição militar. No lado sul estendem-se áreas de sapal sujeitas à influência das marés e sapais secos. Junto ao extremo leste há terrenos abertos com vegetação rasteira.

Esta é uma zona com uma diversidade ornitológica considerável, cuja exploração pode ser feita através do caminho de terra batida que liga Mira-tejo à ponta da restinga e que é acessível a um veículo normal durante todo o ano. Convém no entanto notar que nos períodos de marés vivas há troços que ficam submersos e durante o inverno pode estar com bastantes buracos e poças de água. Idealmente a zona deve ser visitada com a maré vazia ou, melhor ainda, «meia maré» e de preferência durante a manhã quando a luz é mais favorável para o lado do sapal.

Ao longo de uma boa parte do caminho é possível obter boas perspetivas sobre as lamas

entremarés do sapal de Corroios e observar, entre muitas outras, espécies como a tadorna, o flamingo-comum, o colhereiro, o alfaiate, a tarambola-cinzenta, o maçarico-galego, o maçarico-real, o milherango, a rola-do-mar, o pilrito-de-peito-preto, o perna-verde-comum, o perna-vermelha-comum ou a gaivota-de-cabeça-preta. Existe um observatório de aves situado em 38.652973, -9.125077 a partir de onde se podem ver muitas das espécies citadas.

Na orla do sapal, um conjunto de árvores mortas que se destaca na paisagem é utilizado como dormitório pelos corvos-marinhos e é um pouso habitual da águia-pesqueira. A vegetação estuária nessa área é frequentada pelo píscio-de-peito-azul.



© Helder Costa

Dormitório de corvos-marinhos *Phalacrocorax carbo*

A pequena mancha florestal do lado norte encontra-se vedada e aí está instalada uma colónia mista de garças que alberga carraceiros, garças-reais e garças-brancas-pequenas.

Apesar das restrições, que decorrem da atividade militar, o acesso à praia é livre e vale a pena, onde possível, dar uma vista de olhos ao rio e inspecionar os bancos e ilhotas de areia que se formam na maré vazia. Limícolas como o borrelho-grande-de-coleira, o borrelho-de-coleira-

-interrompida ou o pilrito-das-praias podem ser vistas aqui, a par de grandes bandos de gaiotas.

Junto à ponta da restinga, os terrenos abertos e o cordão dunar são frequentados pela pega, pela cotovia-de-poupa, pelo chasco-cinzento e pela petinha-dos-prados. No período pós-nupcial, as figueiras isoladas e outras árvores existentes nas imediações do parque de estacionamento podem atrair espécies migradoras como a felosa-musical, o taralhão-cinzento ou o papa-moscas.



1. Praia da Ponta dos Corvos 2. Sapal de Corroios 3. Borrelho-de-coleira-interrompida *Charadrius alexandrinus*



1

Acesso desde Miratejo



Corpo de água

2

Observatório de aves



Percurso recomendado

3

Ponta dos Corvos



ESPÉCIES A PROCURAR

• água-pesqueira (PRI/OUT/INV), alfaiate (PRI/OUT/INV), borrelho-de-coleira-interrompida (PRI/OUT/INV), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), carraceiro (TA), chasco-cinzento (OUT), colheiro (TA), corvo-marinho (OUT/INV), cotovia-de-poupa (TA), felosa-musical (OUT), flamingo-comum (TA), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), maçarico-real (PRI/OUT/INV), milherango (PRI/OUT/INV), papa-moscas-preto (OUT), pega (TA), perna-verde-comum (OUT/INV), perna-vermelha-comum (OUT/INV), petinha-dos-prados (OUT/INV), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pisco-de-peito-azul (OUT/INV), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), tadorna (TA), taralhão-cinzento (OUT), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Rua Soeiro Pereira Gomes (ponto de acesso 38.650430, -9.141252)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreira 2C da SulFertagus (paragem Miratejo, Avenida 25 de Abril/Centro Comercial)

NOTAS

- Há muitos mosquitos nalguns locais pelo que repelente de insetos pode ser muito útil. A zona é frequentada por grande número de mariscadores
- A praia da Ponta dos Corvos (conhecida localmente por praia dos Tesos) é bastante procurada na época balnear
- Na área sob jurisdição militar são ocasionalmente efetuados exercícios que podem envolver explosões

14. Frente ribeirinha do Seixal e Amora

Distrito de Setúbal
Concelho do Seixal



A cidade do Seixal situa-se na margem de uma enseada do Tejo que ocupa uma área apreciável. Graças às suas características naturais e localização foi outrora um importante centro de construção naval que viu serem construídas as naus que levaram Vasco da Gama à Índia. Desse passado remoto nada resta nos dias de hoje. A partir de meados do século XX a expansão urbanística envolveu toda a baía que ficou cercada por uma teia de construções. Apesar disso, a zona mantém ainda um elevado valor natural e alberga uma excelente diversidade de aves, nomeadamente aquáticas.

Algumas intervenções efetuadas nos últimos anos facilitaram o acesso da população às margens da baía abrindo assim também várias hipóteses para a sua exploração ornitológica. Indicam-se de seguida algumas sugestões.

BAÍA DO SEIXAL

O braço do Tejo que se estende desde o Seixal até ao Talaminho, passando pela Arrentela e Amora, forma um V pronunciado e é vulgarmente conhecido por Baía do Seixal. Trata-se de uma zona sujeita à influência das marés que na vazante deixam a descoberto vastas extensões de lamas. Junto ao Seixal existem também algumas praias de areia.

A exploração da maior parte da baía pode ser feita a partir das avenidas marginais que a circundam ao longo das duas margens: Avenida República (margem leste) e Avenida Silva Gomes (margem oeste) e do circuito pedonal e ciclável que as acompanha. No extremo noroeste, o troço adjacente à Quinta da Atalaia que se estende entre a praia do Pinheirinho (a sudeste) e os estaleiros navais do Talaminho (a noroeste) pode ser explorado a partir da Rua dos Operários.

Aqui é possível encontrar um leque alargado de aves aquáticas que usam a zona para se alimentar ou para repousar. Os canais e águas pouco profundas são frequentados pelo colhereiro, pela garça-branca-pequena, pela garça-real e, ocasionalmente, por flamingos-comuns. Limícolas como o alfaiate, o borrelho-grande-de-coleira, a tarambola-cinzenta, o maçarico-galego, o milherango,



©Helder Costa

1



©Helder Costa

2

1. Maçarico-das-rochas
Actitis hypoleucos 2. Moinhos de Maré dos Paulistas



3



3. Gaivota-de-bico-riscado *Larus delawarensis*

o pilrito-de-peito-preto, o maçarico-das-rochas, o perna-verde-comum ou o perna-vermelha-comum são presença habitual nos lodos. Nas praias veem-se pequenos bandos de pilritos-das-praias e de rolas-do-mar. Nas lamas e nas praias juntam-se também bastantes gaivotas e vale sempre a pena investigá-las. A maioria são guinchos-comuns e gaivotas-d'asa-escura mas, nalgumas épocas do ano, ocorrem algumas gaivotas-de-cabeça-preta e, por vezes, até a gaivota-de-bico-riscado ou o famego podem ser vistas.

MOINHOS DE MARÉ DOS PAULISTAS

A oeste do Seixal, num braço do esteiro do rio Coia, ficam situados dois moinhos de maré cuja construção data do século XV (o Moinho Velho dos Paulistas e o Moinho Novo dos Paulistas). Ambos estão atualmente em adiantado estado de degradação. Imediatamente a sul, fica a Quinta do Bom Pastor e algumas construções arruinadas de um outro moinho de maré (o Moinho do Descanso) e da chamada fábrica do Breyner, ao qual estava ligado, e onde durante bastante tempo se produziu farinha de peixe para grande desagrado da população local devido ao cheiro nauseabundo. Para oeste estende-se o centro de estâgios Benfica Campus implementado nos terrenos da antiga Quinta da Trindade.

A zona pode ser explorada a partir da Rua Quinta da Trindade (ponto de acesso 38.643996, -9.089866).

As caldeiras destes moinhos servem de refúgio de maré para um bom número de aves limícolas. Uma visita na maré cheia pode proporcionar a observação de grandes bandos de borrelhos-grandes-coleira, tarambolas-cinzentas, milherangos, pilritos-de-peito-preto ou rolas-do-mar. Na maré vazia muitas destas aves deslocam-se para o braço de rio adjacente. Vale a pena investigar a zona alagadiça situada a sul (38.638646, -9.088063), e que deverá ser também o que resta de uma antiga caldeira, pois aí nidificam galinhas-d'água e pernilongos para além de acolher igualmente algumas aves limícolas.

Junto às ruínas industriais a sul existem alguns eucaliptos ornamentais de grande porte que são utilizados por espécies como o peneireiro-comum, a pega, o mainato-de-poupa e o

periquito-rabijunco. Nos terrenos envolventes podem ser observadas espécies como a toutinegrados-valados, o estorninho-preto, a alvéola-branca, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha.



Garça-real *Ardea cinerea*, garça-branca-pequena *Egretta garzetta* e guinchos-comuns *Larus ridibundus*



ESPÉCIES A PROCURAR

- alfaiate (PRI/OUT/INV), alvéola-branca (TA), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), colhereiro (TA), estorninho-preto (TA), famego (INV), flamingo-comum (TA), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-bico-riscado (INV), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), galinha-d'água (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), guincho-comum (TA), maçarico-das-rochas (PRI/OUT/INV), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), mainato-de-poupa (TA), milheirinha (TA), milherango (PRI/OUT/INV), pega (TA), peneireiro-comum (TA), periquito-rabijunco (TA), perna-verde-comum (OUT/INV), perna-vermelha-comum (OUT/INV), pernilongo (TA), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pintassilgo (TA), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV), toutinegrados-valados (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Outono e inverno



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Sul: Avenida da República (ponto de acesso 38.620687, -9.106191)

Noroeste: Rua Amora Futebol Clube (ponto de acesso 38.632244, -9.116220)

Transportes públicos

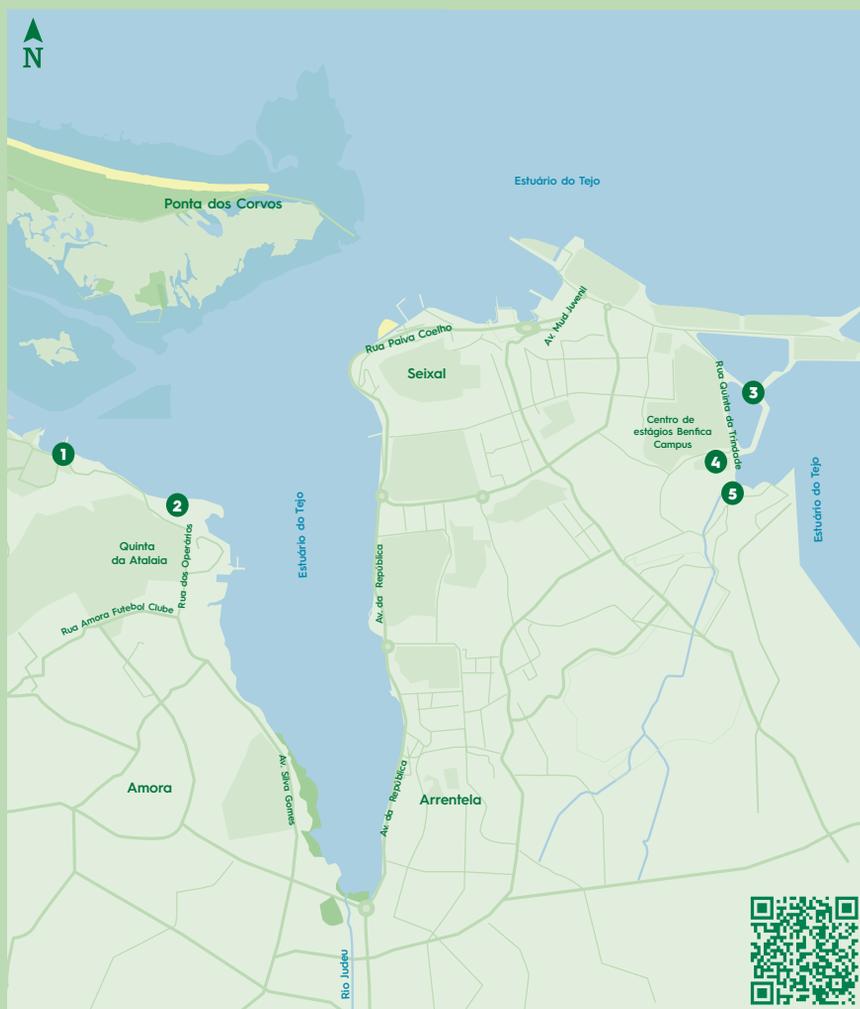
- Viável

Autocarro: várias carreiras dos TST-Transportes Sul do Tejo

Barco: Transtejo Softusa (ligação Seixal-Cais do Sodré)

NOTAS

- Na Quinta da Atalaia realiza-se anualmente no início de setembro a Festa do Avante altura em que os acessos e circulação na zona ficam bastante congestionados



1 Estaleiros do Talaminho

2 Praia do Pinheirinho

3 Moinhos de Maré dos Paulistas

4 Quinta do Bom Pastor e zona alagadiça

5 Fábrica do Breyner

 Corpo de água

 Linha de água

15. Frente ribeirinha do Barreiro

Distrito de Lisboa
Concelho do Barreiro



Até finais do século XIX o Barreiro era uma pacata localidade de pescadores e de gente do campo. Tudo mudou com a construção do caminho-de-ferro que trouxe consigo a implementação de diversas indústrias pesadas sob o impulso de Alfredo da Silva. O aspeto da região mudou. A população cresceu, a malha urbana expandiu-se e grande parte das margens do rio foi ocupada pelas fábricas que passaram a constituir a imagem de marca da região até aos nossos dias.

A frente ribeirinha do Barreiro é extensa. A análise feita no âmbito deste livro abarca o troço que se estende entre a praia fluvial de Copacabana (a sul) e a Avenida da Praia (a norte). O setor virado a oeste confina com o esteiro do rio Coina ao passo que o setor setentrional se abre para o Mar da Palha.

Um dos locais a partir de onde se pode explorar a zona é o Parque Recreativo da Cidade (Polis) que é acedido através da Rua Maputo. A partir daí é possível ter uma boa perspetiva sobre as lamas que ficam expostas na vazante e que são utilizadas por espécies como a tarambola-cinzenta, o borrelho-grande-de-coleira, o borrelho-de-coleira-interrompida, o maçarico-galego, o milherango, a rola-do-mar, o pilrito-de-peito-preto, o maçarico-das-rochas, o perna-verde-comum ou o perna-vermelha-comum. Nas zonas de água pouco profunda e nos canais é frequente ver o colheireiro, a garça-real ou a garça-branca-pequena ao passo que o corvo-marinho utiliza o espelho de água. As saídas de esgoto aqui existentes atraem bastante gaivotas entre elas o guincho-comum, a gaivota-de-cabeça-preta e a gaivota-d'asa-escura. No espaço verde é comum observar o exótico mainato-de-poupa.

Um pouco mais a norte, fica a área de Alburri-

ca-Mexilhoeiro onde se encontram as ruínas da antiga Quinta do Braamcamp. Aqui existem alguns moinhos de vento e de maré desativados, praias de areia branca e terrenos baldios. Esta zona pode ser facilmente explorada a pé e o acesso é feito através da Rua Bento de Jesus Caraça ou da Rua Clube Naval Barreirense. As caldeiras dos moinhos de maré atraem diversas aves aquáticas e, para além de algumas das espécies de limícolas já mencionadas, muitas gaivotas utilizam este local incluindo a gaivota-de-cabeça-preta. As praias de areia branca são por vezes vasculhadas por pequenos bandos de pilritos-das-praias e, para além disso, o borrelho-de-coleira-interrompida nidifica por vezes nas imediações.

Nos terrenos da Quinta do Braamcamp está instalada uma colónia de garças com carraceiros e algumas garças-brancas-pequenas. Para além disso, aí se podem também observar espécies como a gralha-preta, a cotovia-de-poupa, a fuinha-dos-juncos, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-das-chaminés, a toutinegra-dos-valados, o estorninho-preto, a petinha-dos-prados, a alvéola-branca, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha.



Maçarico-galego *Numenius phaeopus*



1

Quinta do Braamcamp

2

Ponta do Mexilhoeiro

3

Alburrica

4

Parque Recreativo da Cidade (Polis)

5

Praia fluvial de Copacabana



Corpo de água



ESPÉCIES A PROCURAR

- alvéola-branca (TA), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), borrelho-de-coleira-interrompida (TA), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), carraceiro (TA), colhereiro (TA), corvo-marinho (OUT/INV), cotovia-de-poupa (TA), estorninho-preto (TA), fuinha-dos-juncos (TA), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), gralha-preta (TA), guincho-comum (TA), maçarico-das-rochas (PRI/OUT/INV), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), mainato-de-poupa (TA), milheirinha (TA), milherango (PRI/OUT/INV), perna-verde-comum (OUT/INV), perna-vermelha-comum (OUT/INV), petinha-dos-prados (OUT/INV), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pintassilgo (TA), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV), toutinegra-dos-valados (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Outono e inverno



ACESSOS

- Viatura própria
- Diversas opções

Norte: Rua Miguel Pais (ponto de acesso 38.661766, -9.083380)

Centro: Avenida da Liberdade (ponto de acesso 38.650582, -9.067583)

Sul: Rua Maputo (ponto de acesso 38.644224, -9.064011)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras dos TST-Transportes Sul do Tejo; várias carreiras dos TCB-Transportes Coletivos do Barreiro

Barco: Transtejo Soflusa (ligação Barreiro-Terreiro do Paço)

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha do Sado; estação Barreiro)



16. Alhos Vedros e Baixa da Banheira

Distrito de Setúbal
Concelho da Moita



Estas duas localidades, situadas na zona oeste do concelho da Moita, estão interligadas. Com efeito, foi com terrenos desanexados à freguesia de Alhos Vedros que foi criada em 1967 a freguesia da Baixa da Banheira. A distância que as separa é de facto muito curta e, na prática, formam uma mancha urbana quase contínua que apenas é interrompida pela baixa do Vale da Amoreira.

Em comum têm também o facto de partilharem uma extensa frente ribeirinha da margem oeste do esteiro da Moita. A influência das marés faz-se sentir de forma acentuada neste braço do Tejo e na vazante vastas zonas de lama ficam expostas, sendo então utilizadas por muitas aves aquáticas de diferentes espécies. Nos terrenos adjacentes ao estuário, para além das manchas urbanas, há salinas abandonadas, jardins, baldios e pastagens que formam um mosaico que permite a ocorrência de uma avifauna relativamente diversificada.

Existem várias hipóteses para explorar a região e as opções que de seguida se apresentam não esgotam decerto o leque de possibilidades.

SAPAL DE ALHOS VEDROS

O denominado sapal de Alhos Vedros desenvolve-se em torno de uma península que se prolonga para norte dessa localidade. Para além das áreas de sapal propriamente ditas, aqui há salinas abandonadas, baldios com vegetação rasteira de sequeiro e vastas zonas entremarés.

A Estrada Nova do Cais, que tem início imediatamente a norte de Alhos Vedros (38.658681, -9.027541), oferece boas possibilidades de exploração. Este estradão de terra batida não tem saída e segue durante cerca de 1,3 km até uma fábrica de reciclagem de sucatas, possibilitando campo de visão não só para os tanques das salinas como também para as zonas estuarinas.

É um excelente local para observar limícolas. Na maré vazia as aves espalham-se, procurando alimento pelas lamas expostas, e quando a maré sobe muitas refugiam-se nos antigos tanques das



© Helder Costa

1



© José L. Barros

2

1. Sapal de Alhos Vedros
2. Ostraceiro *Haematopus ostralegus*



©Diego Oliveira

3

salinas e nas ilhotas de vegetação estuarina. Entre as espécies que aqui podem ser vistas contam-se o ostraceiro, o alfaiate, a tarambola-cinzenta, o borrelho-grande-de-coleira, o maçarico-galego, o maçarico-real, o fuselo, o milherango, o pilrito-de-peito-preto, o pilrito-pequeno, o perna-verde-comum e o perna-vermelha-comum. Outras aves ligadas ao meio aquático que aqui podem ser encontradas incluem a tadorna, o flamingo-comum, o colheiro, o corvo-marinho ou a águia-pesqueira. As antigas salinas com os seus cômodos de vegetação salgada são frequentadas pelo pernilongo, o borrelho-de-coleira-interrompida, a chilreta, o pisco-de-peito-azul e a alvéola-amarela-comum. Nos terrenos secos envolventes, o peneireiro-cinzento ocorre com alguma regularidade e a pega é comum.

PARQUE DAS SALINAS

O Parque das Salinas fica situado junto ao extremo meridional do esteiro de Alhos Vedros. Trata-se de uma zona verde de pequena dimensão, encaixada entre a N11 e o estuário, que resultou da requalificação de antigas salinas. A sul, uma vala com vegetação palustre acompanha a estrada e marca o limite do parque. O espaço inclui reduzidas áreas ajardinadas, uma pequena lagoa com vegetação palustre e ainda os restos da antiga caldeira do moinho de maré adjacente. Trata-se de um local fácil de explorar e o acesso é feito a partir da Rua D. Dinis de Ataíde.

Aqui podem-se encontrar espécies como a galinha-d'água, a garça-branca-pequena e o pernilongo. Para além disso, o rouxinol-dos-caniços nidifica na mancha de vegetação palustre e o exótico mainato-de-poupa é visto com regularidade.

PARQUE MUNICIPAL JOSÉ AFONSO

Este parque urbano situa-se na Baixa da Banheira e é também conhecido por Parque Ribeirinho da Baixa da Banheira. Ocupa uma área de 25 ha e estende-se ao longo da margem do rio. Tem amplos espaços verdes e parques de estacionamento. Trata-se uma zona fácil de explorar, sendo o acesso feito a partir da Avenida Capitães de Abril (38.660770, -9.041950).

Sobretudo no outono e no inverno, as lamas que ficam expostas aquando da maré vazia são frequentadas por um leque razoável de espécies aquáticas. Entre elas incluem-se o flamingo-comum, a garça-real, a garça-branca-pequena, o ostraceiro, o alfaiate, a tarambola-cinzenta,

o maçarico-galego, o milherango, a rola-do-mar e o maçarico-das-rochas. Para além disso, no parque e na zona urbana envolvente é possível encontrar diversos passeriformes incluindo o exótico mainato-de-poupa.



©Helder Costa

©Helder Costa

1

2

1. Tadornas *Tadorna tadorna* 2. O sapal visto do Parque Municipal José Afonso



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-pesqueira (PRI/OUT/INV), alfaiate (PRI/OUT/INV), alvéola-amarela-comum (EST/OUT), borrelho-de-coleira-interrompida (TA), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), chilreta (EST), colhereiro (TA), corvo-marinho (OUT/INV), flamingo-comum (TA), fuselo (PRI/OUT/INV), galinha-d'água (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), maçarico-das-rochas (PRI/OUT/INV), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), maçarico-real (PRI/OUT/INV), mainato-de-poupa (TA), milherango (PRI/OUT/INV), ostraceiro (OUT/INV), pega (TA), peneireiro-cinzento (TA), perna-verde-comum (OUT/INV), perna-vermelha-comum (OUT/INV), pernilongo (TA), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pilrito-pequeno (PRI/OUT/INV), pisco-de-peito-azul (OUT/INV), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), tadorna (TA), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
• Diversas opções

Noroeste: Baixa da Banheira, Avenida Capitães de Abril (ponto de acesso 38.658492, -9.038802)

Nordeste: Alhos Vedros, Estrada Nova do Cais (ponto de acesso 38.658713, -9.027492)

Sul: Nil (ponto de acesso 38.655165, -9.032322)

Transportes públicos

• Viável (Baixa da Banheira, Parque das Salinas) a moderadamente viável (Alhos Vedros)

Autocarro: várias carreiras dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragens Baixa da Banheira e Alhos Vedros-Coreto); várias carreiras dos TCB (paragens Baixa da Banheira e Alhos Vedros-centro)

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha do Sado; estações Baixa da Banheira e Alhos Vedros)

NOTAS

• A zona é utilizada por grande número de mariscadores



1 Parque Ribeirinho da Baixa da Banheira/Parque José Afonso

3 Fábrica de reciclagem de sucatas

2 Parque das Salinas

 Corpo de água

17. Lagoa da Salgueirinha

Distrito de Setúbal
Concelho de Palmela



Lagoa da Salgueirinha é a denominação que no meio ornitológico habitualmente se dá à barragem da Brejoeira, um corpo de água situado a nordeste do Pinhal Novo.

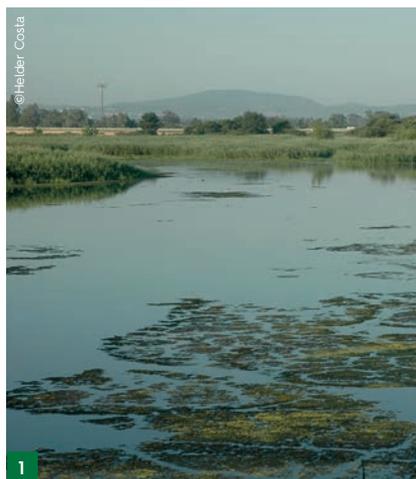
Uma boa parte desta barragem está coberta por vegetação palustre emergente (sobretudo caniços) que se desenvolve ao longo das suas margens. Na zona envolvente existem amplos terrenos abertos com vegetação de sequeiro (sobretudo a leste), cultivos de regadio e vinhas (a norte), pequenas manchas de pinhal-bravo, silvados e canaviais (a norte e a oeste). Perto ao paredão foi construída uma ETAR. A sul, a barragem é cortada pela A2.

A exploração da zona pode ser feita a partir da ETAR. Daí pode-se aceder ao paredão, donde se tem uma boa perspetiva sobre o espelho de água que é habitualmente frequentado por espécies como o pato-colhereiro, o pato-real, o mergulhão-pequeno, a galinha-d'água, o galeirão-comum e o corvo-marinho. Quando o nível de água é baixo deixa a descoberto lamas que são utilizadas por bandos de íbis-pretas e limícolas como o borrelho-pequeno-de-coleira ou o maçarico-bique-bique. Nos caniçais é possível escutar e ver o rouxinol-dos-caniços, o rouxinol-grande-dos-caniços ou o rouxinol-bravo.

Nas manchas de vegetação ripícola envolventes, fazem-se notar a felosa-poliglota ou o rouxinol-comum. Por vezes formam-se grandes concentrações de andorinhões-pálidos e andorinhões-pretos a alimentar-se sobre o local e, no meio deles, pode sempre aparecer um ou outro andorinhão-real. Os terrenos a norte são frequentados por espécies comuns como o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha.

As instalações da ETAR estão vedadas e não é permitido o acesso. No entanto os tanques são visíveis a partir do lado de fora e isso não deve ser esquecido pois são frequentados pelo pernilongo e pelo borrelho-pequeno-de-coleira.

Da ETAR é também possível seguir a pé ao longo da margem leste. A vista para o espelho de água é mais difícil mas podem explorar-se os terrenos abertos e a orla do caniçal.



1



2



Espécies como a cotovia-de-poupa, a fuinha-dos-juncos, o car-taxo-comum ou o trigueirão são facilmente vistas. Convém ter atenção ao céu pois este é um bom sítio para ver algumas aves de rapina, entre as quais o peneireiro-cinzentos, a águia-cobreira, a águia-calçada, a águia-sapeira, o milhafre-preto, a águia-d'asa-redonda e o peneireiro-comum.

Há imensos ninhos de cegonha-branca nas imediações, a maior parte dos quais instalados nos postes de alta tensão.



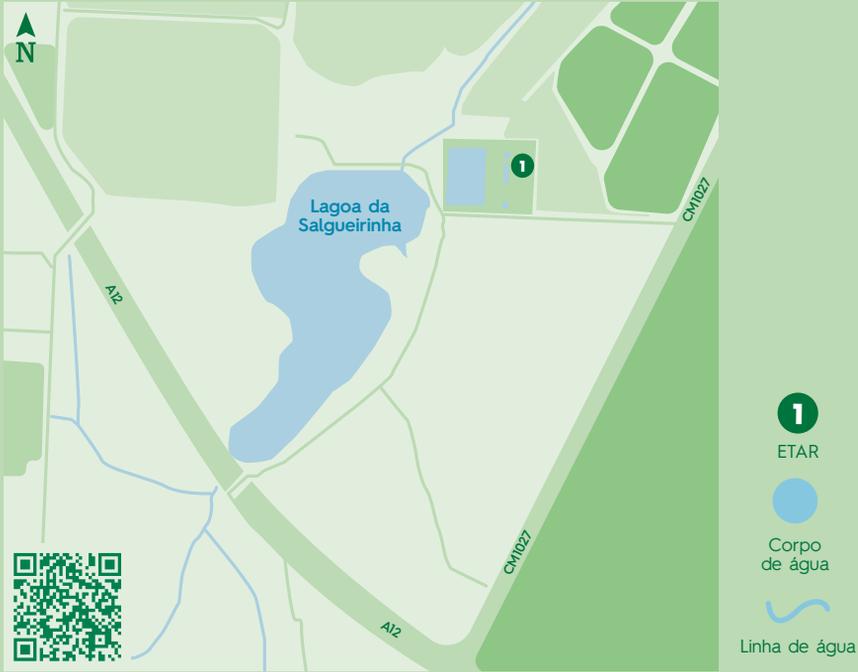
©Helder Costa

3



4

3. Borrelho-pequeno-de-coleira *Charadrius dubius* 4. Mergulhão-pequeno *Tachybaptus ruficollis*



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-calçada (EST/OUT), águia-cobreira (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), águia-sapeira (TA), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), andorinhão-real (EST), borrelho-pequeno-de-coleira (EST/OUT), cartaxo-comum (TA), cegonha-branca (TA), corvo-marinho (OUT/INV), cotovia-de-poupa (TA), felosa-poliglota (EST/OUT), fuinha-dos-juncos (TA), galeirão-comum (TA), galinha-d'água (TA), ibis-preta (TA), maçarico-bique-bique (TA), mergulhão-pequeno (TA), milhafre-preto (EST), milheirinha (TA), pato-colheireiro (OUT/INV), pato-real (TA), peneireiro-cinzento (TA), peneireiro-comum (TA), pernilongo (EST/OUT), pintassilgo (TA), rouxinol-bravo (TA), rouxinol-comum (EST), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), rouxinol-grande-dos-caniços (EST), trigueirão (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria
CM1027 (ponto de acesso 38.651394, -8.872947)

Transportes públicos

- Inviável

18. Mata Nacional da Machada

Distrito de Setúbal
Concelho do Barreiro



A Mata Nacional da Machada ocupa uma área de 385,7 ha e é a maior zona verde do concelho do Barreiro. A atual mancha florestal resulta da junção de duas antigas propriedades: a Quinta da Machada e o pinhal de Vale do Zebro. A ocupação humana desta região é antiga e nos séculos XV e XVI aí havia uma fábrica de cerâmica que usava não só os barros existentes nas proximidades (daí o nome Barreiro) como também a lenha que era extraída da mata. Muitas das formas de barro aí produzidas eram depois utilizadas para fabricar biscoitos nos adjacentes fornos de biscoitos de El-rei instalados junto ao sapal do rio Coina destinados ao abastecimento de navios.

Hoje a Mata Nacional da Machada é reserva natural de âmbito local, juntamente com o adjacente sapal do rio Coina. No seu interior funciona um Centro de Educação Ambiental que, para além de desenvolver diversas atividades com escolas e coletividades, poderá também dar algum apoio à visitação (ver Anexo 2).

O coberto vegetal da mata é composto sobretudo por pinheiros-bravos, pinheiros-mansos e sobreiros. Existem também pequenas bolsas de vegetação ripícola, matos, manchas de vegetação exótica (acácias e eucaliptos) e pequenas hortas (junto à entrada).

A exploração da área apenas pode ser feita a pé ou de bicicleta. Existe uma rede de caminhos que se estende por cerca de 13 km que permite múltiplas abordagens. Uma hipótese possível consiste em percorrer o passadiço (38.617661, -9.045123) que se estende junto a uma mancha de vegetação ripícola e depois liga aos trilhos que se internam pela mata. Outra alternativa passa por efetuar o percurso até ao pequeno lago situado no seu interior (38.606277, -9.025649), que implica

uma caminhada de cerca de 5 km, e que atravessa alguns dos habitats representativos do local.

Seja qual for a opção, este é um bom sítio para observar um leque alargado de espécies. A rola-brava, por exemplo, é ainda relativamente comum aqui e o seu arrulhar característico pode ser ouvido com frequência nos dias quentes de verão. Na primavera a felosa-de-papo-branco ocorre nas manchas de sobreiros e de pinheiros-mansos, sendo a sua presença detetada sobretudo pelo trinado curto que emite.

As zonas de vegetação ripícola são frequentadas, consoante a época, por espécies como o pica-pau-galego, a felosinha-ibérica, o rouxinol-bravo, a toutinegra-de-barrete, o lugre, o bico-grossudo e o irregular dom-fafe. Já nos pinhais é possível encontrar o pombo-torcaz, o pica-pau-malhado, o chapim-carvoeiro, o chapim-de-poupa, a trepadeira-do-sul ou a estrelinha-real.



©Diogo Oliveira

Charnecos *Cyanopica cooki*

Espécies residentes que podem ser vistas um pouco por toda a área são, por exemplo, o charneco, o gaio, o chapim-azul, o chapim-real, a toutinegra-dos-valados, a trepadeira-azul, a carriça, o estorninho-preto, o pisco-de-peito-ruivo, o verdilhão, o pintassilgo e a milheirinha. No período pós-nupcial o mesmo acontece com espécies migradoras como o taralhão-cinzento e o papa-moscas-preto.

Convém também olhar para o céu, pois aves de rapina como a águia-calçada, a águia-d'asa-redonda, o açor e o gavião são vistas com alguma regularidade. Para além disso, a área é sobrevoada por espécies como o abelharuco, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica, a andorinha-das-chaminés e a andorinha-das-barreiras.



Mata da Machada



ESPÉCIES A PROCURAR

• abelharuco (EST), açor (TA), águia-calçada (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-barreiras (EST), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), bico-grossudo (TA), carriça (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-de-poupa (TA), chapim-real (TA), charneco (TA), dom-fafe (INV), estorninho-preto (TA), estrelinha-real (TA), felosa-de-papo-branco (EST/OUT), felosinha-ibérica (EST), gaio (TA), gavião (TA), lugre (INV), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), pica-pau-galego (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), rola-brava (EST), rouxinol-bravo (TA), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (TA), toutinegra-de-barrete (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



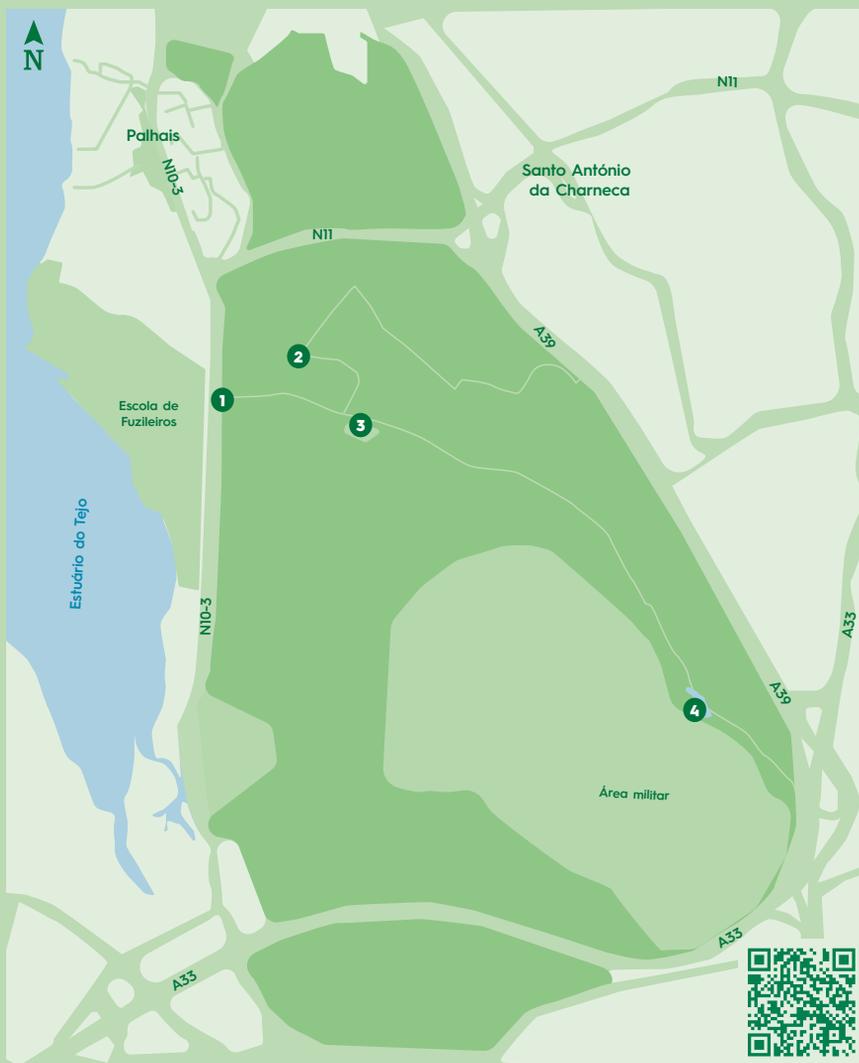
ACESSOS

Viatura própria
N10-3 (ponto de acesso 38.616770, -90.47185)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: carreira 6 dos TCB-Transportes Coletivos do Barreiro e carreira 302 dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragem Vale de Zebro-Escola de Fuzileiros)



1 Entrada e parque de estacionamento

3 Centro de Educação Ambiental

 Corpo de água

2 Início do passadiço

4 Lagoa

19. Várzea da Marateca

Distrito de Setúbal
Concelho de Palmela



A ribeira da Marateca nasce na serra de Monfurado e desagua na margem direita do Sado, no denominado canal de Águas de Moura. No âmbito deste livro aborda-se apenas o troço que se estende entre a fronteira dos distritos de Setúbal e de Évora (a sul da Landeira) até à N5/IC1.

Neste setor, a ribeira percorre uma várzea de aluvião ocupado por arrozais que são ladeados por valas com vegetação palustre. As encostas do vale têm um declive suave e estão cobertas sobretudo por manchas de pinhal-mansó e montado de sobro. Ao longo das margens do curso de água estende-se uma estreita e densa galeria ripícola. Na encosta da margem direita existem alguns antigos areiros e um pequeno açude com vegetação palustre.

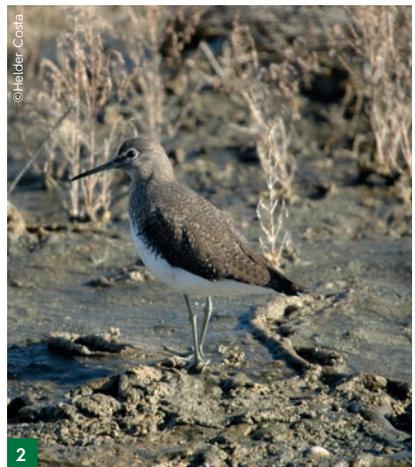
As características gerais da área possibilitam a ocorrência de uma comunidade de aves diversificada que inclui não só espécies aquáticas como também espécies típicas dos meios agrícolas e florestais.

A exploração da zona não é muito complicada e a melhor opção consiste em utilizar o caminho de terra batida que, saindo da N10/IC1, percorre toda a margem direita do setor considerado, acabando depois por ligar à M519 a oeste da Landeira.

Os arrozais são frequentados por espécies como a cegonha-branca, o colhereiro, a íbis-preta, o carraceiro, a garça-real, a garça-branca-grande e a garça-branca-pequena. A abundância de insetos leva a que algumas aves insetívoras aí busquem alimento, sendo fácil ver o abelharuco, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica, a andorinha-das-chaminés ou a andorinha-das-barreiras.

Nas valas com vegetação palustre que ladeiam os campos de arroz, é possível encontrar os exóticos arcebispo e capuchinho-dominó e também espécies nativas como o pardal-montês. Já a galeria ripícola ao longo da ribeira é o local para procurar a felosina-poliglota, a felosinha-ibérica, o rouxinol-bravo, o chapim-rabilongo e a toutinegra-de-barrete.

Uma paragem para examinar o açude (38.584927, -8.668839) pode sempre render, dependendo da época, uma garça-vermelha, algu-



1. Aspeto do açude 2. Maçarico-bique *Tringa ochropus*



mas narcejas-comuns, um ou outro maçarico-bique-bique ou um guarda-rios. Não será muito difícil ouvir aqui o canto explosivo do rouxinol-bravo, mas será necessária alguma atenção para escutar o mais discreto rouxinol-dos-caniços a cantar no interior da vegetação.

Todo o vale é patrulado por aves de rapina como a águia-calçada, a águia-sapeira, o milhafre-preto ou a águia-d'asa-redonda.

A mancha florestal situada na zona envolvente não deve ser negligenciada. Aí ocorre um conjunto interessante de espécies onde se inclui por exemplo a cotovia-dos-bosques ou a trepadeira-azul, entre muitas outras. Uma boa parte dessa área florestal está vedada, mas o acesso é possível no troço final do caminho sugerido (a partir de 38.590160, -8.657671).



©Helder Costa

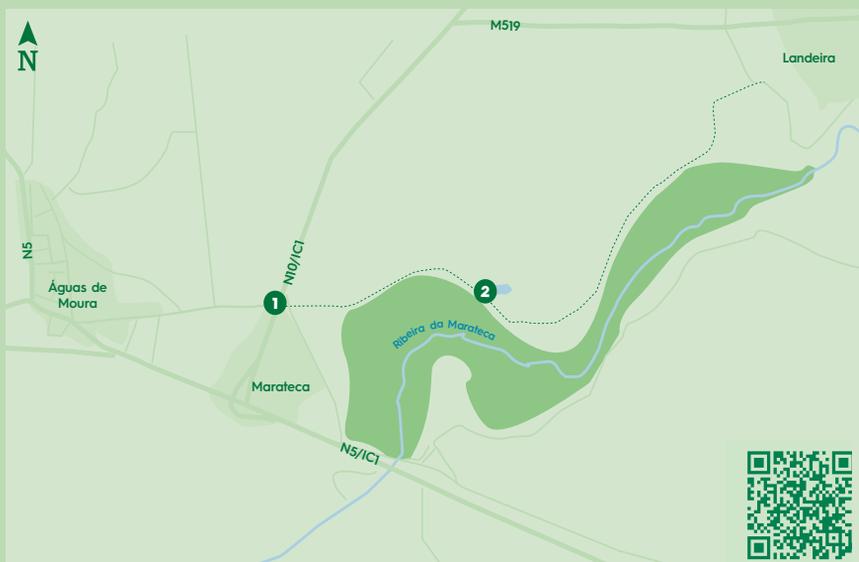
©Helder Costa

3

4



3. Cegonha-branca *Ciconia ciconia* 4. Perspetiva dos arrozais da várzea da Marateca



- 1** Acesso oeste  Corpo de água  Percurso recomendado
- 2** Açude  Linha de água

ESPÉCIES A PROCURAR

• abelharuco (EST), águia-calçada (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), águia-sapeira (TA), andorinha-das-barreiras (EST), andorinha-das-chaminés (EST), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), arcebispo (TA), capuchinho-dominó (TA), carraceiro (TA), cegonha-branca (TA), chapim-rabilongo (TA), colhereiro (TA), cotovia-dos-bosques (TA), felosa-poliglota (EST/OUT), felosinha-ibérica (EST), garça-branca-grande (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), garça-vermelha (EST), guarda-rios (TA), ibis-preta (TA), maçarico-bique-bique (TA), milhafre-preto (EST), narceja-comum (OUT/INV), pardal-montês (TA), rouxinol-bravo (TA), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), toutinegra-de-barrete (TA), trepadeira-azul (TA)

QUANDO VISITAR

• Todo o ano

ACESSOS

Viatura própria

Norte: M519 (ponto de acesso 38.599587, -8.657032)

Oeste: N10/IC1 (ponto de acesso 38.584351, -8.679277)

Transportes públicos

• Moderadamente viável

Autocarro: carreiras 709 e 764 dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragens Porto de Abrigo ou Águas de Moura)

20. Belverde e Verdizela

Distrito de Setúbal
Concelho do Seixal



Na parte sul do concelho do Seixal existe uma vasta mancha florestal que se prolonga para sudoeste entrando pelo vizinho concelho de Sesimbra, onde chega até às imediações da lagoa de Albufeira. É uma verdadeira ilha, ou talvez melhor uma «península», rodeada a norte e a leste por um mar de vivendas, legais e ilegais, que tem conseguido escapar à voragem imobiliária que destruiu grande parte dos valores naturais da região muito graças ao facto de ter sido classificada como sítio da Rede Natura 2000.

O coberto vegetal é composto sobretudo por pinheiros-bravos com algum sub-coberto arbustivo. Existem algumas pequenas lagoas temporárias, nomeadamente nas proximidades da Verdizela.

A exploração do sítio, embora fácil, está sujeita a algumas condicionantes pois existem atualmente restrições à circulação na área. Contudo, o acesso pode ser feito a pé ou de bicicleta utilizando alguns dos caminhos existentes. Uma hipótese consiste em usar a Rua dos Eucaliptos que atravessa boa parte do pinhal e a partir da qual saem diversos trilhos que permitem entrar no interior da mancha florestal.

A diversidade ornitológica não é particularmente elevada, devido sobretudo à uniformidade do habitat. No entanto, com paciência é possível encontrar um interessante conjunto de espécies, algumas delas com distribuição restrita a nível concelhio. Conhecer os cantos e chamamentos das mais comuns será decerto uma vantagem.

A carriça é muito abundante no sub-coberto arbustivo que é também frequentado pela toutinegra-dos-valados e pela toutinegra-do-mato. Nalguns recantos do pinhal faz-se ouvir o característico chamamento do peto-real e o canto

melodioso da cotovia-dos-bosques. Nos primeiros dias de março o cuco-cinzento faz-se ouvir à distância. Nalguns locais, o monótono canto da felosinha-ibérica denuncia a sua presença. Ao crepúsculo, é a vez da coruja-do-mato se fazer notar com o seu lúgubre chamamento.

Aves de rapina como a águia-calçada, o açor e a águia-d'asa-redonda são observadas com alguma frequência. Outras espécies de ocorrência regular na zona são, por exemplo, o pombo-torcaz, o pica-pau-malhado, o gaio, a gralha-preta, o chapim-carvoeiro, o chapim-de-poupa, o chapim-azul, o chapim-real, a felosinha-comum,

©Helder Costa



Chapim-de-poupa *Lophophanes cristatus*

a trepadeira-do-sul, o estorninho-preto, o pisco-de-peito-ruivo, o cartaxo-comum, a estrelinha-real, o tentilhão-comum, o verdilhão, o pintassilgo e a milheirinha.

No período de migração pós-nupcial, o pinhal é invadido por taralhões-cinzentos e papa-moscas-pretos e, embora raramente, nalguns invernos há também a chegada de algumas estrelinhas-de-poupa.



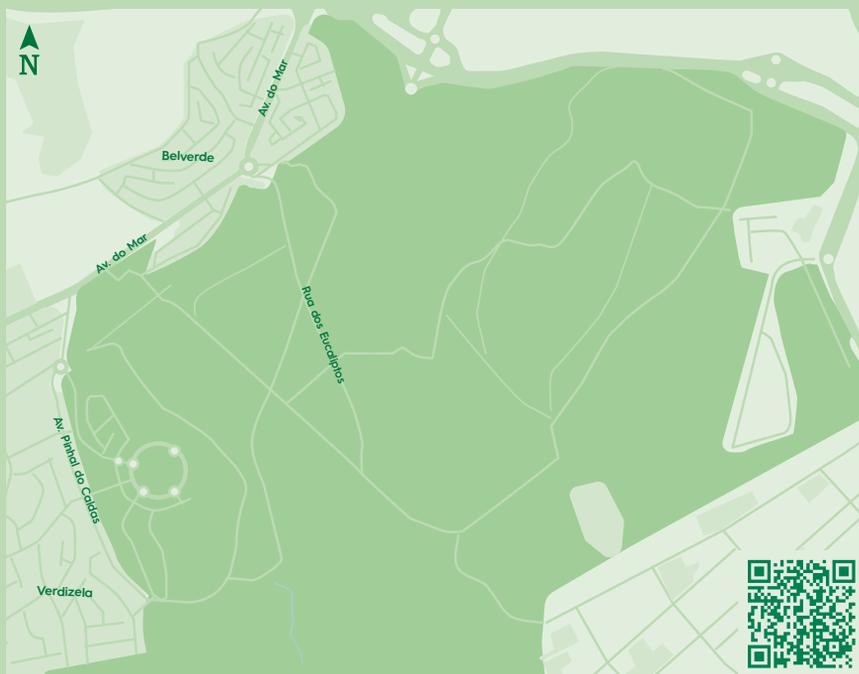
1



2



3



ESPÉCIES A PROCURAR

• açor (TA), águia-calçada (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), carriça (TA), cartaxo-comum (TA), chapim-azul (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-de-poupa (TA), chapim-real (TA), coruja-do-mato (TA), cotovia-dos-bosques (TA), cuco-cinzento (EST), estorninho-preto (TA), estrelinha-de-poupa (INV), estrelinha-real (TA), felosinha-comum (OUT/INV), felosinha-ibérica (EST), gaio (TA), gralha-preta (TA), milheirinha (TA), papa-moscas-preto (OUT), peto-real (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pisco-de-peito-ruivo (TA), pombo-torcaz (TA), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (TA), toutinegra-do-mato (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Rua dos Eucaliptos (ponto de acesso 38.597370, -9.139927)

Transportes públicos

- Moderadamente viável

Autocarro: carreira 116 dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragem Belverde)

21. Esteiro do rio Coina

Distrito de Setúbal
Concelhos do Barreiro e do Seixal



O rio Coina nasce na serra da Arrábida e desagua num braço do Tejo próximo da vila com o mesmo nome. Em tempos, o rio e o esteiro constituíam uma via natural de ligação a Lisboa. Nas suas imediações fundaram os romanos a cidade de Equabona, da qual hoje resta apenas a memória e o termo Coina que dela deriva por corrupção.

O interesse natural do sapal existente na parte sul, sensivelmente entre Coina e Vale de Zebro, levou a que essa área fosse classificada como Reserva Natural Local em 2012, juntamente com a adjacente Mata Nacional da Machada. No âmbito deste livro inclui-se não só a zona do sapal, propriamente dita, mas também o troço do esteiro que se estende até Palhais (na margem leste) e Paio Pires (na margem oeste).

Nas imediações de Coina há um pequeno caniçal, habitat que vai sendo cada vez mais raro na região. Aí começa também uma mancha razoável de sapal com vegetação estuarina que depois se prolonga numa estreita faixa ao longo das margens. No corpo do esteiro emergem algumas morraceiras e o ritmo das marés deixa a descoberto vastas extensões de lamias na vazante. Na zona envolvente existem povoamentos florestais compostos sobretudo por pinheiros-bravos (na margem oeste) e por um misto de pinheiros-mansos e sobreiros (na margem leste) que se prolonga para a Mata Nacional da Machada. Ao longo dos anos, diversos edifícios e instalações foram construídos em redor do esteiro, sobretudo na parte mais setentrional. Na margem oeste, junto a Paio Pires, destaca-se o complexo da Siderurgia Nacional ao passo que na margem leste sobressai o quartel dos fuzileiros em Vale de Zebro e toda a malha urbana que começa em Palhais e se estende até ao Barreiro.

Exploração é bastante condicionada pelas restrições causadas pelas construções na zona circundante. Tendo em conta este contexto, a margem leste oferece mesmo assim as opções mais fáceis e a N10-3 (Estrada de Palhais), que segue mais ou menos paralela à margem, constitui o eixo principal a partir de onde o acesso é possível. Seguindo ao longo desta estrada existem, pelo menos, três opções. Uma consiste em tomar a Rua da Praia (acesso 38.627842, -9.049971) até chegar ao seu final (com desvio pela Rua Padre





©Ana M. do Carmo

3

3. Piadeira *Mareca penelope*

Himalaya). Outra passa por seguir a Rua do Convento (acesso 38.621089, -9.047682) até às imediações do Cais da Cal. A terceira é percorrer a pé o trilho que começa em 38.610019, -9.047719 e que segue junto ao muro do quartel dos fuzileiros.

Os mais aventureiros têm também a possibilidade de explorar a partir da margem sudoeste, saindo da N10 em 38.599131, -9.055627 e atravessando através do labirintico conjunto de trilhos existentes no pinhal até atingir a orla do esteiro. Idealmente isso deverá ser feito a pé ou de bicicleta. Convém notar que quem se quiser arriscar nesta opção utilizando automóvel terá que ter em consideração que os trilhos são maus, têm areia nalguns pontos e podem ter troços inundados no seguimento de períodos de chuva.

Este é sobretudo um bom sítio para ver aves ligadas ao meio aquático. O rouxinol-dos-caniços e o rouxinol-bravo não são raros nas manchas de vegetação palustre, onde ocasionalmente aparecem alguns chapins-de-mascarilha. As zonas entremarés são frequentadas por grande número de limícolas, incluindo o alfaiate, o borrelho-grande-coleira, a tarambola-cinzeira, o maçarico-galego, o maçarico-real, o milherango, a rola-do-mar, o pilrito-de-peito-preto, o maçarico-das-rochas, o perna-verde-comum e o perna-vermelha-comum. Bandos de flamingos-comuns aparecem por aqui com regularidade e a águia-pesqueira costuma ser vista pescando no espelho de água ou pousada nas estacas no meio do esteiro. O colhereiro, a garça-branca-pequena, a garça-real e o corvo-marinho são também presença habitual. A diversidade de patos não é muito grande, no entanto este é um local regular de invernada de algumas centenas de piadeiras e a tadorna pode ser vista com frequência.

Outras espécies, como a águia-d'asa-redonda, o estorninho-preto, o mainato-de-poupa, a petinha-dos-prados, o verdilhão, o pintassilgo ou a milheirinha podem ser encontradas com relativa facilidade nos terrenos envolventes.



- 1 Ponto de observação da Rua da Praia
- 2 Cais da Cal
- 3 Ponto de observação junto ao quartel dos Fuzileiros
- 4 Acesso a partir da margem oeste



Corpo de água



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

- Viatura própria
- Diversas opções

Nordeste: N10-3 (ponto de acesso 38.627923, -9.049829)

Sudeste: N10-3 (ponto de acesso 38.598880, -9.046920)

Sudoeste: N10 (ponto de acesso 38.599125, -9.055622)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: carreira 6 dos TCB-Transportes Coletivos do Barreiro (diversas paragens ao longo da N10-3); carreira 302 dos TST-Transportes Sul do Tejo (diversas paragens ao longo da N10-3) e outras com paragem no cruzamento de Coina

NOTAS

- A zona é frequentada por grande número de mariscadores



ESPÉCIES A PROCURAR

• águia-d'asa-redonda (TA), águia-pesqueira (OUT/INV), alfaiate (PRI/OUT/INV), borrelho-grande-coleira (PRI/OUT/INV), chapim-de-mascarilha (INV), colhereiro (TA), corvo-marinho (OUT/INV), estorninho-preto (TA), flamingo-comum (OUT/INV), garça-branca-pequena (TA), garça-real (TA), maçarico-das-rochas (PRI/OUT/INV), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), maçarico-real (PRI/OUT/INV), mainato-de-poupa (TA), milheirinha (TA), milherango (PRI/OUT/INV), perna-verde-comum (OUT/INV), perna-vermelha-comum (OUT/INV), petinha-dos-prados (OUT/INV), piadeira (INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pintassilgo (TA), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), rouxinol-bravo (TA), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), tadorna (TA), tarambola-cinzenta (PRI/OUT/INV), verdilhão (TA)

22. Várzea da Quinta do Conde

Distrito de Setúbal
Concelhos de Sesimbra
e de Setúbal



Na parte final do seu percurso o rio Coia dá origem a uma várzea de aluvião relativamente estreita que se estende mais ou menos paralela à densa mancha urbana da Quinta do Conde, situada a oeste. Não será exagerado dizer que, de certa forma, a várzea constitui aqui uma fronteira não só administrativa, pois a linha de água marca o limite entre os concelhos de Sesimbra e Setúbal, mas também entre o meio urbano e o rural.

Os terrenos baixos e alagadiços do vale estão ocupados por manchas de vegetação palustre e baldios abertos, surgindo aqui e ali pequenas charcas e lagoas. Acompanhando as margens da ribeira desenvolve-se uma densa galeria ripícola com canaviais, freixos, salgueiros e choupos, nas imediações da qual se estabeleceram diversas hortas. Nas encostas do vale há areeiros abandonados e pequenas manchas florestais com sobreiros, pinheiros-bravos e pinheiros-mansos com algum sub-coberto arbustivo.

Numa tentativa de recuperar e preservar parte da várzea foram criados dois parques contíguos e interligados, o Parque Ecológico da Várzea da Quinta do Conde (a sul) e o Parque da Ribeira (a norte), a partir de onde é possível explorar a zona com alguma facilidade utilizando os trilhos e estruturas existentes.

Não obstante este sítio ficar inserido numa região bastante povoada e humanizada, as características naturais que ainda subsistem permitem a ocorrência de um leque diversificado de espécies de aves. Nas zonas de vegetação palustre e nas charcas é possível encontrar o pato-real, a galinha-d'água, a garça-branca-pequena, a narceja-comum, o maçarico-bique-bique, o guarda-rios, o rouxinol-dos-caniços, o rouxinol-bravo ou o bico-de-lacre. O garçote e a garça-vermelha são

por vezes aí observados também. O pica-pau-galego, o pica-pau-malhado, a felosinha-ibérica, a toutinegra-de-barrete, e a felosa-poliglota, entre outras, são presenças características na galeria ripícola, enquanto as manchas florestais são frequentadas por espécies como o pombo-torcaz, o chapim-de-poupa, o chapim-azul, o chapim-real, o verdilhão, o pintassilgo e a milheirinha.

Os areeiros abandonados situados a norte são local de nidificação de abelharucos e de andorinhas-das-barreiras e estas aves são frequentemente vistas a sobrevoar a zona.



Fuiinha-dos-juncos *Cisticola juncidis*

O mesmo acontece com as cegonhas-brancas que têm ninhos instalados nos postes de alta tensão no vale. Outras espécies que frequentam o espaço aéreo são o andorinhão-pálido, o andorinhão-preto, a andorinha-dos-beirais, a andorinha-dáurica e a andorinha-das-chaminés.

Vindas dos terrenos envolventes, aves de rapina como o peneireiro-cinzento, a águia-cobreira, a águia-calçada, a águia-d'asa-redonda e o peneireiro-comum são vistas com alguma regularidade.



1. Parque Ecológico da Várzea da Quinta do Conde 2. Bico-de-lacre *Estrilda astrild* (espécie exótica)
3. Andorinha-das-chaminés *Hirundo rustica*



ESPÉCIES A PROCURAR

• abelharuco (EST), águia-calçada (EST/OUT), águia-cobreira (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), andorinha-das-barreiras (EST), andorinha-das-chaminés (EST/OUT), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinha-dos-beirais (EST/OUT), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), bico-de-lacre (TA), cegonha-branca (TA), chapim-azul (TA), chapim-de-poupa (TA), chapim-real (TA), felosa-poliglota (EST/OUT), felosinha-ibérica (EST), galinha-d'água (TA), garça-branca-pequena (TA), garça-vermelha (EST), garçote (EST/OUT), guarda-rios (TA), maçarico-bique-bique (OUT/INV), milheirinha (TA), narceja-comum (OUT/INV), pato-real (TA), peneireiro-cinzento (OUT/INV), peneireiro-comum (TA), pica-pau-galego (TA), pica-pau-malhado (TA), pintassilgo (TA), pombo-torçaz (TA), rouxinol-bravo (TA), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), toutinegra-de-barrete (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

• Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

Avenida António Xavier de Lima (ponto de acesso 38.572490, -9.034964)

Transportes públicos

• Viável

Autocarro: carreiras 1N e 2N da SulFertagus (paragens Quinta do Conde-N10 km 19,300 e Quinta do Conde-N10 km 20,100)

23. Estuário do Sado (margem norte)

Distrito de Setúbal
Concelhos de Setúbal e de Palmela



A margem norte do estuário do Sado é um emaranhado de sapais e salinas, entrecortado por uma vasta rede de esteiros e canais sujeitos ao regime das marés. Os sapais e as áreas de lamas entre-marés são habitats de enorme produtividade biológica, que servem de viveiro à rica comunidade marinha dentro do estuário e nas zonas costeiras adjacentes. Suportam também centenas de famílias que vivem da pesca e da captura de marisco dentro e fora do estuário. Toda a região foi muito importante para a produção de sal, mas atualmente a maior parte das salinas encontra-se abandonada ou foi convertida para aquaculturas ou arrozais.

O grande valor natural e paisagístico desta zona motivou a criação da Reserva Natural do Estuário do Sado, em 1980. Esta área com mais de 23000 ha protege uma grande diversidade de flora e fauna e todo um ecossistema de grande importância local e global. O estuário do Sado, em conjunto com o estuário do Tejo, é uma peça fundamental no sistema migratório das aves conhecido como Rota Migratória do Atlântico Oriental. Dependem do estuário do Sado grande parte das populações de muitas espécies de aves que migram entre as áreas de reprodução da Europa e os territórios de invernada em África.

A margem norte do estuário do Sado é extensa, mas no âmbito deste livro aborda-se apenas o setor compreendido entre Setúbal e Águas de Moura. Esta é uma área vasta e a sua exploração merece certamente o dispêndio de mais do que um dia. Para facilitar a apresentação da informação e o planeamento das visitas optou-se por dividi-la em cinco sub-sítios.

PENÍNSULA DA MITRENA

A Mitrena é uma zona industrial situada a oriente da cidade de Setúbal. Apesar de apresentar uma paisagem muito alterada devido às construções e infraestruturas industriais, tem ainda algumas áreas de grande beleza e interesse ornitológico. Uma delas é um complexo de salinas situado na extremidade da península (38.493444, -8.776977), onde nidificam o pernilongo, o borrelho-de-coleira-interrompida e a chilreta. Um grande número de limícolas invernantes usa estas salinas como refúgio de maré alta. A parte mais



©Helder Costa

1



©Helder Costa

2

1. Vista do Moinho de Maré da Mourisca 2. Merganso-de-poupa *Mergus serrator*



©Ana M. do Carmo

3

interessante da Mitrena é porventura o conjunto formado pelas várias baías abrigadas, situadas perto do cais Navigator (38.486850, -8.817564) e da praia Eurominas (38.477438, -8.776336), cujas águas calmas atraem uma grande variedade de aves aquáticas mergulhadoras. Olhando para o plano de água do estuário podem ser observados o merganso-de-poupa, o mergulhão-de-poupa, o cagarraz, o corvo-marinho ou até a rara mobilha-grande.

SALINAS DAS PRAIAS DO SADO - FARALHÃO

A partir da aldeia de Santo Ovídio tem-se acesso a uma grande área de salinas que, dependendo do local de entrada, são chamadas de salinas das Praias do Sado (38.516627, -8.812527) ou salinas do Faralhão (38.517556, -8.801465). Este é um complexo de salinas labiríntico, com uma grande profusão de tanques grandes e pequenos, uns abandonados e outros convertidos para a aquacultura. Apesar de recentemente muitos destes caminhos terem ficado encerrados com portões, esta é ainda uma área que vale a pena visitar, pela grande diversidade de aves limícolas, gaivotas e garajaus que pode ser observada.

Para sul das salinas do Faralhão, seguindo pela estrada da Morgada (38.520921, -8.792005), vai-se dar à ponta com o mesmo nome. A Ponta da Morgada fica bem no meio dos sapais e das lamas entremarés do estuário, num local privilegiado para assistir ao vaivém das aves com a subida e descida das marés. No inverno é possível observar bandos de milhares de alfaiates e de pilritos-de-peito-preto, bem como centenas de flamingos-comuns, borrelhos-grandes-de-coleira, maçaricos-reais, milherangos e muitas outras limícolas.

SALINAS DA MOURISCA

A Mourisca é uma área de antigas salinas, a maioria abandonada, onde se destaca um moinho de maré (38.528330, -8.803191) convertido em museu e um observatório de aves. É um excelente local para observar aves aquáticas, em particular limícolas no outono e inverno, quer nos tanques das salinas, quer nas lamas e sapais das zonas entremarés adjacentes.

A partir dos caminhos e trilhos existentes podem ver-se o alfaiate, o pernilongo, a tarambola-cinzenta, o borrelho-grande-de-coleira, o borrelho-de-coleira-interrompida, o milherango, a rola-do-mar, o pilrito-de-peito-preto, o pilrito-pequeno, o perna-verde-comum ou o perna-vermelha-comum. Para além das limícolas, outras aves aquáticas são comuns na área, como a tadorna, o flamingo-comum, a cegonha-branca, o colhereiro, a chilreta, o garajau-comum, o garajau-de-bico-preto ou o guarda-rios. Este é igualmente um bom local para observar algumas espécies de aves de rapina, como a águia-pesqueira e a águia-sapeira. O pisco-de-peito-azul também não é raro na zona.

GÂMBIA

Na Gâmbia existem vários habitats importantes para as aves, incluindo salinas abandonadas, sapais, zona entremarés e montado de sobro. A visita a esta área deve começar pelo porto palafítico da Gâmbia (38.548613, -8.758149) e pelas salinas e sapais próximos. Aqui pode observar-se um leque de espécies semelhante ao referido para a Mourisca.

Depois, seguindo a estrada de terra batida que sai da aldeia da Gâmbia para sul, é possível fazer um percurso extraordinário para a observação de aves, entre o montado e o estuário, até ao pontal dos Musgos (38.533413, -8.779926). Quem se aventurar pode ser recompensado com a observação de inúmeras aves aquáticas e também florestais.

No caso das primeiras, para além das espécies já referidas anteriormente podem adicionar-se outras que são menos comuns noutros pontos do estuário, como o merganso-de-poupa, o cagarraz, o ostraceiro, o maçarico-galego, o maçarico-real, o fuselo, a seixoiera, o pilrito-de-bico-comprido, o perna-vermelha-bastardo, a gaivota-de-cabeça-preta ou o garajau-grande. A meio do trajeto entre a Gâmbia e o pontal dos Musgos existe um edifício abandonado na margem do estuário, que pode ser usado como torre de observação (38.533864, -8.774071): tem-se uma excelente panorâmica sobre a zona entremarés e com um telescópio é possível examinar as aves aquáticas que a frequentam.

No montado de sobro as aves florestais são abundantes: entre elas contam-se o cuco-cinzento, a poupa, o pica-pau-malhado, o picanço-barreteiro, o charneco, o chapim-de-poupa, a cotovia-dos-bosques, a felosa-poliglota, a felosinha-ibérica, a trepadeira-azul, o rouxinol-comum e a escrevedeira-de-garganta-preta. O andorinhão-pálido, o abelharuco, a andorinha-dáurica e a andorinha-das-barreiras são também comuns na área.

©Helder Costa



1

©Helder Costa



2



1. Arrozaís no Zambujal

2. Flamingos-comuns

Phoenicopterus roseus



FOZ DA RIBEIRA DA MARATECA

Este sítio abrange a envolvente de uma antiga estrada de acesso ao monte do Zambujal, que atualmente está interrompida por degradação da ponte sobre a foz da ribeira da Marateca. Ao longo do troço transitável dessa estrada existem arrozais, salinas abandonadas e, no final, as lamas entremarés da ribeira da Marateca e do canal de Águas de Moura.



Nos cultivos e restolhos de arroz é possível observar, consoante a época do ano, a cegonha-branca, o colhereiro, a íbis-preta, a garça-real, a garça-vermelha, a garça-branca-grande, o abibe-comum, o milherango, o combatente, a petinha-ribeirinha ou a alvéola-amarela-comum. As margens do arrozal e as manchas de caniço dos canais são frequentadas por vários passeriformes, como o rouxinol-dos-caniços, o rouxinol-grande-dos-caniços, o pisco-de-peito-azul ou a escrevedeira-dos-caniços. Alguns passeriformes exóticos bem estabelecidos na região são abundantes e fáceis de ver, casos do arcebispo e do capuchinho-dominó.

Nas salinas, planos de água e zona entremarés podem-se encontrar o flamingo-comum, o corvo-marinho e as várias espécies de limícolas, gaivotas e garajaus referidas para a Mourisca e a Gâmbia. Aves de rapina, como a águia-pesqueira, o peneireiro-cinzento, a águia-cobreira, a águia-calçada, a águia-sapeira, o tartaranhão-cinzento e o gavião são vistas com regularidade.



©Helena Costa

3



©Helena Costa

4

3. Milherangos *Limosa limosa* 4. Garajau-grande *Hydroprogne caspia*

PENÍNSULA DA MITRENA



1

Cais Navigator

2

Acesso desde a Mitrena

3

Praia Eurominas

4

Salinas da Mitrena



Corpo de água



Percurso recomendado

SALINAS DA MOURISCA



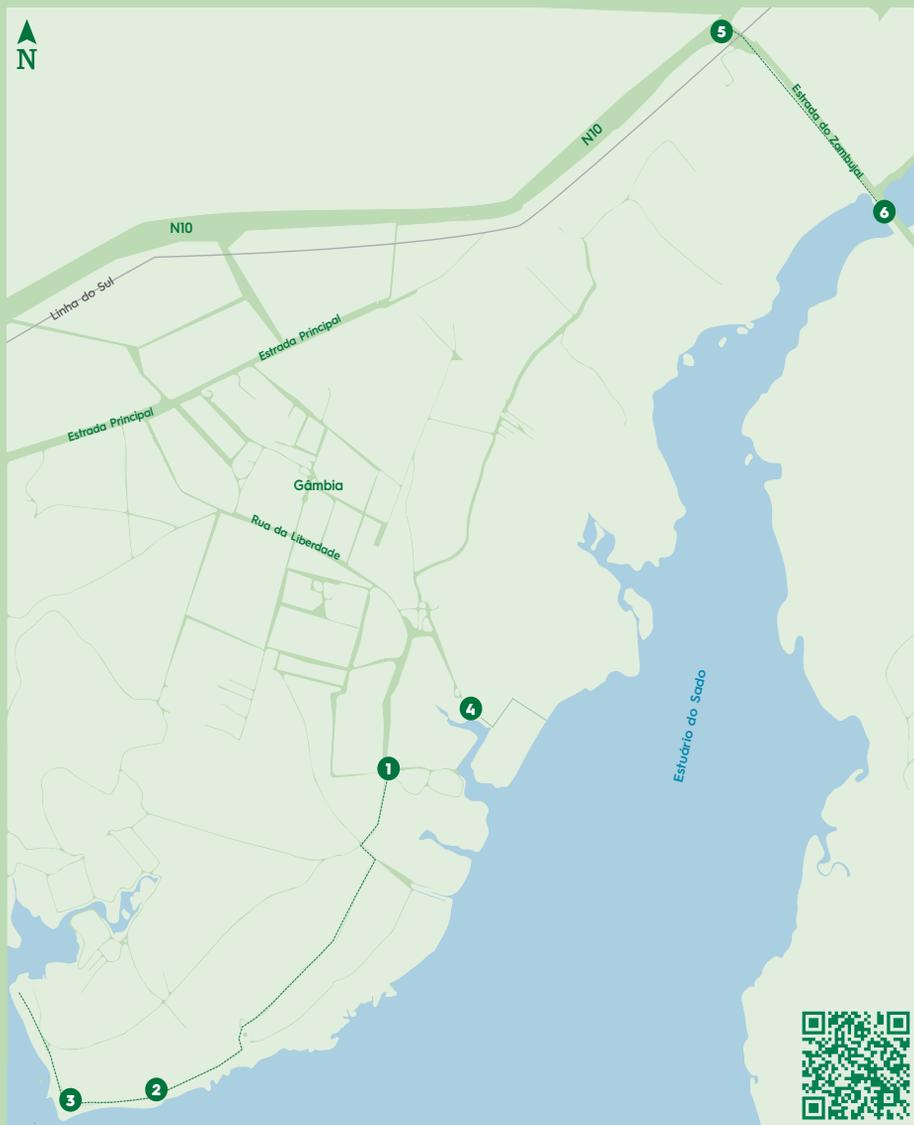
- 1** Acesso desde a Mourisca
- 2** Observatório de aves
- 3** Moinho de Maré da Mourisca
- Corpo de água
- Percurso recomendado

SALINAS DAS PRAIAS DO SADO - FARALHÃO



- 1** Acesso Praias do Sado - Faralhão
- 2** Acesso à Ponta da Morgada
- 3** Salinas do Faralhão
- 4** Salinas das Praias do Sado
- Corpo de água
- Percurso recomendado

GÂMBIA E FOZ DA RIBEIRA DA MARATECA



1

Acesso ao Pontal dos Musgos

3

Pontal dos Musgos

5

Acesso à foz da ribeira da Marateca



Corpo de água

2

Edifício abandonado com ponto de observação

4

Porto palafítico da Gâmbia

6

Ponte do Zambujal



Percurso recomendado



ESPÉCIES A PROCURAR

• abelharuco (EST), abibe-comum (OUT/INV), águia-calçada (EST/OUT), águia-cobreira (EST/OUT), águia-pesqueira (PRI/OUT/INV), águia-sapeira (TA), alfaiate (PRI/OUT/INV), alvéola-amarela-comum (EST/OUT), andorinha-das-barreiras (EST), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinhão-pálido (EST), arcebispo (TA), borrelho-de-coleira-interrompida (TA), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), cagarraz (INV), capuchinho-dominó (TA), cegonha-branca (TA), chapim-de-poupa (TA), charneco (TA), chilreta (EST), colheiro (TA), combatente (PRI/OUT/INV), corvo-marinho (TA), cotovia-dos-bosque (TA), cuco-cinzento (EST), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), escrevedeira-dos-caniços (TA), felosa-poliglota (EST/OUT), felosinha-ibérica (EST), flamingo-comum (TA), fuselo (PRI/OUT/INV), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), garajau-comum (PRI/EST/OUT), garajau-de-bico-preto (TA), garajau-grande (TA), garça-branca-grande (TA), garça-real (TA), garça-vermelha (EST), gavião (TA), guarda-rios (TA), íbis-preta (TA), maçarico-galego (PRI/OUT/INV), maçarico-real (PRI/OUT/INV), merganso-de-poupa (INV), mergulhão-de-poupa (INV), miherango (PRI/OUT/INV), mobelha-grande (INV), ostraceiro (OUT/INV), peneireiro-cinzento (TA), perna-verde-comum (TA), perna-vermelha-bastardo (PRI/OUT/INV), perna-vermelha-comum (TA), pernilongo (TA), petinha-ribeirinha (OUT/INV), picanço-barreteiro (EST/OUT), pica-pau-malhado (TA), pilrito-de-bico-comprido (PRI/OUT/INV), pilrito-de-peito-preto (PRI/OUT/INV), pilrito-pequeno (PRI/OUT/INV), pisco-de-peito-azul (OUT/INV), poupa (TA), rola-do-mar (PRI/OUT/INV), rouxinol-comum (EST), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), rouxinol-grande-dos-caniços (EST), seixoeira (PRI/OUT/INV), tadorna (TA), tarabola-cinzenta (PRI/OUT/INV), tartaranhão-cinzento (OUT/INV), trepadeira-azul (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

Viatura própria

- Diversas opções

Mourisca: Estrada de Santo Ovídio-Mourisca (ponto de acesso 38.530381, -8.810176)

Gâmbia: Rua da Liberdade (ponto de acesso 38.551686, -8.760964)

Foz da ribeira da Marateca: N10 via Estrada do Zambujal (ponto de acesso 38.576816, -8.744156)

Praias do Sado/Faralhão: Estrada da Morgada (ponto de acesso 38.522255, -8.815280)

Mitrena: N10-4 (ponto de acesso 38.489170, -8.811808)

Transportes públicos

- Viável

Autocarro: várias carreiras dos TST-Transportes Sul do Tejo (Salinas da Mourisca - paragem Mourisca; Gâmbia - paragem Biscainho; salinas das Praias do Sado e Faralhão - paragens Morgada, Santo Ovídio, Praias do Sado; península da Mitrena - paragens Eurominas ou Mitrena)

Comboio: CP-Comboios de Portugal (linha do Sado; estação Praias do Sado)

NOTAS

- O acesso a algumas salinas e aquaculturas é condicionado. O telescópio é recomendável

24. Lagoa de Albufeira

Distrito de Setúbal
Concelho de Sesimbra



A lagoa de Albufeira é um sistema lagunar costeiro formado por dois corpos ligados por um canal algo estreito e sinuoso, chamado Bico do Passarão. O corpo principal é denominado por lagoa de Albufeira mas é também conhecido por lagoa Grande, designação que se adota neste livro. O corpo secundário toma o nome de lagoa Pequena. No total, esta zona húmida ocupa uma superfície aproximada de 130 ha e estende-se de forma mais ou menos perpendicular em relação à linha de costa, numa orientação SW-NE, por cerca de 3,5 km. No setor mais amplo atinge uma largura de 625 m.

À lagoa confluem algumas ribeiras que, regra geral, têm um fraco caudal e correm em várzeas de aluvião estreitas, rodeadas por vastas manchas de pinhal (bravo e manso). As mais relevantes serão porventura as ribeiras da Apostiça, da Ferraria e de Aiana. A montante da lagoa Pequena, junto à foz da ribeira da Apostiça, foi construído em meados da década de 1980 um dique, que provocou o alagamento de uma área considerável da várzea. Essa zona passou a ser denominada por lagoa da Estacada.

Devido à abundância de aves aquáticas, a lagoa de Albufeira foi decerto utilizada como local de caça desde tempos imemoriais e sabe-se que era visitada, pelo menos desde os começos do século XVIII, pela família real portuguesa. Para apoiar as caçadas foi mandada erigir em data incerta, presumivelmente algures na primeira metade do século XIX, uma casa junto à margem sul da lagoa Grande, que acabaria por ficar conhecida como a Casa do Infante, cujas ruínas ainda hoje existem.

Hoje em dia a lagoa de Albufeira continua a constituir um excelente local para encontrar aves aquáticas e ligadas aos meios palustres mas não só. Pela riqueza e abundância de aves aquáticas, foi classificada como Sítio Ramsar em 1980 e Zona de Proteção Especial (ZPE) em 1999. Nas zonas envolventes é possível observar também uma boa diversidade de espécies de habitats florestais e agrícolas.

Existem várias opções de exploração e indicam-se de seguida três das que se afiguram potencialmente mais favoráveis.



1



2

1. Concentração de gaivotas na lagoa Grande 2. Lagoa Grande



© Helder Costa

3



LAGOA GRANDE

A lagoa Grande está separada do mar por uma barreira arenosa que sazonalmente é rompida de forma artificial, criando um canal que permite a entrada da água do oceano. Durante o espaço de tempo em que a ligação permanece aberta, o nível de água na laguna fica sujeito ao ciclo das marés. Na margem norte estende-se uma vasta mancha de pinhal-bravo, enquanto boa parte da margem está ocupada pelo núcleo urbano resultante do surto de construção clandestina que teve lugar após a revolução do 25 de Abril.

Porventura a hipótese mais fácil de explorar a zona consiste em utilizar a Avenida Marginal da Lagoa que dá acesso à praia e bordeja uma parte significativa da margem sul. Salienta-se que na época banhar a lagoa Grande e a orla costeira adjacente são bastante procuradas. Nessa altura o acesso fica complicado e, para além disso, há uma grande perturbação.

Quando o nível da água baixa formam-se bancos de areia na zona mais próxima do mar que são utilizados como local de repouso por grande número de gaivotas. As mais comuns são o guincho-comum, a gaivota-d'asa-escura e a gaivota-de-patas-amarelas mas vale a pena investir algum tempo na observação cuidadosa desses bandos pois isso poderá revelar a presença da gaivota-de-cabeça-preta, da gaivota-de-audouin, do famego ou eventualmente até de espécies mais raras. Várias limícolas frequentam também a zona, em especial durante os períodos de migração e o inverno. Entre as que habitualmente são vistas contam-se o borrelho-grande-de-coleira, o borrelho-de-coleira-interrompida, o fuselo, a seixeira e o pilrito-das-praias.

O espelho de água da lagoa é desprovido de vegetação emergente e é utilizado por algumas espécies de aves que mergulham para obter alimento. O cagarraz, o corvo-marinho e o garajau-de-bico-preto são presença habitual. Para além disso, o mergulhão-de-poupa e a mobelha-grande ocorrem ocasionalmente.

A partir da praia convém dar uma vista de olhos ao mar, especialmente se houver alguma embarcação de pesca a operar perto da costa, pois a atividade piscatória atrai grande número de alcatrazes-do-norte e gaivotas, havendo sempre a possibilidade de aporecer um ou outro alcaide-do-norte pronto para roubar comida.

VÁRZEA DA RIBEIRA DE AIANA

A várzea da ribeira de Aiana estende-se por cerca de 2 km entre a N377 e a margem da lagoa Grande. Trata-se de um vale de aluvião relativamente estreito com orientação norte-sul, rodeado por povoamentos mais ou menos contínuos de pinhal-manso. A várzea é agricultada e é limitada por duas valas, que a acompanham a leste e a oeste, nas quais existem algumas manchas de vegetação palustre e troços de galeria ripícola.

Este mosaico de habitats permite a existência de um leque diversificado de espécies de aves. Nas zonas de vegetação palustre e nas galerias ripícolas, é possível observar ou escutar a felosa-poliglota, o rouxinol-dos-caniços, a felosinha-ibérica, a felosinha-comum, o rouxinol-bravo ou o rouxinol-comum. Nos terrenos florestais e agrícolas, a águia-d'asa-redonda, o pica-pau-malhado, o chapim-carvoeiro, o chapim-de-poupa, a trepadeira-do-sul, a trepadeira-azul, o verdilhão, o pintassilgo, a milheirinha e a escrevedeira-de-garganta-preta, entre outras, são fáceis de encontrar.

A várzea da ribeira de Aiana pode ser explorada através dos caminhos de terra batida que percorrem quer a orla oeste (pontos de entrada 38.501588, -9.150107 ou 38.509144, -9.147306) quer a orla leste (ponto de acesso 38.510614, -9.145190) e que terminam junto à margem da lagoa Grande. É de referir que estes caminhos são por vezes usados para «passeios» de moto-quatro e «treinos» de motocross. Dado que os condutores desses veículos circulam com frequência a velocidades elevadas, torna-se necessário cuidado extra na sua utilização.

ESPAÇO INTERPRETATIVO DA LAGOA PEQUENA (EILP)

O conjunto formado pela lagoa Pequena e pela lagoa da Estacada foi vedado em meados da década de 1980 com o objetivo de limitar os excessos da atividade cinegética que aí tinham lugar. Esse espaço permaneceu interdito até 2 de fevereiro de 2012, altura em que foi aberto ao público o denominado Espaço Interpretativo da Lagoa Pequena (EILP), que passou a ser gerido por um consórcio formado pela Câmara Municipal de Sesimbra pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), numa parceria com a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA).

©Heilber Costa



1

©Diogo Oliveira



2

©Heilber Costa



3

1. Lagoa da Estacada 2. Guarda-rios *Alcedo atthis* 3. Galeirão-comum *Fulica atra*



©Heider Costa

4



©Heider Costa

5

Os dois corpos de água abrangidos têm características diferentes. A lagoa Pequena tem um extenso espelho de água e vegetação palustre apenas junto às margens, enquanto o espelho de água da lagoa da Estacada é mais reduzido, estando em grande parte coberto por um denso caniçal. Na envolvente dos dois corpos de água existem manchas extensas de pinhal e um pequeno salgueiral.

A exploração da zona pode ser feita a partir do pequeno centro de receção de visitantes e é facilitada pela existência de algumas infraestruturas de apoio à visitação, nomeadamente quatro observatórios e alguns passadiços de madeira. Salienta-se contudo que o espaço não abre diariamente e, para além disso, tem um horário de funcionamento fixo (ver Anexo 2).

A lagoa Pequena é normalmente frequentada por alguns patos e por grande número de galeirões-comuns e de corvos-marinhos. A  guia-pesqueira   presença habitual. Quando o nível de água baixa, surgem zonas de sedimentos expostos que são utilizadas por algumas limícolas e gaivotas.

Na lagoa da Estacada ocorrem espécies mais associadas aos meios palustres. Entre elas contam-se, por exemplo, o pato-colhereiro, a frisada, o pato-real, o mergulhão-pequeno, o cam o-comum, o garçote, a garça-vermelha, a  guia-sapeira e o rouxinol-dos-caniços. O guarda-rios   também presença regular. Aves de rapina como a  guia-calçada e o açor são frequentemente vistas, oriundas da mancha florestal envolvente. Mais imprevisível, mas possível, é a ocorrência do b tio-vespeiro, da  guia-perdigueira ou da  gea.



1 Espaço Interpretativo da Lagoa Pequena

2 Bico do Passarão

3 Cabeço da Flauta

4 Início do caminho da orla leste da várzea da ribeira de Aiana

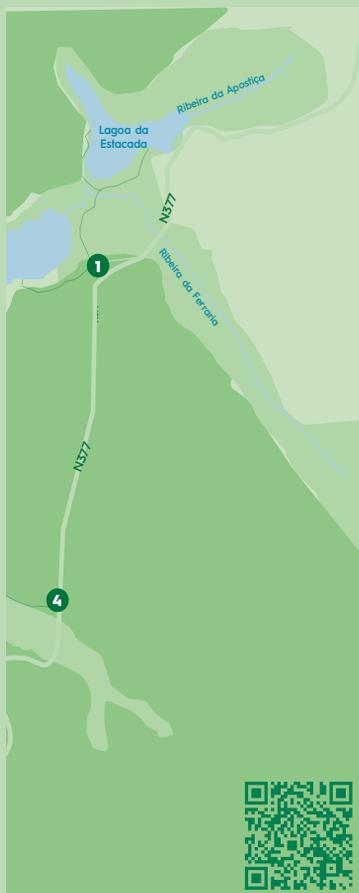
5 Início do caminho da orla oeste da várzea da ribeira de Aiana

6 Praia da Lagoa de Albufeira

 Corpo de água

 Linha de água

 Percurso recomendado



ESPÉCIES A PROCURAR

- açor (TA), águia-calçada (EST/OUT), águia-d'asa-redonda (TA), águia-perdigueira (TA), águia-pesqueira (PRI/OUT/INV), águia-sapeira (TA), alcaide-do-norte (PRI/OUT/INV), alcatraz-do-norte (TA), borrelho-de-coleira-interrompida (TA), borrelho-grande-de-coleira (PRI/OUT/INV), bútio-vespeiro (EST/OUT), cagarraz (INV), camião-comum (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-de-poupa (TA), corvo-marinho (OUT/INV), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), fomego (INV), felosa-poliglota (EST/OUT), felosinha-comum (OUT/INV), felosinha-ibérica (EST), frisada (TA), fuselo (PRI/OUT/INV), gaivota-d'asa-escura (TA), gaivota-de-audouin (PRI/OUT/INV), gaivota-de-cabeça-preta (PRI/OUT/INV), gaivota-de-patas-amarelas (TA), galeirão-comum (TA), garajau-de-bico-preto (OUT/INV), garça-vermelha (EST), garçote (EST/OUT), guardários (TA), guincho-comum (TA), mergulhão-de-poupa (INV), mergulhão-pequeno (TA), milheirinha (TA), mobilha-grande (INV), ógea (EST/OUT), pato-colhereiro (OUT/INV), pato-real (TA), pica-pau-malhado (TA), pilrito-das-praias (PRI/OUT/INV), pintassilgo (TA), rouxinol-bravo (TA), rouxinol-comum (EST), rouxinol-dos-caniços (EST/OUT), seixoeira (PRI/OUT/INV), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Todo o ano



ACESSOS

- Viatura própria
- Diversas opções

Oeste (Lagoa Grande): Avenida Marginal da Lagoa (ponto de acesso 38.508171, -9.171016)

Leste (Espaço Interpretativo da Lagoa Pequena): N377 (ponto de acesso 38.522386, -9.141411)

Transportes públicos

- Inviável

NOTAS

- Nalguns anos decorre no verão no Cabeço da Flauta, nas imediações da várzea da ribeira de Aiana, um grande festival de música que condiciona a circulação em toda a área

25. Serra da Arrábida

Distrito de Setúbal
Concelhos de Palmela, de Setúbal
e de Sesimbra



A serra da Arrábida é um maciço calcário muito acidentado, situado na margem norte do estuário do Sado e que se prolonga para oeste ao longo da faixa costeira. Com 501 metros de altitude máxima constitui o ponto mais alto da península de Setúbal. As características do ambiente cársico e do clima termo-mediterrânico possibilitam a existência de uma flora muito rica, debaixo de uma cobertura arbórea de pinheiros-mansos, azinheiras, sobreiros e carvalhos-portugueses. Aqui viveram os poetas Frei Agostinho da Cruz e Sebastião da Gama, que fizeram da serra um motivo recorrente nas suas obras. A serra da Arrábida está também ligada ao nascimento do movimento ambientalista em Portugal. Uma carta de Sebastião da Gama, enviada em agosto de 1947 para várias personalidades, a pedir a defesa da serra, constituiu a motivação para a criação da primeira associação ambientalista portuguesa, a Liga para a Proteção da Natureza, em 1948.

Os valores naturais existentes levaram à criação do Parque Natural da Arrábida, em 1976, que ocupa uma área vasta com aproximadamente 10 800 ha e que abrange quatro serras distintas: Louro, São Luís, Arrábida e Risco.

A exploração desta área exige mais do que um dia, para percorrer os trilhos e visitar os locais extraordinários destes relevos. A serra da Arrábida, paradoxalmente, é a menos interessante do ponto de vista da observação de aves, devido à densidade dos matagais e à dificuldade dos acessos. A serra do Louro e a encosta norte da serra do Risco são as mais acessíveis. No sentido de facilitar a preparação das visitas, a área foi dividida em quatro sub-sítios.

SERRA DO LOURO

A serra do Louro pode ser alcançada a pé desde Palmela. É uma crista calcária, coroada com alguns moinhos de vento antigos, com vista para zonas densamente povoadas a norte, e para as serras de São Luís e Arrábida a sul. Dada a altitude e a visibilidade, é um excelente local para observar aves de rapina diurnas, como o peneireiro-cinzentos, a águia-cobreira, a águia-calçada, o gavião, o açor, o peneireiro-comum ou o falcão-peregrino. No céu primavera da serra do Louro, para além de aves de rapina, podem ser observados o andorinhão-real, o andorinhão-pálido, o abelharuco



© Helder Costa

1



© Ana M. do Carmo

2

1. A serra do Risco vista da pedreira do Jaspe
2. Coruja-do-mato *Strix aluco*



©Diego Oliveira

3



©Ana M. do Carmo

4

ou a andorinha-dáurica. Os matos e bosques desta serra são frequentados por inúmeras espécies de aves florestais, com especial destaque para a rola-brava, o peto-real, a felosa-de-papo-branco, a felosinha-ibérica, o bico-grossudo e a escrevedeira-de-garganta-preta, por serem menos comuns na região. Para além destas, podem ser também observados o pombo-torcaz, o cuco-cinzento, a poupa, o pica-pau-galego, o charneco, o chapim-de-poupa, a cotovia-dos-bosques, a felosa-poliglota, o chapim-rabilongo, a trepadeira-do-sul, o rouxinol-comum ou a estrelinha-real.

CASCATA DO ALCUBE

A cascata do Alcube (38.524607, -8.971214) situa-se na ribeira com o mesmo nome que corre num pequeno vale encaixado entre a serra do Louro e a serra de São Luís. Nas margens há uma pequena floresta ribeirinha de carvalhos, com uma grande densidade de aves florestais, como o pica-pau-galego, o chapim-de-poupa, a felosinha-ibérica, o chapim-rabilongo, o rouxinol-comum, a estrelinha-real, o tentilhão-comum e a escrevedeira-de-garganta-preta.

PARQUE AMBIENTAL DO ALAMBRE

O Parque Ambiental do Alambre é gerido pela organização não-governamental de inspiração cristã *Young Men's Christian Association* (YMCA), vocacionada para o alojamento e para a educação ambiental. A área é visitável e inclui vários trilhos, observatórios e abrigos fotográficos. Atualmente não se paga para visitar o espaço, apenas se paga para utilizar os abrigos fotográficos (ver Anexo 2).

Os vários trilhos de natureza e observatórios do parque ambiental são muito interessantes para o observador de aves e para o fotógrafo de natureza. No perímetro do Alambre podem ser observadas muitas espécies de aves, sobretudo florestais, com especial destaque para a rola-brava, o cuco-cinzento, a águia-cobreira, a águia-perdigueira, a águia-calçada, o gavião, o açor, o torcicolo, o peto-real, o charneco, o chapim-carvoeiro, o chapim-de-poupa, a cotovia-dos-bosques, a felosa-de-papo-branco, a trepadeira-azul, o rouxinol-comum e o bico-grossudo. Nesta zona há registos

3. Torcicolo *Jynx torquilla*
4. Dom-fafe *Pyrrhula pyrrhula*

regulares de dom-fafe. Numa visita noturna podem ser observados ou escutados o noitibó-de-nuca-vermelha, o noitibó-cinzento ou a coruja-do-mato.

O parque de merendas situado junto ao Alambre (38.492469, -9.028101) e a respetiva zona envolvente são excelentes para observar muitas das aves florestais que também ocorrem dentro do parque do Alambre. Convém visitar o local de manhã cedo, em particular no tempo quente, para evitar a perturbação causada pelos utilizadores do espaço de merendas.

SERRA DO RISCO

A serra do Risco é a elevação mais a sul do parque natural e termina numa enorme escarpa sobre o mar, rodeada por pastagens, floresta e matos mediterrânicos. Esta área pode ser alcançada pela estrada do Calhariz (38.461440, -9.056519) ou pela N379-1 (38.46011, -9.019422). Ambos os aces-

sos dão para um percurso pedestre e equestre que atravessa alguns dos habitats mais interessantes para as aves em todo o maciço da Arrábida. Aqui podem ser observadas grosso modo as mesmas espécies que já foram referidas para os locais anteriores, com especial referência para a abundância de rola-brava, peto-real, felosinha-ibérica, tordoveia, rouxinol-comum e bico-grossudo. Esta é uma área excelente para observar aves de rapina, como a águia-cobreira, a águia-perdigueira, a águia-calçada e o falcão-peregrino.

No extremo oriental da serra do Risco fica a hoje abandonada pedreira do Jaspe (acesso 38.460084, -9.010060), a partir de onde se goza de uma boa vista sobre o mar e nas imediações da qual se podem encontrar espécies rupícolas como o andorinhão-real, o andorinhão-pálido, o rabirruivo-comum e o belíssimo melro-azul. Para além disso, este é também um bom sítio para procurar o raro melro-de-colar nos matagais envolventes.



ESPÉCIES A PROCURAR

• abelharuco (EST), açor (TA), águia-calçada (EST/OUT), águia-cobreira (EST/OUT), águia-perdigueira (TA), andorinha-dáurica (EST/OUT), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-real (EST), bico-grossudo (TA), chapim-carvoeiro (TA), chapim-de-poupa (TA), chapim-rabilongo (TA), charneco (TA), coruja-do-mato (TA), cotovia-dos-bosques (TA), cuco-cinzento (EST), dom-fafe (INV), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), estrelinha-real (TA), falcão-peregrino (TA), felosa-de-papo-branco (EST/OUT), felosa-poliglota (EST/OUT), felosinha-ibérica (EST), gavião (TA), melro-azul (TA), melro-de-colar (OUT/INV), noitibó-cinzento (EST), noitibó-de-nuca-vermelha (EST), peneireiro-cinzento (TA), peneireiro-comum (TA), peto-real (TA), pica-pau-galego (TA), pombo-torcaz (TA), poupa (TA), rabirruivo-comum (TA), rola-brava (EST/OUT), rouxinol-comum (EST), tentilhão-comum (TA), torcicolo (EST/OUT), tordoveia (TA), trepadeira-azul (TA), trepadeira-do-sul (TA)



QUANDO VISITAR

- Primavera



ACESSOS

- Viatura própria**
- Diversas opções

Nordeste (serra do Louro): Palmela, Rua Helena Cardoso (ponto de acesso 38.570176, -8.907120)

Noroeste: N379-1 (ponto de acesso 38.506765, -9.038773)

Sudoeste: N10 (ponto de acesso 38.521923, -8.961385)

Oeste: Rua do Boeiro (ponto de acesso 38.460825, -9.068037)

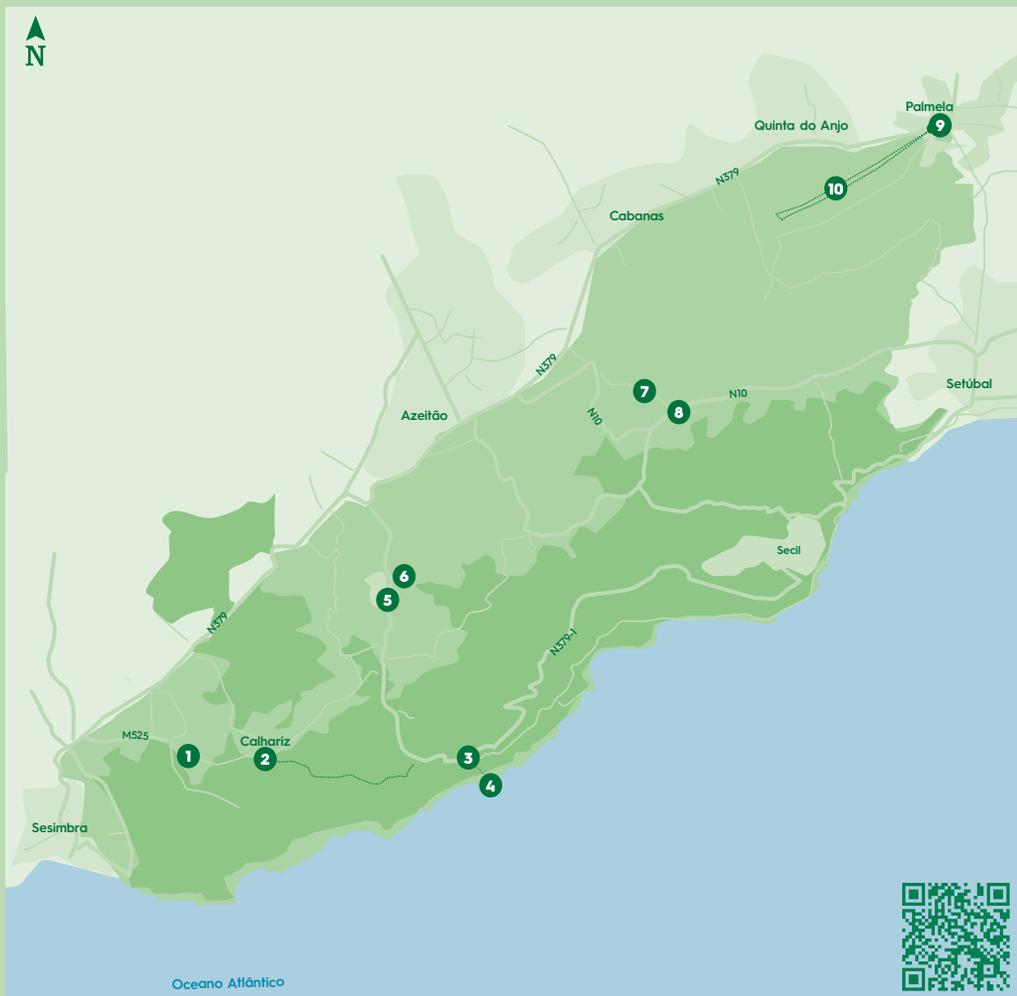
Transportes públicos

- Viável (apenas serra do Louro)

Autocarro: várias carreiras dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragens Palmela ou Palmela-Serra do Louro)

NOTAS

- A área tem elevado interesse botânico, entomológico e geológico



- | | | |
|--------------------------------|--------------------------------------|--|
| 1 Acesso desde Sesimbra | 5 Parque Ambiental do Alambre | 9 Acesso desde Palmela |
| 2 Percurso do Risco | 6 Parque de merendas | 10 Serra do Louro |
| 3 Acesso à antiga pedra | 7 Cascata do Alcube |  Corpo de água |
| 4 Pedreira do Jaspe | 8 Acesso desde Setúbal |  Percurso recomendado |

25. Cabo Espichel

Distrito de Lisboa
Concelho de Sesimbra



O cabo Espichel é, desde há muito, um local de peregrinação. Reza a lenda que em 1410 aí apareceu a imagem de Nossa Senhora do Cabo, evento que terá dado origem à aura mítica e sagrada que desde então envolve o promontório até aos nossos dias. Nos inícios do século XVIII foi construída uma igreja, junto à qual foram edificadas «hospedarias» para alojar os peregrinos. Para além das questões relacionadas com a religiosidade, o cabo Espichel tem um elevado valor natural e, por esse motivo, foi integrado no Parque Natural da Arrábida.

O cabo é um local agreste, batido frequentemente pelo vento. Os terrenos calcários e abertos que se desenvolvem desde a Azóia terminam de forma abrupta na linha de costa, em falésias que caem dramaticamente para o mar. O farol e o santuário destacam-se na paisagem, pois a área envolvente é relativamente plana, embora cortada por alguns vales profundos. Manchas densas e impenetráveis de matos com características mediterrânicas espalham-se um pouco por toda a zona, alternando com culturas de sequeiro, pastagens e pousios.

A exploração da zona pode ser feita a pé, a partir do parque de estacionamento situado junto ao santuário ou a partir das construções abandonadas localizadas nas proximidades de Azóia (38.423950, -9.196386). Existem alguns percursos pedestres marcados na área, que poderão eventualmente ser utilizados também para a observação de aves.

Em termos ornitológicos, o cabo é particularmente interessante no período de migração pós-nupcial. Nessa altura do ano, grosso modo desde meados de agosto a finais de outubro, embora com flutuações diárias que decorrem das condições meteorológicas (períodos com ventos de leste são bastante favoráveis) e das próprias contingências e especificidades do fenómeno migratório, é possível observar um leque bastante alargado de espécies, que inclui sobretudo passeriformes. Parte da magia do cabo nesta época do ano é que nunca se sabe o que pode aparecer, como comprova a extensa lista de «raridades» já aqui observadas.



©Helder Costa



©José L. Barros



©Ana M. do Carmo

3

3. Melro-azul *Monticola solitarius*

Entre as espécies migradoras mais precoces contam-se o picanço-barreteiro e a felosa-poliglota. Depois, à medida que o calendário avança, muitas outras aves vão aparecendo. Os terrenos de sequeiro com vegetação rasteira são utilizados por espécies como o cartaxo-nortenho, o chasco-cinzento, a petinha-dos-campos e a alvéola-amarela-comum. Aqui aparece também por vezes o borrelho-ruivo. Nos matos e arbustos podem ser encontradas a felosa-musical, a toutinegra-das-figueiras, a toutinegra-de-bigodes, o papa-amoras-comum, o rabirruivo-de-testa-branca, o taralhão-cinzento ou o papa-moscas-preto. Para o final da época é a vez dos fringílideos passarem em grande número e, nalguns dias, é possível testemunhar um fluxo regular de tentilhões-comuns, verdilhões, milheirinhas e lugres, a que ocasionalmente se juntam o tentilhão-montês ou o dom-fafe. Essa é também uma boa altura para ver o tordo-zornal e o melro-de-colar, sobretudo nas imediações do farol.

O cabo Espichel é também um local interessante para procurar aves rupícolas residentes como o peneireiro-comum, o falcão-peregrino e o melro-azul. Já nos matos e terrenos abertos podem ser encontradas espécies como a perdiz, a toutinegra-dos-valados, a toutinegra-do-mato, a carriça, o trigueirão e a escrevedeira-de-garganta-preta. Os andorinhões são uma presença característica durante o período estival e, por vezes, juntam-se sobre a linha de costa grandes bandos mistos englobando andorinhões-pretos e pálidos, onde ocasionalmente se infiltra um ou outro andorinhão-real.

Embora haja quem pense que, devido à sua altura em relação ao nível do mar, este não é um bom promontório para a observação de aves marinhas, é sempre recompensador dar uma vista de olhos ao oceano. A cagarra-do-atlântico, a pardela-baleiar, o alcatraz-do-norte e o alcaide-do-norte são regularmente vistos, o mesmo acontecendo com a galheta que nidifica na área. O sítio mais favorável para tentar será porventura a partir das imediações das antigas baterias de artilharia, situadas a sudoeste do farol (38.413496, -9.220381).



1 Santuário de Nossa Senhora do Cabo

2 Parque de estacionamento

3 Farol

4 Antigas baterias de artilharia

5 Construções abandonadas

 Corpo de água



ESPÉCIES A PROCURAR

- alcaide-do-norte (PRI/OUT/INV), alcatraz-do-norte (TA), alvéola-amarela-comum (OUT), andorinhão-pálido (EST), andorinhão-preto (EST), andorinhão-real (EST), borrelho-rui-vo (OUT), cagarra-do-atlântico (PRI/EST/OUT), carriça (TA), cartaxo-nortenho (OUT), chasco-cinzento (OUT), dom-fafe (OUT), escrevedeira-de-garganta-preta (TA), falcão-peregrino (TA), felosa-musical (OUT), felosa-poliglota (OUT), galheta (TA), lugre (INV), melro-azul (TA), melro-de-colar (OUT/INV), milheirinha (TA), papa-amoras-comum (OUT), papa-moscas-preto (OUT), pardela-balear (TA), peneireiro-comum (TA), perdiz (TA), petinha-dos-campos (OUT), picanço-barreteiro (OUT), rabirruivo-de-testa-branca (OUT), taralhão-cinzento (OUT), tentilhão-comum (OUT/INV), tentilhão-montês (OUT), tordo-zornal (OUT/INV), toutinegra-das-figueiras (OUT), toutinegra-de-bigodes (OUT), toutinegra-do-mato (TA), toutinegra-dos-valados (TA), trigueirão (TA), verdilhão (TA)



QUANDO VISITAR

- Outono



ACESSOS

Viatura própria
N379/Avenida 25 de Abril (ponto de acesso 38.419983, -9.212615)

Transportes públicos

- Moderadamente viável

Autocarro: carreira 201 dos TST-Transportes Sul do Tejo (paragem cabo Espichel)

NOTAS

- A área tem elevado interesse botânico, entomológico, geológico e paleontológico
- A captura de pequenas aves migratórias é uma prática ilegal frequentemente praticada nesta zona. Sempre que detetada deve ser reportada às autoridades competentes
- No último fim de semana de setembro decorrem no local as tradicionais festas de Nossa Senhora do Cabo que atraem bastantes visitantes



O MAR





Águas marinhas

ZEE-Zona Económica Exclusiva

A região de Lisboa tem uma extensa faixa costeira, que se estende por aproximadamente 60 km. As águas marítimas adjacentes prolongam-se até ao limite de 200 milhas marítimas e fazem parte da Zona Económica Exclusiva (ZEE) portuguesa, que é uma das maiores da Europa e do mundo.

Esta vasta superfície marítima é utilizada por um grande número de espécies de aves marinhas. Algumas passam aqui o inverno, oriundas dos locais de reprodução no norte da Europa, outras atravessam-na nas suas migrações entre as áreas de reprodução e os locais de invernada. A importância das águas da região para as aves marinhas é bastante significativa, como se comprova pelo facto de aqui ter sido identificada uma Área Importante para as Aves Marinhas (IBA marinha Cabo Raso; ver Cabo Raso).

Devido aos seus hábitos eminentemente pelágicos, muitas das espécies de aves marinhas que frequentam a ZEE raramente se aproximam de terra, pelo que a melhor forma de as ver, provavelmente a única nalguns casos, é no oceano. Explorar o mar em termos ornitológicos só pode ser feito a partir de um barco, o que complica a logística e acarreta custos. Contudo, vale a pena o esforço, pois os resultados poderão ser recompensadores.

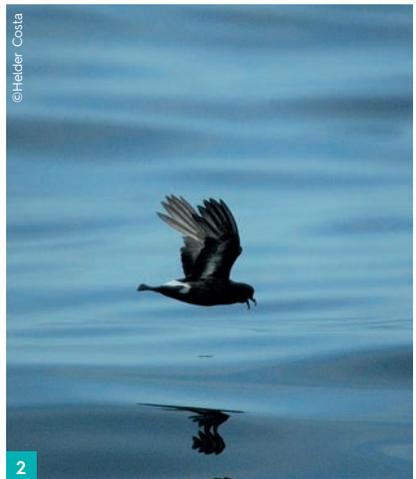
Há empresas e indivíduos que organizam saídas pelágicas a partir de Sesimbra ou Lisboa, por exemplo, mas normalmente estas não têm um âmbito ornitológico. A melhor opção é tentar juntar um grupo de pessoas interessadas e organizar uma saída direcionada para o tema. Isso permitirá não só baixar os custos como focar a viagem para os objetivos pretendidos. Convém salientar que para maximizar as hipóteses de obter bons resultados é fundamental tentar atrair as aves para as imediações da embarcação, lançando ao mar uma mistura de restos de peixe cortados aos bocados para servir de engodo, motivo pelo qual deverá ser assegurado previamente a existência a bordo de uma boa provisão.

A melhor época do ano para tentar uma saída pelágica estende-se entre meados de agosto e o início de outubro. Nessa altura o número de aves em movimento é significativo e o mar não está ainda muito agitado. Espécies como a cagarra-do-atlântico, a par-



©Helder Costa

1



©Helder Costa

2

1. Alcaide-do-norte *Catharacta skua* com gaivotas e cagarras 2. Alma-de-mestre *Hydrobates pelagicus*



eDiogo Oliveira

3

dela-baleiar, o alcatraz-do-norte e o alcaide-do-norte são mais ou menos garantidas e podem ser vistas logo junto à costa. Depois, à medida que se entra para o mar aberto, poderão aparecer o casquilho, a alma-de-mestre, a pardela-de-barrete, a pardela-preta, a pardela-do-atlântico, o garajau-do-ártico, o moleiro-pequeno, o moleiro-do-ártico. Dependendo da sorte e das condições meteorológicas, outras espécies menos comuns como a gaivota-de-sabine e o moleiro-rabilongo são também uma possibilidade.

Saídas pelágicas no outono e no inverno são mais difíceis de efetuar, pois as condições atmosféricas e o estado do mar são mais imprevisíveis. Mesmo assim, vale a pena arriscar se houver essa oportunidade pois, embora a maior parte das espécies migradoras já não esteja presente, há sempre a hipótese de encontrar a negrola-comum ou a torda-mergulheira e até outras espécies mais raras como o papagaio-do-mar e o airo-comum.



ESPÉCIES A PROCURAR

- airo-comum (PRI/INV), alcaide-do-norte (PRI/OUT/INV), alcatraz-do-norte (TA), alma-de-mestre (PRI/OUT/INV), cagarra-do-atlântico (PRI/EST/OUT), casquilho (OUT), gaivota-de-sabine (OUT), garajau-do-ártico (OUT), moleiro-do-ártico (PRI/OUT), moleiro-pequeno (PRI/OUT), moleiro-rabilongo (OUT), negrola-comum (PRI/OUT/INV), papagaio-do-mar (PRI/OUT/INV), pardela-baleiar (TA), pardela-de-barrete (OUT), pardela-do-atlântico (PRI/EST/OUT), pardela-preta (EST/OUT), torda-mergulheira (PRI/INV)



QUANDO VISITAR

- Final do verão e outono

NOTAS

- Andar de barco no mar pode provocar forte enjoo. Na dúvida, a melhor opção é tomar um ou dois comprimidos para esse mal antes de embarcar

A large, stylized number '5' graphic in a dark blue color, positioned on the left side of the page. The top horizontal bar of the '5' is partially obscured by the 'ANEXOS' text and its horizontal lines.

ANEXOS



Anexo 1

Lista de espécies de aves da região de Lisboa

Na lista abaixo apresentam-se todas as espécies de aves que foram registadas até ao final de 2020 na região abrangida no âmbito deste livro, incluindo a sua parte marinha. A ordem sistemática e a taxonomia seguem as recomendações da *BirdLife International* em vigor à data da sua elaboração (HBW and BirdLife International 2019). Numa perspetiva eminentemente prática e direcionada para observação, procurou-se adicionar informação complementar para cada espécie tendo sido para isso estabelecidos os descritores que abaixo se indicam.

1. PERÍODO DE OCORRÊNCIA (POC)

Indica o(s) período(s) do ano em que a presença da espécie potencialmente se pode verificar a nível regional. Foram definidas cinco categorias que não coincidem necessariamente com as estações do ano, tal como estão definidas no calendário, mas procuram antes refletir o padrão de ocorrência conhecido das espécies. Convém notar que estas categorias não são estanques, o que significa que haverá casos em que uma determinada espécie poderá ocorrer, ainda que de forma mais irregular ou com menor frequência, noutra(s) altura(s) para além da(s) indicada(s).

Todo o ano (TA) espécie potencialmente observável em qualquer altura do ciclo anual (não significa necessariamente que seja residente/sedentária).

Primaveral (PRI) espécie potencialmente observável entre o final do inverno e meados da primavera (corresponde ao período de passagem pré-nupcial).

Estival (EST) espécie potencialmente observável durante a primavera e o verão.

Outonal (OUT) espécie potencialmente observável entre meados do verão e meados do outono (corresponde grosso modo ao período de migração pós-nupcial).

Invernal (INV) espécie potencialmente observável de meados do outono até ao fim do inverno.

2. PROBABILIDADE DE OBSERVAÇÃO (POB)

Foram definidas quatro categorias em função do conhecimento existente acerca da abundância, da distribuição e do padrão de ocorrência das diferentes espécies na região.

Quase nula (1) a espécie ocorre acidentalmente na região, sendo praticamente impossível de prever onde e quando poderá ser observada.

Muito pequena (2) a espécie ocorre de forma rara ou irregular na região, sendo difícil de prever onde e quando poderá ser observada.

Pequena (3) a espécie ocorre com maior ou menor regularidade mas tem distribuição restrita, pelo que a sua observação implica um esforço direcionado nas épocas e nas zonas mais favoráveis.

Grande (4) a espécie ocorre com regularidade ou tem uma distribuição alargada, sendo possível de observar visitando o habitat adequado na altura do ano mais apropriada.

Muito grande (5) a espécie ocorre regularmente e tem uma distribuição muito alargada, pelo que é possível de observar sem grande esforço um pouco por toda a região na época do ano e nos habitats mais apropriados.

3. CATEGORIAS DE OCORRÊNCIA (CAT)

As categorias de ocorrência foram adaptadas das que são recomendadas quer pela Association of European Records and Rarities Committees (AERC), quer pela British Ornithologists' Union (BOU), e foram aplicadas procurando caracterizar a situação de cada espécie no âmbito regional abordado.

A. Espécie registada em aparente estado selvagem pelo menos uma vez desde 1 de janeiro de 1950.

B. Espécie registada em aparente estado selvagem pelo menos uma vez entre 1 de janeiro de 1800 e 31 de dezembro de 1949, mas não registada subseqüentemente.

C. Espécie introduzida, mas com populações auto-sustentáveis.

D. Espécie que seria incluída na categoria A não fosse haver dúvidas razoáveis de que alguma vez tenha ocorrido em estado selvagem.

E. Espécie registada como resultado de introduções, fugas de cativoiro ou transporte com ajuda humana, cujas populações nidificantes (a existirem) são consideradas não sustentáveis.

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Codornizes, perdizes e faisões (<i>Galliformes</i>, <i>Phasianidae</i>)			
Codorniz <i>Coturnix coturnix</i>	TA	3	A
Perdiz <i>Alectoris rufa</i>	TA	4	A
Faisão <i>Phasianus colchicus</i>	-	-	E
Cisnes, gansos e patos (<i>Anseriformes</i>, <i>Anatidae</i>)			
Marreca-caneleira <i>Dendrocygna bicolor</i>	-	-	E
Pato-rabo-alçado-americano <i>Oxyura jamaicensis</i>	-	-	D
Pato-rabo-alçado-euroasiático <i>Oxyura leucocephala</i>	-	1	A
Cisne-mudo <i>Cygnus olor</i>	-	-	D
Ganso-de-faces-pretas <i>Branta bernicla</i>	INV	2	A
Ganso-marisco <i>Branta leucopsis</i>	INV	2	A
Ganso-do-canadá <i>Branta canadensis</i>	-	-	D
Ganso-das-neves <i>Anser caerulescens</i>	-	-	D
Ganso-bravo <i>Anser anser</i>	INV	3	A
Ganso-campestris <i>Anser fabalis</i>	INV	2	A
Ganso-de-bico-curto <i>Anser brachyrhynchus</i>	-	1	A

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Cisnes, gansos e patos (<i>Anseriformes, Anatidae</i>)			
Ganso-de-testa-branca <i>Anser albifrons</i>	INV	2	A
Ganso-pequeno <i>Anser erythropus</i>	-	-	D
Pato-rabilongo <i>Clangula hyemalis</i>	-	1	A
Êider-grande <i>Somateria mollissima</i>	-	1	A
Negrola-de-lunetas <i>Melanitta perspicillata</i>	-	1	A
Negrola-d'asa-branca <i>Melanitta fusca</i>	-	1	A
Negrola-comum <i>Melanitta nigra</i>	PRI/OUT/INV	3	A
Olho-dourado-comum <i>Bucephala clangula</i>	-	1	A
Merganso-pequeno <i>Mergellus albellus</i>	-	1	B
Merganso-grande <i>Mergus merganser</i>	-	1	A
Merganso-de-poupa <i>Mergus serrator</i>	INV	3	A
Ganso-do-egito <i>Alopochen aegyptiaca</i>	TA	4	C
Tadorna <i>Tadorna tadorna</i>	TA	4	A
Pato-casarca <i>Tadorna ferruginea</i>	-	1	A
Pato-carolino <i>Aix sponsa</i>	-	-	E
Pato-mandarim <i>Aix galericulata</i>	-	-	E
Pardilheira <i>Marmaronetta angustirostris</i>	-	1	A
Pato-de-bico-vermelho <i>Netta rufina</i>	TA	3	A
Zarro <i>Aythya ferina</i>	OUT/INV	3	A
Pêrra <i>Aythya nyroca</i>	OUT/INV	2	A
Caturro <i>Aythya collaris</i>	-	1	A
Negrinha <i>Aythya fuligula</i>	INV	3	A
Negrelho-comum <i>Aythya marila</i>	INV	2	A
Negrelho-americano <i>Aythya affinis</i>	-	1	A
Marreco <i>Spatula querquedula</i>	PRI/OUT/INV	3	A
Pato-colhereiro <i>Spatula clypeata</i>	OUT/INV	4	A
Marreca-d'asa-azul <i>Spatula discors</i>	-	1	A
Frisada <i>Mareca strepera</i>	TA	4	A
Piadeira <i>Mareca penelope</i>	INV	4	A
Pato-real <i>Anas platyrhynchos</i>	TA	5	A
Arrábio <i>Anas acuta</i>	OUT/INV	4	A
Marrequinha <i>Anas crecca</i>	OUT/INV	4	A
Mergulhões (<i>Podicipediformes, Podicipedidae</i>)			
Mergulhão-pequeno <i>Tachybaptus ruficollis</i>	TA	5	A
Mergulhão-caçador <i>Podilymbus podiceps</i>	-	1	A
Mergulhão-de-poupa <i>Podiceps cristatus</i>	INV	2	A
Cagarraz <i>Podiceps nigricollis</i>	INV	2	A

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Flamingos (<i>Phoenicopteriformes, Phoenicopteridae</i>)			
Flamingo-comum <i>Phoenicopus roseus</i>	TA	4	A
Flamingo-pequeno <i>Phoeniconaias minor</i>	-	-	D
Pombos e rolas (<i>Columbiformes, Columbidae</i>)			
Pombo-das-rochas <i>Columba livia</i> (forma doméstica)	TA	5	A
Seixa <i>Columba oenas</i>	OUT/INV	3	A
Pombo-torcaz <i>Columba palumbus</i>	TA	4	A
Rola-brava <i>Streptopelia turtur</i>	EST/OUT	3	A
Rola-turca <i>Streptopelia decaocto</i>	TA	5	A
Rola-dos-palmars <i>Spilopelia senegalensis</i>	-	-	D
Noitibós (<i>Caprimulgiformes, Caprimulgidae</i>)			
Noitibó-de-nuca-vermelha <i>Caprimulgus ruficollis</i>	EST	3	A
Noitibó-cinzento <i>Caprimulgus europaeus</i>	EST	3	A
Andorinhões (<i>Caprimulgiformes, Apodidae</i>)			
Andorinhão-real <i>Tachymarptis melba</i>	EST	3	A
Andorinhão-cafre <i>Apus caffer</i>	EST	2	A
Andorinhão-pequeno <i>Apus affinis</i>	-	1	A
Andorinhão-pálido <i>Apus pallidus</i>	EST	5	A
Andorinhão-preto <i>Apus apus</i>	EST	5	A
Cucos (<i>Cuculiformes, Cuculidae</i>)			
Cuco-rabilongo <i>Clamator glandarius</i>	EST	3	A
Cuco-cinzento <i>Cuculus canorus</i>	EST	4	A
Frangas-d'água, galinhas-d'água, galeirões e similares (<i>Gruiformes, Rallidae</i>)			
Frango-d'água <i>Rallus aquaticus</i>	TA	4	A
Codornizão <i>Crex crex</i>	-	1	A
Franga-d'água-malhada <i>Porzana porzana</i>	PRI	2	A
Franga-d'água-bastarda <i>Zapornia parva</i>	-	1	A
Franga-d'água-pequena <i>Zapornia pusilla</i>	-	1	A
Camão-comum <i>Porphyrio porphyrio</i>	TA	3	A
Camão-americano <i>Porphyrio martinicus</i>	-	1	A
Galinha-d'água <i>Gallinula chloropus</i>	TA	5	A
Galeirão-de-crista <i>Fulica cristata</i>	-	1	A
Galeirão-comum <i>Fulica atra</i>	TA	4	A

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Abetardas (<i>Otidiformes, Otididae</i>)			
Sisão <i>Tetrax tetrax</i>	OUT/INV	3	A
Abetarda <i>Otis tarda</i>	EST/OUT	2	A
Mobelhas (<i>Gaviiformes, Gaviidae</i>)			
Mobelha-pequena <i>Gavia stellata</i>	-	1	A
Mobelha-de-garganta-preta <i>Gavia arctica</i>	-	1	A
Mobelha-grande <i>Gavia immer</i>	INV	2	A
Painhos (<i>Procellariiformes, Oceanitidae</i>)			
Casquilho <i>Oceanites oceanicus</i>	OUT	3	A
Calca-mar <i>Pelagodroma marina</i>	-	1	A
Alma-de-mestre <i>Hydrobates pelagicus</i>	PRI/OUT/INV	3	A
Roque-de-castro <i>Hydrobates castro</i>	OUT	2	A
Painho-de-cauda-forcada <i>Hydrobates leucorhous</i>	-	1	A
Pardelas e similares (<i>Procellariiformes, Procellariidae</i>)			
Pombaleta <i>Fulmarus glacialis</i>	-	1	A
Pardela-preta <i>Ardenna grisea</i>	EST/OUT	2	A
Pardela-de-barrete <i>Ardenna gravis</i>	OUT	2	A
Cagarra-do-mediterrâneo <i>Calonectris diomedea</i>	-	1	A
Cagarra-do-atlântico <i>Calonectris borealis</i>	PRI/EST/OUT	4	A
Pardela-do-atlântico <i>Puffinus puffinus</i>	PRI/EST/OUT	3	A
Pardela-balear <i>Puffinus mauretanicus</i>	TA	4	A
Pintainho <i>Puffinus lherminieri</i>	-	1	A
Alma-negra <i>Bulweria bulwerii</i>	-	1	A
Cegonhas (<i>Pelecaniformes, Ciconiidae</i>)			
Cegonha-preta <i>Ciconia nigra</i>	OUT/INV	2	A
Cegonha-branca <i>Ciconia ciconia</i>	TA	5	A
Íbis e colhereiros (<i>Pelecaniformes, Threskiornithidae</i>)			
Colhereiro <i>Platalea leucorodia</i>	TA	4	A
Íbis-sagrada <i>Threskiornis aethiopicus</i>	-	-	D
Íbis-preta <i>Plegadis falcinellus</i>	TA	5	A
Garças (<i>Pelecaniformes, Ardeidae</i>)			
Abetouro <i>Botaurus stellaris</i>	INV	3	A
Garçote <i>Ixobrychus minutus</i>	EST/OUT	3	A
Goraz <i>Nycticorax nycticorax</i>	TA	3	A
Socózinho <i>Butorides striata</i>	-	1	A

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Papa-ratos <i>Ardeola ralloides</i>	TA	2	A
Carraceiro <i>Bubulcus ibis</i>	TA	5	A
Garça-real <i>Ardea cinerea</i>	TA	5	A
Garça-vermelha <i>Ardea purpurea</i>	EST	4	A
Garça-branca-grande <i>Ardea alba</i>	TA	4	A
Garça-branca-pequena <i>Egretta garzetta</i>	TA	5	A
Garça-dos-recifes <i>Egretta gularis</i>	-	1	A
Pelicanos (<i>Pelecaniformes, Pelecanidae</i>)			
Pelicano-branco <i>Pelecanus onocrotalus</i>	-	-	D
Alcatrazes (<i>Suliformes, Sulidae</i>)			
Alcatraz-do-norte <i>Morus bassanus</i>	TA	5	A
Alcatraz-pardo <i>Sula leucogaster</i>	-	1	A
Corvos-marinhos (<i>Suliformes, Phalacrocoracidae</i>)			
Galheta <i>Gulosus aristotelis</i>	TA	3	A
Corvo-marinho <i>Phalacrocorax carbo</i>	TA	5	A
Alcaravões (<i>Charadriiformes, Burhinidae</i>)			
Alcaravão <i>Burhinus oedicnemus</i>	TA	3	A
Ostraceiros (<i>Charadriiformes, Haematopodidae</i>)			
Ostraceiro <i>Haematopus ostralegus</i>	OUT/INV	3	A
Pernilongos e Alfiates (<i>Charadriiformes, Recurvirostridae</i>)			
Alfiate <i>Recurvirostra avosetta</i>	PRI/OUT/INV	4	A
Pernilongo <i>Himantopus himantopus</i>	TA	5	A
Borrelhos, tarambolas e abibes (<i>Charadriiformes, Charadriidae</i>)			
Tarambola-cinzenta <i>Pluvialis squatarola</i>	PRI/OUT/INV	5	A
Tarambola-dourada-comum <i>Pluvialis apricaria</i>	INV	5	A
Tarambola-dourada-siberiana <i>Pluvialis fulva</i>	-	1	A
Batuiruçu <i>Pluvialis dominica</i>	-	1	A
Borrelho-ruivo <i>Eudromias morinellus</i>	OUT	2	A
Borrelho-grande-de-coleira <i>Charadrius hiaticula</i>	PRI/OUT/INV	5	A
Borrelho-pequeno-de-coleira <i>Charadrius dubius</i>	TA	3	A
Borrelho-de-coleira-dupla <i>Charadrius vociferus</i>	-	1	A
Borrelho-de-coleira-interrompida <i>Charadrius alexandrinus</i>	TA	4	A
Borrelho-pequeno-de-colar-ruivo <i>Charadrius mongolus</i>	-	1	A
Abibe-comum <i>Vanellus vanellus</i>	OUT/INV	5	A
Abibe-sociável <i>Vanellus gregarius</i>	-	1	A

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Maçaricos, pilritos e similares (Charadriiformes, Scolopacidae)			
Maçarico-galego <i>Numenius phaeopus</i>	PRI/OUT/INV	4	A
Maçarico-real <i>Numenius arquata</i>	PRI/OUT/INV	4	A
Fuselo <i>Limosa lapponica</i>	PRI/OUT/INV	4	A
Milherango <i>Limosa limosa</i>	PRI/OUT/INV	5	A
Rola-do-mar <i>Arenaria interpres</i>	PRI/OUT/INV	4	A
Seixoeira <i>Calidris canutus</i>	PRI/OUT/INV	4	A
Combatente <i>Calidris pugnax</i>	PRI/OUT/INV	3	A
Pilrito-de-bico-grosso <i>Calidris falcinellus</i>	-	1	A
Pilrito-de-bico-comprido <i>Calidris ferruginea</i>	PRI/OUT/INV	3	A
Pilrito-de-temminck <i>Calidris temminckii</i>	OUT/INV	2	A
Pilrito-das-praias <i>Calidris alba</i>	PRI/OUT/INV	3	A
Pilrito-de-peito-preto <i>Calidris alpina</i>	PRI/OUT/INV	5	A
Pilrito-escuro <i>Calidris maritima</i>	PRI/OUT/INV	2	A
Pilrito-pequeno <i>Calidris minuta</i>	PRI/OUT/INV	4	A
Pilrito-acanelado <i>Calidris subruficollis</i>	-	1	A
Pilrito-de-colete <i>Calidris melanotos</i>	-	1	A
Maçarico-de-bico-comprido <i>Limnodromus scolopaceus</i>	-	1	A
Galinhola <i>Scolopax rusticola</i>	INV	2	A
Narceja-real <i>Gallinago media</i>	-	1	A
Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i>	OUT/INV	4	A
Narceja-de-wilson <i>Gallinago delicata</i>	-	1	A
Narceja-galega <i>Lymnocyptes minimus</i>	OUT/INV	2	A
Pisa-n'água <i>Steganopus tricolor</i>	-	1	A
Falaropo-de-bico-fino <i>Phalaropus lobatus</i>	-	1	A
Falaropo-de-bico-grosso <i>Phalaropus fulicarius</i>	-	1	A
Maçarico-sovela <i>Xenus cinereus</i>	-	1	A
Maçarico-das-rochas <i>Actitis hypoleucos</i>	TA	4	A
Maçarico-pintado <i>Actitis macularius</i>	-	1	A
Maçarico-bique-bique <i>Tringa ochropus</i>	TA	4	A
Maçarico-d'asa-branca <i>Tringa semipalmata</i>	-	1	A
Perna-amarela-pequeno <i>Tringa flavipes</i>	-	1	A
Perna-vermelha-bastardo <i>Tringa erythropus</i>	PRI/OUT/INV	3	A
Perna-verde-comum <i>Tringa nebularia</i>	TA	4	A
Perna-amarela-grande <i>Tringa melanoleuca</i>	-	1	A
Perna-vermelha-comum <i>Tringa totanus</i>	TA	5	A
Maçarico-de-dorso-malhado <i>Tringa glareola</i>	PRI/OUT/INV	3	A
Perna-verde-fino <i>Tringa stagnatilis</i>	-	1	A
Perdizes-do-mar (Charadriiformes, Glareolidae)			
Corredeira <i>Cursorius cursor</i>	-	1	A
Perdiz-do-mar <i>Glareola pratincola</i>	EST	3	A

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Gaivotas, garajaus e gaivinas (Charadriiformes, Laridae)			
Gaivota-pequena <i>Hydrocoloeus minutus</i>	PRI/INV	2	A
Gaivota-de-sabine <i>Xema sabini</i>	OUT	2	A
Gaivota-tridáctila <i>Rissa tridactyla</i>	INV	2	A
Guincho-americano <i>Larus philadelphia</i>	-	1	A
Gaivota-de-bico-fino <i>Larus genei</i>	-	1	A
Guincho-comum <i>Larus ridibundus</i>	TA	5	A
Gaivota-das-pradarias <i>Larus pipixcan</i>	-	1	A
Gaivota-alegre <i>Larus atricilla</i>	-	1	A
Gaivota-de-cabeça-preta <i>Larus melanocephalus</i>	PRI/OUT/INV	4	A
Gaivota-de-audouin <i>Larus audouinii</i>	PRI/OUT/INV	2	A
Gaivota-de-bico-riscado <i>Larus delawarensis</i>	-	1	A
Famego <i>Larus canus</i>	PRI/OUT/INV	3	A
Gaivotão-das-algas <i>Larus dominicanus</i>	-	1	A
Gaivota-d'asa-escura <i>Larus fuscus</i>	TA	5	A
Gaivota-prateada-europeia <i>Larus argentatus</i>	INV	3	A
Gaivota-de-patas-amarelas <i>Larus michahellis</i>	TA	5	A
Gaivota-do-cáspio <i>Larus cachinnans</i>	-	1	A
Gaivota-prateada-americana <i>Larus smithsonianus</i>	-	1	A
Gaivota-branca <i>Larus glaucooides</i>	-	1	A
Gaivotão-branco <i>Larus hyperboreus</i>	-	1	A
Gaivotão-real <i>Larus marinus</i>	OUT/INV	2	A
Garajau-de-dorso-castanho <i>Onychoprion anaethetus</i>	-	1	A
Chilreta <i>Sternula albifrons</i>	EST	3	A
Tagaz <i>Gelochelidon nilotica</i>	TA	3	A
Garajau-grande <i>Hydroprogne caspia</i>	TA	3	A
Gaivina-dos-pauis <i>Chlidonias hybrida</i>	EST	2	A
Gaivina-d'asa-branca <i>Chlidonias leucopterus</i>	-	1	A
Gaivina-preta <i>Chlidonias niger</i>	PRI/OUT	2	A
Garajau-rosado <i>Sterna dougallii</i>	-	1	A
Garajau-comum <i>Sterna hirundo</i>	PRI/EST/OUT	3	A
Garajau-do-ártico <i>Sterna paradisaea</i>	OUT	3	A
Garajau-pequeno <i>Thalasseus bengalensis</i>	-	1	A
Garajau-elegante <i>Thalasseus elegans</i>	-	1	A
Garajau-de-bico-preto <i>Thalasseus sandvicensis</i>	TA	4	A
Moleiros e alcaides (Charadriiformes, Stercorariidae)			
Moleiro-rabilongo <i>Stercorarius longicaudus</i>	OUT	2	A
Moleiro-pequeno <i>Stercorarius parasiticus</i>	PRI/OUT	3	A
Moleiro-do-ártico <i>Stercorarius pomarinus</i>	PRI/OUT	2	A
Alcaide-do-norte <i>Catharacta skua</i>	PRI/OUT/INV	3	A
Alcaide-do-antártico <i>Catharacta maccormicki</i>	-	1	A

ESPÉCIES**POC****POB****CAT****Airos, tordas e papagaios-do-mar (*Charadriiformes, Alcidae*)**

Papagaio-do-mar <i>Fratercula arctica</i>	PRI/OUT/INV	2	A
Torda-mergulheira <i>Alca torda</i>	PRI/INV	3	A
Torda-miúda <i>Alle alle</i>	-	1	A
Airo <i>Uria aalge</i>	PRI/INV	2	A

Corujas-das-torres (*Strigiformes, Tytonidae*)

Coruja-das-torres <i>Tyto alba</i>	TA	4	A
------------------------------------	----	---	---

Mochos, corujas e bufos (*Strigiformes, Strigidae*)

Mocho-galego <i>Athene noctua</i>	TA	5	A
Mocho-d'orelhas <i>Otus scops</i>	-	1	A
Bufo-pequeno <i>Asio otus</i>	TA	3	A
Coruja-do-nabal <i>Asio flammeus</i>	INV	2	A
Coruja-moura <i>Asio capensis</i>	-	1	B
Coruja-do-mato <i>Strix aluco</i>	TA	5	A
Bufo-real <i>Bubo bubo</i>	TA	3	A

Águia-pesqueira (*Accipitriformes, Pandionidae*)

Águia-pesqueira <i>Pandion haliaetus</i>	PRI/OUT/INV	4	A
--	-------------	---	---

Milhafres, abutres, águias e similares**(*Accipitriformes, Accipitridae*)**

Peneireiro-cinzentos <i>Elanus caeruleus</i>	TA	5	A
Bútio-vespeiro <i>Pernis apivorus</i>	EST/OUT	3	A
Britango <i>Neophron percnopterus</i>	-	1	A
Águia-cobreira <i>Circaetus gallicus</i>	EST/OUT	3	A
Grifo <i>Gyps fulvus</i>	-	1	A
Abutre-preto <i>Aegypius monachus</i>	-	1	A
Águia-malhada <i>Clanga clanga</i>	-	1	A
Águia-das-estepes <i>Aquila nipalensis</i>	-	1	A
Águia-imperial <i>Aquila adalberti</i>	-	1	A
Águia-real <i>Aquila chrysaetos</i>	-	1	A
Águia-perdigueira <i>Aquila fasciata</i>	TA	3	A
Águia-calçada <i>Hieraetus pennatus</i>	EST/OUT	4	A
Águia-sapeira <i>Circus aeruginosus</i>	TA	5	A
Tartaranhão-cinzentos <i>Circus cyaneus</i>	OUT/INV	3	A
Tartaranhão-pálido <i>Circus macrourus</i>	INV	2	A
Águia-caçadeira <i>Circus pygargus</i>	PRI/OUT	2	A
Gavião <i>Accipiter nisus</i>	TA	3	A
Açor <i>Accipiter gentilis</i>	TA	3	A
Pigargo <i>Haliaeetus albicilla</i>	-	1	B

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Milhafre-real <i>Milvus milvus</i>	INV	2	A
Milhafre-preto <i>Milvus migrans</i>	EST	5	A
Águia-d'asa-redonda <i>Buteo buteo</i>	TA	5	A
Bútio-mourisco <i>Buteo rufinus</i>	-	1	A

Poupas (*Bucerotiiformes, Upupidae*)

Poupa <i>Upupa epops</i>	TA	4	A
--------------------------	----	---	---

Abelharucos (*Coraciiformes, Meropidae*)

Abelharuco <i>Merops apiaster</i>	EST	5	A
-----------------------------------	-----	---	---

Rolieiros (*Coraciiformes, Coraciidae*)

Rolieiro <i>Coracias garrulus</i>	OUT	2	A
-----------------------------------	-----	---	---

Guarda-rios (*Coraciiformes, Alcedinidae*)

Guarda-rios <i>Alcedo atthis</i>	TA	4	A
----------------------------------	----	---	---

Pica-paus e similares (*Piciformes, Picidae*)

Torcicolo <i>Jynx torquilla</i>	EST/OUT/INV	3	A
Peto-real <i>Picus sharpei</i>	TA	4	A
Pica-pau-galego <i>Dryobates minor</i>	TA	4	A
Pica-pau-malhado <i>Dendrocopos major</i>	TA	5	A

Falcões (*Falconiformes, Falconidae*)

Francelho <i>Falco naumanni</i>	-	1	A
Peneireiro-comum <i>Falco tinnunculus</i>	TA	5	A
Falcão-vespertino <i>Falco vespertinus</i>	-	1	A
Falcão-da-rainha <i>Falco eleonorae</i>	-	1	A
Esmerilhão <i>Falco columbarius</i>	OUT/INV	3	A
Ógea <i>Falco subbuteo</i>	EST/OUT	3	A
Falcão-peregrino <i>Falco peregrinus</i>	TA	4	A

Periquitos e papagaios (*Psittaciformes, Psittacidae*)

Periquito-massarongo <i>Poicephalus senegalus</i>	-	-	E
Caturrita <i>Myiopsitta monachus</i>	-	-	E
Periquitão-de-coroa-azul <i>Psittacara acuticaudatus</i>	TA	4	C
Periquito-rabijunco <i>Psittacula krameri</i>	TA	4	C

Papa-figos (*Passeriformes, Oriolidae*)

Papa-figos <i>Oriolus oriolus</i>	EST	2	A
-----------------------------------	-----	---	---

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Picanços (<i>Passeriformes, Laniidae</i>)			
Picanço-de-dorso-ruivo <i>Lanius collurio</i>	-	1	A
Picanço-do-turquestão <i>Lanius phoenicuroides</i>	-	1	A
Picanço-real <i>Lanius meridionalis</i>	TA	4	A
Picanço-barreteiro <i>Lanius senator</i>	EST/OUT	3	A
Gralhas, corvos e similares (<i>Passeriformes, Corvidae</i>)			
Gralha-de-bico-vermelho <i>Pyrrhocorax pyrrhocorax</i>	-	1	A
Charneco <i>Cyanopica cooki</i>	TA	4	A
Gaio Garrulus <i>glandarius</i>	TA	5	A
Pega <i>Pica pica</i>	TA	3	A
Gralha-de-nuca-cinzenta <i>Corvus monedula</i>	-	1	A
Corvo <i>Corvus corax</i>	TA	3	A
Gralha-de-barriga-branca <i>Corvus albus</i>	-	-	E
Gralha-preta <i>Corvus corone</i>	TA	5	A
Chapins (<i>Passeriformes, Paridae</i>)			
Chapim-carvoeiro <i>Periparus ater</i>	TA	4	A
Chapim-de-poupa <i>Lophophanes cristatus</i>	TA	4	A
Chapim-azul <i>Cyanistes caeruleus</i>	TA	5	A
Chapim-real <i>Parus major</i>	TA	5	A
Chapins-de-mascarilha (<i>Passeriformes, Remizidae</i>)			
Chapim-de-mascarilha <i>Remiz pendulinus</i>	INV	3	A
Cotovias (<i>Passeriformes, Alaudidae</i>)			
Calhandra-de-dupont <i>Chersophilus duponti</i>	-	-	B
Calhandra-real <i>Melanocorypha calandra</i>	TA	3	A
Calhandrinha-galucha <i>Calandrella brachydactyla</i>	EST	4	A
Cotovia-dos-bosques <i>Lullula arborea</i>	TA	4	A
Laverca <i>Alauda arvensis</i>	TA	5	A
Cotovia-escura <i>Galerida theklae</i>	OUT/INV	2	A
Cotovia-de-poupa <i>Galerida cristata</i>	TA	5	1A
Fuinhas (<i>Passeriformes, Cisticolidae</i>)			
Fuinha-dos-juncos <i>Cisticola juncidis</i>	TA	5	A
Felosas e rouxinóis-dos-caniços (<i>Passeriformes, Acrocephalidae</i>)			
Felosa-poliçlota <i>Hippolais polyglotta</i>	EST/OUT	4	A
Felosa-aquática <i>Acrocephalus paludicola</i>	-	1	A

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Felosa-dos-juncos <i>Acrocephalus schoenobaenus</i>	PRI/OUT	3	A
Rouxinol-dos-caniços <i>Acrocephalus scirpaceus</i>	EST/OUT	5	A
Felosa-agricola <i>Acrocephalus agricola</i>	-	1	A
Rouxinol-grande-dos-caniços <i>Acrocephalus arundinaceus</i>	EST	4	A

Cigarrinhas (*Passeriformes, Locustellidae*)

Cigarrinha-ruiva <i>Locustella luscinioides</i>	EST	3	A
Cigarrinha-malhada <i>Locustella naevia</i>	PRI/OUT	2	A

Andorinhas (*Passeriformes, Hirundinidae*)

Andorinha-dos-beirais <i>Delichon urbicum</i>	EST/OUT	5	A
Andorinha-dáurica <i>Cecropis daurica</i>	EST/OUT	4	A
Andorinha-das-chaminés <i>Hirundo rustica</i>	EST/OUT	5	A
Andorinha-das-rochas <i>Ptyonoprogne rupestris</i>	TA	3	A
Andorinha-das-barreiras <i>Riparia riparia</i>	EST	4	A

Felosas (*Passeriformes, Phylloscopidae*)

Felosa-de-papo-branco <i>Phylloscopus bonelli</i>	EST/OUT	3	A
Felosa-listada <i>Phylloscopus inornatus</i>	-	1	A
Felosa-sombria <i>Phylloscopus fuscatu</i>	-	1	A
Felosa-musical <i>Phylloscopus trochilus</i>	OUT	4	A
Felosinha-ibérica <i>Phylloscopus ibericus</i>	EST	4	A
Felosinha-comum <i>Phylloscopus collybita</i>	OUT/INV	5	A
Felosinha-triste <i>Phylloscopus tristis</i>	-	1	A

Rouxinol-bravo e similares (*Passeriformes, Scotocercidae*)

Rouxinol-bravo <i>Cettia cetti</i>	TA	5	A
------------------------------------	----	---	---

Chapins-rabilongos (*Passeriformes, Aegithalidae*)

Chapim-rabilongo <i>Aegithalos caudatus</i>	TA	4	A
---	----	---	---

Toutinegras (*Passeriformes, Sylviidae*)

Toutinegra-de-barrete <i>Sylvia atricapilla</i>	TA	5	A
Toutinegra-das-figueiras <i>Sylvia borin</i>	OUT	3	A
Toutinegra-real <i>Sylvia hortensis</i>	-	1	A
Papa-amoras-cinzento <i>Sylvia curruca</i>	-	1	A
Toutinegra-dos-valados <i>Sylvia melanocephala</i>	TA	5	A
Toutinegra-de-bigodes <i>Sylvia cantillans</i>	OUT	2	A
Papa-amoras-comum <i>Sylvia communis</i>	OUT	3	A
Toutinegra-tomilheira <i>Sylvia conspicillata</i>	EST/OUT	2	A
Toutinegra-do-mato <i>Sylvia undata</i>	TA	4	A

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Rouxinol-do-japão (<i>Passeriformes, Leiostrichidae</i>)			
Rouxinol-do-japão <i>Leiostrix lutea</i>	-	-	E
Trepadeiras (<i>Passeriformes, Certhiidae</i>)			
Trepadeira-do-sul <i>Certhia brachydactyla</i>	TA	5	A
Trepadeiras-azuis e trepa-fragas (<i>Passeriformes, Sittidae</i>)			
Trepadeira-azul <i>Sitta europaea</i>	TA	5	A
Trepa-fragas <i>Tichodroma muraria</i>	-	1	A
Carrigas (<i>Passeriformes, Troglodytidae</i>)			
Carriga <i>Troglodytes troglodytes</i>	TA	5	A
Estorninhos (<i>Passeriformes, Sturnidae</i>)			
Estorninho-malhado <i>Sturnus vulgaris</i>	INV	4	A
Estorninho-preto <i>Sturnus unicolor</i>	TA	5	A
Estorninho-rosado <i>Pastor roseus</i>	-	1	A
Mainato-de-mascarilha-amarela <i>Acridotheres tristis</i>	-	-	E
Mainato-de-poupa <i>Acridotheres cristatellus</i>	TA	4	C
Melros e tordos (<i>Passeriformes, Turdidae</i>)			
Tordoveia <i>Turdus viscivorus</i>	TA	3	A
Tordo-pinto <i>Turdus philomelos</i>	INV	5	A
Tordo-ruivo <i>Turdus iliacus</i>	INV	3	A
Melro-preto <i>Turdus merula</i>	TA	5	A
Tordo-zornal <i>Turdus pilaris</i>	OUT/INV	2	A
Melro-de-colar <i>Turdus torquatus</i>	OUT/INV	2	A
Piscos, rouxinóis, cartaxos, papa-moscas e similares (<i>Passeriformes, Muscicapidae</i>)			
Taralhão-cinzento <i>Muscicapa striata</i>	EST/OUT	4	A
Pisco-de-peito-ruivo <i>Erithacus rubecula</i>	TA	5	A
Pisco-de-peito-azul <i>Cyanecula svecica</i>	OUT/INV	4	A
Rouxinol-comum <i>Luscinia megarhynchos</i>	EST	4	A
Papa-moscas-real <i>Ficedula parva</i>	-	1	A
Papa-moscas-preto <i>Ficedula hypoleuca</i>	OUT	4	A
Rabirruivo-comum <i>Phoenicurus ochrurus</i>	TA	5	A
Rabirruivo-de-testa-branca <i>Phoenicurus phoenicurus</i>	OUT	3	A
Melro-das-rochas <i>Monticola saxatilis</i>	-	1	A
Melro-azul <i>Monticola solitarius</i>	TA	3	A
Cartaxo-nortenho <i>Saxicola rubetra</i>	OUT	3	A

ESPÉCIES	POC	POB	CAT
Cartaxo-comum <i>Saxicola torquatus</i>	TA	5	A
Chasco-cinzento <i>Oenanthe oenanthe</i>	OUT	4	A
Chasco-do-deserto <i>Oenanthe deserti</i>	-	1	A
Chasco-ruivo <i>Oenanthe hispanica</i>	-	1	A
Estrelinhas (Passeriformes, Regulidae)			
Estrelinha-de-poupa <i>Regulus regulus</i>	INV	2	A
Estrelinha-real <i>Regulus ignicapilla</i>	TA	5	A
Ferreirinhas (Passeriformes, Pruneliidae)			
Ferreirinha-serrana <i>Prunella collaris</i>	INV	2	A
Ferreirinha-comum <i>Prunella modularis</i>	INV	3	A
Tecelões e similares (Passeriformes, Ploceidae)			
Bico-carmim <i>Quelea quelea</i>	-	-	E
Arcebispo <i>Euplectes afer</i>	TA	5	C
Cardeal-laranja <i>Euplectes franciscanus</i>	-	-	E
Tecelão-de-cabeça-preta <i>Ploceus melanocephalus</i>	TA	3	C
Bicos-de-lacre, bengalis e similares (Passeriformes, Estrildidae)			
Face-laranja <i>Estrilda melpoda</i>	-	-	E
Bico-de-lacre <i>Estrilda astrild</i>	TA	5	C
Bengali <i>Amandava amandava</i>	-	-	E
Guarda-marinha <i>Amandava subflava</i>	-	-	E
Capuchinho-dominó <i>Lonchura punctulata</i>	TA	3	C
Capuchinho-tricolor <i>Lonchura malacca</i>	-	-	E
Viuvinha (Passeriformes, Viduidae)			
Viuvinha-bico-de-lacre <i>Vidua macroura</i>	-	-	E
Pardais (Passeriformes, Passeridae)			
Pardal-de-telhado <i>Passer domesticus</i>	TA	5	A
Pardal-espanhol <i>Passer hispaniolensis</i>	OUT/INV	4	A
Pardal-montês <i>Passer montanus</i>	TA	4	A
Pardal-francês <i>Petronia petronia</i>	TA	3	A
Pardal-alpino <i>Montifringilla nivalis</i>	-	1	A
Petinhas e alvéolas (Passeriformes, Motaciliidae)			
Petinha-das-árvores <i>Anthus trivialis</i>	PRI/OUT	4	A
Petinha-de-hodgson <i>Anthus hodgsoni</i>	-	1	A
Petinha-de-garganta-ruiva <i>Anthus cervinus</i>	-	1	A

ESPÉCIES

	POC	POB	CAT
Petinha-dos-prados <i>Anthus pratensis</i>	OUT/INV	5	A
Petinha-ribeirinha <i>Anthus spinoletta</i>	OUT/INV	4	A
Petinha-marítima <i>Anthus petrosus</i>	INV	2	A
Petinha-de-richard <i>Anthus richardi</i>	OUT/INV	2	A
Petinha-de-blyth <i>Anthus godlewskii</i>	-	1	A
Petinha-dos-campos <i>Anthus campestris</i>	OUT	2	A
Alvéola-amarela-comum <i>Motacilla flava</i>	EST/OUT	5	A
Alvéola-cinzenta <i>Motacilla cinerea</i>	TA	3	A
Alvéola-citrina <i>Motacilla citreola</i>	-	1	A
Alvéola-amarela-oriental <i>Motacilla tschutschensis</i>	-	1	A
Alvéola-branca <i>Motacilla alba</i>	TA	5	A

Tentilhões, milheirinhas, verdilhões, pintarroxos, pintassilgos e similares (Passeriformes, Fringillidae)

Tentilhão-comum <i>Fringilla coelebs</i>	TA	5	A
Tentilhão-montês <i>Fringilla montifringilla</i>	OUT/INV	3	A
Bico-grossudo <i>Coccothraustes coccothraustes</i>	TA	3	A
Dom-fafe <i>Pyrrhula pyrrhula</i>	OUT/INV	2	A
Trombeteiro <i>Bucanetes githagineus</i>	-	1	A
Verdilhão <i>Chloris chloris</i>	TA	5	A
Pintarroxo-de-bico-escuro <i>Linaria cannabina</i>	TA	5	A
Pintarroxo-de-queixo-preto <i>Acanthis flammea</i>	-	1	A
Cruza-bico <i>Loxia curvirostra</i>	INV	2	A
Pintassilgo <i>Carduelis carduelis</i>	TA	5	A
Milheirinha <i>Serinus serinus</i>	TA	5	A
Lugre <i>Spinus spinus</i>	INV	4	A

Escrevedeiras (Passeriformes, Calcariidae)

Escrevedeira-da-lapónia <i>Calcarius lapponicus</i>	-	1	A
Escrevedeira-das-neves <i>Plectrophenax nivalis</i>	INV	2	A

Escrevedeiras (Passeriformes, Emberizidae)

Trigueirão <i>Emberiza calandra</i>	TA	5	A
Cia <i>Emberiza cia</i>	OUT/INV	2	A
Sombria <i>Emberiza hortulana</i>	OUT	2	A
Escrevedeira-de-garganta-preta <i>Emberiza cirlus</i>	TA	4	A
Escrevedeira-amarela <i>Emberiza citrinella</i>	-	1	A
Escrevedeira-dos-caniços <i>Emberiza schoeniclus</i>	TA	3	A
Escrevedeira-de-barriga-amarela <i>Emberiza aureola</i>	-	1	A
Escrevedeira-pequena <i>Emberiza pusilla</i>	-	1	A



Anexo 2

Endereços e contactos úteis

1. ENDEREÇOS WEB - SÍTIOS

Área Marinha Protegida das Avencas

<https://ambiente.cascais.pt/pt/projetos/area-marinha-protetida-das-avencas>

Associação de Beneficiários da Lezíria Grande de Vila Franca de Xira

www.ablgvfx.pt

Centro de Interpretação Ambiental da Ponta do Sal (CIAPS)

<https://ambiente.cascais.pt/pt/espacos/outros-espacos/centro-interpretacao-ambiental-da-pedra-do-sal>

Centro de Educação Ambiental da Mata Nacional da Machada e do Sapal do Rio Coina (CEA)

<https://www.cm-barreiro.pt/pages/828>

Centro de Interpretação de Monsanto (CIM)

<https://informacoeservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/centro-de-interpretacao-de-monsanto>

Espaço Interpretativo da Lagoa Pequena

<http://www.cm-sesimbra.pt/lagoapequena>

Espaço de Visitação e Observação de Aves (EVOA)

www.evoa.pt

Fábrica da Pólvora de Barcarena

<https://www.cm-oeiras.pt/pt/descobrir/patrimonio/patrimonio-industrial/Paginas/fabricapolvorabarcarena.aspx>

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF)

<http://www2.icnf.pt/portal/ap>

Jardim Botânico de Lisboa

<https://museu.uslisboa.pt/pt-pt/jardim-botanico-lisboa>

Jardim Botânico Tropical

<https://museu.uslisboa.pt/pt-pt/jardim-botanico-tropical>

Jardim da Gulbenkian

<https://gulbenkian.pt/jardim/informacoes-contactos>

Matinha de Queluz

<https://parquesejardins.sintra.pt/index.php/module-styles/matinha-de-queluz>

Moinho de Maré de Corroios

<http://www.cm-seixal.pt/ecomuseu-municipal/moinho-de-mare-de-corroios>

Moinho de Maré da Mourisca

<http://visitetubal.com/um-mundo/natureza/estuario-sado/estuario-sado-2>

Paisagem Protegida Local da Serra do Socorro e Archeira

<http://www.cm-tvedras.pt/turismo/visitar/paisagem-protetida>

Parque Ambiental do Alambre

<https://www.ymcasetubal.org/alambre>

Parque Ambiental do Pinhal das Areias

<https://www.cm-alcochete.pt>

Parque Bensaúde

<https://jf-sdomingosbenfica.pt/parque-bensaude>

Parque Botânico do Monteiro-mor

<http://www.museudotraje.gov.pt>

Parque das Quintas das Conchas e dos Lilases

<https://informacoeseeservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/parque-da-quinta-das-conchas-e-dos-lilases>

Parque Municipal do Cabeço de Montachique

<http://jf-fanhoes.pt/parque-municipal-do-cabeco-de-montachique>

Quinta do Pisão

<https://www.cascais.pt/equipamento/quinta-do-pisao-parque-de-natureza>

Salinas do Samouco

<http://www.salinasdosamouco.pt>

Sapataria – Rota do Sizandro

[PR2_Rota-do-Sizandro.pdf \(cm-sobral.pt\)](#)

Tapada Nacional de Mafra

<https://tapadademafra.pt/pt>

2. ENDEREÇOS WEB - AVES**Aves de Lisboa**

<http://lisboa.avesdeportugal.info/index.html>

Aves de Portugal

<http://www.avesdeportugal.info/>

Central Nacional de Anilhagem - Centro de Estudos de Migração e Proteção das Aves

<http://www2.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/ei/cempa/cna/cna-euring>

Comité Português de Raridades (CPR)

<https://www.spea.pt/as-aves/registar-observacoes>

Censos SPEA

<https://www.spea.pt/o-que-fazemos/censos>.

PortugalAves/eBird

<https://ebird.org/portugal/home>

3. CONTACTOS TELEFÓNICOS**Centro de Recuperação de Animais Silvestres (LxCRAS)**

Telefone: 21 8170200

GNR/SEPNA-Serviço de Proteção da Natureza e Ambiente

Telefone: 808 200 520



BIBLIOGRAFIA





Bibliografia

- Barros F. & Marques P. 1999. *Atlas das Aves que Nidificam na Serra de Montejuento*. ADSAICA - Associação de Desenvolvimento das Serras de Aire e Candeeiros.
- Carreiras J.A. 2001. *Tapada das Necessidades em Lisboa. A História de um Jardim Esquecido. Espaço, tempo y forma. Serie VII, Historia del Arte* nº14: 89-112.
- Catry P, Costa H, Elias G. & Matias R. 2010. *Aves de Portugal. Ornitologia do Território Continental*. Assírio & Alvim, Lisboa.
- Costa H. & Oliveira M. 2000. *Lisboa Aves. Coleção Lisboa Viva nº 1*. Câmara Municipal de Lisboa e Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- Costa H. & Marques P. 2000. *Passeios a Oeste: Onde Observar Aves na Região do Oeste*. Associação de Municípios do Oeste.
- Costa H. 2003. *Onde Observar Aves no Sul de Portugal*. Assírio & Alvim, Lisboa.
- Costa H. 2010. Relatório sobre a observação de aves no sapal de Corroios e na Ponta dos Corvos entre 2006 e 2009, incluindo dados pontuais recolhidos na zona ribeirinha entre a Amora e o Seixal. *Cadernos de Ornitologia nº 1* (disponível em <http://sites.google.com/site/cadernosdeornitologia/>).
- Costa H., De Juana E. & Varela J. 2018. *Aves de Portugal (2ª edição)*. Lynx Edicions, Barcelona.
- Costa L.T, Nunes M., Gerales P. & Costa H. 2003. *Zonas Importantes para as Aves em Portugal*. SPEA-Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa.
- Elias G. & Reino L. 1997. *Guia das Aves de Lisboa*. Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.
- Elias G., Costa H., Moore C.C. & Franco C. 2006. *Aves do Estuário do Sado*. Instituto da Conservação da Natureza/Reserva Natural do Estuário do Sado.
- Equipa Atlas 2008. *Atlas das Aves Nidificantes em Portugal (1999-2005)*. ICNB-Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, SPEA-Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Parque Natural da Madeira & Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Assírio & Alvim, Lisboa.
- Equipa Atlas 2018. *Atlas das Aves Invernantes e Migradoras de Portugal 2011-2013*. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, LabOr- Laboratório de Ornitologia - ICAAM - Universidade de Évora, Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Instituto das Florestas e Conservação da Natureza (Madeira), Secretaria Regional da Energia, Ambiente e Turismo (Açores) e Associação Portuguesa de Anilhadores de Aves. Lisboa.
- Gerales P. & Costa H. 2005. Lisbon. In Kelcey J.G. & Rheinwald G. *Birds in European Cities*. GINSTER Verlag, St. Katherinen: 153-170.
- HBW and BirdLife International 2019. Handbook of the *Birds of the World* and BirdLife International digital checklist of the birds of the world. Version 4. (disponível em: http://datazone.birdlife.org/user-files/file/Species/Taxonomy/HBW-BirdLife_Checklist_v4_Dec19.zip [xls zipped 1 MB]).
- Leitão D., Catry P., Costa H., Elias G. & Reino L. 1998. *As Aves do Estuário do Tejo*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Meirinho A., Barros N., Oliveira N., Catry P., Lecoq M., Paiva V., Geraldès P., Granadeiro J.P., Ramírez I. & Andrade J. 2014. *Atlas das Aves Marinhas de Portugal*. SPEA-Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa.

Moore C.C., Elias G. & Costa H. 2014. *A Birdwatchers' Guide to Portugal the Azores and Madeira archipelagos*. Prion Ltd., Cley.

Oliveira D. 2017. *Guia de Fauna da Tapada da Ajuda*. Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.

Rabaça J.E. 2016. *As Aves do Jardim da Gulbenkian*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Ramírez I., Geraldès P., Meirinho A., Amorim P., Paiva V. 2008. *Áreas Importantes para as Aves Marinhas em Portugal*. Projeto LIFE04NAT/PT/000213, Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa.

Travassos D. (coord. ed.) 2009. *Guia dos Parques, Jardins e Geomonumentos de Lisboa*. Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

Travassos D. (coord. ed.) 2011. *Guia do Parque Florestal de Monsanto*. Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

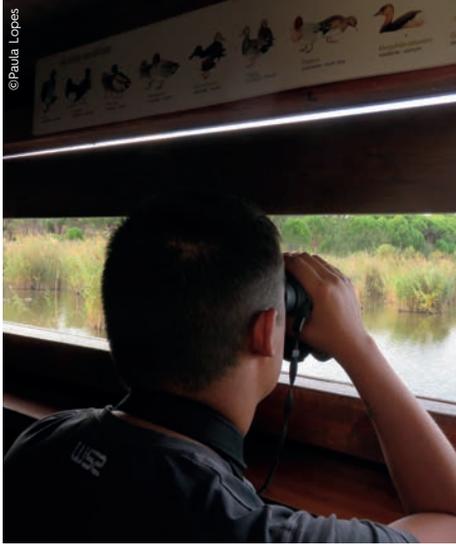
Veludo J. 2012. *Projeto da frente ribeirinha de Benavente*. Actas do 3º Encontro Estejo: 62-69.



na Alameda



©Ibmc



©Paula Lopes



©SPEA



©Laura Abella



Na **Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA)**, trabalhamos diariamente para proteger as aves e os habitats de que dependem. Com a ajuda dos nossos sócios, voluntários e parceiros, acompanhamos o estado das aves, restauramos habitats, removemos espécies invasoras, batemo-nos por melhores leis e melhores decisões políticas, combatemos os crimes contra a natureza, trabalhamos nas escolas com professores e alunos.

Salvar o priolo foi um dos nossos grandes sucessos. Uma espécie que outrora já foi uma das aves mais ameaçadas da Europa, tornou-se um símbolo de resiliência e viu a sua população crescer nos últimos anos. Ajudámos a tornar a ilha da Berlenga num porto seguro, livre de predadores

e conseguimos, assim, atrair roques-de-castro que em 2019 nidificaram pela primeira vez na ilha, desde que há registos.

Mas a nossa história começa muito antes. A **SPEA** foi fundada a 25 de novembro de 1993, começando por ser uma pequena organização dedicada sobretudo à observação e estudo das aves. Ao longo dos anos fomos crescendo, sendo hoje uma das maiores organizações não-governamentais de ambiente do país. Somos também o parceiro português da **BirdLife International**, uma confederação de ONG presente em mais de 110 países. A **SPEA** é também reconhecida como entidade de Utilidade Pública e está registada como agente de animação para turismo de natureza.



Apoie
o nosso trabalho
e faça-se sócio
em www.spea.pt



